O Antonio Maria
3.º ANNO
LISBOA
LITH.ª GUEDES.

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

O ANNO NOVO

Bom publico! honrado amigo! Por ti, com quem n'este momento entramos no anno novo, pelo teu sentimento de justiça e de verdade, pelo teu santo odio á trapaça e á inepcia, pela tua rectidão, pela tua bondade e pela tua alegria, hurrah! hurrah!

Lithographia Guedes rua da Oliveira ao Carmo. 12

A não ser talvez qualquer dos discursos politicos do sr. Adriano Machado, não ha de certo em Portugal coisa que menos se comprehenda do que a liberdade.

Todos os portuguezes a amam com emphase. Alguns deram por ella a sua vida, muitos derramaram por ella o proprio sangue. Os que deram a vida teem uma certa desculpa de não a comprehenderem bem, attenta a rasão de que estão mortos. Mas os que apenas derramaram o proprio sangue! e os que não derramaram senão o seu tinteiro ou sua caixa de rapé! Elles amam a liberdade, mas com uma condição assaz restrictiva, e vem a ser: que ninguem use d'ella; ou, por outra, que ninguem a use senão pelo modo como suas excellencias a admittem.

A liberdade do pensamento está mais que nenhuma outra fechada na gaiola d'esses principios. Exprimam todas as idéas que quizerem com tanto que essas idéas sejam as minhas. Quando não, revolto-me e enfureço-me.

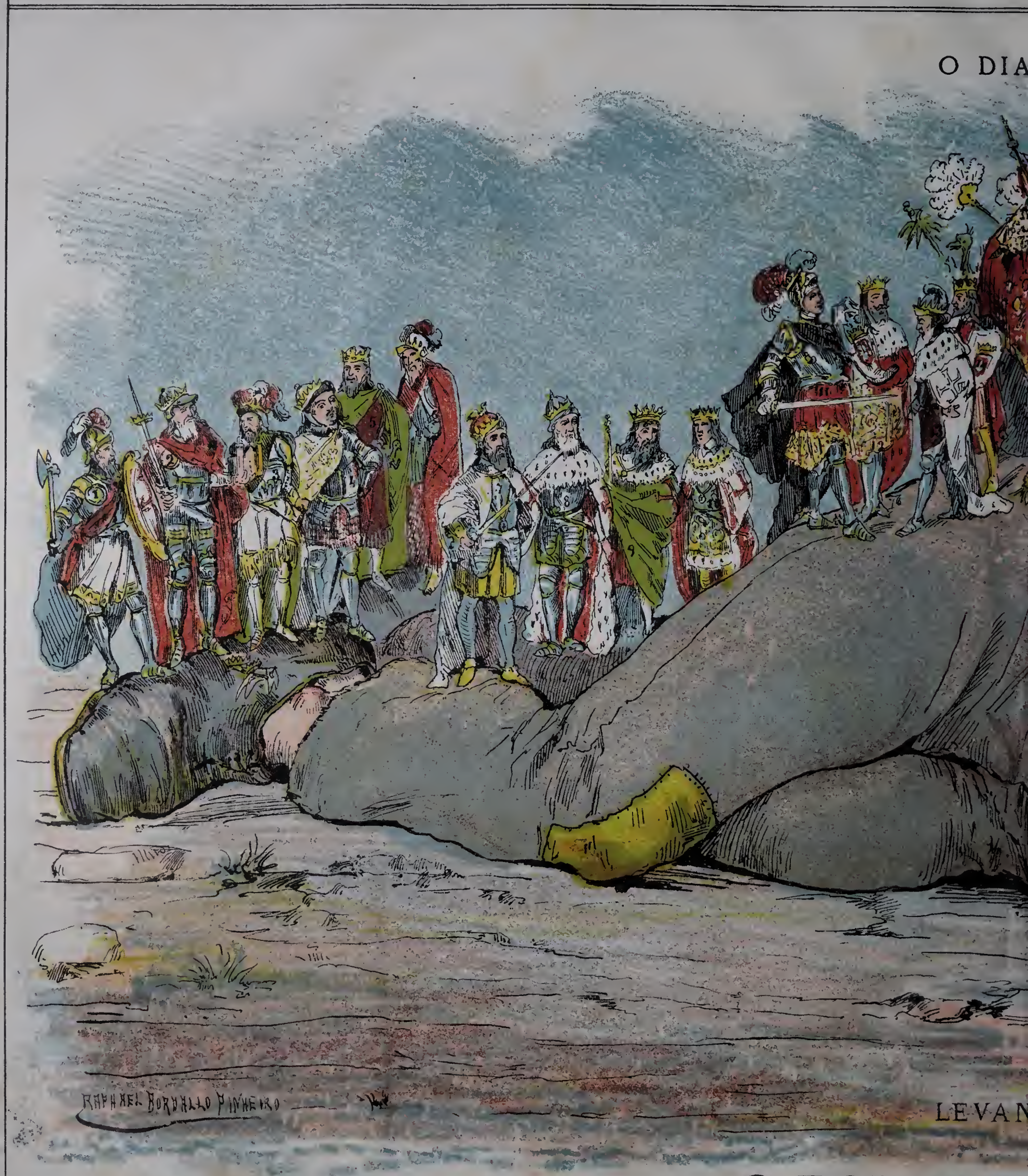
D'ahi procede que se não encontram geralmente na imprensa senão meias opiniões, opiniões em quartos, em oitavos, em decimos, opiniões em canteilas de pataco para chegarem a todos e não escandalisarem ninguem.

O *Antonio Maria*, alliando a imagem pittoresca ao signal graphico, tem um fim: formular semanalmente o commentario do facto occorrido em toda a inteireza que póde assumir uma opinião perante a excessiva susceptibilidade de um publico mal habituado a ouvir e a manejar a verdade.

Encetando com o presente numero o terceiro anno d'esta publicação anima-nos a idéa de que, não pedindo mais que um sorriso ligeiro e ephemero, está folha alegre poderá não ser inteiramente inutil, affirmando modestamente a missão critica da arte moderna e contribuindo na sua esphera d'acção para alargar um pouco as liberdades do espirito.

A FORNADA

PÃO BUCHO



O ROL DOS

1 O conde D. Henrique, a quem o rei de Lião doou o Zé Povinho para elle e para os que d'elle descendessem — 2 D. Affo
D. Sancho I, o povoador. Assim chamado pela copia de bastardos com que dotou o reino — 4 D. Sancho II, o cevado. Jaz na
d'outros mimos ecclesiasticos — 6 D. Affonso III, o fraca rolha — 7 D. Diniz, o fôna — 8 D. Affonso IV. Legislou sabiamente sobr
o D. Pedro I. Regabofe, bordoada e Ignez! — 10 D. Fernando, estremosa esposa da princeza que foi seu marido — 11 D. João
9 sr. Conselheiro Arrobas é o epilogo — 13 D. Affonso V. Brilhou pela sua ausencia na Affrica e em França, ensinando ao s
surprehendeu pelo ventre o duque de Vizeu — 15 D. Manuel, a Cecilia Fernandes da cancella o do cravo da India — 16 D. João
— 17 D. Sebastião, sebastianista de si mesmo — 18 D. Henrique. Simplificou o officio de rei em officio de defuntos — 19. 20,
phylarmonica *Primeiro de Dezembro* — 22 D. João IV, o que levantou na historia os dois gritos heroicos: Primeiro: *Viva a*
— 23 D. Affonso VI, o imbecil — 24 D. Pedro II, o bolnoio — 25 D. João V, o sachristão — 26 D. José I, o fidellissimo, ou
D. Miguel, o que assignava as sentenças de morte ortographando o nome d'esta fórma *Migel* — 30 D. Pedro IV. Liberal co
da boa senhora gorda d'azul e branco

ANTOS REIS

Henriques, o bandoleiro, filho de uma dama alegre que deitou a sua corôa *por cima dos moinhos*, fundador da monarchia — 3 deira d'Alcobaça — 5 D. Affonso II, um belliceso que a Egreja amansou por dedicação evangelica á força de jejuns, de açoites e nodo de pentear, de cortar e de rapar o cabello a todos os seus subditos, judeus, mouros e christãos. Foi o pae dos barbeiros — e d'Avis, o da operação cesarea á cabeça do conde Andeiro — 12 D. Duarte, auctor do *Leal Conselheiro*, obra immensa de que ovo duas importantes coisas: primeiro, a viajar; segundo, a passar sem elle — 14 D. João II, cujo punhal tão engenhosamente ntecipou a invenção dos caloriferos aquecendo com herejes as egrejas, e previu a illuminação a gaz accendendo judeus nas ruas. Filippe I, Filippe II e Filippe III, os tres perros castelhanos, amarrados para eterno escarmento de invasores aos trombones da *ependencia e mais tudo o que vocês quizerem!* Segundo: *Ai rico corpinho da minha alma! a Virgem da Conceição me valha!* por abreviatura, o *Zé Fideles* — 27 D. Maria I, a hydropica d'agua benta — 28 D. João VI, clemencia e marmelada! — 29 ição e D. Maria, ou carga! — 31 D. Maria II, a boa senhora gorda, d'azul e branco — 32, 33, 34, etc., a bem conhecida familia

ABERTURA DAS CAMARAS

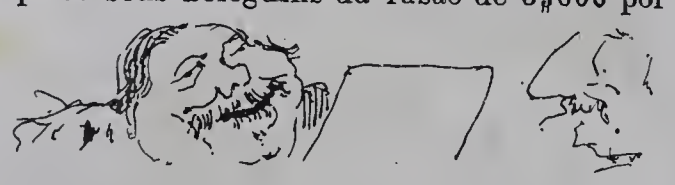
Discurso da corôa

Além das jocosidades que esse venerando documento sequestra em cada anno ás locubrações de José Prudhomme, do sr. de Lapalisse e de Procopio Banana, o discurso da corôa encerra d'esta vez em erros de grammatica, em solecismos e em incongruencias de estylo a prova mais tocante e manifesta da necessidade da reforma do ensino secundario da nação, n'aquella parte pelo menos em que a lei se refere ao modo correcto e decente de fallar a lingua.

Emquanto aos demais assumptos de que trata o discurso da corôa, elle pode-se dividir em duas partes; a saber: — as lôas e as nenías.

A corôa principia pelas lôas, e o seu aspecto é sorridente e jucundo.

A corôa congratula-se por se achar de novo no seio dos representantes do paiz fornadeados pelo governo ou eleitos pelos seus beleguins da rasão de 3$600 por voto.



A tranquillidade ineffavel que em todo o reino continua a presidir ao engenhoso exercicio do contrabando, ás falcatruas do recrutamento, ás iniquidades da repartição do imposto, á violação das cartas, ao roubo dos bancos, ao escandalo dos concursos, ás nomeações de compadrio, e bem assim ao trote regular das pilecas dos correios de secretaria atraz das tipoias do ministerio, attestam que reina a ordem em toda a extensão da monarchia. E a corôa congratula-se pela ordem.

Uma commissão composta d'alguns escriptores publicos auxiliados por alguns artistas, realisa em Lisboa, e promove pela propaganda em muitos pontos do paiz, a celebração do centenario de Camões. O governo, que não teve parte alguma em tal festa e que aconselhou a corôa a não contribuir para ella senão por meio de um regio olhar que, segundo dizem, lhe deitou, agradeceu a expontaneidade d'essa iniciativa na affirmação do decoro intellectual do paiz, insultando nos seus jornaes pelo modo mais villão e mais immundo a honestidade, a intelligencia e o patriotismo fervoroso e profundo d'aquelles a quem se deve a commemoração festival do jubileu camoneano. Este facto torna-se no discurso da corôa o assumpto da cantata n.º 3, na qual a corôa, em nome do governo que falla pelo real labio, se congratula por tudo o que não fez, e, alludindo de certo os vivas que ninguem lhe deu, aos cumprimentos que lhe foram recusados e á pateada que duas mil pessoas lhe consagraram no dia 10 de junho no Circo de Price, a corôa agradece, diz o discurso, *os testemunhos de affectuosa benevolencia que por essa occasião recebeu.*

Como é sabido reuniram-se conjuntamente em Lisboa o congresso litterario e o congresso de anthropologia. Debalde os membros d'esses dois congressos, de alta importancia mental, procuraram por toda a parte, nas suas reuniões, nos seus banquetes, nas suas digressões, nos seus passeios, nos seus quartos, por baixo das mezas, por baixo das camas, entre as fasseis do sr. Carlos Ribeiro, no fundo dos wagons, atraz das portas, nas casas, nas ruas, na cidade, nos campos, entre as burricadas de Cintra, entre as manadas do Ribatejo, e entre os padres de Braga, o representante official da instrucção publica portugueza. É esse o entrecho da candata n.º 4, em que a corôa ainda mais uma vez se congratula pela sympathica attenção que os congressos contribuiram para fixar sobre o sabio governo que nenhum congressista viu a não ser na forma de comestiveis liberalmente abonados pelo estado para alimentação dos forasteiros.

N'este ponto terminam as lôas e principiam as nenias.

O governo continuando, segundo a memoravel tradição economica do paiz a não ter dinheiro, nem trabalho para o produzir, nem talento para crear o trabalho, nem saber para o dirigir, nem vontade para aprender a inicial-o, pediu mais alguns mil contos emprestados. Para quê? Para instituir alguma nova industria? Para adquirir novos elementos de riqueza? Não, dignos pares e senhores deputados da Nação: o governo pediu emprestado mais dinheiro para o fim de pagar a divida. É por este modo tão bem combinado e tão productivo que os povos, assim como os individuos, penetram na senda da prosperidade e chegam, ao cabo de emprestimos successivos, ao mais alto gráo de abundancia e de magnificencia. Infelizmente achamo-nos ainda longe d'esse *desideratum*, mas pelo caminho que tão corajosamente encetamos lá chegaremos um dia!

Aqui o discurso, depois de se balouçar por um momento na asa da elegia, penetra de um vôo nos dominios do pathetico, e principiam a soluçar na phrase os rythmos mais dolentes e mais chorosos:

Dignos pares e senhores deputados da nação portugueza. Ardua e trabalhosa foi a tarefa que... Penoso encargo é o de... E todavia grandes seriam vossas responsabilidades, se...

Depois, a pouco e pouco, por baixo do manto lacrimejado da rhetorica, sente-se bulir uma cousa, que a coroa, decorosa e commovida, não destapa de todo. Essa cousa é o augmento do imposto, que se está pagando. A coroa toca subtilmente n'esse ponto: *A nação sujeitou-se tranquilla e resignada ás provações que em nome do bem publico lhe foram impostas. O paiz e os seus representantes cumpriram briosamente o seu dever.*

E com isto, a coroa não enfada mais, porque são as horas em que os differentes poderes do estado, o moderador, o executivo e o legislativo, costumam ir para a mesa.

Nós outros mostremo-nos dignos do elogio que nos fez o principe: Sejamos briosos... Vamos pagar a decima!

A fornada

Entre o poder executivo e a camara dos pares passa-se o mesmo caso que se dá entre os que fabricam as couraças dos navios de guerra e os que fabricam as balas d'artilheria.

Logo que a couraça resiste, inventa-se uma nova bala que a fure. Logo que a nova bala fura, inventa-se uma nova couraça que por seu turno lhe resista. E assim successivamente e interminavelmente.

Do mesmo modo: logo que a camara dos pares se deixa penetrar de influencias hostis ao governo, o governo applica-lhe esta nova blindagem — a fornada.

Succede-se a elaboração de novas influencias até que a resistencia da fornada se dissolva, e applica se fornada nova. E cada ministerio que passa no poder precisa de uma fornada ou duas para existir.

A unica differença entre as successivas blindagens da camara e as dos navios couraçados consiste em que nos navios as couraças substituem-se ao passo que com as fornadas de pares as couraças sobrepõem-se.

Como não ha limite para essa accumulação, não é difficil prever o momento em que o proprio peso da instituição sobrecarregada a metterá no furdo.

Joaquim Nabuco, o illustre deputado brazileiro, o chefe do partido obolicionista no imperio, o fundador da grande sociedade brazileira para abolição da escravatura, acha-se n'este momento em Lisboa. Esboçando n'esta pagina o croquis d'essa interessante physionomia, o *Antonio Maria* sauda um bemfeitor da humanidade, que consagrando a sua intelligencia e a sua vida á liberdade dos negros, merecerá que se lhe chame um dia o Lincoln da America do Sul.

A FORNADA

Ronca la gaita

O governo, uma vez cozida a fornada, entrega-se aos jubilos proprios da sua condição ditosa e satisfeita. Leva avante e *ronca la gaita!*

As reformas do correio

A sabia administração, procurando elevar o serviço postal á altura do seculo, torna obrigatoria a escada Fernandes para todo o cidadão que deseje comprar uma estampilha. Mais alguns passos na senda das reformas, e quem quizer franquear uma carta terá de se dirigir á Via Lactea n.º 1.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 12

A Sua Magestade El-Rei

Senhor! Diz Raphael Bordallo Pinheiro, humilde caricaturista de Vossa Magestade e de toda a côrte, a quem sempre ha servido com zelo e ardor, que, tendo na algibeira ha tres dias uma carta de urgencia, que para fins particulares desejava confiar aos accasos tão phantasticos do correio, não póde todavia expedir essa carta por falta de estampilhas. Segundo as novas reformas postaes do ministro das obras publicas de Vossa Magestade, as estampilhas, Real Senhor, não se vendem senão ao pequeno guichet do segundo andar do correio geral, onde um só empregado vende, e duzentos mil habitantes de Lisboa compram. Ora, havendo Vossa Magestade por bem pôr um minuto para a venda de cada estampilha a cada comprador, Vossa Magestade comprehenderá que o supplicante terá de esperar cento e noventa e nove mil minutos, ou sejam quatro mezes e meio, para estampilhar a carta que tem no bolso ha tres dias. O supplicante, hesitando em abusar da hospitalidade das instituições publicas, fixando-se no edificio do correio geral durante cento e trinta e oito dias, recorre submisso á real protecção de Vossa Magestade. O supplicante, tendo consagrado uma boa parte da sua existencia a transmittir aos evos as caricaturas de Vossa Magestade e da Real Familia, que Deus Nosso Senhor guarde por dilatados annos, nunca jámais recebeu dos poderes publicos galardão algum. Elle, Real Senhor, até o dia de hoje ás 3 horas da tarde, ainda não era par do reino! Elle, até á data da ultima promoção, não era ainda coronel! Elle, finalmente, nem um triste e reles visconde ou conselheiro é! A posteridade não o acreditará. Por isso pois, e pelo mais que leva exposto, e em attenção ás criticas circumstancias em que o supplicante se acha com uma carta em algibeira restante ha tres dias,

P. a Vossa Magestade que, pela repartição competente, Vossa Magestade se digne de mandar dar as suas ordens para que o supplicante seja agraciado, por uma só vez e unicamente em sua vida, com uma estampilha de 25

E. R. M.

A arte e a artista Beatriz

Na noite do beneficio de uma das mais interessantes actrizes do theatro do Gymnasio, um poeta, seu admirador, consagrou-lhe os versos que passâmos a reproduzir, em attenção ás importantes revelações que elles encerram ácerca das coisas do diabo perpetradas pela arte sobre o espheroide torracheo.

A ABERTURA D

A azemola da rhetorica entra por mais uma vez na arena parlamentar, conduzida por suas excellen
vamos agora ver os moços da eloquencia descarregar a velha alimaria. Toca a sentar!

PARLAMENTO

os srs. deputados recem-chegados dos seus respectivos circulos. Devidamento feitas as cortezias do costume,

Abriu-se o parlamento.

Os representantes da nação, combalidos pela fadiga da ultima sessão legislativa, regressam outra vez dos campanarios provinciaes, onde durante as ultimas ferias parlamentares estiveram retemperando os ventres e os cerebros exhaustos, por meio de novos tropos, de novos lombos de porco e do mais que é preciso para o vigor da lucta na esphera da acção politica.

Quatro mezes ininterruptos de oratoria, de Casa Havanceza, de botequim do Martinho, de tipoias de praça, de cigarros escolhidos, de persevejos de estalagem, de namoro, de contradanças de lanceiros e recitações ao piano no seio das familias, de botas apertadas, de patchouly, de ceias babilonicas de lulas de caldeirada nos restaurantes da Baixa, quatro mezes emfim de peleja tribunicia, de elegancia desemfreada, de poesia lyrica para uso das damas e de constipação de ventre, haviam derreado lamentavelmente os rins d'esses bons athletas do systema representativo.

Elles voltam dos ares patrios mais sadios e mais louçãos, e trazem ajoujada de novas provisões a besta da eloquencia encarregada pela carta de fazer em cada anno a recovagem do palavreado constitucional entre o *Diario das Camaras* e os clubs recreativos do reino e ilhas.

Tudo o que Lisboa tem disponivel de trabalho na população dos seus bairros vae tomar logar na tribuna publica para assistir ao despejar dos alforges oratorios sobre a presidencia da camara e sobre a mesa dos srs. tachigraphos.

Operarios mandriões, jornalistas sem idéas, ambiciosos sem officio, viuvas sem pensão, requerentes sem despacho, palavreadores sem assumpto, vadios,

gatunos e pedintes, tá estão já todos nos seus postos, encostados ás varandas, explorando com avidez os buracos do nariz ou coçando com ardor a caspa da cabeça, emquanto os estenographos aparam as pennas e a opposição pede aos continuos, batendo nas carteiras, os copos d'agua em que se hão de desencadear ás tempestades futuras.

Que o governo trema e que trema egualmente a opposição! A batalha vae ser terrivel. A carga da rhetorica vem pesada de terriveis instrumentos bellicosos.

Ahi estão em fardo para de se desarrocharem do albardão, para descerem da burra, e para se desengatilharem de cabeça para cabeça em arremessos pavorosos, as terriveis metaphoras, as truculentas hyperboles, as synedoches traiçoeiras e o bem conhecido e trovejante hyperbato.

Vem as citações propheticas e minazes: *Lá o dizia Cicero, sr. presidente!... Já Machiavello o previra, meus senhores!... Cousin, sr. ministro, o grande Cousin....* (Em áparte). *E Talleyrand tambem! accrescente Talleyrand!...*

Vem as comparações mordentes e tragicas: *Bem como Vitelio no Senado de Roma.... Novo Catilina ás portas da cidade.... Qual outro Attila, cognominado ..* etc.!

Vem os grandes monstros horrendos e afflictivos: A provecta *hydra da anarchia; o hypocentauro do progresso; o aspide da calumnia; o verme da inveja; a serpe da bajulação; a loba do deficit; o dragão do orçamento; o milhafre da reacção; o tigre* do sr. conselheiro Arrobas; *o cavallo branco* do sr. Manoel da Assumpção!

Vem os doutos e conspicuos latins, cortantes como gladios: *Latet anguis, sr. presidente!... Quos vult perdere Jupiter dementat!... Rari nantes!... Timeo Danaos! Habent sua fata libelli!... Ex digito gigas... Me! me adsum!...*

Vem tambem as representações, os manifestos, os requerimentos dos povos, a grossa papellada estopante e aniquiladora que será lida á somnolencia geral da camara por um orador d'oculos no nariz e de gôgo na gucla, o qual dotará a sessão com um doce intervallo applicado pela assembléa á beberoca no restaurante e á audiencia dos pretendentes nos corredores.

Finalmente a bagagem da oratoria representativa tratará no fundo algumas piugas para uso pessoal dos srs. deputados.

Decididamente a lucta vae ser titanica. Preparemos os nossos binoculos.

Emquanto a boa e pacifica republica d'Andorra se subleva e revolta para que o seu governo lhe conceda a posse de uma roleta, o nobre sr. marquez de Vallada discursa vehementemente na camara dos pares para que o governo da monarchia portugueza supprima de vez no reino o jogo de parar.

Nada mais bello do que a justa aspiração que leva o illustre marquez a estender para a estrangulação do jogo os cinco tentaculos que lhe ornam a dextra!

Podesse S. Ex.ª, com tentaculos egualmente firmes, limpar a sociedade d'alguns outros viciositos que por ahi ha e que sujam um pouco mais que o do jogo a dignidade e a honra do corpo social!

Que S. Ex.ª prosiga na destruição do vicio, e acabará por bem merecer muito d'este valle, em que florescem os tentaculos de S. Ex.ª e ao qual um dia talvez se virá tambem a chamar *d'Andorra*, se S. Ex.ª *andar* mais um pouco para diante nas santas reformas que emprehende para bem dos costumes.

O ESTADO DA FAZENDA PUBLICA

Relatorio do sr. ministro

— O patriotismo exige que o paiz se dispa um pouco mais...

— Mais do que isto?

— Sim, exige-o o patriotismo!

THEATRO DE S. CARLOS

Primeira do *Roberto*, seus attributos, narizes competentes e os respectivos Moraes e Fancelli, bailarinos.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira de C[illegible], 2º

O NOSSO AUGUSTO HOSPEDE

Acha-se ha alguns dias em Lisboa o principe Leopoldo Francisco Julio, duque de Saxe, irmão de sua magestade o sr. D. Fernando.

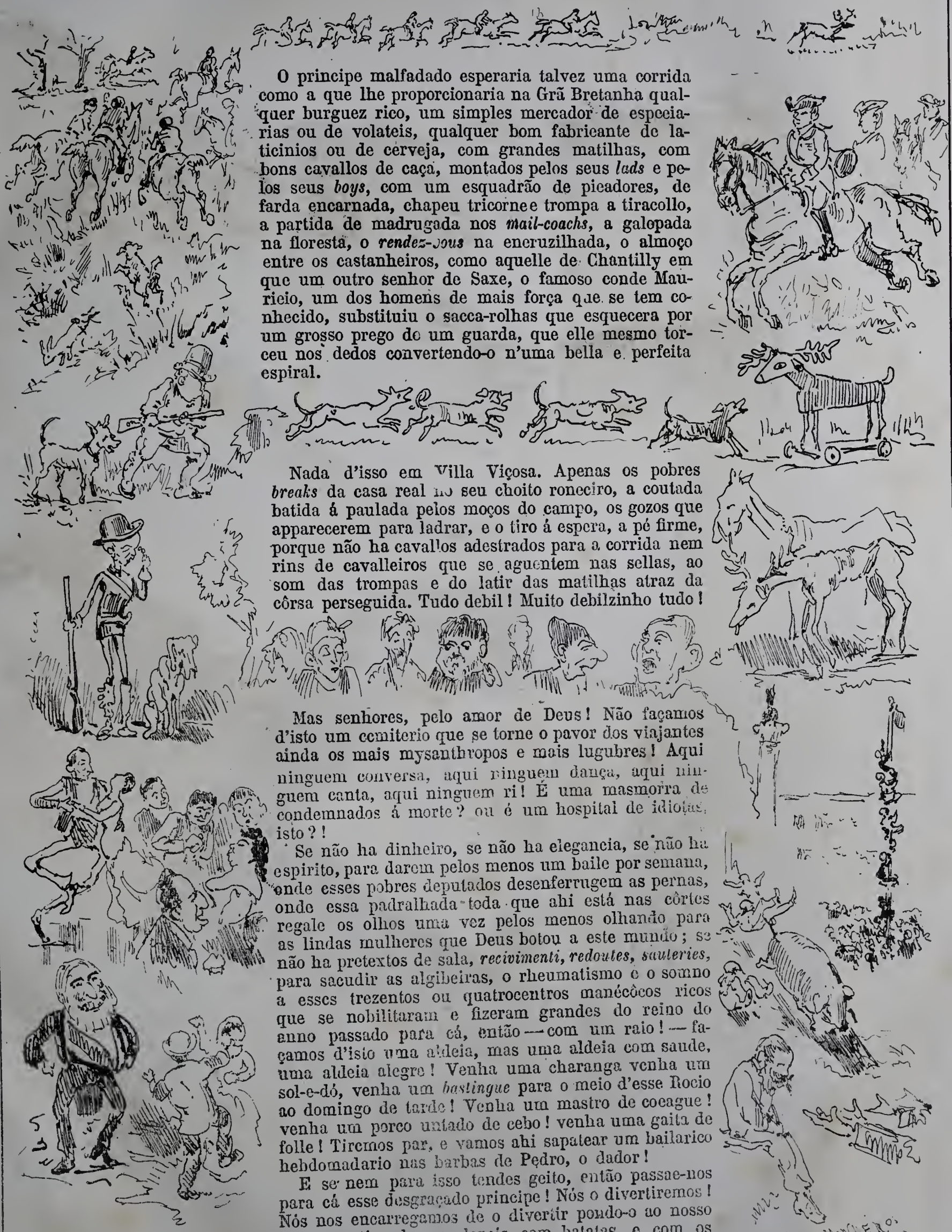
Até hoje as distracções facultadas pela capital a esse desventurado viajante tem-se reduzido a passear de dia no Aterro e a bocejar á noite no seu camarote de familia em S. Carlos, tendo em volta de si, nos primeiros camarotes, e em baixo, nos fauteuils da superior, a luzida nobreza d'estes reinos, de vestidos subidos ou de gravatas pretas, triste como n'um mortuorio, amarella como cera virgem, fraca, displicente, incutindo nos extrangeiros ricos, musculosos e bem mantidos o desejo philantropico de convidar tudo aquillo, em geral, a quebrar os votos de melancholia e de jejum — por uma noite ao menos, que diabo! — com uma carga d'ostras, com um bom roastbeef e com um cesto de champagne.

Oh! não, francamente, não é para isto que os principes do norte atravessam os Pyrenéos ou atravessam os Alpes com o pretexto de consagrarem um ou dois mezes de inverno ás tepidas alegrias meridionaes.

Isto, minhas boas senhoras e meus ricos senhores, póde ser tudo o que quizerem n'este mundo, mas o que não é por certo é aquillo que se chama nas capitaes fazer uma *season*. Isto, o mais que póde ser — como animação de elegancia, como dandysmo em movimento — é quando muito fazer uma *retraite*.

Mas para isso o principe faria melhor se em vez de escolher Lisboa escolhesse a Trapa. É mais alegre.

Agora então vão levar o misero a uma caçada a Villa Viçosa, afim de que seja completo e absoluto o seu desengano sobre as grandezas d'este mundo e que sua alteza não possa guardar emquanto ao *sport* na corte portugueza mais illusões do que as que já desfolhou sobre a vida de salão da mesma corte.



O principe malfadado esperaria talvez uma corrida como a que lhe proporcionaria na Grã Bretanha qualquer burguez rico, um simples mercador de especiarias ou de volateis, qualquer bom fabricante de laticinios ou de cerveja, com grandes matilhas, com bons cavallos de caça, montados pelos seus *lads* e pelos seus *boys*, com um esquadrão de picadores, de farda encarnada, chapeu tricorne e trompa a tiracollo, a partida de madrugada nos *mail-coachs*, a galopada na floresta, o *rendez-vous* na encruzilhada, o almoço entre os castanheiros, como aquelle de Chantilly em que um outro senhor de Saxe, o famoso conde Mauricio, um dos homens de mais força que se tem conhecido, substituiu o sacca-rolhas que esquecera por um grosso prego de um guarda, que elle mesmo torceu nos dedos convertendo-o n'uma bella e perfeita espiral.

Nada d'isso em Villa Viçosa. Apenas os pobres *breaks* da casa real no seu choito roneciro, a coutada batida á paulada pelos moços do campo, os gozos que apparecerem para ladrar, e o tiro á espera, a pé firme, porque não ha cavallos adestrados para a corrida nem rins de cavalleiros que se aguentem nas sellas, ao som das trompas e do latir das matilhas atraz da côrsa perseguida. Tudo debil! Muito debilzinho tudo!

Mas senhores, pelo amor de Deus! Não façamos d'isto um cemiterio que se torne o pavor dos viajantes ainda os mais mysanthropos e mais lugubres! Aqui ninguem conversa, aqui ninguem dança, aqui ninguem canta, aqui ninguem ri! É uma masmorra de condemnados á morte? ou é um hospital de idiotas, isto?!

Se não ha dinheiro, se não ha elegancia, se não ha espirito, para darem pelos menos um baile por semana, onde esses pobres deputados desenferrugem as pernas, onde essa padralhada toda que ahi está nas côrtes regale os olhos uma vez pelos menos olhando para as lindas mulheres que Deus botou a este mundo; se não ha pretextos de sala, *recivimenti, redoutes, sauteries*, para sacudir as algibeiras, o rheumatismo e o somno a esses trezentos ou quatrocentros manécôcos ricos que se nobilitaram e fizeram grandes do reino do anno passado para cá, então — com um raio! — façamos d'isto uma aldeia, mas uma aldeia com saude, uma aldeia alegre! Venha uma charanga venha um sol-e-dó, venha um *bastingue* para o meio d'esse Rocio ao domingo de tarde! Venha um mastro de cocague! venha um porco untado de cebo! venha uma gaita de folle! Tiremos par, e vamos ahi sapatear um bailarico hebdomadario nas barbas de Pedro, o dador!

E se nem para isso tendes geito, então passae-nos para cá esse desgraçado principe! Nós o divertiremos! Nós nos encarregamos de o divertir pondo-o ao nosso lado, e atirando-vos depois com batatas, e com os mais legumes que apparecerem, a vós outros, semsaborões do diabo!

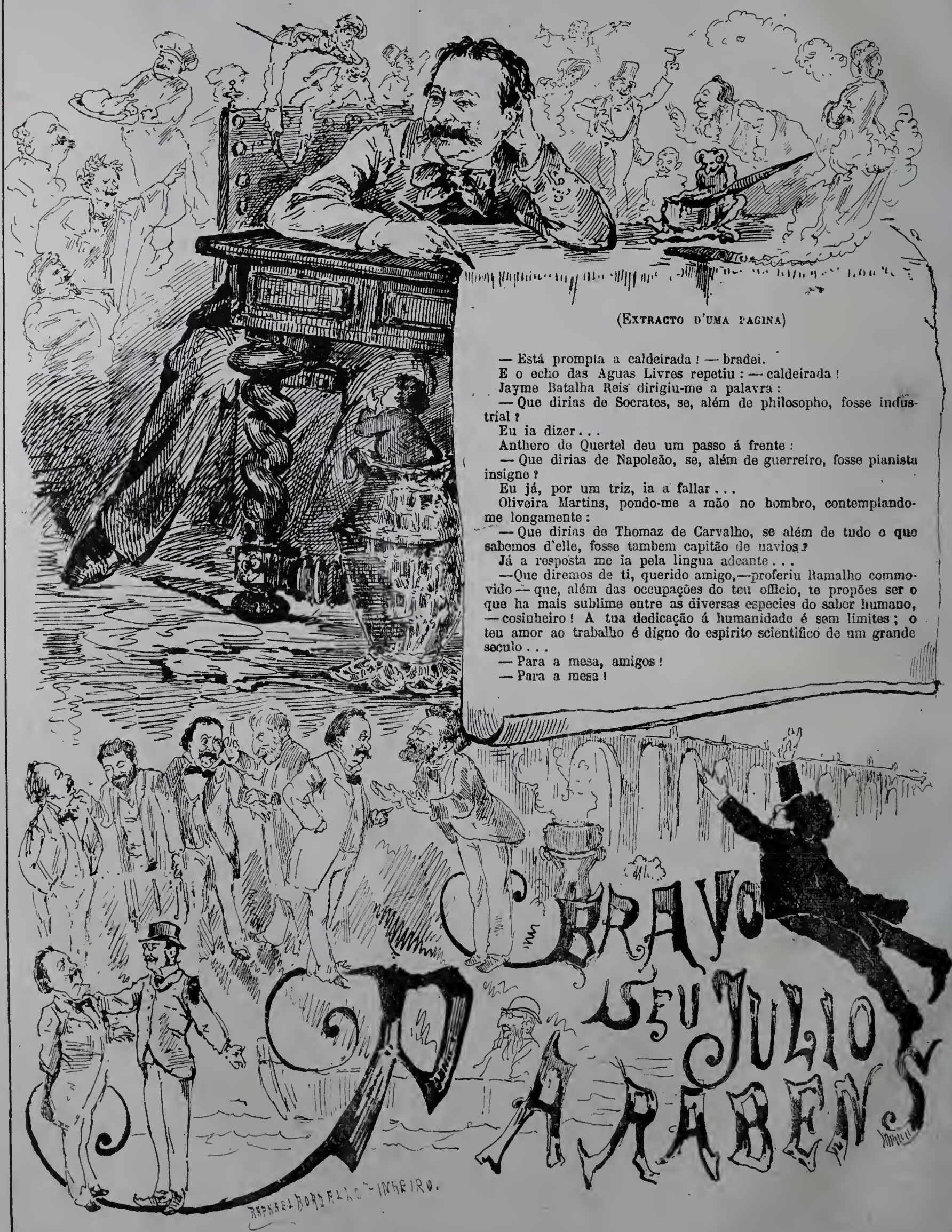
Visto que o bretão e o boër romperam as hostilidades, mandaria a prudencia que, vigiando a lucta, nós esperassemos que um d'elles cahisse, para depois celebrarmos o tratado de Lourenço Marques — com o outro

O TRATADO DE LOURENÇO MARQUES

Great attraction

A VIDA ALEGRE

Recente livro de Julio Machado



(EXTRACTO D'UMA PAGINA)

— Está prompta a caldeirada! — bradei.

E o echo das Aguas Livres repetiu: — caldeirada!

Jayme Batalha Reis dirigiu-me a palavra:

— Que dirias de Socrates, se, além de philosopho, fosse industrial?

Eu ia dizer...

Anthero de Quertel deu um passo á frente:

— Que dirias de Napoleão, se, além de guerreiro, fosse pianista insigne?

Eu já, por um triz, ia a fallar...

Oliveira Martins, pondo-me a mão no hombro, contemplando-me longamente:

— Que dirias de Thomaz de Carvalho, se além de tudo o que sabemos d'elle, fosse tambem capitão de navios?

Já a resposta me ia pela lingua adeante...

— Que diremos de ti, querido amigo, — proferiu Ramalho commovido — que, além das occupações do teu officio, te propões ser o que ha mais sublime entre as diversas especies do saber humano, — cosinheiro! A tua dedicação á humanidade é sem limites; o teu amor ao trabalho é digno do espirito scientifico de um grande seculo...

— Para a mesa, amigos!

— Para a mesa!

Os bons e dignos boers, acclamando mais uma vez a republica no seu territorio, acabam de offerecer á Inglaterra agora pelo Natal, a titulo de *christmas-box*, uma nova sublevação do Transwal. Creados no regimen da *choucroute* hollandeza os boers reenviam á cabeça do protectorado inglez a dadiva do seu *plum-pudding*. Isto não quebra a cabeça da Inglaterra, que a tem rija. Mas se a não quebra, suja-a. Os boers portanto não perdem tudo.

Um dos jornaes da semana — não sabemos se mais algum juntaria a sua voz á d'esse solista — accusa a camara dos deputados pela leviandade peccaminosa com que ella offendeu as praxes e menoscabou o regimento dando um logar no recinto da assembléa legislativa ao deputado brasileiro Joaquim Nabuco.

O jornalista queixoso mostra-se afflicto com este precedente, e pergunta com panico o que fará a camara aos demais parlamentares extrangeiros que sejam os portadores de uma idéa tão generosa e tão elevada como a que Joaquim Nabuco representa, e que, como elle, se apresentem a assistir ás sessões da camara na galeria do publico.

A resposta é facil de dar.

Quando esses individuos se apresentarem, a camara faz com elles o que fez com Nabuco: recebe-os na sala e offerece-lhes um fauteuil.

Quando os fauteuils faltarem para dar assento aos homens que prestam no mundo para alguma cousa, irão para a galeria os deputados que lá estão em baixo e que não prestam para nada. Para o que elles lá fazem, pela maior parte, até no telhado poderão exercer!

Se, finalmente, o espaço vier a faltar de todo em todo, deita se a casa abaixo. O sr. Possidonio, que fez aquella, ahi está para fazer outra. Não poderá talvez fazel-a mais mal feita — o que é pena! — mas poderá de certo fazel-a maior.

E assim caberão lá todos — os que teem um destino na civilisação e os que teem apenas um osso sacro para pousar n'uma cadeira, os que uma idéa leva a libertar uma raça, e os que um regedor de parochia, por ordem de um ministro do reino, traz a beber no copo d'agua offerecido pelo systema aos berradores desempregados.

Ha mezes enterrou-se o cadaver de um suicida pobre. O clero de Lisboa recusou benzer e accompanhar á cova esse cadaver. Os canones não lh'o permittiam. O suicida estava excommungado pelo facto do suicidio.

Ha dias enterrou-se um suicida rico. O clero benzeu esse cadaver, e doze padres o acompanharam á sepultura berrando as syllalabadas do responso com o fervôr mais convicto, de mandibulas escancaradas, bôccas tortas, cordoveias retezas e faces roxas de tanto puxar pelo ceu. Os canones o determinavam, e os ecclesiasticos obedeciam.

Vemos que os canones, ácerca do procedimento da Egreja com os suicidas, mandam uma coisa e mandam egualmente a coisa contraria, segundo os bens de fortuna do peccadôr que se mata.

De quanto para cima se absolve? De quanto para baixo se excommunga?

Pedimos a tabella.

Noticiando em outro logar a primeira recita do *Roberto do Diabo* no theatro de S. Carlos, cumprimos para com mademoiselle Borghi Mamo, cujo talento nos obrigaria a todos os sacrificios, o dever penoso de a separar do seu nariz. Desde que o modo como temos até hoje comprehendido o perfil physionomico d'aquella interessante e amavel artista póde parecer um accintoso erro de galanteria para com os seus dotes physicos, nós retiramos submissos o nariz que lhe temos attribuido, protestando nunca mais o desenhar senão desligado de toda e qualquer conjectura de odiosa personalidade.

O SANTO DO DIA

Celebra hoje a egreja a festa de S. Sebastião.

Imagem do martyr com calções e sangue azul.

Imagem do martyr sem calções, quasi sem pello, e sangue vermelho.

...ntrada honesto, desempenho primoroso, mise-en-scene admiravel. Aspecto do chavascal ajardinado ... actual direcção.

Lithographia Guedes rua da Oliveira ao Carmo, 24

As relações da Egreja com o Estado na sociedade portugueza teem sido ultimamente discutidas na polemica jornalistica por dois antigos e illustres parlamentares, os srs. Barbosa Leão e conde de Samodães, e nada mais tocante do que o enthusiasmo com que vibram no exame da questão sujeita esses dois austeros e venerandos caturras!

Escrevem ambos em ortographia sonica, o que dá á linguagem do debate o ar sibyllino de um colloquio entre dois augures.

Cada um d'elles quer, á viva força de teima philosophicamente asinina, convencer o outro de que é muito melhor christão e muito melhor catholico do que elle.

E arrebatados ambos por um santo e fecundo fervor religioso e sonico, elles tratam-se reciprocamente por *çua eiçelencia*.

É verdadeiramente o que — suppomos — se deverá chamar em sonico uma *púguena di irois*.

O que principalmente distingue n'este debate os principios politicos e philosophicos do *Çinhôr Lião* dos do *Çinhor Çamodains* é que o *Çinhor Lião* escreve:

Si cum Jesu ites
Non cum Jesuitis!

Ao passo que o *Çinhôr Çamodains* diz pelo contrario:

Si cum Jesu itis
Vos cum Jesuitis!

Em quanto esses dois preclaros estadistas, representando, genuinamente e brilhantemente, um d'elles a nossa camara popular, e o outro a nossa camara dos pares, collocam a questão religiosa em bases tão lucidas e tão inabalaveis, em Lisboa, no Porto, e até, agora ultimamente, em Setubal, a opinião publica meetinga contra os jesuitas que, expulsos violentamente da Republica Franceza, penetram a pouco e pouco em Portugal, comprando palacios, fundando escolas e instituindo collegios.

A educação da infancia foi sempre o cano por via do qual esses bons servos de Deus se introduziram e se localisaram no dominio da familia e na direcção da sociedade, porque a verdade é que ninguem mais — uma vez dado o ensino dogmatico na instrucção publica de um paiz — possue como a Companhia de Jesus o segredo pedagogico de mais rapidamente estirar as orelhas de um joven peccador até fazer de um bravo rapaz um bestificado bacharel.

Por essa razão, todos aquelles que até hoje teem desalojado o jesuita da sua influencia sobre um povo, começaram sempre por abolir o dogmatismo no ensino, reformando a instrucção em bases experimentaes e scientificas. Foi o que fez o governo do marquez de Pombal no seculo passado. Foi o que fez o governo da Republica Franceza n'este seculo. E' o que não saberá fazer em tempo algum o governo do sr. José Luciano de Castro, que felizmente nos rege no momento presente.

Examinem-me esses senhores padres que ahi acabam de chegar, repatriados de um exilio de cento e vinte e dois annos. Queiram examinal-os bem em qualquer d'esses *meetings* que se estão fazendo, e lá lhes encontrarão n'aquella parte do corpo sacerdotal que elles vem assentar nas instituições portuguezas, tão commodamente preparadas para os receber, o vestigio deixado pelos bicos dos solidos e rijos sapatos de couro de Salvaterra de Magos que calçava em 1759 o reformador dos estudos portuguezes na universidade de Coimbra.

Sobre essa velha cicatriz o sr. Luciano de Castro — por mais *meetings* que lhe façam — applicará por meio das suas portarias algumas cataplasmas anodinas, mas não renovará o nobre e arrojado pontapé pombalino. Porque em vez dos solidos jarretes d'aço do antigo reformador do ensino nacional, o signatario da ultima reforma dos nossos lyceus não tem senão os pés arrastados e molles de um palmipede tropego.

A camara hereditaria

A gloria do ecclesiastico sr. Pires de Lima, elevado pelo pariato a tronco de familia nobre, projecta-se de geração em geração sobre todos os herdeiros de sua excellencia.

Para o fim de estimular nobremente os cidadãos a venderem estampilhas do correio sem percentagem pecuniaria nos lucros da venda, o governo deliberou com engenho galardoar os seus agentes postaes com a concessão de um privilegio.

Todo aquelle que gratuitamente se quizer encarregar de nos vender as estampilhas — disse o governo — *terá o direito de andar armado.*

Qual será o villão tão miseravelmente desprovido de aspirações cavalleirosas que, perante uma similhante proposta, hesite por um só momento em trocar o seu guarda-chuva, as suas galochas de borracha e a sua camisola de flanella pela espada fina dos paladinos, pelas esporas d'ouro e pela couraça esmaltada com as suas côres de combate?

Pela nossa parte respondemos desde já ao convite do governo:

—Mandae-nos uma estampilha e mandae-nos ao mesmo tempo uma boa lança de guerra. Depois de vos termos vendido uma por vinte e cinco, queremos ir de ponto em branco quebrar a outra á porta da Casa Havaneza — pelo nosso Deus e pela nossa dama!

Na camara dos srs. deputados o guerreiro sr. João Chrisostomo d'Abreu enunciou este principio fundamental da formação das nacionalidades:

Sr. presidente, as nações fazem-se pela espada.

Na imprensa, o escriptor sr. Caetano Pinto replicou:

Não, sr. Chrisostomo, as nações com o que se fazem é com a penna.

Taes são os termos em que se acha posto no momento presente o problema da embryologia dos povos.

Esperamos que os dois cavalheiros que tomaram conta da questão venham a um accordo, para se ficar sabendo com certeza se é com effeito ao bellicoso chifarote d'um, ou se é pelo contrario do manso cursivo do outro que a divina providencia confiou a formação dos paizes.

A lista civil e o d
Murro annual sobre a cab

—Quantos pontos marca lá o ponteiro?
—Por emquanto nenhum! Repita se faz favor, c

ado republicano
de turco da instituição

a se quer d'ali o tira-teimas da Maria da Fonte.

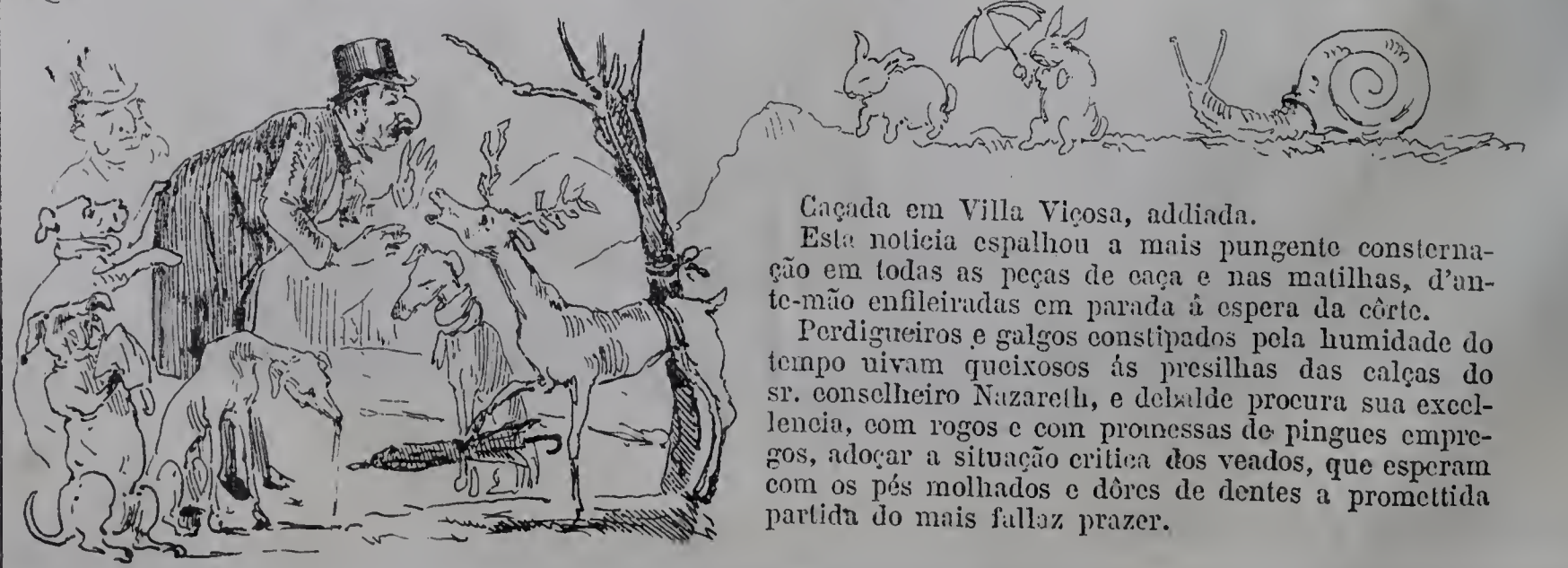
Collaboração de Madamoiselle Borghi-Mamo

Publicando a carta que se segue e que nos foi dirigida por Mademoiselle Borghi-Mamo, temos em vista: em primeiro logar, tornar conhecido o delicado estylo epistolar de uma artista, em que o estudo especial da arte musical imprimiu o rythmo cadenciado das melodias; e em segundo logar mostrar como se póde, tendo-se no espirito a ironia, fazer a caricatura tanto com uma palavra azul como um lapis preto.

*Monsieur... Je viens vous remercier de ce que dans votre oeuvre de critique sevère vous ayez toujour eu envers moi une aussi grande bienveillance. Je ris jusqu'aux larmes toutes les fois que je vois vos magnifiques charges et je suis fière de pouvoir être par fois pour le talent d'un artiste tel que vous — un bon sujet. En me faisant si comique sur l'*ANTONIO MARIA *vous me flattez encore parceque je puis me figurer pour un moment que j'ai dans mes traits tout l'esprit qui n'existe vraiment que dans votre crayon. Je vous demanderais de ne jamais m'épargner dans vos caricatures si ce n'était pas faire acte d'ambitieuse vanité, puisque ce serait vous demander en même temps de me faire immortelle. Pour ce qui concerne mon visage votre talent de dessinateur a fait jusqu'à présent un vrai tour de force: celui de grandir encore mon nez.*

Agréez, Monsieur, etc.

Herminie Borghi-Mamo.



Caçada em Villa Viçosa, addiada.

Esta noticia espalhou a mais pungente consternação em todas as peças de caça e nas matilhas, d'ante-mão enfileiradas em parada á espera da côrte.

Perdigueiros e galgos constipados pela humidade do tempo uivam queixosos ás presilhas das calças do sr. conselheiro Nazareth, e delalde procura sua excellencia, com rogos e com promessas de pingues empregos, adoçar a situação critica dos veados, que esperam com os pés molhados e dôres de dentes a promettida partida do mais fallaz prazer.

Skating-parlamento

Os patinadores da semana

Preparo da sala. — *Cébo para a rhetorica!*

Primeiro patinador. — *Preto vae! preto ibola!*

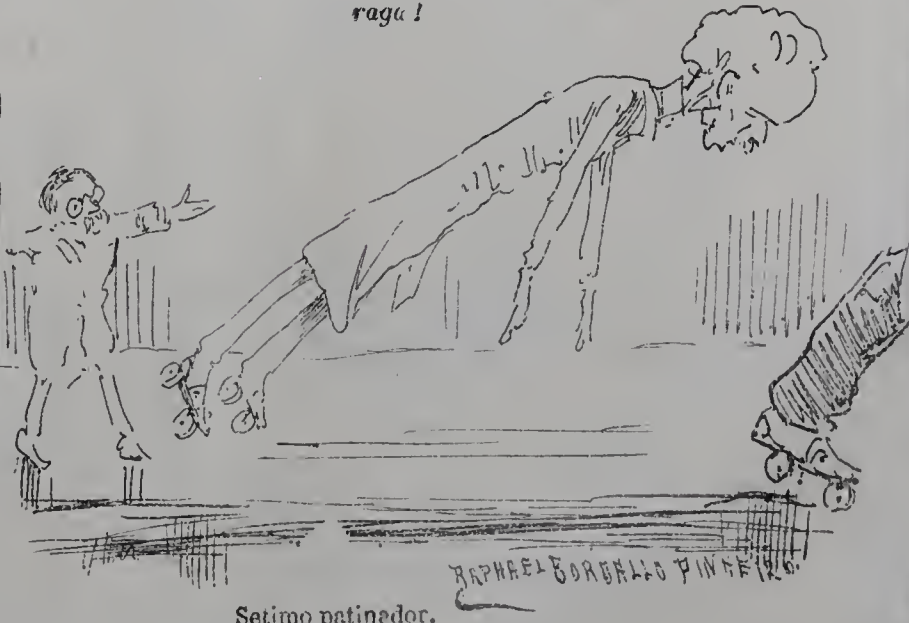
Segundo patinador. — *As flôres o alma se alteiam bellas...*

Terceiro patinador. — *Bilis e escovinhas.*

Quarto patinador. — *Que dizem ao melro?*

Quinto patinador. — *Augusto Comte, seu mestre... bem como Larraga!*

Sexto patinador. — *E' como paxastes!*



Setimo patinador. — *Quat piumma al vento!*

O governo

Ao começarem na semana passada os debates parlamentares, o governo pareceu estremecido.

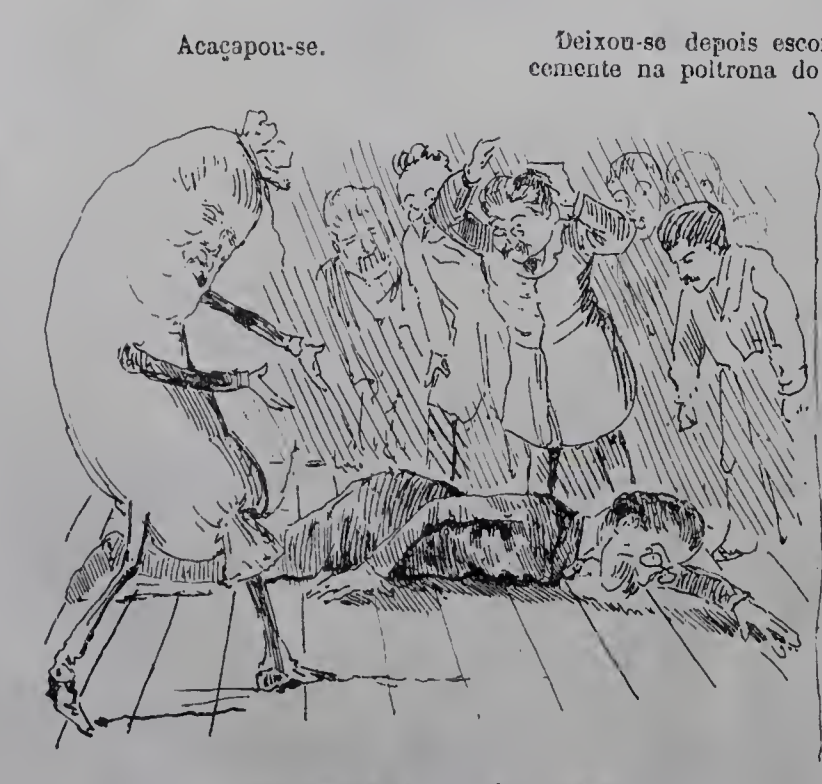
Mas perante as hostilidades da opposição o governo mudou de centro de gravidade.

Sentou-se.

Acaçapou-se.

Deixou-se depois escorregar dôcemente na poltrona do poder.

E estendeu-se com firmeza no chão.



D'ahi agora é que já não caes!

Mas ainda assim o mais prudente seria aparafusal-o.

O baile da legação de Hespanha

À MARCA — CHEVALIER SEUL

Il y a des gens qui se disent espagnols
Mais qui ne sont pas du tout espagnols

(Offenbach — Côro dos *Bandidos*)

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A nobre Hespanha, hypertrophiada de salero, está dando no mundo o alamiré das festas no presente inverno.

Em quanto o marquez de Molins preludia em Paris as grandes *sauteries* da estação, o sr. conde de Casa Valencia convida a côrte de Lisboa a desadormentar os artelhos bailando nas suas salas.

Em Paris a imprensa pede aos promotores de bailes que estabeleçam nas suas festas um mealheiro para os pobres.

Não seria o momento, visto que o corpo diplomatico quer dançar, que pedissemos á côrte, a qual só dança á custa alheia, que, á entrada dos salões dos outros, ella depozesse, juntamente com os seus abafos, um pequeno obulo para os pescadores da Trafaria, para os da Costa, para os de Ilhavo e para os da Póvoa, que morrem de fome, em quanto nós nos divertimos?

Uma vez que suas altezas resolvem não gastar em outra coisa o dinheiro com os que os dotam, não haveria talvez uma enorme indiscrição em aproveitar este momento de folia para solicitar em favor dos pobres um esbanjamento de dez tostões.

Retiramos, porém, esta proposta, se a acharem ruinosa para a lista civil.

Depois de haver concedido um posto de accesso a um desventurado militar que em serviço de uma revista quebrou uma perna, o governo recusa toda a especie de galardão aos exploradores da Africa que atravessaram o continente negro sem quebrarem coisa alguma.

Fecundo exemplo a futuros servidores da patria! Amigos! poupae os cerebros! Dae ao vosso paiz as palhetas.

O grande Buthesini, fazendo ouvir o seu contrabasso, mette os rebecões no sacco á orchestra de S. Carlos e a dynastia de Bragança.

O sr. conego Alfredo, deputado pela Madeira, impedido pelo sr. Marianno de Carvalho de responder no parlamento ao discurso da corôa, vae salvar a dignidade offendida d'aquella interessante adjacente, respondendo á corôa pela posta interna.

A politica da semana

O governo e o ex-ministro sr. João Chrisostomo

O ex-ministro. — Aqui está a prova da felonia e da traição n'esta carta!
O governo. — Qual carta? a Carta Constitucional? ou a carta adorada?
O ex-ministro. — Não, a sua.
O governo. — Isso não vale nada! Reporte-se á constituição, ou a Offenbach

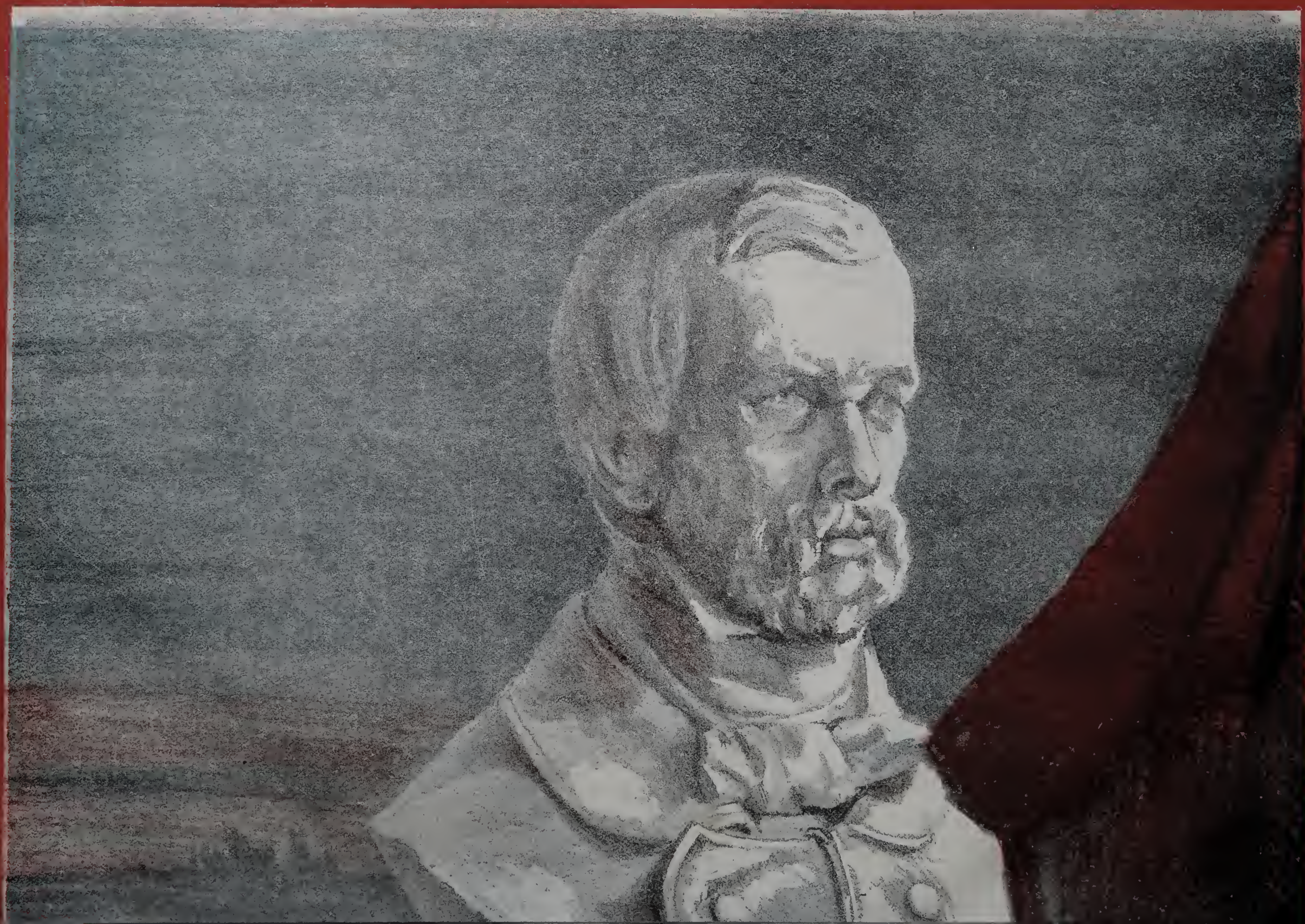
O homem que acaba de reviver por um momento na memoria do povo, pelo facto de se ter dado recentemente o seu nome a um club democratico fundado em Lisboa ha poucos dias, é um dos caracteres mais eminentes na historia da democracia portugueza. Nascido em Torres Vedras em 1825, lavrador abastado, espirito cultivadissimo em vastas leituras e em longas viagens em Hespanha, em França, na Belgica, na Allemanha e em Inglaterra, elle foi em Portugal o mais puro representante das idéas revolucionarias espalhadas na Europa de 1848 por Mazzini, por Kossuth, por Mickiewicz e por Ledvu-Rollin. Foi elle que iniciou em Portugal as associações operarias e a theoria politica da federação. Morreu em Lisboa em 1858, contando apenas trinta e tres annos de idade. Os seus livros, o *Almanach democratico* e o *Almanach do cultivador* lembram a vigorosa penna e rural de Paulo Luiz Courrier, o escriptor com que elle tem mais affinidades de espirito e de caracter. A sua obra intitulada *Estudos sobre a Reforma em Portugal* basta para immortalisar o nome de Henriques Nogueira, revelando do modo mais brilhante a sua profunda intelligencia como philosopho e como politico e o seu magnanimo coração como democrata e como patriota. No prologo d'esse livro precioso para a bibliographia da nossa dignidade civil enunciam-se summariamente os intuitos com que o auctor o escreveu. «Commovido com os symptomas de decadencia da sociedade em que vive, contristado do predominio, mais ou menos geral e abusivo, da ignorancia ou da maldade, do servilismo ou da tyrannia, da miseria ou da opulencia, o auctor procura averiguar as causas d'estes phenomenos e vê que ellas, extranhas pela maior parte aos individuos, consistem na falta d'um bom governo..... Indignou-se e chorou a sorte d'este povo illustre, reflectindo no atrasamento das sciencias e das bôas lettras, na penuria dos melhoramentos da moderna civilisação e sobretudo no espectaculo hediondo de inepcias e torpezas, que hão ostentado á face do mundo os imprudentes senhores d'esta terra conquistada..... Quizera o poder supremo emanado do voto universal, residindo na assembléa dos representantes do povo, sendo o poder executivo confiado a um ministerio de tres membros nomeados pela assembléa..... Quizera a guarda nacional, milicia gratuita, não obrigando o cidadão a abandonar as suas occupações; e o exercito subsidiado, reduzido unicamente aos corpos scientificos..... Quizera que Portugal, como povo pequeno e opprimido, mas conscio e zeloso da sua dignidade, procurasse na federação com os outros povos peninsulares a força, a importancia e a verdadeira independencia que lhe faltam na sua tão escarnecida nacionalidade.....» Henriques Nogueira está sepultado no Cemiterio do Alto de S. João debaixo d'uma lapide com esta epigraphe:

Apostolo fervoroso
Da liberdade, egualdade e fraternidade
Foi strenuo defensor da doutrina democratica
Da idéa
Da federação politica das Hespanhas
O futuro julgará as suas opiniões e as de muitos
Que lhe sobrevirem

Aquelles que sobreviveram a Henriques Nogueira, depois de haverem sido seus collaboradores na obra da revolução liberal que acompanhou o movimento francez de 1848, desappareceram quasi todos debaixo d'essa outra pedra mais pesada que a do sepulchro — a pedra do egoismo. D'essa geração de sepultados, uns no Cemiterio, outros na intriga dos modernos partidos conservadores — o mais vivo de todos é ainda o que repousa em esqueleto, fielmente abraçado á sua velha espada de combate, debaixo da herva do bom Deus, no Alto de S. João.

Publicando hoje o desenho fac-similar do busto de José Felix Henriques Nogueira feito por Manoel Bordallo Pinheiro, reproduzindo esse documento da estima d'um morto por outro morto, o desenhista do *Antonio Maria* presta um duplo tributo de piedade filial á memoria do artista, de quem é discipulo e filho, e á do glorioso operario da liberdade, do qual se honraria de ser um serviçal obscuro e humilde.

José Felix Henriques Nogueira



O discurso do sr. Simões Carneiro

Sr. Presidente...

Com o chapeu na mão direita...

Ou antes, se assim ouso exprimir-me, com o chapeu na mão esquerda....

Com este copo d'agua ao lado...

E depois de me haver devidamente assoado...

Eu tenho a honra, sr. presidente, de mandar para a mesa esta representação.

Sensação profunda. O orador não foi cumprimentado por nenhum dos seus amigos.

Ácerca da alliança dos Pretos com os Regeneradores
Historia do preto e da lampada de Santo Antonio Maria

Certo preto tinha por costume ir todos os dias molhar o pão na lampada de Santo Antonio Maria.

E o preto dizia assim:
Santo Antoninho, estaes só?
Deixaes-me molhar o pão,
No nosso grijó?

O Santo, achando sempre a lampada secca, resolveu-se a retirar os olhos do menino que tinha ao collo, e espreitou quem ia beber-lhe o azeite.

O preto voltou e tornou a dizer:
Santo Antoninho, estaes só?
Deixaes-me molhar o pão
No vosso grijó?

O Santo, que era obra muito fina chegando a ter dentro um machinismo de chiar, carregou com o braço de engonços no folle da barriga, e respondeu: — Não!

O preto, parecendo-lhe historia, disse:
Santinho di pau a fallá
Hei-di mólhá e torná a mólhá!

Mas os sachristães, que ouviram a coisa, saltaram no preto á pancada e tanto lhe deram para baixo, que elle não tornou mais a molhar o pão no grijó do Santo.

O cache-nez barometro

Differentes aspectos do instrumento

As inundações

Sempre que o Tejo aurifero sobe um metro e cincoenta acima do seu nivel ordinario, n'este rio se desenvolve um cetaceo tão precioso, ou mais, do que propria baleia. Chama-se a *Popularidade*.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo 12

As raposinhas gaiteiras

Era uma vez um urso, desconfiado e casmurro por fóra, mas por dentro pobre diabo inoffensivo, bonacheirão e palerma. Chamava-se o Publico, e tinha por comadre uma raposa que elle convidava a jantar. A raposa vinha, contava historias ao urso, fazia-lhe festas, anediava-lhe o pello, trazia-lhe o *Diario do Governo* e dizia-lhe, piscando o olho:

—Lê isso que ahi vem hoje, se te queres rir!

O urso punha-se a ler e adormecia.

A raposa então comia as papas que estavam para ella e mais as que estavam para elle, lambia os beiços, palitava os dentes, lavava as mãos, accordava o urso, retirava-lhe o *Diario do Governo*, e dizia-lhe terna:

—Não comas mais, que te póde fazer mal ao ventre. Vamos dar agora um passeio para esmoer.

E, montando no urso, a raposa ia passear, cantando-lhe de cima:

«Raposinha gaiteira
Farta de papas
Vae á cavalleira.»

O urso, desgostoso e, além d'isso, magro, queixou-se á outra raposa sua conhecida, dizendo-lhe que a sua amiga, a quem elle dava papas lhe não dava senão portarias e decretos a elle, e que este alimento sempre continuado lhe cavava o estomago e lhe fazia caír a espinhela.

Respondeu-lhe a segunda raposa:

—Manda á fava essa impostora! Eu jantarei comtigo, e te darei papa fina.

Foi a segunda raposa jantar com o urso. Muita festa para a festa, e ao ir para a meza, deu-lhe o *Diario do Governo*.

—Lê isso que ahi vem hoje, se queres tirar esse ventre de miserias!

—É *decreto*? — perguntou o urso enfiado.

—Qual decreto nem meio decreto! Decretos prestam lá para nada! O que ahi vem hoje, é uma *syndicancia*. Chuchurrubia-me isso, e provarás o que é bom!

O urso poz-se a ler e dormiu. A raposa, depois de lhe ter comido as papas, acordou-o com uma palmadinha no abdomen:

—Ah! seu urso! então consolou-se ou não se consolou essa barriguinha? Ora vamos lá agora dar o nosso giro!

E de passeio em cima do urso a segunda raposa ia cantando pelos caminhos fóra:

«Raposinha gaiteira
Farta de papas
Vae á cavalleira.»

Mestre urso desconfiado de que começava a digerir-se a si mesmo, porque da gueta para baixo é que não havia passar-lhe papas de qualidade nenhuma, fez queixa a uma terceira raposa das velhacarias que lhe pregára a segunda.

—Olha a grande ladra! — disse a terceira raposa. Põe-a no meio da rua, que eu lá vou logo jantar comtigo, e verás o pitéu que te levo.

Foi a terceira raposa jantar com o urso.

— Ora viva o nosso ursosinho, cada vez mais bonito e mais bom urso!

E dando-lhe o *Diario do Governo*:

— Ahi tens o pitéu que eu te disse!

— Mau! — murmurou o urso pegando no diario. — Parece que me está a querer adivinhar o coração que temos mais palhada...

— Palhada, meu grande bruto! Pois tu chamas palhada a isso que ahi vem, que são as *graças e as mercês* referendadas pelo proprio principe e assignadas pelo seu real punho?!

— E essa coisa enche a barriga? pergunton o urso duvidoso pelo muito escamado que já estava das outras partidas que lhe tinham feito.

— Saborêa e me dirás! respondeu a raposa, estendendo a dextra intimativa e solemne.

D'ahi a nada o urso roncava como um porco, e a raposa, tendo comido muito bem comidas as papas, dizia-lhe:

— Logo ha de se lhe jogar um voltaretesinho para entreter a noite, mas antes d'isso pedem as praxes que demos uma passeata para arejar as graças que a regia munificencia houve por bem e lhe approuve derramar sobre nós.

E escarranchada no urso, a raposa sahiu a arejar, dizendo pela via publica:

«Raposinha gaiteira
Farta de papas
Vae á cavalleira.»

O urso por fim, desenganado de que todas as raposas são a mesma coisa, deixou de se queixar e deixou de escolher. Tem sempre uma raposa que lhe come as papas e lhe dá para lêr a folha official. Está cada vez mais magro, mais lazarento, mais trombudo por fora e mais babôso por dentro. E nada mais histrionico, mais tintamarresco e mais bertholdo do que vel-o por ahi, já no Chiado, já no Aterro, já no Passeio Publico, já no Martinho, já no Gremio, já em S. Bento, choitando derreado com uma das suas trez raposas no lombo, gritando-lhe sempre:

«Raposinha gaiteira,
Farta de papas
Vae á cavalleira.»

Na guarda do Limoeiro os soldados insurgiram-se. A municipal prendeu-os.

Aqui ha dias entrelembra-nos que foram os coroneis os que se sublevaram. Ninguem os prendeu. Um ministro apenas caiu do poder, e houve uma promoção extraordinaria no exercito para obsequiar os guerreiros insurreccionados.

Esperamos que haja coherencia e logica no que se vae passar com os soldados presos.

Não exigimos que se lhes sacrifique outro ministro: a tropa tornar-se-hia demasiadamente dispendiosa se, além de 4:000 contos por anno, ella nos consumisse ainda um homem de estado por cada vez que se embarulhasse a bisca das casernas.

O que pedimos unicamente, em nome da rasão e da justiça, é a promoção devida a esses estimaveis soldados... Soldados dizemos nós!?... Mas não o queremos crer! Não! é impossivel que a estas horas elles já não estejam — sargentos!

O conflicto parti
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
Todos pela mes

na camara alta

ima cartilha

As galerias de S. Bento metteram immenso povo durante a semana toda. Os espectaculos, tambem, não eram para menos.

O sr. Fontes, depois de haver entrado com gesto largo e desassombrado nas provincias da publica administração, absteve-se, com aquelle fino tacto que distingue todos os nossos estadistas, de emmittir opinião alguma ácerca do modo de governar os homens, e sahiu em seguida das provincias, pelo mesmo modo em que entrara n'ellas — com gesto largo e desassombrado.

Fallou tres horas. Uma das senhoras que o ouviu até o fim disse-nos que ia com os seus ouvidos consolados. É o que se quer.

No fim de contas estes bocadinhos agradaveis são o que a gente leva d'este mundo!

Ao gesto dasassombrado do sr. Fontes respondeu o sr. Saraiva de Carvalho. S. ex.ª affirmou com vehemencia que o gesto do sr. Fontes cahia pela base perante os actos praticados na gerencia da sua pasta por elle, sr. Saraiva de Carvalho, ministro das obras publicas. Descendo ao campo dos factos, s. ex.ª disse que havia mandado fazer uma ponte em Villa Velha. E' evidente que ninguem o acreditou.

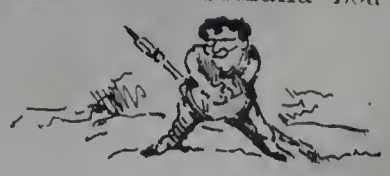
Mandada fazer por s. ex.ª! Em Villa Velha! Uma ponte!... Temos conversado! Como replica oratoria, porém, o truque era de mão de mestre. A opposição embatucou. S. ex.ª tem sido muito cumprimentado pela sua peça de eloquencia, mas sobretudo pela chalaça da ponte. E todos são unanimes em confessar que o homem para a argumentação que é damnado.

O sr. conego Bires de Lima, baixando por um momento o seu estrabismo de mystico, — tão similhante ao do grande Bartholomeu dos Martyres — das alturas theologicas, sobre a coisa publica, despertou por esse facto a facundia acrimoniosa do sr. visconde de Chancelleiros.

Depois de uma boa trepa mundanal o estrabismo do sr. conego tornou-se a revirar para o céu. Está muito bem empregado assim! A physionomia d'este sacerdote quer martyrio. Se ha por ahi quem tenha fel, que lh'o traga! Elle está-o a pedir por bocca.

Finalmente o sr. Bôrros e Cunha .. (Perdão!...) o sr. Birros e Cunha... (Parece que ainda não é assim!) O sr. Burras e Cunha... (Não! decididamente desistimos!) O sr .. e Cunha citou a legislação ingleza a proposito de .. Mas a que diabo de proposito foi que elle a citou?. . Citou-a emfim, que esse é o grande caso. E citou-a com proficiencia. Honra lhe seja!

Finalmente foi uma semana boa!



Rectificação importante

O sarau da legação de Hespanha não foi tal como por fementidas informações o descrevemos no numero precedente. Abonados pelas mais competentes auctoridades, cabe-nos hoje a honra de delinear n'esta pagina a fiel e definitiva imagem d'essa grandeosa-festa. Se ainda não foi assim, dêem parte para se tornar a fazer.

O ultimo discurso do sr. ministro da fazenda

—«Marquez de Sá prometteu a Bébé que Bébé havia de ter futuro. Bébé então quer ter!»

A ultima palavra sobre a situação

— Sr. presidente! Anda uma cousa no ar... Raios me partam se não anda no ar uma coisa!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O sr. bispo de Vizeu affirmou que na camara dos pares *havia uma coisa no ar*. Não duvidamos nem um momento da palavra do illustre prelado. O que não sabemos é qual é coisa a que allude o sacerdote. E esta duvida tortura-nos.

A coisa aérea da referencia de s. ex.ª será um papagaio? Será um erro de prosodia? Será um sujeito descendo por desgosto de um quarto andar? Será um miasma? Serão por acaso as mãos do governo?

Que o sr. bispo de Vizeu nol-o diga, se o sabe, porque ha effectivamente uma coisa no ar, como s. ex.ª diz, e nós queremos tirar o sentido de cima d'este problema escabroso!

S. ex.ª disse tambem no seu discurso que o governo precisava de *uma via*. Aqui é evidente que o prelado se não podia referir senão á via lactea. Fazemos presente d'ella ao governo. Que a leve!

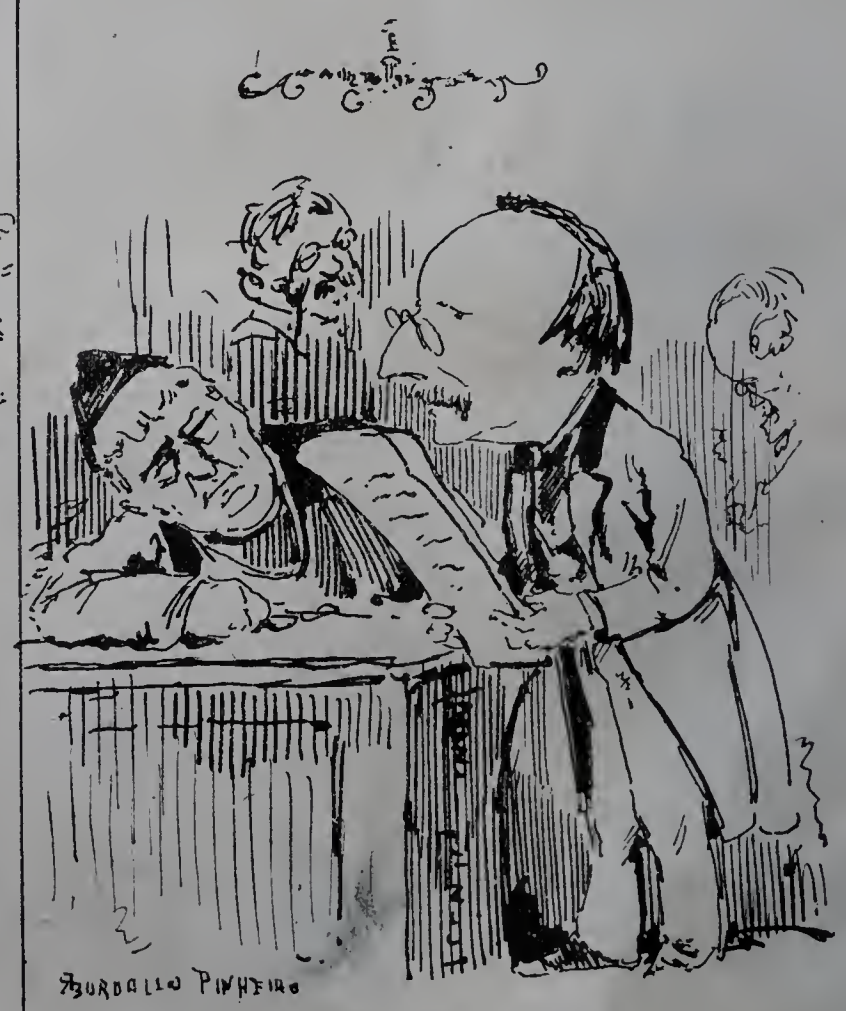
O sr. Barros e Sá rompeu definitivamente as hostilidades parlamentares com o seu parente o sr. Barros Gomes. Nada mais pungente do que o espectaculo das birras d'esses dois Barros aos berros um contra o outro!

Triste exemplo das dissenções lançadas pela politica no seio inviolavel das familias!

Nos discursos proferidos durante os debates da semana passada todos os oradores foram conformes em affirmar a seguinte proposição:

As coisas são o que são! As palavras são o que são!

Depois de proferida essa phrase tão lucida e tão profunda sobre o futuro do paiz e sobre os destinos da humanidade, parece-nos que a eloquencia póde retirar a escada. Piada melhor (estylo d'elles) não a tornam a dar. Juntaram-se todos para isso; não deram mais nada; mas essa coisa deram-a bem!



O sr. conde Samodães encarregou-se de ser na camara o leitor das propostas dos seus pares. S. ex.ª que lá as lê é que talvez lá as entenda. Isto salva a situação e consola o paiz. Ha um que parece entendel-os!

No seu discurso da semana passada o sr. Vaz Preto affirmou que o sr. Luciano de Castro era um homem *sem principios, sem idéas, sem coisa alguma.* Revelação tremenda, em vista da qual se vem a saber qual é o personagem para quem o sr. Palmeirim creou o notavel meio politico conhecido no celebre verso:

Era noite sem estrellas, sem lua, sem nada!

O sr. bispo de Bragança emittiu uma idéa que nos parece extremamente pratica para o fim de realisarmos em pouco tempo a nossa reforma economica, politica e social. O projecto de s. ex.ª consiste em reportarmo-nos ao auxilio da divina providencia. É proficuo e não sairá talvez muito caro.

Emquanto estas coisas se passavam no parlamento, no circo de Price o terrivel mudo de Belem honrava o prestigio nacional deslocando na lucta o braço de um athleta estrangeiro. A victoria do mudo encheu a cidade de regosijo, e a estas horas, não ha louvor que não tenha caido sobre esse glorioso bruta-montes. Pela nossa parte, considerando o mudo como um propugnador da honra portugueza, pedimos que o nomeiem ministro plenipotenciario para Paris. Considerando-o como instituição nacional, pedimos que o pintem de azul e branco. Considerando-o como um deterioradôr dos ossos alheios, pedimos unicamente que o prohibam, porque não prohibir senão as touradas como attentatorias da civilisação e da integridade dos esqueletos parece-nos uma excepção odiosa e iniqua para com os bois.

No mesmo circo de Price realisa-se no dia 23 o beneficio de Wittoyne. Recommendamos esta festa ao publico que ha oito dias enche a trasbordar as galerias de S. Bento. O clown Wittoyne não tem de certo tanta graça como o parlamento, mas tem mais espirito.

O ministerio na

Os ministros deixam com alegria que a opposi
votos de maioria!

s da camara alta

s leve o couro e o cabello. Fica-lhes o resto: dois

Algumas senhoras de Lisboa estão infligindo n'este momento aos cocheiros das suas carruagens um supplicio que esquecera ao espirito inventivo da Santa Inquisição. Referimos-nos ao capotilho de pelles, obrigatorio como appenso ás librés de inverno, debaixo de uma temperatura de primavera, que obriga todos aquelles que não são cocheiros a desabotoarem no Aterro, para não soffocar de calor, as suas sobrecasade verão.

Comprehendemos que os cocheiros tenham na sua vida tremendas culpas, que importa expiar para desaggravo da divina justiça. Elles offenderam de certo com praticas hereticas, no recesso de suas estrebarias a religião de nossos paes, e suas iniquidades reclamam castigo.

Mandae pois, minhas senhoras, que o fogo lento os devore. Mandae que lhes seja applicada a pyra.... Perdão.... que lhes seja applicada a pelle!... É horroroso, mas — nós o confessámos — é justo.

Tão sómente o que vos pedimos, minhas senhoras, é que a pyra.... (Mau!...) é que a pelle se lhes applique, á altura do seculo, n'um forno de cremação.

Poupae a nossa sensibilidade ao espectaculo deshumano d'esses autos de fé ambulantes executados pela via publica sobre a almofada dos vossos *coupés!*

Que os vossos cocheiros se torrifiquem ao sol peninsular, sob a penitencia imposta pelo vosso chic siberiano, comprehendeis bem, minhas senhoras, que nos é indifferente. O que nos doe no fundo d'alma, ao vermos passar as vossas equipagens é a idéa pungente de que, sahindo de vossas casas com um co-

cheiro vivo, vós chegareis á porta da Aline ás quatro horas da tarde conduzidas apenas por um montão de cinzas, não restando d'aquelle que momentos antes fora um homem, — posto que abominavel — mais que alguns residuos de phosphato de cal sentados n'uma almofada, a borralheira de um capotilho, e um fumosinho tenue, de cocheiro queimado, voejando no azul!

Piedade, minhas senhoras! piedade!

Um editor de Lisboa annuncia no *Diario de Noticias* uma collecção de scenas comicas destinadas a serem recitadas em familia por meninos de dez a doze annos de idade. A primeira d'essas composições consagradas á infancia intitula-se *Quando eu namorava...*

Se as meninas de Lisboa representam aos doze annos, como scena comica, *Quando eu namorava*, quaes serão as scenas tragicas que ellas representarão aos vinte?

Suspendei a vossa resposta, ó pornógraphos! Não a queremos ouvir.

S. ex.ª o sr. Duque d'Avila cahiu ha dois dias, ao regressar da camara a sua casa, na rua do Duque de Bragança. Esta quéda é um symptoma politico de importancia, porque está provado que sempre que S. ex.ª cae, o partido de S. ex.ª sobe immediatamente depois ao poder. Diz-se mesmo que S. ex.ª cae de proposito para que o levantem.... aos conselhos da corôa. As intenções secretas de S. ex.ª ao cahir, são porem um mysterio, que ficará para sempre sepultado entre os ossos de S. ex.ª e o macadam da sua rua. A unica coisa que nos cumpre constatar é simplesmente o facto occorrido: S. ex.ª cahiu. Tem o governo a certesa de que ainda está em pé depois d'isso?

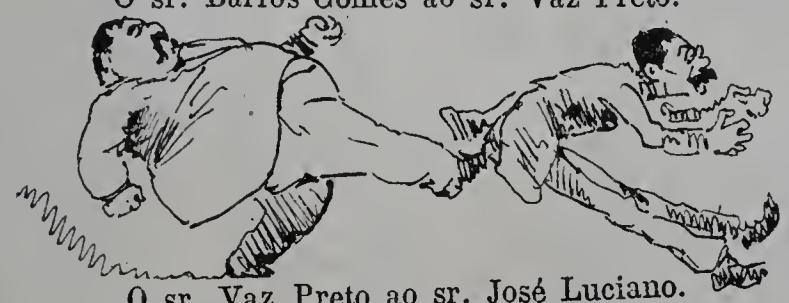
De cada vez que no parlamento, representado pelas duas camaras, se discute uma resposta ao discurso da corôa, um bom e convicto pontapé, puxado d'alma, entra na circulação do systema que felizmente nos rege.

O sr. Fontes envia esse pontapé ao sr. Braancamp.

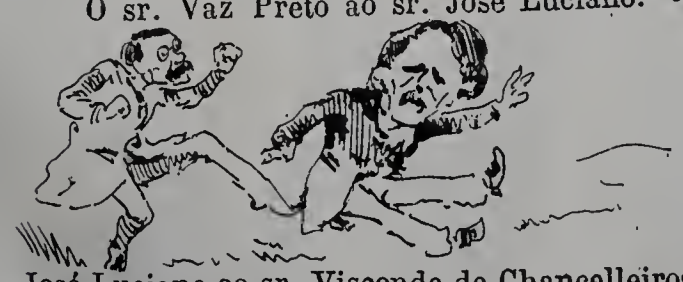
O sr. Braamcamp passa-o ao sr. Serpa.

O sr. Serpa ao sr. Barros Gomes.

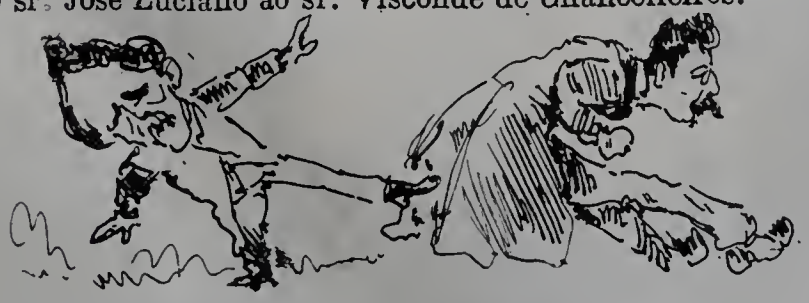
O sr. Barros Gomes ao sr. Vaz Preto.



O sr. Vaz Preto ao sr. José Luciano.



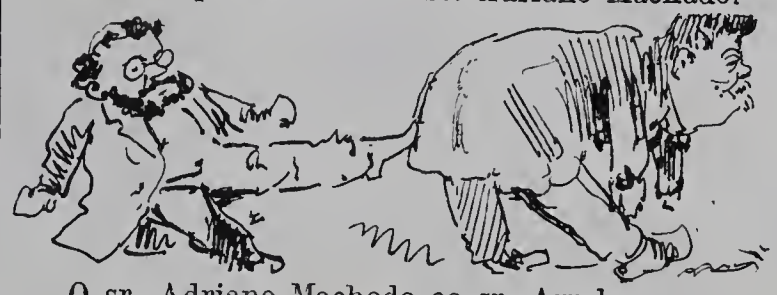
O sr. José Luciano ao sr. Visconde de Chancelleiros.



O sr. Visconde de Chancelleiros ao sr. Saraiva de Carvalho.

O sr. Saraiva de Carvalho ao sr. Duque d'Avila.

O sr. Duque d'Avila ao sr. Adriano Machado.



O sr. Adriano Machado ao sr. Arrobas.

Até que, depois de ter percorrido todos os personagens, todos os caracteres, todas as reputações, todas as capacidades, sobre que versa o jogo da politica portugueza, esse pontapé, que é a alma, a vida mesma do nosso systema parlamentar, acaba finalmente por chegar á sua estação terminus, localisando-se definitivamente no ponto geodesico em que o lombo de Zé Povinho se bifurca e muda de denominação.

Com taes fundamentos aconselhamos Zé Povinho que, para o fim de mitigar quanto possivel a fatalidade d'esse roteiro do principio constitucional, sempre que os illustres pares e senhores deputados da nação portugueza se preparem para emittir em cortes a sua *idéa* (quasi sempre de sola e vira, e muitas vezes de duas solas!) elle Zé Povinho, abstendo-se de toda a especie de critica e de todo o genero de devaneio sentimental e phantasista, principie simplesmente e immediatamente, por se prover d'arnica.

A anarchia que chega

— A hydra da anarchia — como eu disse já á camara alta e ao paiz — apparece ahi de um momento para o outro...

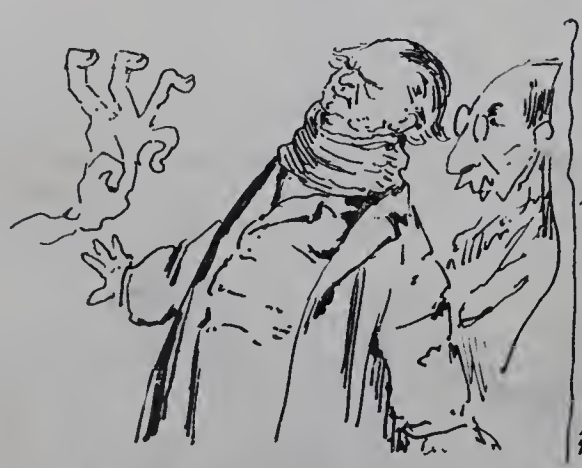
— E os estadistas chamados pelo soberano para submetter o monstro...

— Seremos nós!

— Aguardemos pois tranquillos o apparecimento da bicha!

— Estou vendo alguns tentaculos rebolindo no horisonte...

— Tambem eu os estou vendo!



— É ella!

— Subjuguemol-a sob o principio da auctoridade!

— Lancemos-lhe o grilhão da ordem!

— Ah cão!

— Estás nas unhas de um homem!

— Oh ceus! que vemos?!... Os tentaculos da hydra eram os dedos d'elle!

A bruxa

O poder occulto disfarçado

Dizia-se que elle sahia de ministro para o Brazil agora pelo Entrudo, e já se andavam a preparar as seringas para o investir e o competente breu para o pregar pelos fundilhos dos calções na poltrona da diplomacia. Mas não era verdade. Elle preferiu disfarçar-se em curandeira. Os do Porto viram uma bruxa com elle nos ultimos *meetings*, e dizem que era ainda elle a bruxa que appareceu na calçada de S. Lourenço com um discurso parlamentar em cada liga.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O BAILE DO PAÇO

Breves conselhos de um aulico em disponibilidade aos srs. deputados da provincia

Mancebos !

Vão-se abrir para um baile a que sereis convidados os salões dos reaes paços. Será uma festa deslumbrante e fascinadôra, bem diversa — podeis crêl-o — de tudo quanto tem abrangido até hoje o angulo burguez do vosso olho provincial.

Vós conheceis os chás abailaricados da calçada dos Clerigos em dia de procissão, no Porto. Vós conheceis os balancés clericaes da rua das Conegas, em Braga. Vós conheceis as tertulias balnearias, de contradanças de lanceiros e de bandejas de especiones, no club das Caldas e nas assembléas recreativas da Figueira e de Espinho.

Pois bem! em verdade vos digo que ao entrardes nas faustosas salas da real mansão uma enorme soltura de desdem e de escarneo cobrirá em vosso espirito todas as recordações choreographicas que tenhaes conservado do amor bailado ao piano e do chá e cavacas digerido em apraziveis companhias sob o clarão dos lustres, em vossas terras.

Preparae-vos pois, ó jovens, e permitti ao cortesão aposentádo que vos dirige estas regras o ministrar á vossa inexperiencia alguns conselhos.

Meus amigos, primeiro que tudo, lavae-vos. O mui alto e poderoso rei sr. D. João VI não se lavava, e a historia affirma com respeito d'esse virtuoso principe que elle não era inodoro. Vós porém não sois o mui alto e poderoso rei sr. D. João VI. E' mister que o não esqueçaes nunca e que vos laveis, embora o uso do sabão vos pareça offensivo das tradições historicas da excelsa familia de quem ides ter a honra de vos approximar.

Depois cortae as vossas unhas e aparae devidamente os vossos calos, tendo em vista que essa operação se ache concluida antes de haverdes penetrado no recinto do regio sarau. Os grandes do reino não levariam a bem que vos operasseis na augusta presença do principe. Um só vassallo, o nobre marquez de Vallada, glorioso bailio de Malta, por um privilegio inherente ao seu brazão, ousa aparar as unhas, roendo-as, deante do monarcha. Ainda assim as das mãos unicamente! Vós outros porém não sois bailios de Malta.

Ponde camisa lavada, abstendo-vos quanto ser possa do abuso indecoroso que costumaes fazer dos peitilhos transparentes, sob os quaes tendes o vicio de ostentar almofadas encarnadas que o prurido de um luxo heliogabalico vos levou talvez a subtrahir á commodidade domestica de vossas destitosas mulheres e ao aconchego de vossos innocentes filhos. Ponde roupa branca mas, por quem sois, deixae em casa a mobília que costumaes metter no seio quando ides de casaca para a superior de S. Carlos.

Abstende-vos egualmente do collarinho postiço, symptoma de um baratismo de tenda, que vos fará passar por escreventes da administração do vosso concelho aos olhos das mulheres bonitas que vos olharem para a gravata. Os principes usam d'esses collarinhos unicamente por conselho do sr. José Luciano de Castro, lamentavel janota de mezes de verão na costa do Furadouro, praia de quarta classe, no districto d'Aveiro.

Egualmente convém que vos não deixeis cegar pela paixão politica até o ponto de imitar o mesmo sr. José Luciano na sua maneira de se pentear. E' certamente de um radicalismo abusivo, que não póde ser bem visto em palacio, a moda adoptada por esse estadista de apartar o cabello sob a pressão de unguentos adhesivos desde a testa, pela nuca abaixo, até profundidades tragicas que obrigam s. ex.ª, para o fim de abrir a risca, a começar por depôr as calças nas mãos do seu cabelleireiro. Um homem suspeito, como este, de andar dividido em dois por um traço de pente desde a fonte esquerda até a ultima vertebra falsa, inclusivè, não deve ser por vós tomado para modelo, porque não é serio.

Durante o dia do baile, assim como nos dois dias que immediatamente o precederem, não comaes alho, nem comaes os refogados de cebola com que vos alimentam nas vossas estalagens. Esse regimen diete-

tico convém para puxar o copo d'agua oratorio e para cevar a facundia tribunicia em barrigas patrioticas, mas é nocivo para fallar com senhoras. Depois de tomada esta precaução para o fim de conversardes convenientemente com as damas, tomae ainda uma outra: não falleis.

Vesti calção e meia, e mandae forrar d'encarnado os tacões Luiz XV dos vossos sapatos. Essa ligeira nota de chic Regencia pôr-vos-ha, nos calcanhares pelo menos, um bocadinho da alegria e da vivacidade que se vos varreu inteiramente do espirito no pelintrismo lugubre da intriga parlamentar. E a casaquinha, justa, certa ao corpo, bem feita. Não queiraes com o aspecto das casacas monstruosas com que vos temos visto por ahi fazer suppôr ao soberano que trazeis já ao lombo as albardas que lhe andaes a pedir ha dois annos.

Mandae chamar Justino Soares e conferenciae com elle sobre o artigo—maneiras. Ainda ha pouco tivemos occasião de apreciar a correcção das vossas attitudes, ao discutir-se na camara a resposta ao discurso da corôa, e não vos dizemos a esse respeito senão isto: — mandae chamar Justino.

Relêde com attenção o compendio elaborado por João Felix sobre a civilidade. Ha materias cuja doutrina é util refrescar, principalmente quando se vae á camara todos os dias.

Uma vez em palacio, sêde discretos no consumo das brioches e dos charutos. Reflecti que o paiz é pobre, que temos uma divida fluctuante de 3:350 contos e que temos um deficit calculado em 4:500 contos para o anno proximo. O monarcha tambem não é rico, tem boccas que sustentar, tem encargos, tem filhos, tem tenros e innocentes filhos, de louras cabeças, como de todos vós é sabido. Sêde portanto parcimoniosos e cautos com os comestiveis e com os tabacos de fumo do soberano. E' um pobre e honrado chefe de familia, meus senhores!

Ao sairdes será conveniente que fóra da porta vos façaes revistar por um archeiro, deante do qual vos devereis despir completamente, fazendo constatar n'um termo firmado por duas testemunhas que nem nas vossas algibeiras, nem debaixo da vossa camisola, nem nas vossas barrigas das pernas, se encontrou peça alguma da real baixella. Isto por causa... Cheguem cá o ouvido:

.....

Já vêem que é um conselho d'amigo. Andem que o não mereciam, seus maganões!

Dos dois meetings celebrados no Porto, um d'elles para derrubar o governo, e o outro para combater a opposição, eis os telegrammas recebidos:

Dos ministeriaes para os jornaes do governo.

Caixote contendo Marianno e Navarro, enviados d'ahi, corda vinte e quatro horas, recebido em triumpho. Successo discursos, corda trazida d'ahi, enthusiastico. Cidade toda nosso meeting. Meeting opposição ninguem. Oradores opposição corridos si mesmos pontapés. Caixote contendo Marianno e Navarro devolve-se hoje. Vão acondicionados algodão. Salada louros comedouro. Viva governo.

Dos opposionistas para os jornaes da opposição.

Meeting nosso cidade inteira. Enthusiasmo raias delirio. Meeting governo ninguem. Marianno e Navarro, corda trazida d'ahi quebrada. Vindicta popular sova real oradores Marianno e Navarro. Marianno e Navarro, ossos feixe, passaram palhetas Lisboa. Triumpho completo. Viva opposição!

No theatro de D. Maria, primeira representação do *Grande homem*, de Teixeira de Queiroz. O protagonista d'esta peça, estudada com observação e escripta com espirito, é um estupido solemne e matreiro, como todos os grandes homens de todos os pequenos regimens.

D'ahi vem que toda a gente reconheceu no *grande homem* de Teixeira de Queiroz um retrato fiel arrancado do vivo, e cada um dos partidos politicos, e apontou ao dedo como o chefe do partido — dos outros.

E o melhor dos partidos que se podia fazer á peça e a melhor das peças que se podia pregar aos partidos.

A dança

A MUSICA — Ran ! tara-tara-tara-tan ! Tara-tara
O POVO — Que lindo ! Como são bellos ! Com
ELLES — Bem bom !... Ninguem nos conhece !

itucional

an!
finos! Como são espirituosos! Como são amaveis!

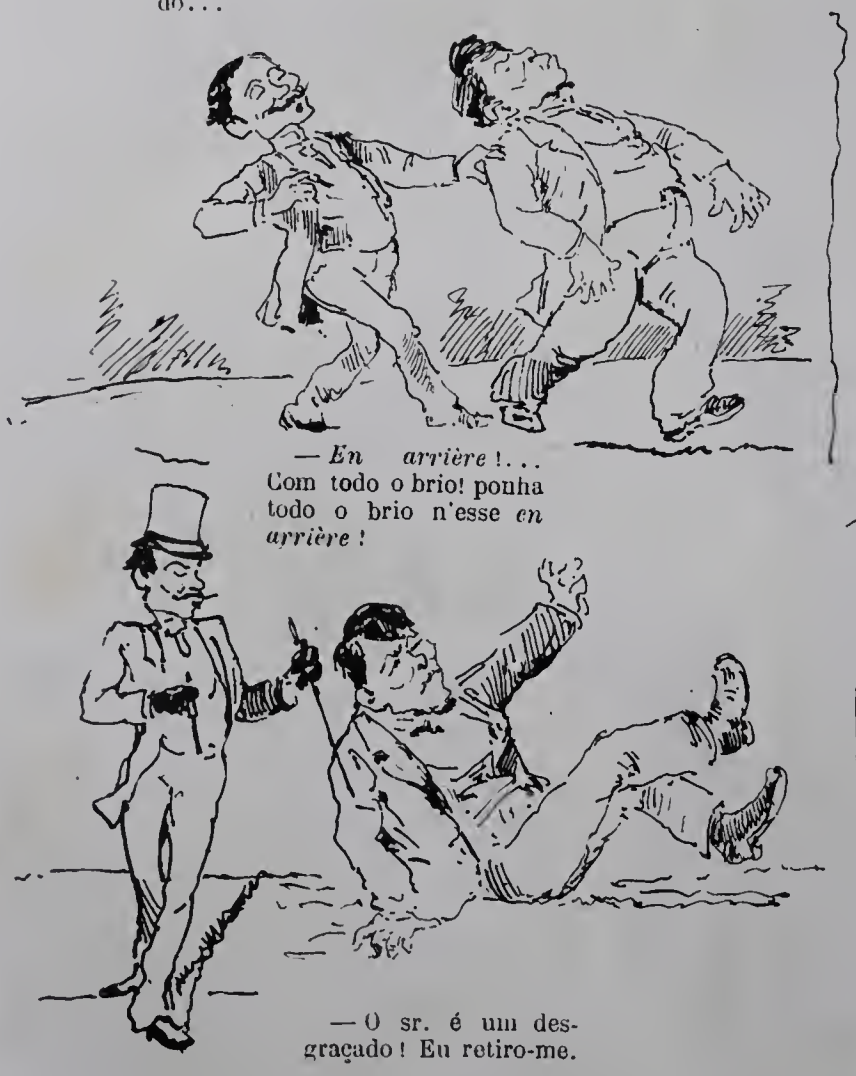
Preparativos para o baile no paço

O sr. Simões Carneiro nas mãos do sr. Justino Soares

— Terceira posição! com garbo! d'este modo...

—En avant! com graça... com muita graça!

— Mais graça ainda, se faz favor!..



— *En arrière*!... Com todo o brio! ponha todo o brio n'esse *en arrière*!

— O sr. é um desgraçado! Eu retiro-me.

— Não! decididamente o sr. não póde. Deus Nosso Senhor não lhe deu pernas para isto.

—Meu Deus! dae-me garbo! dae-me brio! dae-me graça! Dae-me pernas para isto assim como me destes falla para aquillo, ó meu Deus!

Emquanto os noticiario e os folhetins cultivam exclusivamente os assumptos do carnaval, os annuncios dos periodicos consagram-se a coisas tristes: á commemoração de defunctos, a convites para missas de requiem, etc.

Uma familia consternada agradece no *Diario Popular* ao sr. dr. May Figueira a *promptidão com que appareceu para a consulta, apesar de remunerado, de que não houve resultado algum, com quanto se empregassem medicamentos energicos.*

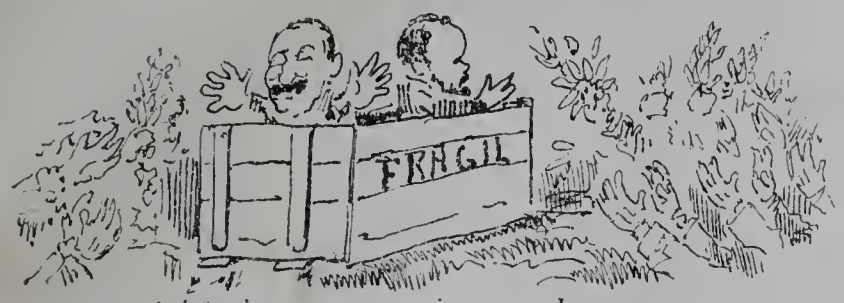
Eis um agradecimento que deve lisongear um medico, porque não ha manifestação mais desinteressada. Pagaram-lhe, a conferencia não deu resultado algum, o doente morreu. Apesar d'isso a familia agradece consternada, e faz votos *para que Deus conserve ao dr. May Figueira a existencia, para nós sempre duvidosa, desde a nossa funcção racional, até á consummação da vida, que é um puro engano, em que continuamente jazemos.*

Feliz sr. May!

De uma das missas a que alludimos escreve um devoto no *Diario de Noticias* as seguintes impressões:

Se a sympathia que me parece ter-lhe inspirado é verdadeira peço a v. ex.ª que me diga como dirigir-lhe letras minhas. Esperei v. ex.ª á saida da missa. — *Militar.*

Dos dois meetings celebrados no Porto, um d'elles para derrubar o governo, e o outro para combater a opposição, eis os telegrammas recebidos:



Dos ministeriaes para os jornaes do governo.

Caixote contendo Marianno e Navarro, enviados d'ahi, corda vinte e quatro horas, recebido em triumpho. Successo discursos, corda trazida d'ahi, enthusiastico. Cidade toda nosso meeting. Meeting opposição ninguem. Oradores opposição corridos si mesmos pontapés. Caixote contendo Marianno e Navarro devolve-se hoje. Vão acondicionados algodão. Salada louros comedouro. Viva governo.

Dos opposionistas para os jornaes da opposição.

Meeting nosso cidade inteira. Enthusiasmo raias delirio. Meeting governo ninguem. Marianno e Navarro, corda trazida d'ahi quebrada. Vindicta popular sova real oradores Marianno e Navarro. Marianno e Navarro, ossos feixe, passaram palhetas Lisboa. Triumpho completo. Viva opposição!

No theatro de D. Maria, primeira representação do *Grande homem*, de Teixeira de Queiroz. O protagonista d'esta peça, estudada com observação e escripta com espirito, é um estupido solemne e matreiro, como todos os grandes homens de todos os pequenos regimens.

D'ahi vem que toda a gente reconheceu no *grande homem* de Teixeira de Queiroz um retrato fiel arrancado do vivo, e cada um dos partidos politicos, e apontou ao dedo como o chefe do partido — dos outros.

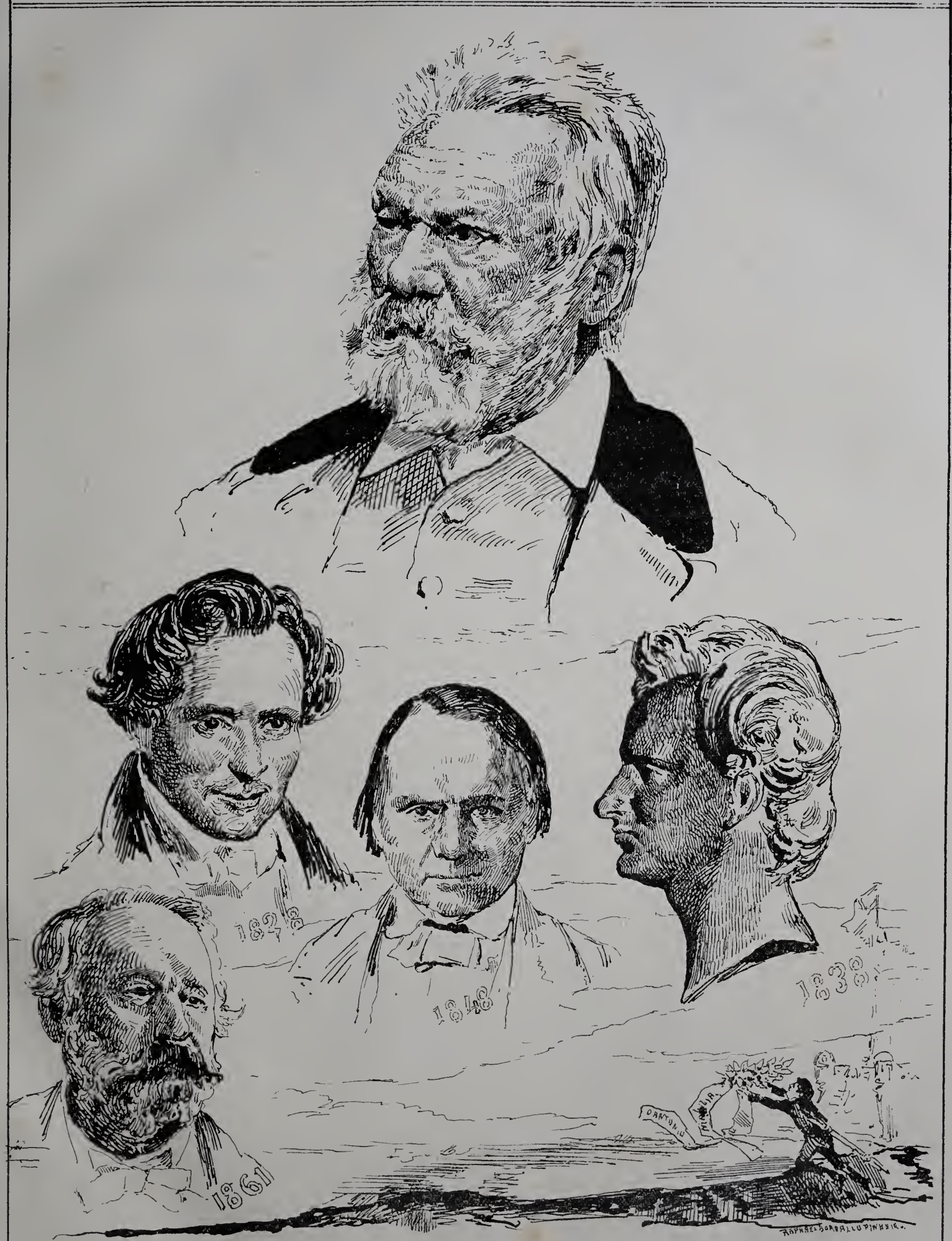
E o melhor dos partidos que se podia fazer á peça e a melhor das peças que se podia pregar aos partidos.

Beneficio de Tony Grice no dia 26

Tony antes do beneficio — Tony no beneficio — Tony depois do beneficio.

O carnaval em S. Bento

O TIGRE ARROBAS — Miau! miau! miau! Sr. presidente, peço a palavra.
O ARLEQUIM OCCULTO — Qui-qui-ri-qui! Proponho que se não deixe fallar o tigre.
VOZ DO PRESIDENTE — Có-có-ró-có! O tigre que se cale!
A MAIORIA (em zurros) — Appoiado! appoiado! deu a hora!
A OPPOSIÇÃO (em guinchos) — Que hora é que deu?
A MAIORIA (em roncos) — Deu a hora... marianna!



Dando hoje n'esta pagina os melhores retratos de Victor Hugo, segundo as ultimas gravuras da *Vie Moderne*, o *Antonio Maria* sauda, pelo seu octogesimo anniversario, o poeta da Revolução, o chefe inamovivel dos «novos», o propheta dos Estados Unidos da Europa, o soberbo rapaz que atravessou o seculo cantando, e levando atraz de si para a concordia e para a paz uma raça inteira — a raça latina — alliada por elle na cohesão indestructivel do sentimento e do enthusiasmo.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carm.

Não! decididamente, este carnaval não é em absoluto o velho carnaval da opera em Paris, nem o antigo carnaval de Roma nem o moderno carnaval de Nice — ultimo reducto das folias expirantes dos *cascadeurs* impenitentes.

Não temos a pequena *pierrette* de meia mascara de setim preto e dentinhos miudos e brancos, de rato, com cintura flexivel e pés ligeiros e nervosos, — tão cara ao bom Paulo de Kock e ao immortal Gavarni.

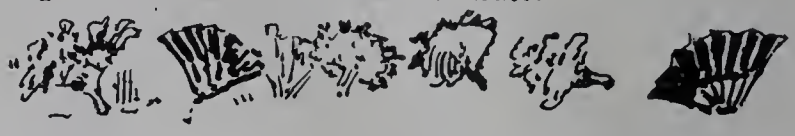
Não temos a *débardeuse*, de boné sobre o olho e largas calças guarnecidas de topes côr de rosa descobrindo finos artelhos d'aço, robustecidos na gymnastica do *grand écart* nos bailes do *Quartier Latin*, e servidos por um tendão d'Achilles experimentado em sarilhos de pontapés reverentemente recebidos no logar competente por uma geração de graves tabeliães e d'outros personagens conspicuos.

Não temos o trompista atroador que sae a cavallo, com um pennacho vermelho de um metro d'altura mettido no chapeu, expectorando, convicto e fanatico, para dentro das roscas metallicas do instrumento do crime todo o seu enthusiasmo com os seus dois pulmões.

Não temos o arlequim multicor nem o clown enfarinhado lançando ao scio das instituições vigentes o delirio da cambalhota, do pé de nariz e da palmada ribombante no ventre.

Não temos o arranque victorioso e triumphante do cancan, sapateado pelas *Nanás* sobre o solo juncado pelos milhões dos capitalistas, pelas letras falsas dos jovens commerciantes impacientes, pelas perolas feudaes desgrudadas pelo champagne das testas dos principes, e pelas cascas das ostras gordas e salgadas d'Ostende e de Cancale.

Não temos o mysterio veneziano nem a intriga genoveza fazendo circular entre os dominós de setim e de renda os finos segredos lampejantes, crusados ponta com ponta, como floretes de combate.



Não temos o bulicio, a algazarra, o trovão medonho que rebenta ao encontro das cavalgadas, debaixo dos balcões apinhados de pierrots côr de rosa, entre o granizo metralhado dos confeitos, das pastilhas, dos leques e dos ramalhetes.

Imprudentes e desgraçados, nós deixamos perder a tradição patriotica da antiga pulha nacional, o bello pó de mico, o coscorão d'estopa, o ôvo, a farrusca da chaminé, e o nunca esquecido, o sempre chorado rabo-leva!

Perdemos tambem o uso saudavel da palavrada cambronica, de rigor n'esta epoca do anno entre as pessoas da sociedade mais escolhida e mais culta. Era uma especie de pornographia gôrda, cultivada com avidez pelas damas da nossa velha aristocracia. — Venalidade resgatada pelos jubileus, permittida pelos confessores, dando accesso com bilhete de ida e volta ás pessoas devotas na porcaria do mundo prohibido, sem perigo da pureza nem da salvação eterna das almas. Um regalo na conversação, esse comboyo de recreio com transito de tres dias atravez do curioso paiz da... Querem que diga o nome? Não, ó venerandos manes das defunctas açafatas e das defunctas damas d'honor da piedosa senhora D. Carlota Joaquina! eu não direi o nome, porque já não ha ouvidos puros que m'o ouçam e m'o agradeçam!... A nossa galhofa acabou.

Hoje em dia o que temos como Entrudo é unicamente a lama papacenta do Chiado, as patrulhas taciturnas da municipal, e os ingenuos provincianos, pacatos e probos, que vieram de Mogofores, de Alemquer, da Alhandra, de Alhos Vedros, de todos os pontos do mundo emfim, acompanhados de suas mulheres e de suas filhas, para tripudiarem por vinte e quatro horas com suas galochas de borracha nos delirios appetitosos e condemnados d'essa Babylonia: — a baixa!

A mascarada oratoria

Eis a relação dos principaes narizes postiços exhibidos pelos oradores da camara dos pares nos ultimos dias que precederam o entrudo.

Pelo sr. Visconde de Chancelleiros, o *cavallo de Troia*, allusão á ultima fornada.

Pelo mesmo sr. Visconde, as *forcas caudinas* allusão á situação do ministerio.

Pelo sr. José Luciano de Castro, *Catilina batendo ás portas de Roma*, allusão ao sr. Visconde de Chancelleiros.

Pelo referido sr. Luciano de Castro, *Cincinato abandonando a charrua*, allusão ao sr. Visconde de Seabra.

Pelo sr. Vaz Preto, o *Deus Jano bifronte*, allusão ao sr. Anselmo Braamcamp.

Nenhum d'estes narizes era inteiramente novo, mas com que graça que os pozeram os *ché-chés* da camara alta! Estavam-lhes deveras bem.

O ca

A empreza do *Antonio Maria*, — a primeira
e ilhas, 600 *réis por* 12 *numeros*) contendo pr
inoffensiva para pessoas de um e d'outro sexo,
n.º 140, 1.º *andar*) — agradece ao publico de L
gorda o carro de mascaras d'este periodico in
preza não se dirige pessoalmente a cada uma
quanto é apenas de 150 mil o numero dos ass
ptorio d'esta folha incomparavel e unica sobre

l e as ciuzas

olhas humoristicas d'este seculo *(assignatura no continente* s desenhos *(numero avulso* 60 *réis)* e leitura amena e menores como adultos, *(escriptorio na Travessa da Palha* s applausos calorosos com que elle saudou na terça feira *(agentes no Rio de Janeiro os srs. Faro & Lino)*. A em- soas de quem se confessa reconhecida, porque por em- es que teem corrido a inscrever os seus nomes no escri- o *(na travessa da Palha n.º* 140, 1.º *andar)*.

Nos bailes do Paço, apesar das nossas instantes recommendações, os srs. deputados, menospresando a pragmatica que prescreve ou o uniforme ou o calção e meia, apresentaram-se de calças, levando á cinta faixas azuis e brancas.

O mau gosto barato e reles do constitucionalismo ha muito tempo que tinha corrompido a esthetica e deshonrado a arte, inventando o balaustre de pedra, de pau ou de papelão, como unico ornato architectonico e decorativo, inventando o discurso da corôa como genero litterario, inventando o conselheiro, inventando o festão de murta e inventando a areia encarnada.

O constitucionalismo tinha egualmente creado o *parvenu* aviscondado e boçal, tinha creado o pelintrismo pomposo, e tinha posto em moda a subserviencia, a banalidade do espirito e a cobardia do caracter.

A *toilette* porem, exclusivamente governada pelos figurinos de Paris, tinha escapado até hoje á acção acanalhante do systema.

Os srs. deputados, adoptando agora a faixa azul e branca atada em laço com borlas por baixo da casaca preta no vestuario de baile, deram o ultimo golpe na decencia.

E deram-o bem. Porque, por mais que inventassem, elles nunca poderiam achar, como appenso burlesco da pompa parlamentar, coisa mais liró, mais chinfrim, mais arraial d'aldeia, mais philarmonica, mais dentista, mais trouxa d'ovos, mas licor de rosa, mais *alumno de Minerva* e mais cheiro d'alfazema, do que a sua torpe e execravel faixa azul e branca atando-os em laço como palmitos d'andor!

O baile infantil no salão da Trindade

A secção dos menores.

A secção dos adultos.

Ao entrar no baile.

Ao sair do baile.

Em S. Carlos

—É honesta... supponho-a senhora da sociedade... Porque ainda não quiz mostrar-me a cara... E já lhe adiantei cinco bebidas!

Na Trindade

— És mulher ou homem?
— Sou mulher.
— Palavra d'honra, meu amor?
— Sim meu anjo!
—Vae então a minha casa ámanhã pela manhã, para me tomares medida de umas botas.

Em D. Maria

—Amo-a... para fins honestos creia-o!
— Logo vi! Tambem basta olhar-lhe para a cara para conhecer que é um pulha!

No restaurant

—Emquanto a vinhos optamos pelo Collares, não é verdade?

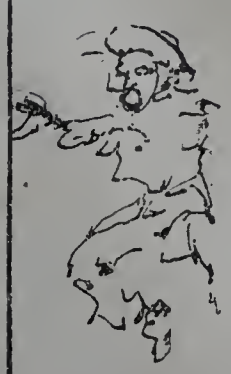
— Sim, para mim Collares, mas desejo tambem uma garrafa de Champagne para levar para casa... a minha desventurada mãe, enferma, agonisante... direi mais:— morta!

Na contradança

—Sinto-me burro por baixo d'esta mascara...

— Está doente talvez por cansa do calor...

—Doente, não minha senhora, estou no meu estado normal, graças a Deus!



Primeira representação do Mephistopheles

Esta opera apresenta-nos exactamente as mesmas scenas que temos visto na politica: ha a nebulose, ha o poder occulto, ha o sabbat de S. Bento. E a unica differença é que o maestro Boito tem por scenographo o pintor Manini, ao passo que a carta constitucional tem apenas o architecto sr. Possidonio.

TRATADO DE LOURENÇO MARQUES

SUPPLEMENTO AO N.º 92

Eis a questão:

Prepara-se no parlamento em sessão secreta, com uma esquadra ingleza fundeada no Tejo, com a guerra pendente no Transwaal, a approvação do Tratado de Lourenço Marques, o qual entrega á Inglaterra o dominio de uma parte do territorio portuguez na Africa. Deante d'este facto ZÉ POVINHO acha-se n'esta situação curiosa: Se appella para o parlamento, o governo expulsa-o da galeria e amordaça os deputados que protestam em nome d'elle. Se appella para a representação na praça publica, o governo manda dar-lhe pranchadas. N'estas condições aconselhamos ZE POVINHO a que peça ao governo que o enforque. Pacificamente é esse o unico desafogo que se lhe permitte. Que ZÉ POVINHO o disfructe!

LITH. GUEDES Rua da Oliveira do Carmo, 12

O pavilhão nacional

Do peso dos nossos ultimos tratados com a Grã-Bretanha resulta o subir progressivamente nos nossos bastiões do ultramar a bandeira ingleza e descer na mesma proporção a bandeira nacional. A philarmonica *Primeiro de Dezembro* não deixará por certo de celebrar este facto continuando a tanger-nos o hymno da Indepencia.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Não ha ninguem que mais ame a liberdade do que todos estes senhores em geral,

A liberdade é o grande prato de resistencia em todos os jubilosos banquetes do palavriado nacional.

Oh! a liberdade!...

Somos o paiz mais atrazado e o mais pobre de todo o mundo civilisado.

Não temos receita nem sabemos creal-a para fazer face aos encargos da communidade.

Não temos instrucção, não temos arte, não temos direcção politica, não temos destino social...

Mas, com mil diabos, temos a liberdade!

E a essa palavra todo o nosso patriotismo se expande e todo o nosso orgulho incha. Os oradores de todos os partidos, sem discrepancia, têem lagrimas de enternecimento na voz ao proferirem esse vocabulo. E basta enuncial-o para que todas as philarmonicas, sem excepção de um unico pifano, desde a *União e Capricho* até á *Incrivel Almadense*, inclusivé, delirem em variações freneticas sobre os cornetins *á piston*.

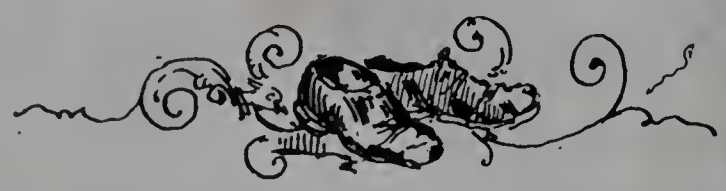
Outra coisa que nos enthusiasma quasi tanto como a *liberdade* é o *povo*.

Quem diz *povo* tem dito tudo quanto se pode dizer em democracia.

Perguntem por isso aos patriotas d'ambas as casas do parlamento.

Elles vieram todos do *povo*. Todos elles são filhos do *povo*; são *povo* elles mesmos; e não querem nada d'este mundo senão do *povo*, para o *povo* e pelo *povo*.

O *povo* para elles é tudo: vocativo, genetivo e dativo, nome, profissão e naturalidade, familia, estado e linha de conducta, signaes physionomicos, geographia phisica e prendas de salão.



Os mesmos nobres gritam enfurecidos que tambem são *povo*. Lá o têem jurado por sua honra, no proprio seio da camara aristocratica, batendo no peito as punhadas mais plebeias e mais convictas, e já não ha sessão em que os illustres proceres não calquem aos pés as suas corôas, tanto de padres como de senhores feudaes, para mandarem para a meza, em appenso ás suas prsfissões de fé, os tamancos das respectivas familias.

Ha porém que attender uma circumstancia.

Sempre que o *povo* deixa de ser uma imagem parlamentar, uma abstracção oratoria, para ser objectivamente e realmente o *povo*, sempre que elle em pessoa se deixa ver, de jaleca ou de camisola, de sapatos ferrados e de boné sobre o olho, dando vivas ou dando môrras, o *povo* para todos estes senhores cessa immediatamente de ser o *povo*, e passa a ser esta outra coisa: — *alguns maltrapilhos*.

Todos o invocam, sob uma unica condição: — a condição de que não appareça!

Em elle apparecendo a rhetorica offendida retira-se.

Já ninguem vem d'elle; d'onde cada um vem é da Casa Havaneza. Ninguem vae para elle; para onde a gente vae é para o Gremio. O proprio sr. Pires de Lima, o ultimo dos *filhos do povo* ajuramentado na camara dos pares, ao ver o *povo* na rua, pergunta susceptibilisado: — *Que vem a ser aquelle bando de garotos que descubro alem?* E o ministro de Christo nem sequer dá os bons dias a seu pae.

A guarda municipal inventou-se expressamente para proteger e para defender o *povo* emquanto considerado como ficção metaphysica; desde porém que o povo se converte em realidade, a guarda municipal passa immediatamente a defender uma outra ficção egualmente metaphysica — *a ordem*; e quando o povo em nome da *segurança popular* pede á municipal que o proteja, a municipal em nome da *ordem publica* dá pranchadas no povo.

Para toda a gente o povo é tudo emquanto que não apparece. Em apparecendo, o povo principia a ser unicamente as seguintes coisas: para o governo é a anarchia; para a representação nacional é a galeria em desordem; para os burguezes é a garotagem ebria; para a policia é o transito publico impachado; e para a força armada é o paliteiro passivo das baionetas virginaes e nervosas.

Com a *liberdade* succede pouco mais ou menos a mesma coisa que se dá com o povo.

Todos querem a *liberdade*, com uma só condicção, unica e exclusiva: — que ninguem use d'ella.

A liberdade que a Carta nos confere é um sagrado direito mettido dentro de um frasco. Desde que se toque na rolha do frasco o direito que está dentro deixa de existir.

As instituições garantem a mais completa liberdade individual, mas se o individuo põe em acção essa liberdade as instituições explicam-lhe que isso deixou de ser liberdade, e é *licença*.

Sêde tudo o que quizerdes, menos *licenciosos!*

Podeis pensar, dizer e fazer tudo que vos approuver, comtanto que não penseis nem digaes nem façaes senão aquillo que todos os outros pensam, dizem e fazem. O contrario é abuso. Se o commetterdes incorrereis no desagrado dos poderes publicos e na desapprovação geral das familias.

Se vos apraz fazer uma manifestação publica fazei-a, mas fazeia-a em favor das auctoridades constituidas.

Se quereis dar vivas nas ruas, dae-os, mas dae-os á carta, ao soberano e á real familia.

Não deis vivas á Republica. Seria licencioso. Podeis porém dar-lhe morras, sem levar pranchadas por isso.

A Inglaterra, á qual nós estamos fazendo presente das colonias, aos tratados, pensa d'outro modo.

Um deputado declara terminantemente no parlamento que é republicano, que é socialista e que é atheu, que despresa a carta, a monarchia e a religião. Ninguem o chama á ordem. Entende-se que esse deputado manifesta apenas uma opinião pessoal e livre.

Nos concertos populares de Londres um palhaço, mascarrado de rolha queimada com azeite, sobe ao tablado e chama bebeda á rainha e estupido a Deus. O funccionario encarregado da policia do espectaculo sorri, de braços cruzados. O publico applaude orgulhoso, não talvez a theoria, mas a liberdade do palhaço.

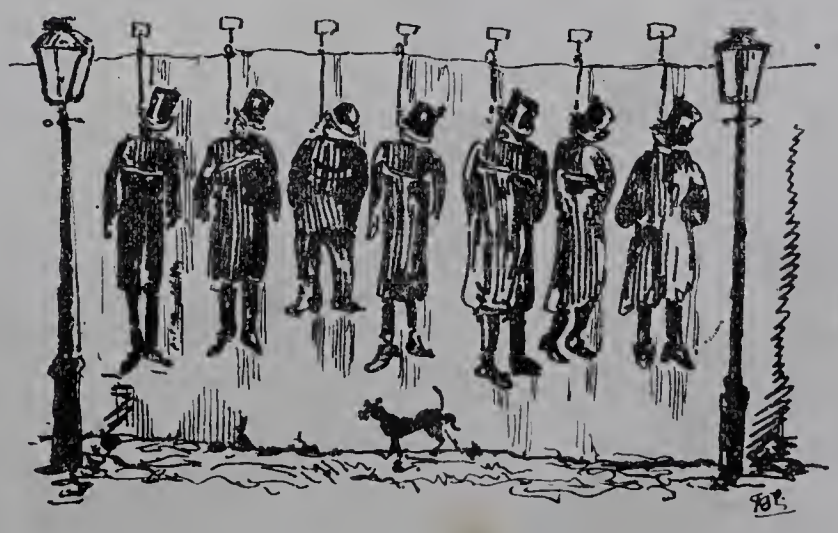
Esse respeito pela opinião do cidadão inglez é a grande virtude da Inglaterra, que não tem outra. Na sua politica internacional a Inglaterra é egoista, interesseira, mesquinha e falsa.

Visto que os nossos estadistas dão a esse paiz a nossa Africa e a nossa India, seria bom pedir-lhe que elle lhes ensinasse em troca a pratica da sua virtude.

Não teriamos perdido tudo se, pelo tratado de Lourenço Marques, o governo, sacrificando a integridade do territorio e a honra nacional, tivesse aprendido ao menos a respeitar pela prosa da sua imprensa e pelos sabres da sua cavalleria a opinião d'aquelles que protestam, condemnando-o.

E isto seria tanto mais desejavel quanto é certo que aquillo que hontem era apenas a opinião do povo de Lisboa será ámanhã a opinião dos Boers, nossos alliados e amigos do Transwaal, a opinião da Hollanda, a opinião da Hespanha colonial, a opinião da França republicana, e mais tarde, finalmente, a opinião do mundo!

A votação nominal



Daremos nos proximos numeros a relação nominal dos deputados que approvaram o tratado de Lourenço Marques, acompanhando cada nome do respectivo croquis em formato d'album, para a galeria de Zé Povinho.

Comprehende-se bem este jogo... Nós não cedemos a ning
mente, por meio do machinismo do tratado, nós encarregamo-no
estomago de John Bull, até que John Bull o digira.

Para a manivella, meus senhores! para a manivella!

Espera-se que o Boer não estrague o jogo, e que Zé Povin

MARQUES

o dominio de Lourenço Marques. Esse dominio é nosso. Unica-
dar a uma manivella que faça passar esse dominio atravez do

ache graça.

Chronica parlamentar

Aspecto da sessão publica que precedeu a sessão secreta em que foi approvado o tratado de Lourenço Marques. Resumo dos discursos :— Impostores ! traidores ! infames ! bestas ! *(Muitos appoiados na galeria).*

Ao sr. Simões Carneiro

A este representante do povo pede o *Antonio Maria* licença de retirar todos os gracejos que tem deposto aos seus pés, para o fim de lhe fazer d'elles um pedestal. O sr. Simões Carneiro, deputado da maioria, votou contra o tratado de Lourenço Marques.

A synthese dos tumultos

O sr. commandante da guarda municipal, á frente do seu esquadrão, de espada nua e rewolver carregado, prendeu o mudo de Belem — por dar vivas á republica e morras ao governo.

A revolta do dia 7

S. ex.ª o general commandante da guarda municipal, depois de ter varrido pelas cargas da cavallaria todas as ruas de Lisboa, deliberou decapitar a revolução procurando na esphera terrestre a morada do sr. Magalhães Lima. Como se não encontrasse no globo a indicação da casa d'esse cavalheiro, o aguerrido general com as forças do seu commando retirou do campo da batalha por volta da madrugada.

O inimigo sr. Magalhães Lima logra saude.

Um dos soldados da municipal mordeu o pó da honra caindo do cavallo abaixo.

Nos fastos da guerra ficará para-sempre memorado esse medonho recontro do nosso exercito comsigo mesmo.

Preço 50 réis

O ANTONIO MARIA

SUPPLEMENTO AO N.º 93

OS TRATADOS E A AMISADE INGLEZA

— Ali está o papão que vem buscar o menino. Se o menino não quer que o papão o leve, é preciso que o menino me dê todos os seus bonitos para que eu mande embora o papão.

Tal é a breve historia que a Inglaterra nos conta ha duzentos e quarenta annos.

Para que ella nos livre do papão hespanhol demos-lhe consecutivamente a liberdade de estabelecimento em todas as nossas colonias, demos-lhe Tanger, demos-lhe Bombaim, demos-lhe o tratado de paz com a Hollanda, demos-lho o tratado de Methwen, que convertia o solo portuguez n'uma horta da Grã Bretanha, demos-lhe a India pelo tratado de Macau, e damos-lhe agora a melhor parte da Africa pelo tratado de Lourenço Marques.

E a doce Inglaterra continua a acalentar-nos, cantando para Badajoz:

Tira-te d'ahi, papão
De cima d'esse telhado
Deixa dormir o menino
O seu somno descansado.

E o papão deixa dormir o menino, não pelo que a Inglaterra lhe canta, mas porque elle mesmo, papão, adormeceu no tolhado ha cerca de dois seculos

LITH. GUEDES

O berloque

Lembrança da campanha (Ourivesaria do 103).

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A bravura da guarda municipal

Não ha virtude alguma que exerça sobre a imaginação do povo um prestigio egual ao que anda adstricto ao valor guerreiro e á coragem militar.

Sabem alguma coisa do que isso é aquelles que tiveram occasião de ver entrar n'uma cidade franceza ou n'uma cidade hespanhola um regimento em regresso de campanha; os soldados de barbas crescidas, uniformes rotos, pés nús; os ramos de louro mettidos nas boccas das espingardas e nos peitoraes dos cavallos; á frente, caminhando a passo lento, os feridos, conduzidos pelas irmãs da caridade, ao som das fanfarras, sob a palpitação da bandeira enegrecida pela polvora e furada pelas balas.

Na passagem d'esses regimentos os homens do povo empallidecem e dão vivas; as mulheres choram; e os philosophos, condemnando na guerra a expressão bestial do canibalismo, descobrem-se todavia com respeito deante dos guerreiros, porque elles são a expressão veneravel de uma virtude eterna: o sacrificio da vida pelo cumprimento do dever.

Não é inteiramente essa a impressão que o aspecto da guarda municipal produz sobre a população de Lisboa.

Por mais que os soldados d'esse esquadrão retorçam os bigodes marciaes, por mais que façam fluctuar ás brisas pacatas do Rocio os penachos dos capacetes, por mais que os seus officiaes se retesem nas presilhas das calças e nos alamares das pelissas, por mais denodadamente que elles carreguem no ôlho os kepis encarnados fazendo telintar as bainhas das espadas e as rosetas das esporas, elles não conseguirão jámais convencer-nos de que vêem de Reichshoffen ou de Balaklava.

Todos nós sabemos que elles vêem apenas da bisca da caserna, onde teem levado talvez alguns capotes dos parceiros, mas onde nunca levaram descargas do inimigo.

Estiveram talvez nos hospitaes, mas não estiveram feridos, estiveram doentes, e foi nas enfermarias apenas que elles se illustraram tragando balas, não das da fabricação de Krupp, mas das do formulario de Ricord.

Elles nunca viram outro sangue senão o que teem arrancado das costas dos seus concidadãos desarmados.

Tal é a razão porque, quando a municipal apparece, e que perante os chapeus de chuva — descarregados — da população, ella desembainha os sabres e prepara para a carga a mão de redea, o povo, que canta Offemback, o povo que conhece o seu general Boum e o seu capitão Fritz, faz pés de nariz e apupa a guarda.

O destino d'essa tropa é receber os apupos e guardal-os.

O furor bellicoso de uma cavallaria que nunca entrou em guerra, que nunca avançou para cima das bayonetas, que nunca viu deante de si fuzilar as descargas, e que em plena paz, ás tres horas da tarde, descendo do quartel *por quatro caminhos*, segundo a estrategia da *Grã Duqueza*, toma d'assalto a Casa Havaneza, faz render á discrição o café da Trindade, e occupa militarmente o portal do sr. Barros e Sá, prendendo, atropellando, escalavrando á cutilada tudo quanto encontra—o furor bellicoso de uma tal cavallaria, dizemos, é um facto puramente grotesco, e não tem senão um commentario — a troça.

Entre a multidão espadeirada pela briosa municipal cahiram homens, mulheres e creanças escorrendo sangue, e deante d'esta scena um pouco lugubre para uma farçada militar, os corações sensiveis pedem mais do que troça, pedem vingança.

Mas a troça basta. As instituições combatidas podem resistir e manter-se. As instituições apupadas caem.

Para marcar os personagens condemnados ha hoje um stygma mais indelevel que o ferro em brasa, ha a alcunha ridicula.

Quando os despostas teem a estatura politica do sr. José Luciano, o *Fios seccos*, e a estatura militar do sr. general Macedo, o *Berloque*, o povo para resistir não precisa de levantar barricadas, basta-lhe carregar simplesmente — uma seringa.

Os vivas á Republica

Diz-se que foi por se terem dado vivas á Republica que a municipal prendeu e acutilou a população de Lisboa e que o sr. ministro do reino applaudiu a municipal pelo modo intelligente como ella soube comprehender o seu dever.

Esta explicação pede alguns commentarios.

Dar vivas á Republica não é outra coisa mais do que a communicação de um pensamento ácerca de uma das formas de governar os homens.

Ora a carta constitucional diz no artigo 145 § 3º que *todos podem communicar os seus pensamentos por palavras e escriptos.*

O mesmo artigo diz no § 1.º que *nenhum cidadão póde ser obrigado a fazer ou a deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei.*

A carta portanto auctorisa-nos por um lado a dar vivas á Republica e prohibe por outro lado que os poderes publicos nos obriguem a deixar de os dar, porque não ha lei alguma em virtude da qual se considere um delicto o dar vivas.

Como tentativa de renovação politica é claro que os vivas á Republica não teem sentido nem alcance.

As monarchias constitucionaes fundam-se com uma carta, com um hymno e com algum vivorio, assim como as monarchias absolutas se fundavam com uma bulla ou com um breve pontificio.

As republicas toda a gente sabe que se não fazem se não com idéas, com principios e com as adhesões geraes e conformes da vontade do povo.

Desde que se prende um homem por dar vivas á republicas não vemos razão alguma logica para que deixe de se prender egualmente qualquer outro por dar bons dias ao rei.

Nós porém não discutimos de modo algum o direito que qualquer auctoridade constituida possa ter ou se possa arrogar para nos prender sempre que isso lhe apraza.

O que pedimos licença para contestar não é o direito de prender, é o direito de soltar.

Estamos perfeitamente prontos para ser presos. Emquanto a ser soltos reclamamos o cumprimento d'algumas formalidades.

Para soltar não basta que o mesmo cabo de esquadra que nos levou por um braço para o calabouço nos traga pelo outro braço para a rua.

É preciso que antes d'isso um juiz competente nos julgue. Porque desde que ha uma prisão ha um crime. Se a prisão é legal o criminoso é o capturado. Se a prisão é arbitraria o criminoso é o captor.

Submettemo-nos pois sem condições a que um cabo nos prenda. Que o cabo nos solte achamos que se lhe não póde permittir senão com uma leve condição: a de ficar preso elle mesmo.

O sr. Emygdio Navarro declarou na camara electiva que o *Antonio Maria* é um jornal perigoso para as instituições vigentes. Depois d'essa declaração terminante espalhou-se o boato de que o sr. Navarro é collaborador d'este periodico e associado nos seus lucros. Tal boato é perfido, alcivoso e inteiramente destituido de fundamento. O sr. Navarro não tem interesse algum pessoal na prosperidade d'esta folha. A declaração de s. ex.ª é insuspeita e nobre.

O *perigo das instituições*, como eloquentemente se exprimiu o inspirado orador, procurará merecer o lisongeiro conceito em que é tido, continuando a ser colorido e a assignar-se na Travessa da Palha n.º 140.

De

Aye, ó guarda municip

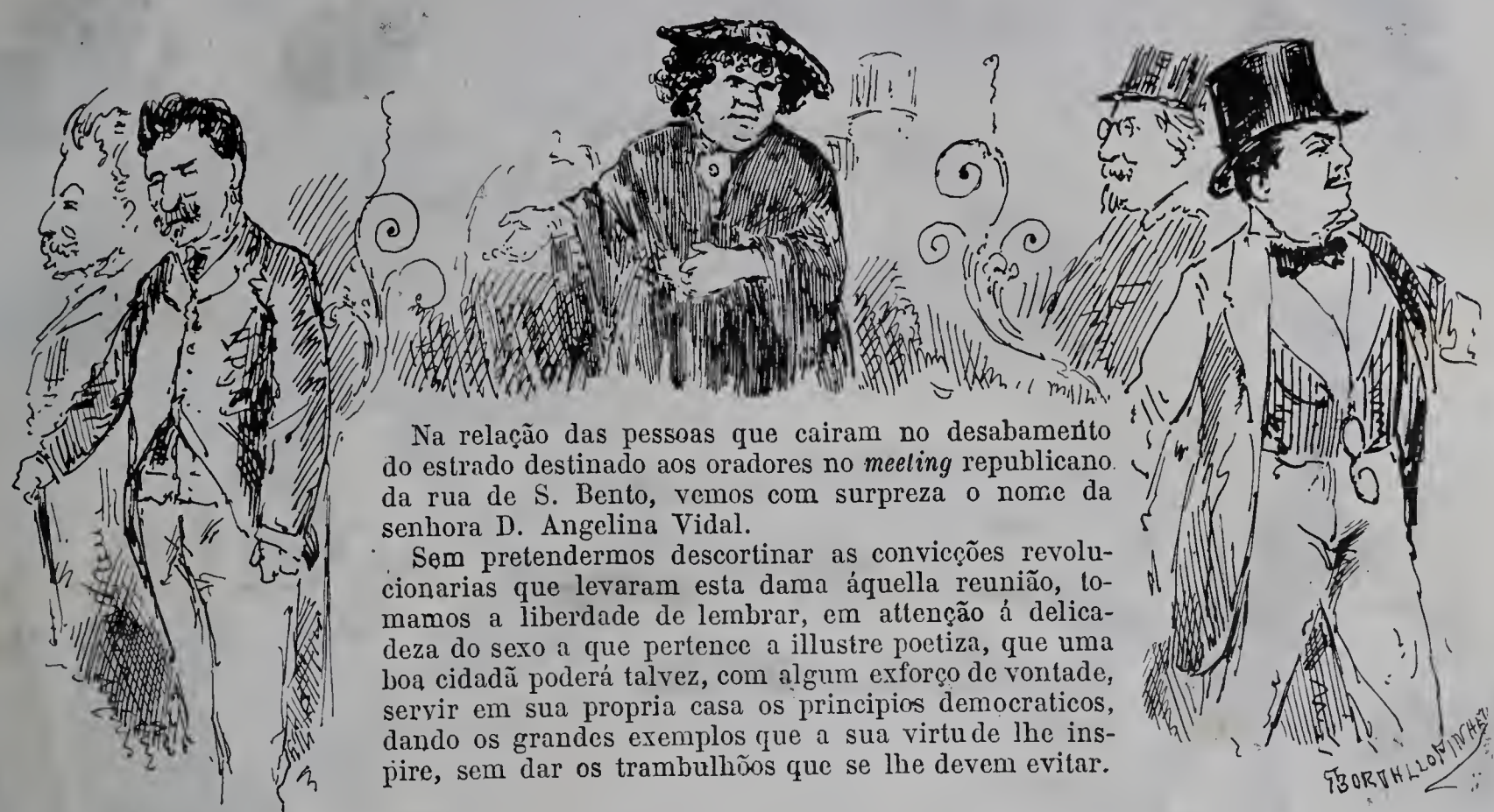
batalha

Os vencidos te saudam!

O pianista Rubinstein

Opinião da critica: — É o primeiro pianista do mundo.
Opinião do cartaz: — Costuma levantar-se ao acabar de tocar; desconfia se os outros se levantam, e vae-se embora se lhe fazem bulha.
Nossa opinião: — Massador! primeiro, porque é sublime, e segundo porque é horrendo.
Opinião d'elle: — Morreu o czar: por consequencia sepulto-me eu!
Opinião do Macario: — O invejoso fugiu.

Casos da semana



Na relação das pessoas que cairam no desabamento do estrado destinado aos oradores no *meeting* republicano da rua de S. Bento, vemos com surpreza o nome da senhora D. Angelina Vidal.

Sem pretendermos descortinar as convicções revolucionarias que levaram esta dama áquella reunião, tomamos a liberdade de lembrar, em attenção á delicadeza do sexo a que pertence a illustre poetiza, que uma boa cidadã poderá talvez, com algum exforço de vontade, servir em sua propria casa os principios democraticos, dando os grandes exemplos que a sua virtude lhe inspire, sem dar os trambulhões que se lhe devem evitar.

Relação nominal e pittoresca dos srs. deputados que approvaram o tratado de Lourenço Marques

(1) Marianno de Carvalho. — (2) Antonio Ennes. — (3) José Luciano de Castro. — (4) Emygdio Navarro. — (5) Anselmo Braamcamp. — (6) Adriano Machado. (*Continúa*).

No meeting de S. Bento

Segundo o governo, este *meeting* não pede Lourenço Marques, pede chuva.

No meeting de S. Carlos

Tomando a manifestação de S. Carlos pela *conjura* dos Huguenotes, o governo pateia-a.

Os srs. ex-ministros na rua

— Os srs. atrevem-se a apparecer-nos á porta com mais estadulhos e mais albardas para o povo?
— Escutem lá!... baixinho... Isto já não é para o povo, é para o rei, que está cada vez mais *capa* dos outros que lá estão agora.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo 12

As declarações feitas pela imprensa ministerial ácerca das caricias applicadas pelos soldados da guarda municipal ao povo de Lisboa, depois dos ultimos meetings, respondemos com o retrato fiel e authentico de um dos acariciados.

Não fomos procurar este caso ao hospital ou ao Limoeiro, onde existem outros. Citamos um facto de nossa propria casa.

Francisco José da Silva é um dos distribuidores do *Antonio Maria*. Mora na travessa da Oliveirinha a S. Lazaro, n.º 10.

Na occasião em que elle vendia um supplemento no largo de S. Carlos, um soldado da guarda municipal, sem nenhuma especie de intimação ou aviso prévio, deitou-o por terra desmaiado, dando-lhe uma coronhada na cabeça.

Foi preso em seguida para o calabouço do quartel do Carmo, sem nenhuma outra culpa formada alem da de distribuir o *Antonio Maria*.

Entregue finalmente a sua mãe, que foi pessoalmente requizital-o ao quartel, e recolhido em sua casa, teve ahi uma syncope bastante longa e um accesso de febre que durou tres dias.

A parte do osso frontal em que foi preciso rapar o cabello para proceder ao primeiro curativo está coberta de uma larga mancha negra vestigio do sangue derramado nos tecidos subcutaneos.

O doente principia apenas agora a caminhar na rua.

Está curado já? Ninguem o póde affirmar. Entre os differentes phenomenos morbidos a que pode dar origem a contusão do craneo — a meningite, a perda da vista, a perda da audição, o enfraquecimento intellectual, o ediotismo, a congestão cerebral, etc. — nem todos se succedem immediatamente ao golpe. Nos casos de traumatismo entre a causa e o effeito medeia ás vezes um periodo bastante longo de gestação latente e inapreciavel.

Duas palavras, agora, a respeito do bandido esmagado pela guarda municipal com o applauso jubiloso do sr. ministro do reino, da sua imprensa jornalistica e da sua maioria parlamentar.

Francisco José da Silva tem treze para quatorze annos de edade. Vive do seu trabalho e sustenta com o fructo d'elle a existencia de sua mãe.

É facil chamar-lhe um garoto. Demonstrar que elle não é um cidadão exemplar é mais difficil.

Na edade em que os meninos bonitos da burguezia e da nobreza sabem apenas fumar cigarros ás escondidas no *water-closet* dos nossos lyceus, este gaiato educado por si mesmo no rude conflicto da vida, luctando, livre e só, valentemente, exerce uma industria honrada e com o seu braço de adolescente sustenta uma casa e mantem uma familia.

Se em toda a maioria parlamentar de uma e da outra camara, se em toda a imprensa jornalistica do ministerio, ha alguem que tão cedo como este maltrapilho tivesse começado a ser um homem de bem, que esse levante um dedo para o ar!... Queremos-nos descobrir na sua presença.

Se não ha ninguem que se accuse, pedimos licença para dizer que este farrapão tem ao respeito e á consideração dos seus similhantes direitos que vos faltam a vós outros, dignos srs. deputados e illustres srs. jornalistas.

Vós terminaes a vossa vida de rastos aos pés de um governo, e elle principia a sua de cabeça alta e espinhaço firme, face a face com a independencia e com a liberdade.

Vós descarapuçaes-vos servilmente deante de dois mil eleitores, e elle não tira o barrete senão aos seus amigos.

Vós sois mandados, e elle não obedece a ninguem.

Vós votaes impostos, e elle paga-os.

Vós intrigaes, e elle trabalha.

Vós pedinchaes empregos, e elle reparte pão.

Vós pertenceis ao velho mundo official, desprestigiado e pôdre que se dissolve no desprezo e no escarneo publico, e elle pertence ao mundo novo que se reconstitue no trabalho e na honra.

Estes pequenos titulos de superioridade civil e de superioridade moral, accumulados, juntamente com as vossas coronhadas, sobre a cabeça d'este marioia, parece-nos que poderão constituir para elle a consagração de um direito pelo menos: — o direito de fallar.

É pois, em nome do sicario, distribuidor do *Antonio Maria*, brutalmente espancado, que nós temos a honra de vos dizer, srs. poderes publicos, que o vosso procedimento, além de bestial, é covarde e cynico.

Ha seis dias que na rua dos Milhões, perto da praça de S. Miguel, em Petersburgo, uma detonação medonha rebentava á portinhola da carruagem do czar Alexandre II. Os vidros estalam na caixilharia das janellas em todas as casas das duas margens do Neva. Uma nuvem espessa, de fumo grosso e amarellado, envolve por um momento as equipagens do imperial sequito. Depois o fumo sobe lentamente, difunde-se no ar, e descobre, como n'uma mutação de theatro, por traz do pano do fundo, o corpo exanime do imperador e autocrata de todas as Russias, rei da Polonia, Grã-Duque da Filandia, estirado, como uma simples e lamentavel besta morta, sobre a lama da rua. A explosão da bomba que lhe rebentára aos pés, estripára-lhe o ventre, varrera-lhe do peito as condecorações e as agulhetas do uniforme, e fizera desapparecer mysteriosamente da sua cabeça o capacete d'aço recamado d'ouro.

Ha seis dias que a Europa inteira chora sobre essa catastrophe sangrenta, e todos perguntam com que direito infernal ousa o nihilismo, em nome de um programma secreto, que ninguem ainda viu, que ninguem conhece, levantar a mão para o que o ha de mais sagrado e de mais inviolavel na terra — a vida de um homem.

Nós detestamos as grandes phrases e não as queremos fazer. Mas, francamente, em estylo familiar, hão de nos dizer uma coisa:

Parece-lhes que haja uma differença bem incommensuravel entre uma bomba de nitro-glycerina atirada por um partido em revolta ás pernas de um velho monarcha, e uma coronhada dada por um governo constituido sobre a cabeça de um pobre pequeno?

A bomba é talvez mais espectaculosa, mas a coronhada não é menos brutal nem menos estupida, — e é mais biltre...

Consta-nos que depois da ultima campanha o sr. general Macedo se recolhera a descançar em Estremoz.

Esperamos que as influencias d'aquella pacifica localidade actuem de um modo benefico nos figados bellicosos de s. ex.ª

Saido d'aqui chifarote, fazemos votos porque s. ex.ª nos volte d'além moringue.

Possa o povo, que tantas vezes o viu cheio de ardor guerreiro, vêl-o ainda um dia cheio d'agua da Sabuga!

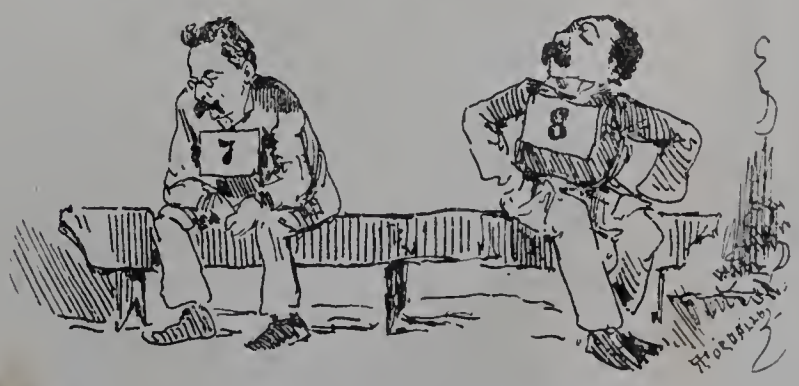
O sr. Pereira Dias tinha-o predito no seu ultimo discurso. *Os sujeitos* — affirmou s. ex.ª — *cahem para o lado para onde se inclinam.* Apesar d'este aviso, o ministerio, imprudentemente, inclinou-se para a porta da rua.

Casos diversos

Na opera de Ambroise Thomas, no theatro de S. Carlos, o pae de Hamlet, querendo ser agradavel ás instituições lisbonenses, atravessa a esplanada do castello debaixo da forma de guarda nocturno.

Na camara dos pares o sr. visconde da Gandarinha assumiu o cargo de fiscal das entradas de porta.

Relação nominal e pittoresca dos srs. deputados que approvaram o tratado de Lourenço Marques



(7) Saraiva de Carvalho — (8) Elvino de Brito.

ZÉ PROMETHEU

Esculptura em barro cosido de Lourenço Marques

Aos srs. ministros offerece o *Antonio Maria* esta lembrança para decoração do novo gabinete.

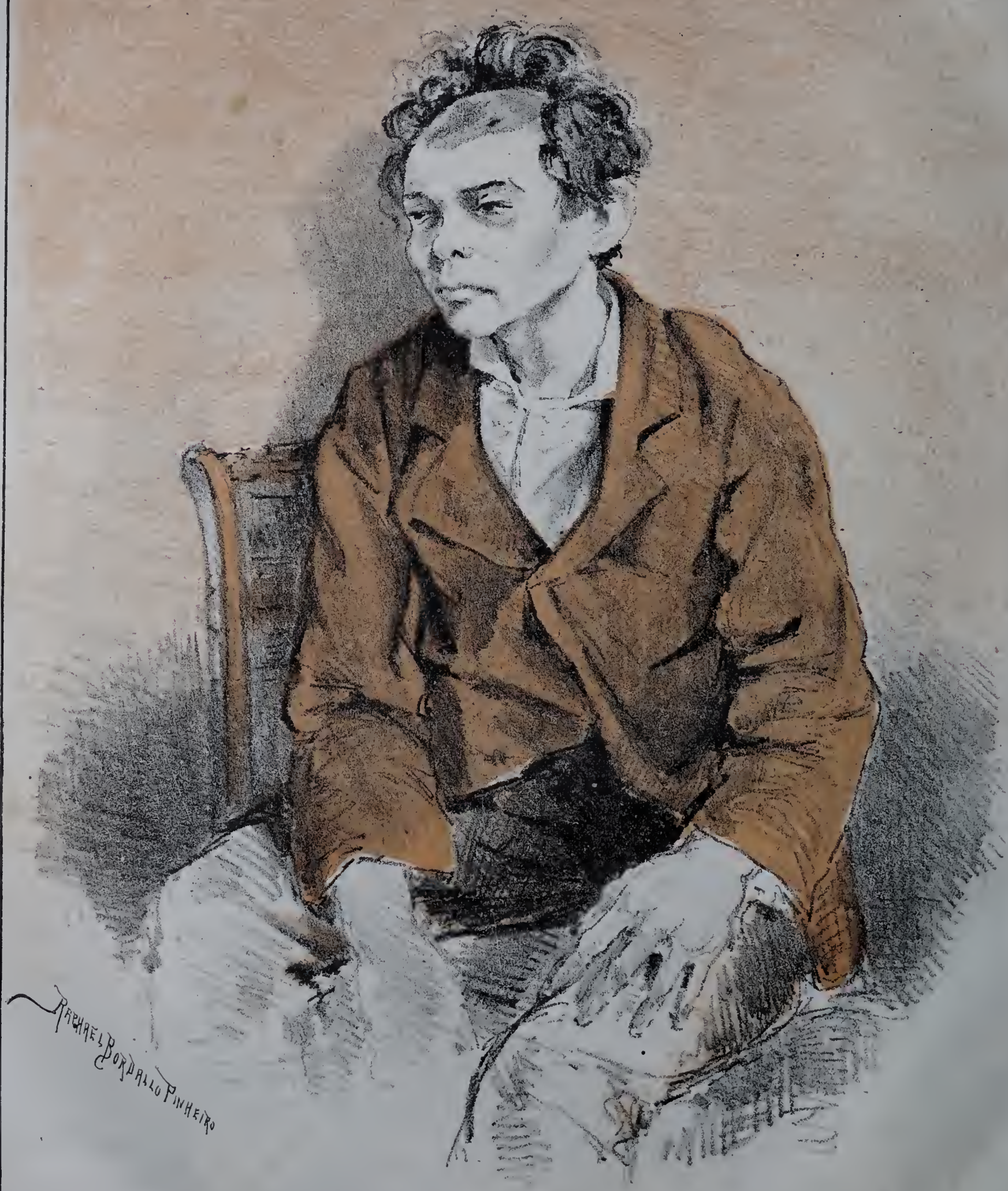
A serração da velha

A carriça deu um berro,
Toda a gente se espantou:
Só uma velha ficou
Embrulhada n'um chinello

A CRISE MINISTERIAL

A situação na Ajuda

Apontamentos para os fastos guerreiros da guarda municipal



Francisco José da Silva, distribuidor do «Antonio Maria» espancado pela guarda municipal no dia 13 de março de 1881

Entre os dois festeiros

(AO DESFAZER DO ARRAIAL)

O poder occulto do exercicio findo entrega ao poder occulto da nova gerencia o «cargo» da festa, o qual se espera que volte melhorado para o anno que vem.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A Mocidade

Da subida dos novos ministros aos sete *coupés* da companhia pagos pelo estado para fazerem a recovagem da ordem publica entre o Terreiro do Paço e o Palacio da Ajuda, sobresae um facto fecundo de ensinamento e de lição para os espiritos juvenis

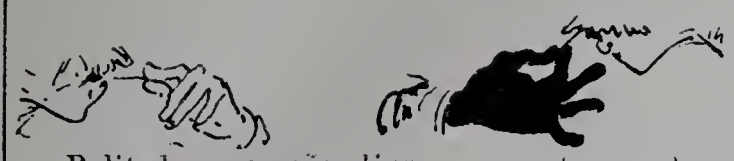
Esse facto é o sr. Barros e Sá.

Poude os olhos n'elle, ó mancebos, e considerae quanto pode, representada n'este cavalheiro, a força da vontade dirigida d'onde quer que seja para cima de um ponto dado!

O vulto conspicuo que n'este momento sobraça victorioso a pasta dos negocios ecclesiasticos e da justiça nunca desejou outra coisa na terra senão essa pasta, e nunca fez mais nada sobre o orbe senão esperar por ella.

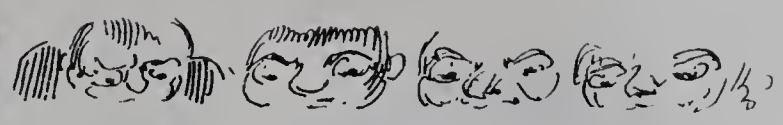
Elle nasceu com um pé estendido para o estribo da tipoia a que subiu agora, e com um palito na bôcca, dando a entender com esse palito que vinha ao mundo satisfeito e saciado de todos os bens terrenos, não lhe appetecendo de todos os acepipes mundanaes — sciencia, amor, arte ou carne assada — senão unica e exclusivamente este manjar, a confiança da corôa para a gerencia dos negocios publicos.

Esse palito, bem conhecido na historia dos ultimos cincoenta annos nunca mais abandonou a bôcca discreta do grande homem. Esse palito é hoje septuagenario. Está coberto de bons serviços prestados aos molares de seu dono, e carregado de experiencia de tudo quanto se tem mastigado no seculo desde a Maria da Fonte até á ultima revolta do vinagre.

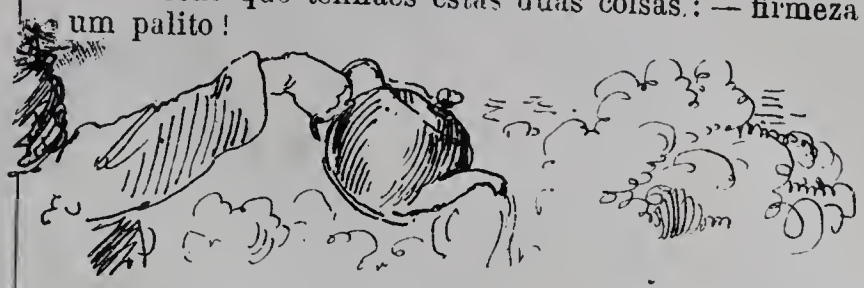


Palitado com mão diurna e nocturna durante toda a evolução do seu tempo, o sr. Barros e Sá, firme no seu heroico posto de palitante, immovel, convicto e intemerato, viu os acontecimentos coroarem a pouco e pouco a firmeza inabalavel das suas convicções.

A gloria veiu buscal-o pela ponta do palito e levou-o successivamente aos chás metaphysicos servidos pelo sr. duque d'Avila aos seus amigos politicos dentro de um bule para esse fim fechado á chave no fundo de um armario; levou-o depois ao supremo tribunal de guerra e justiça; levou-o á camara dos pares; e acaba finalmente de o depôr como ministro nos altos conselhos da corôa. *Consumatum est.*



Meditae-o bem, mancebos! e ponderae como é bello e ridente o mundo em que a Divina Providencia vos permittiu que nascesseis e no qual podereis alimentar a certeza de chegardes ao mais alto fastigio da grandeza desde que tenhaes estas duas coisas: — firmeza e um palito!



Precisareis tambem um pouco — não vol-o escondemos — que os chás do sr. duque d'Avila vos baptisem para a fortuna. Mas por esse lado socegae, que essa fonte lustral está ainda mui longe de estancar-se. O bule do nobre duque arrecadado no sacrario augusto da moralidade e da economia de s. ex.ª, continua a estar ainda hoje tão completamente vasio como no primeiro dia em que elle brilhou pela sua admiravel ausencia nas egapes mysticas do venerando patriarcha.

Portanto, o jovens, se quereis ser grandes, sêde firmes na convicção de que o sois e tomae lá um palito. Palitae-vos

Em Alcantara, tumulto popular em resultado de uma desavença entre dois mudos do sitio. A Guarda Municipal, intervindo, acutilou o povo, e fez grande numero de feridos na multidão.

Dirá a Guarda que ainda d'esta vez os cabeças de motim levantaram *gritos sediciosos* contra a segurança das instituições vigentes?

A Guarda é capaz de o dizer, mas o sr. ministro do reino tem obrigação de mandar desarmar a Guarda, deixando-lhe unicamente as patronas. Porque a Guarda não se fez para dar, fez-se para levar. É precisamente para isso que se lhe paga. Para dar não precisamos dos soldados bastam-nos os mudos.

Por occasião do tumulto a que nos referimos uma pedrada foi lançada a uma das carruagens do sequito de sua magestade, que passava então por Alcantara.

Ora é preciso que os de Alcantara saibam que ha varios modos licitos de discutir, de combater e até de *achincalhar* a monarchia, mas, nem sequer entre os modos da ultima cathegoria a que nos referimos, se póde admittir o de tratar qualquer instituição que seja como se trata o proprio *chinquilho*.

Que os mudos de Alcantara tenham entendido que por muito mais mudos que lhes pareçam os canaristas do soberano, elles nunca o são tanto que se torne absolutamente preciso abrir-lhes á pedra ouvidos novos — nas testas!

A Carlos Relvas, pelas suas photographias reproduzidas pela gravura no ultimo numero da *Volta do Mundo*, os nossos cumprimentos.

OS SAM

1.º Sampadius Rusticus Pata que Redonda.—2.º Barros e Sá, bacharel for
de Vilhena, collega do sr. Barros e Sá por uma carta de bacharel e collega
dos homens, do qual se espera com justos fundamentos que cubra o pai
degas, natural de Sabroza — 6.º Sanches de Castro, coronel, terror do inim

DOCEOS

pela universidade de Coimbra e pela escola avançada dos liberaes pacatos.—3.º Julho
. Brito Aranha por uma carta de Victor Hugo. — 4.ª Hintz Ribeiro, o mais triste
nausoleus por conta das obras publicas. — 5.º Lopo Vaz, inspector geral das alfan-
ndo pela salada de camarões a dedicação propria da sua patente

A prova da farda

(Scena intima)

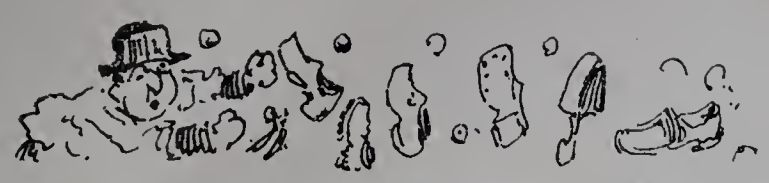
— Emprestas-m'a?
— Não; alugo-t'a.

— Por aquillo que nós sabemos?
— Sim: pelos trinta dinheiros.

— Toca a vestir!
— Estás um brinco! .. Olha que são trinta dinheiros por cada vez!

— Tambem com os teus trinta dinheiros estás-me a parecer o villão em casa do teu sogro!
— E é se lhe não deitares porcarias... quero dizer portarias; porque se a pingares, então e mais!

— E assentas-me as costuras, meu genro?
— Não, elles lá t'as assentarão, meu sogro!



O sr. Padre Napoleão, prégando na egreja do Desterro, encontrou no pulpito d'aquelle santuario o seu Waterloo. Os fieis patearam o sacerdote. Damos-lhe os nossos sentimentos.

Emquanto aos fieis temos a dizer lhes que elles deveriam estar quietos na egreja ou não ir lá. Desde que lá se encontram o baterem com os pés, em qualquer outra parte que não seja nos proprios peitos, não é de fieis christãos é simplesmente de fieis patifes.

O novo sr. ministro da guerra annunciou ao parlamento que para se fazer uma reforma conveniente no exercito são apenas precisos nove mil contos e algum talento.

Pedimos enternecidamente a s. ex.ª que sobresteja no seu projecto de nos reformar a tropa até vermos se isso se poderá arranjar com nove mil talentos e sem conto nenhum.

A hilariante descoordenação dos partidos politicos está dando origem a um phenomeno extremamente pittoresco e recreativo,

Os partidos já se não revezam no poder pela ordem dos principios que fingiam representar.

A questão das ideias, apezar de tão inoffensiva quanto puramente nominal, está posta completamente de parte para dar logar á questão dos sujeitos. As idéas pararam, mas os individuos teem pressa. Assim o partido regenerador cessou de ser o partido da regeneração para se desmembrar no grupo dos *barjonaceos* e no grupo dos *fonticulistas*. Agora sobe ao poder o grupo dos *sampadocios*. Deixem amadurecer mais um pouco o palito do sr. Barros e Sá, e verão que ainda havemos de ser governados por um ministerio — de *barrosões!*

A entrada dos dois Barros na camara

Com o ministerio velho.

Com o ministerio novo.

As commoções nervosas de um novo ministro

Que choque!

Que cheque!

Que chic.

João que chora e João que ri

Um vae para director da Junta do Credito Publico; o outro não vae para patriarcha das Indias.

ANNO III

O ADIAMENTO

Chamados aos conselhos da corôa em virtude de profundo conhecimento que tinham das questões pendentes da sancção parlamentar, os novos ministros fecham o parlamento para irem estudar as questões referidas.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo, 13

O sr. Virchow e os liberaes portuguezes

Na primeira pagina de uma memoria apresentada á Sociedade de Anthropologia de Berlim, na sessão de 20 de novembro passado, o professor Virchow, referindo-se ao congresso anthropologico de Lisboa, escreve as seguintes linhas:

«Ás pessoas que não conhecem os membros do congresso, recommendo os numeros ... do *Antonio Maria*, espirituosa folha litteraria, a qual, em caricaturas de um exito fóra do commum, apresenta as circumstancias e os pormenores mais importantes do congresso com uma liberdade de exame, de que nós outros, apesar do progressivo desenvolvimento da nossa imprensa, não temos por emquanto exemplo algum.»

Apesar de toda a reprehensivel immodestia que possa transparecer da transcripção d'essas linhas, nós não podemos deixar de fazel-a. A referencia do doutor Virchow encerra alguma coisa mais do que um simples cumprimento ao *Antonio Maria*, ella revela, ácerca do modo de comprehender a liberdade do pensamento, um ponto de vista que é util confrontar com o dos legisladores portuguezes que ainda ha poucos dias citavam no parlamento esta folha como um *phenomeno perigoso*.

Não se diga, para explicar esta differença de apreciação, que o sr. Virchow é apenas um sabio e um critico de gabinete, em quanto que os legisladores a que nos referimos são homens politicos que debatem na esphera pratica as suas idéas e procuram converter em factos as suas opiniões. O sr. Virchow, além de ser um dos primeiros sabios da Allemanha, é tambem um membro do parlamento, é o chefe de um grande e poderoso partido politico, e por mais de uma vez elle tem medido vantajosamente a sua influencia de estadista com a do proprio principe de Bismarck. Os seus principios ácerca da liberdade da imprensa e da liberdade da arte não são pois puramente especulativos e platonicos; elles teem toda a importancia de uma opinião politica, cathegoricamente accentuada e definida.

Na auctoritaria Allemanha, um homem com todas as responsabilidades de chefe de um enorme partido, affirma que o *Antonio Maria* é na imprensa um exemplo de progresso na *liberdade de exame*.

Liberdade de exame: tal é o nome que se dá na barbara Allemanha ao uso do direito de apreciação a que no culto parlamento portuguez se chama — um perigo.

E dizem-se liberaes, em Portugal, estes sujeitos que acham a liberdade perigosa! Elles amam-a, mas querem-a fechada á chave; querem-a com um cinto de segurança pudica; querem-a vigiada, espiada, escoltada pela guarda municipal, abonada nos registros da policia e visitada pelos fiscaes da salubridade publica; querem-a legalisada finalmente, isto é: querem-a com um açamo, com uma colleira, com um regulamento e com um numero.

Mas, senhores, se a liberdade fosse effectivamente como vós quereis, ella seria indecente, e o amor que vós lhe consagraes seria torpe.

Quando nos dissermos liberaes, é preciso que tenhamos perante essa affirmação o pudor da logica.

Na Allemanha ha dois partidos distinctos.

Um é auctoritario, e esse, quando se encontra no seu caminho com a liberdade, esmaga-a.

O outro é liberal, e este, quando a liberdade lhe apparece, qualquer que seja a fórma porque ella se manifeste, descobre-se e respeita-a.

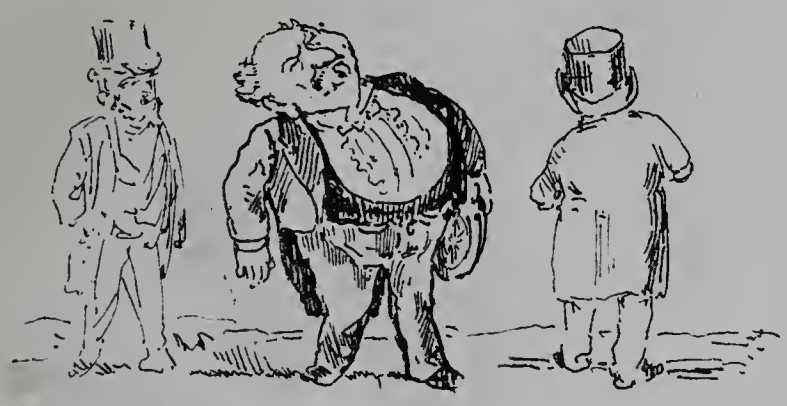
Essa é que é a logica, porque não ha liberdades restringidas, assim como não ha virtudes desfloradas. Toda a liberdade attenuada deixa de ser liberdade, para ser apenas uma expressão do despotismo applicado.

Ter amor á liberdade, e ter-lhe ao mesmo tempo medo, não é de *liberal*, nem é de *auctoritario*. E' unicamente de *basbaque*.

NOS THEATROS

Em S. Carlos, encerramento. A companhia dispersou, e as portas do templo fecharam-se, deixando lá dentro muitos fieis que não apparecem n'outra parte e que não tornaremos a ver senão para o anno que vem.

Entramos na estação morta para todo o dilettantismo



— referimo-nos ao sr. José Carlos, e para os jovens —

referimo-nos ao sr. conde de Mesquitella.

No theatro do Gymnasio o publico sendo-lhe recusada a Marselheza, quebrou os bancos, quebrou as cabeças e atirou á platéa com a mobilia da terceira ordem.

Prohibir a Marselheza, que e o hymno nacional de uma nação alliada e amiga, parece-nos absurdo mas, substituir a composição de Rauget de Lisle pela demolição do theatro e do publico parece-nos incongruente.

Se queremos ir outra vez, como a *grande armée*, implantar atravez da Europa com as pontas das bayonetas os *direitos do homem*, exija-se a *Marseillaise*. Mas se o que pretendemos apenas é fazer pacatamente uma berrata incruenta de *vivas* e de *peus*, para isso bastará talvez que nos toquem o *Negro Melro*.

O sr. ministro da marinha na sociedade de Geographia

Dizem os jornaes da semana que o sr. Julio de Vilhena projecta apresentar proximamente á sociedade de geographia o seu programma de administração colonial, pedindo para esse plano de reformas a discussão e o voto d'aquella sociedade de instrucção amena.

Nada temos que oppor á confiança que o sr. Julio de Vilhena deposita como philosopho e como sabio na auctoridade dos nossos geographos; mas como politico, como parlamentar e como ministro, parece-nos que sua ex.ª, confiando um pouco mais na competencia da sociedade geographica do que na do centro regenerador, na do parlamento e na do conselho de ministros, dá um bem bom golpe de canivete, pelo qual lhe fazemos os nossos cumprimentos, no seu contracto conjugal com as instituições officiaes e com a politica vigente.

Ao primeiro mez de consorcio, na lua de mel do ministerio, esta escapada do noivo é de um ratão que promette.

Ávante D. João!

A

Mais uma

AÇÃO

eal senhor!

O nariz de Mademoiselle Borghi-Mamo

HISTORIA DA IMPRESSÃO PRODUZIDA PELO ASPECTO DO APPENSO NASAL D'ESSA CANTORA NO ESPIRITO DO PUBLICO

No primeiro mez da estação.

No segundo mez.

No terceiro mez

No quarto mez.

Ao acabar a temporada.

Moralidade: Não ha bem que sempre dure nem nariz que não acabe.

Na ultima noite de S. Carlos, alguns espectadores dos *fauteuils* discutiam em voz alta, á entrada oriental da superior.

A policia acudiu em massa áquelle ponto do theatro, suppondo que os *dilettanti*, a que nos referimos, se dispunham a fazer uma revolta,— talvez mesmo uma salada! — e que elles iriam d'ali a uma tenda comprar vinagre.

E os *dilettanti*, surpresos pela onda policial:

— Mas só a guarda civil é pouco para decidir a questão que nós ventilamos; venha tambem a cavallaria! venha um esquadrão!

Eis senão quando, repentinamente, a um postigo que deita do camarote da auctoridade para a entrada da superior, assoma, inesperado e terrivel, como de um alçapão de magica, um kepi e uns occulos. Era o sr. commandante da municipal. S. ex.ª botou ao grupo esta falla:

O esquadrão sou eu! a cavallaria está aqui!

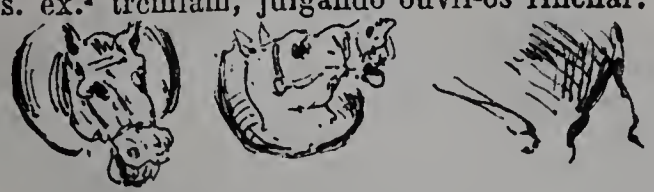
E s. ex.ª indicava o seu proprio peito, batendo em si mesmo, em quanto não principiava a bater nos outros, uma punhada rispida.

Este importante traço autobiographico do sr. commandante deve ser registrado, porque elle nos revela, sobre o uso secreto dos agasalhos interiores de s. ex.ª, um esclarecimento que deve passar á historia: Aqui assim, no peito, no logar em que nós outros trazemos por baixo do peitilho da camisa um plastron de flanella, o que aquelle guerreiro usa, elle, é uma cavallariça.

O theatro de Nice ardeu ha dias, e o incendio fez cento e tantas victimas; mas em S. Carlos corremos um perigo muito maior. Imaginem que o sr. commandante da municipal, em vez de bater simplesmente no peito da farda em que traz a cavallaria, se tinha desabotoado...

Horroroso!

A simples proclamação de s. ex.ª produziu no auditorio um immenso panico. O grupo de que fizemos menção dispersou aterrado, e os conspiradores que o compunham, olhando depois d'isso para os botões do uniforme de s. ex.ª tremiam, julgando ouvil-os rinchar.



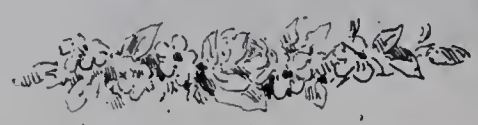
O novo governador civil

Sr. conselheiro Arrobas, funccionario escolhido pelo actual governo para offerecer á hydra da anarchia do districto os ramilhetes que s. ex.ª se encarregava de distribuir no parlamento aos deputados do governo transacto.

A GYMNASTICA ESPECTACULO DO CIRCO E A GYMNASTICA ESCOLA DA NAÇÃO (VIDÈ TEXTO)

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 41

A sua excellencia o sr. Governador Civil



Sr. Conselheiro. — Ao mesmo tempo em que as boninas principiavam a desabrochar nos prados desabrochou v. ex.ª no governo civil de Lisboa. Estamos pois dentro do dominio da primavera e do de v. ex.ª Gloria a Deus nas alturas e parabens na terra aos homens!

D'aqui a quinze dias, sr. conselheiro, vamos ter calor, e será então o momento de vermos desembainhado de dentro do chapéo de sol burguez de v. ex.ª o alfange da lei que o governo lhe confiou.

Lisboa terá poeira e cheirará mal para a semana que vem. E' o inimigo que chega.

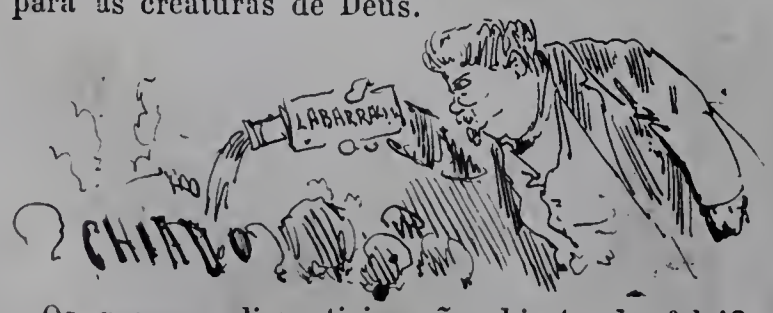
Esse inimigo chama-se a infecção.

V. ex.ª atacando ha poucos dias a *Marselhesa*, incorreu n'um pequeno equivoco ácerca das origens do mal que padecemos.

Nós estamos talvez um pouco republicanos, mas o que estamos principalmente, e antes de tudo, é podres.

Os canos da cidade, como v. ex.ª sabe, teem este defeito: acham-se entupidos. As immundicies, represadas nas respectivas arterias, fazem bôlha e apparecem em borbulhas nas paredes interiores das habitações. Coçadas, essas borbulhas distillam sumo de cano. Não é agradavel para as familias.

No Chiado o olphato do sr. Bispo de Vizeu reconheceria facilmente que *andam coisas no ar*, exactamente como na camara dos pares. Essas coisas são exhalações mephiticas. Veem-nos dos camiseiros mortos e insepultos junto dos seus balcões? Ou veem-nos dos janotas em dissolução de dandysmo, que pousam cobertos de tedio e de moscas nos passeios d'aquella via publica?... V. ex.ª nol-o dirá no seu proximo relatorio, tendo em vista que, se os cheiros do Chiado procedem dos cadaveres dos logistas, é preciso deitar cal nas lojas; se elles procedem da dissolução do janotismo, é preciso purificar os janotas, espanando-os bem espanados, tirando-lhes as teias de aranha e lavando-os com assencias desinfectantes. A agua de Labarraque não se fez só para as pias, fez-se tambem para as creaturas de Deus.



Os generos alimenticios são objecto de falsificações que os convertem, umas vezes, em venenos que os Borgias se não dedignariam de catalogar na sua collecção de familia, outras vezes, mais anodinamente, em simples materias colorantes que o sr. Cambournack acceitaria agradecido como materia prima da sua industria de tintureiro.

O vinho que a grande maioria dos nossos taberneiros nos propinam é um fluido cabalistico, uma beberagem de bruxas, em que os alchimistas da especialidade combinam jocosamente varias hervas, algum alcool extrahido de papeis sujos, baga de loureiro, tinta, um fio de vitriolo e uma uva por cada litro d'agua; e são cada vez mais raras, sr. conselheiro, as excepções honrosas constituidas por fornecedores honestos que com a mão na consciencia nos possam garantir a autenticidade do seu vinho puro, extrahido unicamente de pau campeche.

Na cerveja, que absorvemos com avidez heroica, o lupulo encontra-se apenas em doses infinitesimaes, mas em compensação acha-se tal falta amplamente preenchida pela noz vomica.

Na manteiga entra a fecula de batata, o interessante cebo e o bello acetato de chumbo, e só não entra leite.

O assucar é um engenhoso pretexto geralmente adoptado nas classes cultas para o fim de levar as familias a alimentarem-se regularmente por meio de gesso com café e de giz com chá.

Se dos toxicos representados pelos gazes e pelos comestiveis, nós passarmos aos seres vivos, a perspectiva da cidade confiada ao sabio governo de v. ex.ª não é mais aprazivel.

Emquanto no ar andam as coisas a que o sr. bispo de Vizeu se referiu e nos estomagos trabalham aquellas que nós acabamos de expôr a v. ex.ª, sobre os passeios das ruas imperam os pedintes e os cauteleiros.

Os pedintes de Lisboa são um genero unico na mendicidade europeia. Geralmente novos e sadios, cheirando a vinho e fumando cigarro, estes senhores tomam-nos familiarmente pelo braço como antigos camaradas, e pedem-nos esmola invocando a nossa caridade em nome dos seus vicios. Pertenciam a uma familia respeitavel, debocharam-se, estão agora sem brio e sem piugas: querem uma placa de dois tostões. São a deshonra da miseria.

O cauteleiro ataca, como o urso das florestas russas na estação dos grandes gelos. Quem não tiver a força e destreza precisa para se defender a murro, tem de andar pela rua Augusta armado de uma clavina e acompanhado de dois cães de fila para resistir aos cauteleiros que infestam a baixa. Todo aquelle que quer declarar a cidade em estado de sitio para seu uso, que se quer investir no direito dictatorial de perseguir e de atacar os cidadãos, pega n'uma cautella de pataco e vem com ella para a rua. Por um pataco o Campeão vende a qualquer carta branca para agarrar impunemente todos os homens e para abraçar todas as mulheres que lhe appareçam.

Eis em breve resumo, ex.mo sr. conselheiro, alguns dos pontos sobre que temos a honra de chamar a attenção de v. ex.ª. Em outras epistolas proseguiremos este assumpto, a que v. ex.ª dará — assim o esperamos — todo aquelle peso que para felicidade d'este districto tão gloriosamente se nos representa garantido em v. ex.ª tanto pela significação monumental do seu appellido como pelo volume pharaonico das suas botas, que a divina providencia conserve por tantos annos quantos os pontos que v. ex.ª calça, para commodidade dos seus calos e para orgulho eterno de todos os seus administrados.

De V. Ex.ª

Subdito timorato e respeitoso servo

Antonio Maria

Em Evora o governador civil do districto dissolveu a philarmonica denominada *Alumnos de Minerva* e apoderou-se-lhe dos instrumentos.

Comprehendemos que do codigo administrativo e do codigo penal se possam extrahir com alguma paciencia disposições que auctorisem o poder a eliminar uma corporação que offende a religião de nossos paes dizendo-se adepta de uma deusa pagã, e somos os primeiros a inclinar a fronte submissa perante as ordens dadas para esse fim pelo sr. governador civil de Evora.

Agora o que nos parece inexplicavel é que a autoridade referida se julgasse egualmente no direito de chamar a si e de encarcerar os instrumentos. Porque nós conhecemos os instrumentos d'Evora tão intimamente como lhe conhecemos o pão de ló, e sabemos que quando elles tangem, tangem pelo Todo Poderoso, ou pelo sr. deputado do circulo; nunca por Minerva! nunca por Pallas Atheniense!

Portanto o sr. governador civil d'Evora, senão quizer passar por um destestavel sicario, tem de restituir immediatamente aos *Alumnos de Minerva* os seus instrumentos musicaes, ou de provar que n'elles se encontram cornetas prohibidas — de ponta e mola.

Os espectaculos

Na proxima semana, no theatro da Rua dos Condes, beneficio do auctor do *Tutti-li-mundi*, a revista do anno que mais gargalhadas tem feito dar ao publico. Que o sr. Argus tenha dos outros tantas entradas de porta, quantas pilherias os outros teem tido d'elle!

PEÇONHAS

A união iberica e o p

Estes são pelo veneno inglez (Antidoto a *Marseillaise*).

E vista por um oculo a
Fandango e o *God save the qu*

TRIAGAS

etorado britannico

Est'outros são pelo veneno hespanhol (Antidoto o *Hymno da Restauração*).

ez da opinião d'uns e dos outros a autonomia portugueza apparece-nos ao longe balouçada entre o

A gymnastica em Lisboa

No circo de Price, espectaculo em beneficio dos pobres pelo *Club Gymnastico*.

O *Antonio Maria* tem pelo instituto que por essa occasião se exhibiu pela primeira vez a sympathia mais profunda. Trabalhar pelo aperfeiçoamento physico de uma raça é trabalhar pelo seu futuro. E' pela força physica que se reconstitue a força moral.

Nós temos apenas uma sociedade de gymnastica em Lisboa e uma outra, segundo nos consta, no Porto. Na Allemanha o numero das sociedades d'este genero eleva-se hoje a mil oitocentas e trinta e uma. D'ahi resulta um augmento enorme de vigor muscular na massa da população, o qual faz com que o exercito allemão seja hoje o primeiro do mundo pelo valor corporal dos seus soldados.

Em Portugal, paiz de magricelas, de derreados, de espinhelas — caidas, nada mais importante do que a educação physica, que o *Club Gymnastico* tem por fim popularisar.

O que lamentamos unicamente é que os membros de uma corporação tão seria como aquella a que nos referimos faltem ao respeito ao seu proprio instituto apresentando-se em publico vestidos de acrobatas ou de alcides. Não, presados srs., a gymnastica de cujo ensino vossas excellencias se devem gloriar de ser os fundadores, não é uma questão de circo nem de barraca de feira, é uma alta e grave questão de educação nacional.

E' assim que ella é comprehendida em toda a parte, não só na Allemanha, mas na Suissa, onde ha 113 sociedades gymnasticas; na Suecia onde ha 24; na Hollanda, onde ha 45; em França, onde ha 48; na Italia, onde ha 87.

E em todos esses paizes, quando os clubs gymnasticos, ou confederadamente ou cada um de per si, organisam os grandes e bellos espectaculos em que o publico aprende a estimar a força e a destreza dos musculos como uma das perfeições do homem, os gymnastas não se vestem nunca de setim e ouro como se fossem pobres e miseros saltimbancos.

A gymnastica tem em toda a parte o seu uniforme, simples, correcto e grave, como convém a bons athletas, que não apparecem em publico para receber um beneficio mas sim para dar uma lição. Esse uniforme consiste singelamente na camisola justa, sem braços, descobrindo os biceps, nas calças de flanella cingidas por um cinto e no pequeno gorro afivelado por baixo da barba com uma correia, e que se não tira nunca da cabeça, nem ao povo nem aos principes, nem ao hymno da carta, nem á Marselheza. E' o distinctivo dos fortes esse gorro. Pedimos ao *Club Gymnastico* que o adopte e que não torne mais a apparecer-nos de gibões de seda bordados a lantejoulas.

E' preciso que quem se educa para ser de bronze não tenha nunca o aspecto de parecer feito unicamente de assucar

No ultimo concerto da Trindade, o publico de Lisboa fez uma ovação a Borghi-Mamo, que estava na sala como simples espectadora. Borghi-Mamo agradeceu cantando ao publico *L'ultima bugia*. O publico de Paris não faria nem receberia melhor do seu idolo popular, a Dejazet.

As venerandas imagens do Senhor da Pedra Fria, do Senhor amarrado á columna e do Senhor da Cana Verde, expostas ao publico na procissão de domingo passado, obrigam-nos a algumas considerações anatomicas, que pedimos respeitosamente licença para expôr.

Nas imagens referidas não ha um só osso proporcionado á harmonia geral do esqueleto, e não ha um só musculo collocado no logar que physiologicamente lhe compete.

Acreditamos, sob a palavra auctorisada das pessoas piedosas, que a exhibição d'essas imagens contribua para augmentar nos fieis o fervor da fé, mas declaramos como artistas que ella offende, menoscaba e deshonra a arte.

Não poderiamos chegar a pôr d'accordo a religião e a plastica?

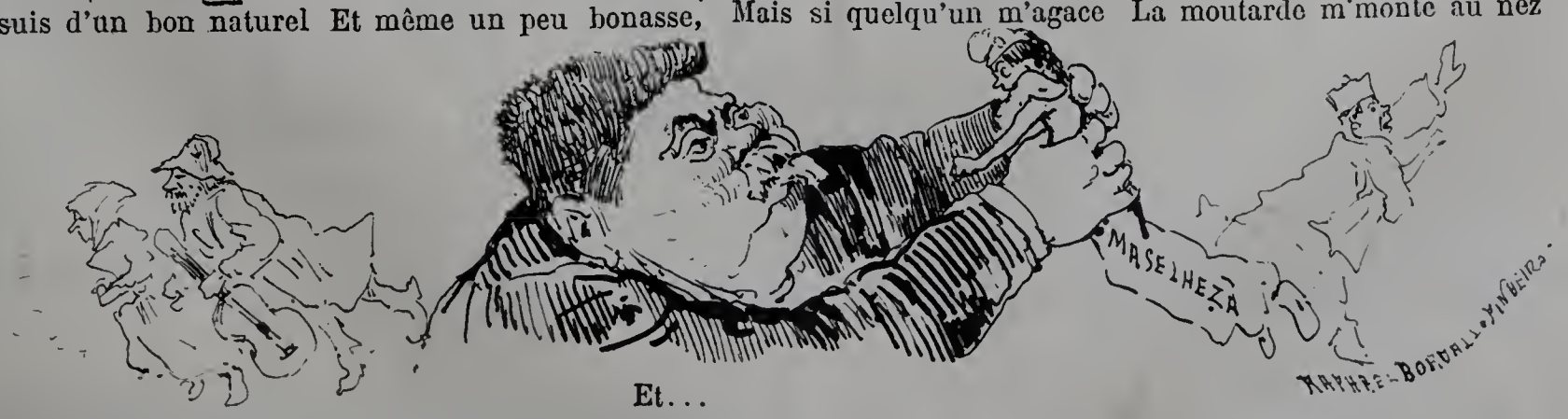
Teem ouvido fallar nas procissões de Sevilha no tempo da Semana Santa... Pois bem, n'essas procissões as imagens dos santos são obras primas de esculptura, e os catholicos sevilhanos não são menos catholicos por isso.

Que os devotos se aleijem, por penitencia, á força de jejuns e de açoites em suas proprias carnes, comprehendemol-o; mas que, em desconto dos peccados d'elles, aleijem egualmente o innocente Jesus, isso não! E' devoção de mais.

O pombo e o tigre

Canção do sr. Arrobas perante os hymnos sediciosos

Je suis d'un bon naturel Et même un peu bonasse, Mais si quelqu'un m'agace La moutarde m'monte au nez



Et...

Os senhores dos mares e o sr. Julio de Vilhena

Perante as revelações da imprensa sobre o modo como se faz no porto de Lisboa o serviço de pilotagem, o infante D. Henrique, Vasco da Gama e Luiz de Camões levantam-se dos tumulos, e é preciso que o sr. ministro da marinha responda á mensagem dos venerandos espectros.

— Nós — dizem elles — creamos a navegação portugueza e immortalisamos a gloria dos seus feitos. Démos-vos armadas que iam em cada anno atravez dos mares desconhecidos e tenebrosos, e de cada uma d'essas viagens traziam-vos de presente um mundo. Vós outros, nossos netos, não tendes hoje uma vela e quatro homens para ir n'um dia de sueste buscar um chaveco para lá do Bugio. Sois uns pulhas.

Vae responder agora o sr. ministro da marinha. Ouçam! ouçam!

O calvario do paiz
Scenas da paixão politica

Quando se fizer um Bom Jesus do Monte para os martyrios profanos, o cicerone, apontando este passo ao viajor, dir-lhe-ha :
— Ahi tendes, crucificado entre a sciencia e o trabalho, o infeliz martyr Zé Povinho. Aos seus pés chora uma lacrimosa mãe e uma desgraçada amante. Em baixo acham-se suas excellencias os centuriões, assistindo á partida de dados em que se joga a camisa da victima. *Antonio Maria fecit anno* 1881, *consulibus Sampadio et Hintz Fluvio.*

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A EXPANSÃO DA FORÇA E A VOZ DA AMISADE

Todos os jornaes da semana se referiram a este caso lastimoso:

Um confeiteiro do Porto, considerando que o trabalho braçal dos seus operarios era insufficiente para satisfazer as necessidades da fabricação no seu estabelecimento, adquire uma machina de vapôr, instala-a e inaugura-a. Deita agua na caldeira, nos tubos dos ebullidores e no condensador; depois accende a fornalha e vae mettendo carvão. Dentro de pouco tempo principiará o movimento do embolo e o da rotação da arvore da machina. As correias dos tirantes transmittirão esse movimento aos diversos apparelhos da officina, e em alguns minutos a fabrica trabalhará a vapôr.

O confeiteiro jubiloso, fez-se machinista elle mesmo para ter o prazer de dirigir em pessoa os successivos tramites d'essa bella e nobre festa da mecanica.

Mas vem cumprimental-o o seu amigo intimo. Quem e que não tem um amigo intimo para um momento d'estes?..

— Não sei o que você fez em comprar isto! — diz-lhe em frente da machina a voz da amisade. Melhor seria que você se resumisse, e fabricasse menos como no principio da sua vida... Lá diz o dictado: grande nau, grande tormenta. Isto de machinas é fraco negocio; isto come em carvão os olhos da cara a quem as sustenta; isto ronca como se tivesse dentro coisa má; isto estoira finalmente e acaba sempre por rebentar na cabeça de quem as tem. Deus queira que eu me engane, mas agouro-lhe que com esta camaraoptica em casa você não vae longe! Você está aqui está fallido, se não estiver morto, com o estalo d'esta caranguejola toda. E' um amigo verdadeiro que lh'o diz. Você até já está com cara de condemnado! Adeusinho.

O confeiteiro então esqueceu-se da machina, e sentou-se abatido e taciturno a um canto, coçando a cabeça.

—Quem sabe se não é o meu amigo intimo que tem razão, e se não sou um doido eu! Grande nau grande tormenta, disse elle, diziam-o todos os antigos, e não ha nada mais certo! Não era eu bem feliz quando ganhava apenas oito tostões por dia?... E agora?... Só de pensar na machina não dormi em toda a noite, e estou amarello e com olheiras, — cara de condemnado, como muito bem disse o meu amigo intimo.

E o confeiteiro poz-se a meditar largamente, absorto, incluso, na felicidade serena do seu passado pobre e na inquietação nervosa que a prosperidade lhe trazia. Sentia-se vagamente apprehensivo, desalentado, e todos os seus largos projectos de desenvolvimento de trabalho, de riqueza, de fortuna lhe pareciam submergidos n'uma onda enorme de tristeza e de desanimo.

No emtanto, a machina esquecida, abandonada a si mesma, uivava sinistramente como se a fizesse vibrar o desprezo inspirado pela attitude abatida e desgrudada d'aquelle infeliz.

Emfim o confeiteiro, por um movimento automatico, sem bem saber já o que fazia, com os olhos fitos no temeroso monstro, ergueu-se, tomou uma pá e despejou mais carvão na guela ardente e rubra da fornalha.

N'esse momento a caldeira rebentou n'um estampido medonho, desfazendo-se em metralha, esmigalhando o confeiteiro e arrojando aos quatro muros da fabrica os membros dispersos e disformes da machina e do machinista.

Moralidade.

O nosso amigo Antonio Batalha Reis fez-nos presente, ha dias, de um cacete oriundo das florestas de Lourenço Marques. E' curto, da altura de uma bengala apenas, e o seu aspecto é pacato, pastoril, quasi risonho. Tem a côr do bucho, aloirada; é alisado á plaina e adorna-o um pequeno lavor ao buril em uma das extremidades e um fiador de couro, solido como o de uma lança, preso a pequena distancia da péga. Chama-se a esse pausinho, pelo seu nome indigena, um *moleco*. Experimentamos a consistencia do moleco atirando com elle uma pancada a um grosso varão de ferro, e fizemos apenas ligeira moça — no varão. Pouco mais poderemos já hoje pedir á nossa possessão de Lourenço Marques, mas, se este caso não está previsto em alguma das clausulas do nosso tratado com a Inglaterra, deve ainda haver lá mais alguns molecos para importar para metropole.

Pois bem! Que todo aquelle que sentir na cabeça uma idéa a qual tenha de converter em facto se premuna com um moleco, suspenda-o ao braço pelo respectivo fiador, e nunca mais se aparte d'elle, nem velando nem dormindo! E, se no momento em que houver lançado

á realisação pratica a sua idéa, quando toda a coragem e toda a força lhe fôr precisa para fazer manter e vingar o projecto concebido, um amigo intimo lhe vier prophetisar um desastre, que o moleco vibrado ás mãos ambas cinja os rins do amigo intimo e o atire á distancia respeitosa a que deve estar o medo quando no cerebro d'um homem se manifesta a vontade.

Realisae ideias, espalhae actividade, fundae trabalho, desenvolvei industrias, criae obras, mas, se tendes um amigo intimo, preparae-vos d'ante mão para o receber — com um moleco.

Um periodico de Lisboa, o *Trinta*, communica-nos que recebeu grande quantidade de cartas perguntando áquella folha as razões porque o *Antonio Maria* não tem publicado, depois de caido o ministerio transacto e depois de adiadas as camaras, os retratos dos deputados que approvaram o tratado de Lourenco Marques.

Respondemos:

Primeiro. — Seria vantajoso, para o fim de serem mais rapidamente informadas, que as pessoas que nos fazem perguntas, se dirigissem a nós em vez de se dirigirem á redacção do *Trinta*, a qual não é precisamente a estação encarregada de resolver e de decidir os negocios que nos dizem respeito.

Segundo. — O *Antonio Maria*, sendo uma folha de livre investigação e de livre critica, não tendo feito nem estando resolvido a fazer votos de obediencia a nenhum partido e a nenhuma seita, reserva-se o direito de desenhar e de escrever não aquillo que os outros, auctores de cartas, desejam, mas sim unica e exclusivamente aquillo que elle, *Antonio Maria*, quer. E ácerca do modo como usa, como tem usado, ou como póde vir a usar do referido direito, o *Antonio Maria* declara mais que não dá satisfações a ninguem.

Ao mesmo tempo a que o maestro Antonio Duarte partia para Milão chegava a Lisboa o maestro Olivier Metra para que a nau da harmonia não sossobrasse entre nós por falta de piloto.

Figaro cá

Olivier Metra.

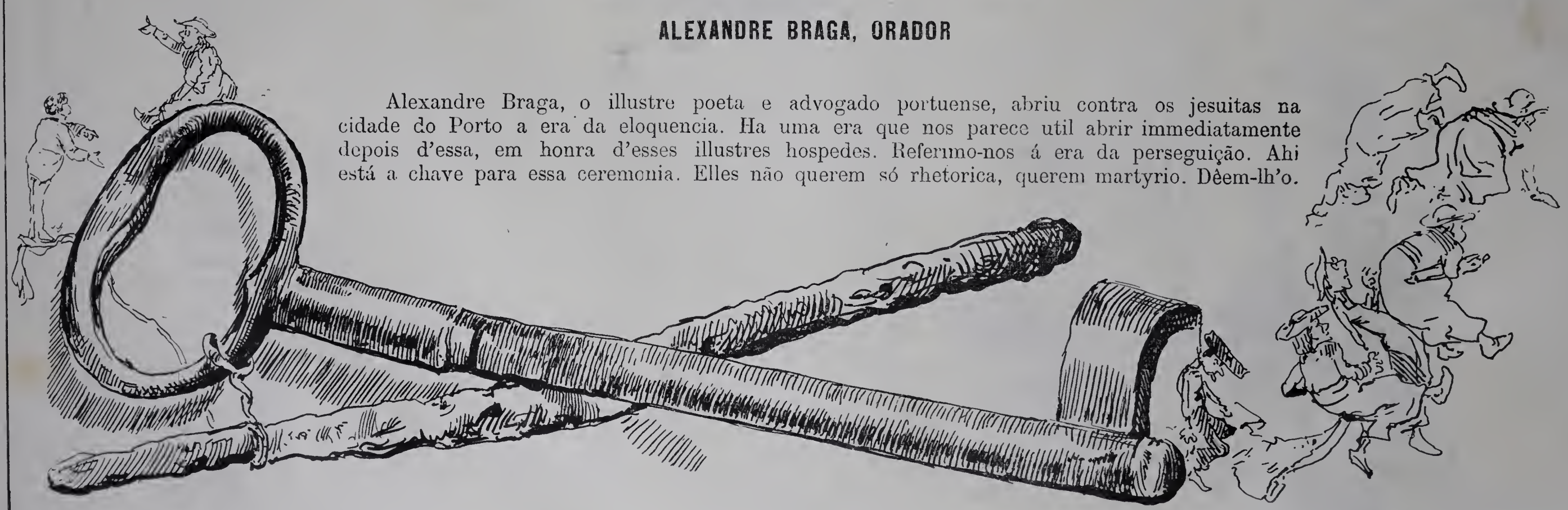
Figaro lá

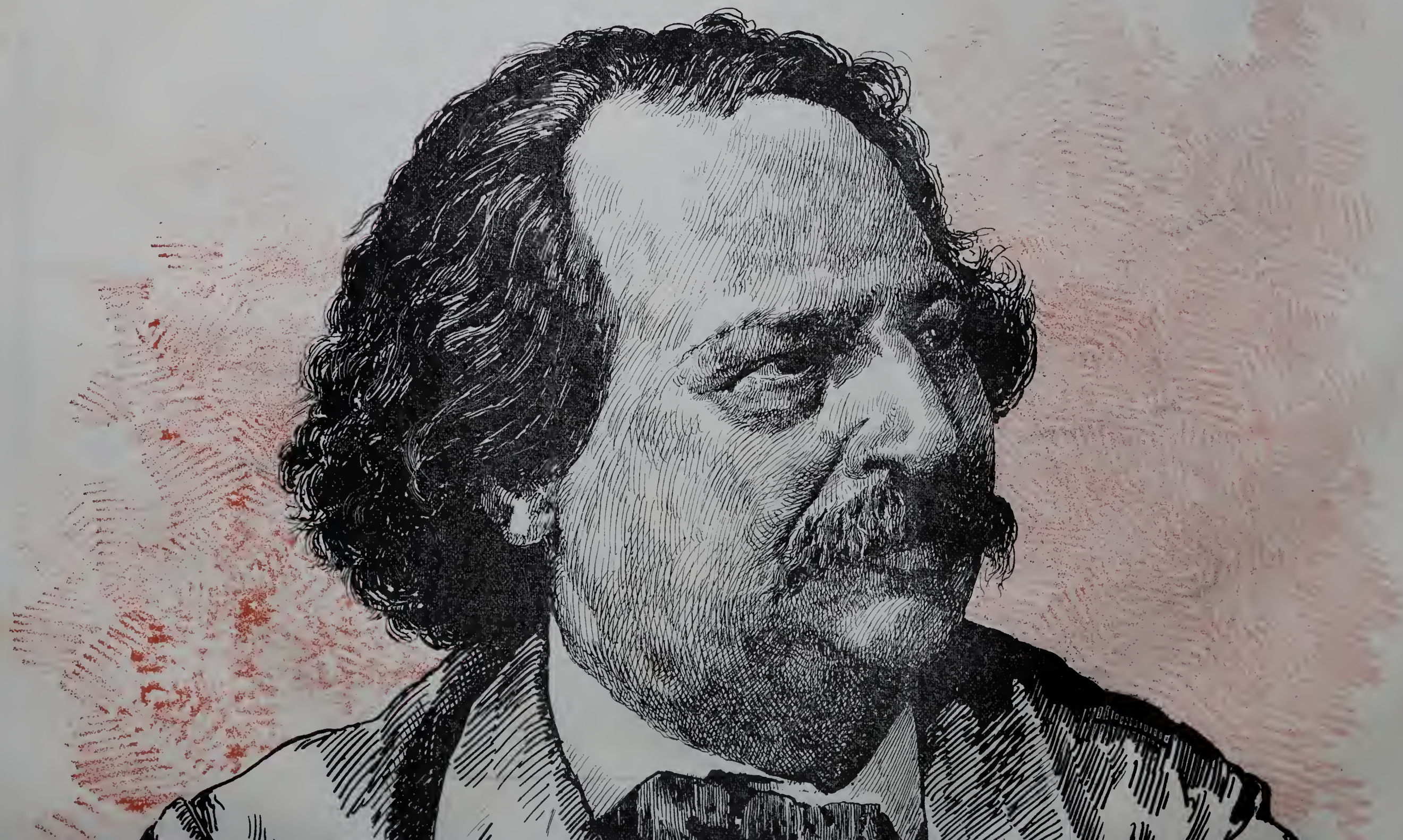
Antonio Duarte.

O MEETING DO PORTO CONTRA OS JESUITAS

ALEXANDRE BRAGA, ORADOR

Alexandre Braga, o illustre poeta e advogado portuense, abriu contra os jesuitas na cidade do Porto a era da eloquencia. Ha uma era que nos parece util abrir immediatamente depois d'essa, em honra d'esses illustres hospedes. Referimo-nos á era da perseguição. Ahi está a chave para essa ceremonia. Elles não querem só rhetorica, querem martyrio. Dêem-lh'o.





A questão iberica

O principio federativo é a primeira e a mais terminante affirmação politica da philosophia moderna.

A theoria da confederação como futuro das nacionalidades é um facto scientifico affirmado por Augusto Comte e por Herbert Spencer, os dois reconstituidores da philosophia n'este seculo. Essa theoria deduz-se da mechanica, da ethnologia, da linguistica, da historia, das litteraturas comparadas, de um grande e complexo conjunto de phenomenos, que nos parece bastante difficil que cada um canalise para sua casa, para o fim de o pôr ao serviço do seu egoismo, da sua ambição ou do seu lucro.

Por mais vivamente que a gente acredite na necessidade fatal de um regimen que ponha de uma vez para sempre de accordo a cohesão do occidente latino com as differenciações biologicas e sociologicas que dividem a população da Hespanha, a da Italia e a da França, a gente não poderá nunca com essa crença nos braços nem vender a patria, nem arranjar um emprego, nem comprar um meio bife.

E, não obstante, ahi estão todos os partidos portuguezes: póde cada um entrar n'aquelle que deseje, todos lhe respeitarão a escolha que fizer. Póde-se ser cartista, póde-se ser fontista, póde-se ser avilista, póde-se ser reformista, póde-se ser tudo quanto acabar em *ista*, desde monarchista até fadista. Sómente o que se não póde ser é federalista! Porque desde que se percebe, por mais vagamente, por mais tenuemente que seja, que um sujeito se inclina em favor do principio federativo todos os jornaes do paiz em peso, toda a casa Havaneza, todo o Gremio, todo o botequim do Martinho apontam vingativamente para esse sujeito como um especulador, como um traidor, como um infame. E o imprudente que se tornou objecto de tal suspeita tem de explicar-se, dizendo que o seu federalismo consiste apenas em não aceitar a theoria da confederação.

Tal é em breve resumo o espectaculo que durante a ultima semana nos tem dado a polemica levantada na imprensa politica de Lisboa ácerca das ideas de uma união iberica!

O jejum e o ferro Bravais

A maioria das senhoras de Lisboa passam o anno a curar as suas anemias tomando ferro Bravais, e passam a semana santa desfazendo essa cura a jejuar o trespasse.

Eis ahi a rasão porque a segunda feira santa nos apresenta este aspecto.

E o sabbado de alleluia nos apresenta est'outro.

Pobres senhoras!

SCENAS DA PAIXÃO POLITICA

O chôcho

A amabilidade ingleza

Depois de haver saboreado os nossos successivos tratados com a Inglaterra, o *Times*, chegado o tratado de Lourenço Marques, delibera agradecer.

A policia dos costumes

O sr. Arrobas, convertido de antigo tigre em caçador de borboletas, começou esta semana a exercer sobre as boninas do Rocio a sua colheita de insectosinhos nocivos á jardinagem da moral. As borboletas inoffensivas que quizerem escapar á rede de s. ex.ª terão de escrever na asa — *Borboleta morigerada saida á rua para negocios de familia.*

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

As touradas no Campo de Sant'Anna, e a musica no salão da Trindade

Domingo passado emquanto uma concorrencia diminuta assistia na Trindade ao bello concerto de Olivier Métra, uma enchente enorme fazia regorgitar de espectadores a praça dos touros no Campo de Sant'Anna.

A critica lisbonense, commentando este facto, lamenta nas folhas com palavras acerbas a depravação do nosso gosto.

A critica tem pilhas de graça, e tem entradas — de graça tambem — nos concertos. O que ella não tem é razão.

Porque o publico não é composto de criticos. O publico é feito de trabalhadores, de operarios, de logistas, que passaram uma semana inteira a trabalhar no fundo dos seus armazens, dos seus escriptorios e das suas officinas. Esses homens teem mulheres e filhos que durante o mesmo espaço de tempo estiveram a apodrecer sobre os saguões da baixa. Para estas familias, que constituem a grande massa do publico n'uma cidade onde, por muitos que sejam os amanuenses, ainda não é amanuense todo o mundo, um domingo de primavera é um relampago fugitivo de independencia, de liberdade, de expansão.

Os srs, que fazem critica e que são os arbitros da elegancia e do gosto nos artigos dos periodicos, já trabalharam assim, fechados n'um *attelier* por oito dias? Não... E ahi está a rasão porque os srs. não entendem nada do que são os prazeres do publico ao domingo de tarde depois de terminadas as tarefas nas fabricas e de fechadas as lojas.

Tem-se sede de ar livre, de sol, de movimento e de bulha. Viveu-se por dias consecutivos como uma simples machina obediente e passiva, é preciso viver-se emfim por algumas horas como um nobre animal bravo e solto, porque sem essa expansão da animalidade não se é um homem, nem sequer se chega mesmo a ser um burro; é-se apenas um apparelho com corda para fazer obra.

A submissão e a obediencia no trabalho são duas das mais tristes enfermidades da civilisação. O domingo é uma cura e uma convalescença.

O publico ao domingo não se diverte, no sentido em que os senhores que fazem critica tomam a palavra *divertir*. O publico ao domingo cura-se.

Em Paris pega um homem na sua mulher ou na sua amante, toma um bilhete de ida e volta na terceira classe para Asnières, para Fontainebleau ou para Bougival. Trepa-se á imperial de um wagon n'um comboio de recreio com dois mil passageiros tumultuantes e ruidosos. Grita-se, berra-se, canta-se, dão-se e levam-se empurrões ao descer e ao subir das carruagens em todas as estações, espoja-se a gente na relva, desdobram-se cambalhotas no feno, comem-se cerejas e nata, colhem-se lilazes e papoulas, e volta um homem para casa pelo trem das 11 horas da noite, cheirando a sol e a herva, estafado de alegria, moido de liberdade, victorioso emfim!

Em Lisboa a onda não vae para o caminho de ferro, vae para os Touros; mas o resultado é o mesmo. A trincheira enche-se de gente e de troça, como um tremendo comboyo de prazer. Todo o mundo grita. Toca a musica, mas que diabo me importa a mim a musica? O que eu quero é berrar e berro. Quem tem calor tira a jaqueta, arregaça as mangas, come melancia ou bebe cerveja pelas botijas. Não se precisa de critica lá para coisa nenhuma, porque o publico todo, do lado do sol, da primeira bancada á ultima, entende de gado e sabe o que é lidar com bois. A critica fal-a elle. Quando o capinha não presta o publico brada. *Ponham fóra essa besta!* Quando não presta o touro, o publico diz: *Levem esse sujeito para a charrua!* E quando são os poderes publicos que se fazem finos, o publico assobia-os e pateia-os.

No Campo de Sant'Anna o publico está verdadeiramente em sua casa e é senhor seu uma vez por semana nas tardes dos domingos. Para se saber que ha em Lisboa um povo, é preciso ir aos Touros vel-o.

Como o povo ainda presta para alguma coisa — o que não succede a todos os que se querem dar ao officio de educal-o — o povo enthusiasma-se, como todas as naturezas ingenuas e saudaveis, com os bellos espectaculos da força, e elle prefere, a uma dama que desmaia ou a um clarinete que delira no sentimentalismo musical, um rapagão musculoso que se deita á cabeça d'um boi e o afocinha no chão, agarrado pelos cornos.

Já acabaram com as pégas. E não sabemos verdadeiramente com que direito... Porque a péga é uma pura questão bilateral entre o boieiro e o boi. Desde que o boi quer e que o boieiro quer egualmente, e que o publico todo applaude, com que fundamento é que a auctoridade prohibe? Diz que é em nome da civilisação. Pelos modos é por haver em Salvaterra quem venha segurar um boi pelo rabo, ao domingo no Campo de Sant'Anna, que não ha no governo portuguez quem saiba espalhar a instrucção e fundar o ensino! Assim o entende pelo menos a autoridade respectiva encarregada de civilisar a gente!

Quando os extrangeiros nos perguntarem: — *Vocemecês sabem ler, sabem escrever, sabem desenhar?* a gente responde-lhes: — *Não sabemos nada d'isso, mas aqui está o sr. governador civil que não gosta de touros.* E logo se fica sabendo que somos um paiz em progresso.

Acabem agora com as touradas, assim como já acabaram com as pégas, obriguem os homens de officio e os homens de trabalho a irem em todos os domingos de tarde espetar-se na Trindade a ouvir a musica classica dos espiritualistas allemães — massadores como tudo! — e verão o lindo povo de palermas que ahi se arranja para se rabejar platonicamente a si mesmo nas lides da Ideia!

Chronica litteraria

A TRAIÇÃO DO SR. GOMES LEAL E A INDIGNAÇÃO DO SR. ALBERTO STANISLAU

Estava no seu logar o throno, com o respectivo principe em cima, equilibrado entre as forças combinadas o d'estas duas potencias: de um lado o odio de Gomes Leal, do outro, o amôr de Alberto Stanislau.

Gomes e Stanislau respeitavam-se mutuamente como se respeitam os dois polos, o Arctico e o Antarctico, sobre os quaes repousa o eixo do espheroide terracheo.

Eis senão quando o Gomes arctico sente no figado, á porta da casa Havanesa, a picada lancinante que feriu Hugo no exilio de Gersey e Rochefort no desterro da Caledonia.

N'esse dia o infeliz Gomes almoçára na Aurea, torrado com manteiga e acompanhado de um bife com batatas, o pão negro da perseguição, que os tyrannos mandam servir pelos moços dos botequins na baixa aos genios da liberdade.

O martyr Gomes da liberdade Leal, comprimindo o figado com uma das mãos e rapando da penna com a outra, escreveu então em bellos e canoros alexandrinos o poema da *Traição*, chamando ao despota, *salafrario, galeriano e frascario*.

E o odio de Gomes, impavido perante a historia, n'uma mão sempre o figado e na outra a penna, começou a escorrer, terrivel e fatal, e a desgrudar por todas as juntas o espheroide monarchico arrimado a elle por uma das ilhargas.

Teria sido de uma vez esse espheroide, se não estivesse do outro lado Stanislau Antarctico, mente ás obreias dada, braço ao grude feito. O Stanislau com a penna molhada em colla forte, traçou em vehementes regras a *Indignação*, resposta ao poema do Gomes.

E da convergencia da indignação adhesiva d'um polo e do odio dissolvente do polo opposto, resultou ficar outra vez o espheroide no mesmo estado em que estava antes da perturbação que por momentos o affectara.

Felizes as pacatas instituições de um paiz onde a veia poetica de um revolucionario, que deita dynamite dispersora pelo seu stylo, tão amplamente se acha compensada pela veia condensadora de um doutrinario, que em quantidades equivalentes segrega da sua alma massa de sapateiro!

O portic

Para saír empregam-se mil meios obstetricos e ha todas as difficuldades imaginaveis para sacar do portico da governação um ente da exiguidade d'este.

Para entrar apparece um sujeito d'este volume e não ha difficuldades nenhumas em o introduzir nos umbraes do governo. Para o tirar para fóra é que vão vêr agora o bom e o bonito, se não principiam desde já a preparal-o carinhosamente para isso, cortando-o ás postas!

Em um artigo analysando o nosso voto ácerca do estado em que se acham em Portugal as opiniões federalistas, o *Diario da Manhã* pergunta-nos, capciosamente talvez, se nós *perfilhamos as doutrinas de Auguito Comte.* NUNCA!

Bem sabemos que Augusto Comte contou durante toda a sua vida com que lhe fizessemos um dia esse favor. As allusões aos sentimentos paternaes do *Antonio Maria* e as esperanças que n'elle fundava o philosopho são bem transparentes em todos os capitulos da sua obra.

Emquanto Augusto Comte foi vivo escrupulisamos em lhe desfolhar essa fagueira illusão, e, para o não desgostar, deixamol-o acabar os seus dias na convicção arreigada de que para lhe perfilhar as doutrinas cá estavamos nós, ás ordens.

Hoje porém, a reserva que nos impuzemos sobre este ponto, deixou de ter rasão de ser, e podemos declaral-o abertamente: Não! não perfilhamos nem a doutrina de Comte, nem a do Padre Mestre Ignacio, nem a de ninguem. As nossas occupações não nos permittem esse luxo.

Se é absolutamente preciso que alguem tome conta das doutrinas orphãs do positivismo, o sr. Padre Antonio Candido, que no parlamento declarou ser discipulo de Augusto Comte, que se aguente com essa estopada. S. ex.ª tem pouco que fazer, e póde muito bem encarregar-se de amamentar uma philosophia nas horas que em cada manhã lhe ficam livres entre o seu almoço e a sua missa.

Na corrida do domingo ultimo no Campo de Sant'Anna espalhou-se que o cavalleiro era o sr. ministro da fazenda, Lopo Vaz. S. ex.ª o cavalleiro não metteu em termos uma só farpa. No fim d'essa experiencia decisiva, toda a gente se desenganou de que s. ex.ª era effectivamente o ministro, e o publico inteiro bradava: *Vae-te embora para casa, que não conheces os bois!*

A crise politica

A questão ministerial acha-se n'este momento nas condições seguintes:

As folhas da opposição dizem: que os srs. ministros estiveram em Cintra, e que o sr. Julio de Vilhena cahiu d'um burro ao passar nos Pisões.

As folhas do governo contestam com acrimonia aquella affirmação, e dizem que o sr. Julio de Vilhena não cahiu, e que a perfida calumnia propalada pela opposição se basea apenas no facto de ter ido abaixo de uma mão ao pé da fonte da Sabuga o gerico montado por aquelle ministro da corôa.

N'esta renhida polemica se está vendo a exaltação a que póde levar os animos a paixão partidaria! Chega-se a invadir a vida intima e inviolavel dos animaes domesticos, arrastando para a tela da discussão as fraquezas physicas dos burros! Com pejo o dizemos: — é indigno!

A versão dos jornaes ministeriaes ácerca da crise da semana passada.

A versão dos jornaes opposicionistas ácerca da mesma crise.

O Portugal Contemporaneo

Oliveira Martins, publicando o *Portugal Contemporaneo*, acaba de pôr em cacos os principaes bustos com que se adorna o pantheon da nossa historia moderna. D'essa patriotica demolição resulta, que muitas das cabeças laureadas, que a critica irreverente suppunha completamente vazias, tinham dentro alguma coisa. Constatou-se com respeito que tinham ratos.

SALÃO DA TRINDADE

Concertos da Associação 24 de Junho

O maestro Olivier Méra. Por dentro a febril inquietação da valsa, por fóra a pachorra mansa da ovelha.

O ministerio no baile da legação d'Italia

Os jornaes da opposição lançaram sobre os jovens srs. ministros o labeu de não terem ido, por falta de convite, ao baile do sr. ministro d'Italia. Informam-nos que é infundada esta accusação. Suas excellencias estiveram no sarau; sómente, como a sua tenra idade lhes não permittia sentarem-se á mesa dos adultos, suas excellencias cearam na copa. Consta-nos que se portaram com bastante juizo. Os nossos parabens a seus paes.

Lithographia, Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

O Luxo

O novo drama do sr. Antonio Ennes, em applauso no theatro de D. Maria, ministra-nos ácerca da opulencia dos banqueiros de Lisboa e do luxo das suas mulheres, pormenores importantes, que o auctor deve ter copiado das realidades da vida e que nos impressionaram vivamente, deixando-nos meditabundos.

O rico e poderoso banqueiro da peça do sr. Ennes acha-se prestes a quebrar com vinte contos de réis, arruinado pelo luxo dissipador da sua familia. Aqui principia a nossa surpreza diante das revelações do sr. Ennes sobre a riqueza bancaria da rua das Capellistas. Nós cuidavamos que todo o bom banqueiro era obrigado em sua honra a possuir pelo menos um milhão . . . em dividas.

Ficamos agora sabendo, com lastima, que esses pobres diabos rebentam antes de poderem dotar os seus innocentes filhos com o modesto capital de 30 ou de 40 contos, laboriosamente ganhos sobre a repugnancia sempre ingrata e hostil do credor.

Miseria das miserias! Enterra-se um homem n'um escriptorio, ao lado de uma burra, por traz de uma cortina de tafetá verde, defronte de uma carteira com quatro grandes livros de escripturação; passa ahi metade da sua existencia a dever com o suor do seu rosto; e, finalmente, ao cabo de quinze ou vinte annos de carreira bancaria, vae-se a vêr no livro e acha-se que o sujeito, depois de encanecido nos trabalhos da raspadeira applicada aos balanços, se encontra apenas com a porcaria de vinte contos no debito, n'esse debito que elle consagrava ao amparo da sua familia e com o qual projectava retirar-se dos negocios, conspicuo e grave, depois de devidamente fallido perante os tribunaes competentes!

N'estas criticas circumstancias, não tendo de seu senão uma raspadeira, deshonrada pela sua inhabilidade no officio, e um debito apenas de vinte contos, — bonito talvez para um marçano prevaricador, mas inteiramente vergonhoso para um cavalheiro que negoceia em grande, — o banqueiro do sr. Ennes contempla a sua familia desvalida e sente de repente no seu coração de pae este toque de inspiração sublime: fazer dinheiro falso para dar de comer áquelles innocentes.

Querendo lançar a culpa de todas estas vicissitudes da sorte ás dissipações da esposa do banqueiro, o sr. Ennes apresenta ao publico, expresso pelas contas dos fornecedores, o quadro babylonico do luxo a que se entregava essa creatura desvairada pela prosa estonteadora dos annuncios da senhora Cecilia Fernandes.

Das ditas contas, cruelmente expostas na scena, resulta — com crescente pasmo nosso — que a esposa do banqueiro gastava por anno tres contos de réis em *toilette!* E é então por isto, porque a misera dispende tres tristes e esganados contos em vestidos, que um opulento banqueiro dá com o seu banco á sola? Mas, senhores, que é que queria então o abastado banqueiro? Quereria que a pobre senhora andasse nua?!...

Nós temos o costume de descarregar sobre as nossas mulheres a responsabilidade de todas os nossos actos vergonhosos. A gente compra um romance do sr. Xavier de Montepin ou do sr. Paulo Féval: *é para minha mulher, que m'o pediu!* A gente principia a ornear por um titulo de visconde: *não e por mim, é por minha mulher que gosta d'estas coisas!* O truque é conhecido e é commodo, mas convém não abusarmos excessivamente d'elle. Que um banqueiro se faça ladrão e venha com a desculpa: *é porque minha mulher gastava tres contos na Aline,* é forte de mais.

A rua dos Capellistas e o sr. Ennes, que estudou os costumes d'esse arruamento para os pôr em drama, poderão talvez acommodar-se com isso. Nós protestamos em nome das pobres senhoras.

Quem viu, vestidas, em Paris, em Londres, em Vienna ou em Madrid as mulheres dos banqueiros ricos, diante dos refeces tres contos da mulher de um banqueiro de Lisboa não se admira senão de uma coisa, e é que haja n'esta cidade burel de tão baixo preço que permitta, não dispendendo mais do que tal quantia, pôr durante um anno inteiro a nudez de uma fragil creatura ao abrigo dos olhares indiscretos.

Que os srs. banqueiros fiquem sabendo que um só vestido, desde que elle conste de um bocadito de broeado e de uma pouca de renda, com uma ou outra perolasita pelos pespontos, custa mais de tres contos.

Se para se portarem bem os srs. banqueiros exigem que as suas mulheres se vistam de riscadinho d'algodão e cosam ellas mesmas os seus vestidos á machina, façam-nos então um favor:—pelo amor de Deus não nos digam que não temos pauperismo!

O banqueiro do sr. Ennes, depois de se fazer moedeiro falso á força de amor pela sua mulher e pelos seus filhos, apparece-nos no ultimo acto da peça cumprindo desterro na Costa de Africa. A scena representa uma deliciosa quinta coberta de palmeiras, rescendente dos perfumes das magnolias, gorgeada de aves, serpenteada de ribeiros ondulantes e murmurosos. O degradado, debaixo do seu panamá de rico cultivador, sopeteia o pão negro do exilio no *clicot* da abundancia, suavemente e ternamente acarinhado no amor e no respeito dos seus. Nada falta á felicidade completa e perfeita d'esse melro!

É indispensavel ir a gente ver este final de peça para comprehender como teem sido justos, posto que implacaveis, os juizes que, deante de malfeitores do genero do personagem que o sr. Ennes dramatisou, não teem hesitado um momento em os fulminar com o mais tremendo dos castigos, declarando os innocentes.

Beneficio do actor Santos

Sabbado proximo, 7 de maio, no theatro da Trindade, o actor Santos, que todos viram nos principaes papeis da comedia moderna, virá lembrar ao publico a lacuna que deixou na scena portugueza.

Do Porto, que é a terra classica das lindas camelias, das lindas mulheres louras e das linda valsas, chegamos uma... Não uma linda loura, mas uma linda valsa do sr. Julio Moutinho de Sousa. Desejariamos bem recommendar ao publico esta producção, mas o publico acha-se n'este momento combatido por uma especie de valsophobia. Sempre que o sr. Metra rege uma das suas valsas deliciosas, suas excellencias os srs. entendidos em musica retiram-se da sala offendidos. Não ha hoje senão um meio de segurar estes *dilettanti* ás suas respectivas cadeiras: é metter-lhes Bethowen pelos ouvidos, ou metter-lhes um parafuso por baixo!

Os applausos conferidos por um alto personagem ao ultimo drama do sr. Antonio Ennes foram por tal modo ruidosos e frenetieos, que se falla em metter nas instituições a tendencia manifestada pelo illustre vulto a que nos referimos, ampliando-se para esse fim os titulos da corôa portugueza pelo seguinte modo: — De Portugal e dos Algarves, senhor da Guiné e da Claque do theatro de D. Maria.

Como

Episodios da questã

Principio da questão.

Primeira

Segunda tentativa . . .

Terra !

s caem

e Lourenço Marques

. . .

Cachapuz!

Principia o panico . . .

E hão de se desenganar afinal de que não fazem nada á unha. Hade ir a dente.

O novo ministro dos extrangeiros

Depois de ter sopesado conscienciosamente durante trinta dias e trinta noites o tratado de Lourenço Marques que lhe puzeram nos braços, o sr. Miguel Dantas, homem avisado e prudente, acaba de tomar sobre a maneira de resolver esse problema esta deliberação heroica: pôr cebo nos calcanhares, largar o tratado, e dar terra para feijões.

Perante a necessidade de atamanear o governo com um novo ministro dos extrangeiros encarregado de lidar interinamente com o corpo diplomatico, o sr. Sampaio recusou-se a acceitar esse encargo com o fundamento de que não é sua especialidade o manejo das linguas vivas; e voltando-se para o sr. Hintz Ribeiro, como mais desenvolvido no francez, o sr. Sampaio entregou-lhe a pasta, dizendo-lhe no seu idioma familiar a sem ceremonia:

— *Macte nova virtute, puer, cic itur ad astra.*

Ao que o sr. Hintz Ribeiro respondeu promptamente, desembaraçado e gaiteiro:

— *Ui monsiú.*

E ahi está um catita prompto para receber, em nome de sua magestade fidelissima e do Ollendorff aperfeiçoado, os enviados das nações extrangeiras!

Devemos porém dizer a esse joven, tão bem puxado á sustancia e aos verbos francezes, que não basta para a convivencia das altas relações diplomaticas que s. ex.ª se ache habilitado com louvor para referir ás potencias na lingua de Fénelon que Calypso se não pôde nunca consolar da partida de Ulisses. É mister mais. Para receber com auctoridade o corpo diplomatico extrangeiro é mister saber saudar. Inquiriu o sr. Sampaio se o sr. Hintz sabia saudar?

Pela nossa parte não perguntaremos a esse inexperiente moço se elle está nos casos de responder affirmativamente a esse ponto; não o queremos desprestigiar no conceito dos srs. addidos. Preferimos, sem entrar n'essa mataria, dar simplesmente a s. ex.ª — pela voz auctorisada do sr. Justino Soares — as regras principaes da saudação.

«A arte de parar com graça — diz o sr. Justino na 5.ª edição da sua notavel obra sobre a dança — a arte de se apresentar, e estar em reunião, são coisas essenciaes, e que o discipulo deve fazer com a possivel naturalidade.

«Para cumprimentar como convém (note o sr. Hintz!) observem-se as seguintes regras:

«No acto de andar pare de modo que o peso do corpo possa descançar sobre a perna que avançou.

«Move-se então a perna que ficou atraz, de fórma que

tome *quarta posição ávante*, a *terceira*, depois, a *segunda*. *Por exemplo:*

«Uma vez n'esta ultima posição descance o corpo sobre a perna que a acaba de formar, e leve a outra perna

á primeira posição, com os calcanhares collocados um contra o outro, e as pontas dos pés para fóra.

«Depois de dobrar convenientemente os joelhos, incline o corpo com naturalidade.

«Os braços devem cair sem esforço e a cabeça inclinar-se sem affectação, porque todos os movimentos se devem fazer sem constrangimento.

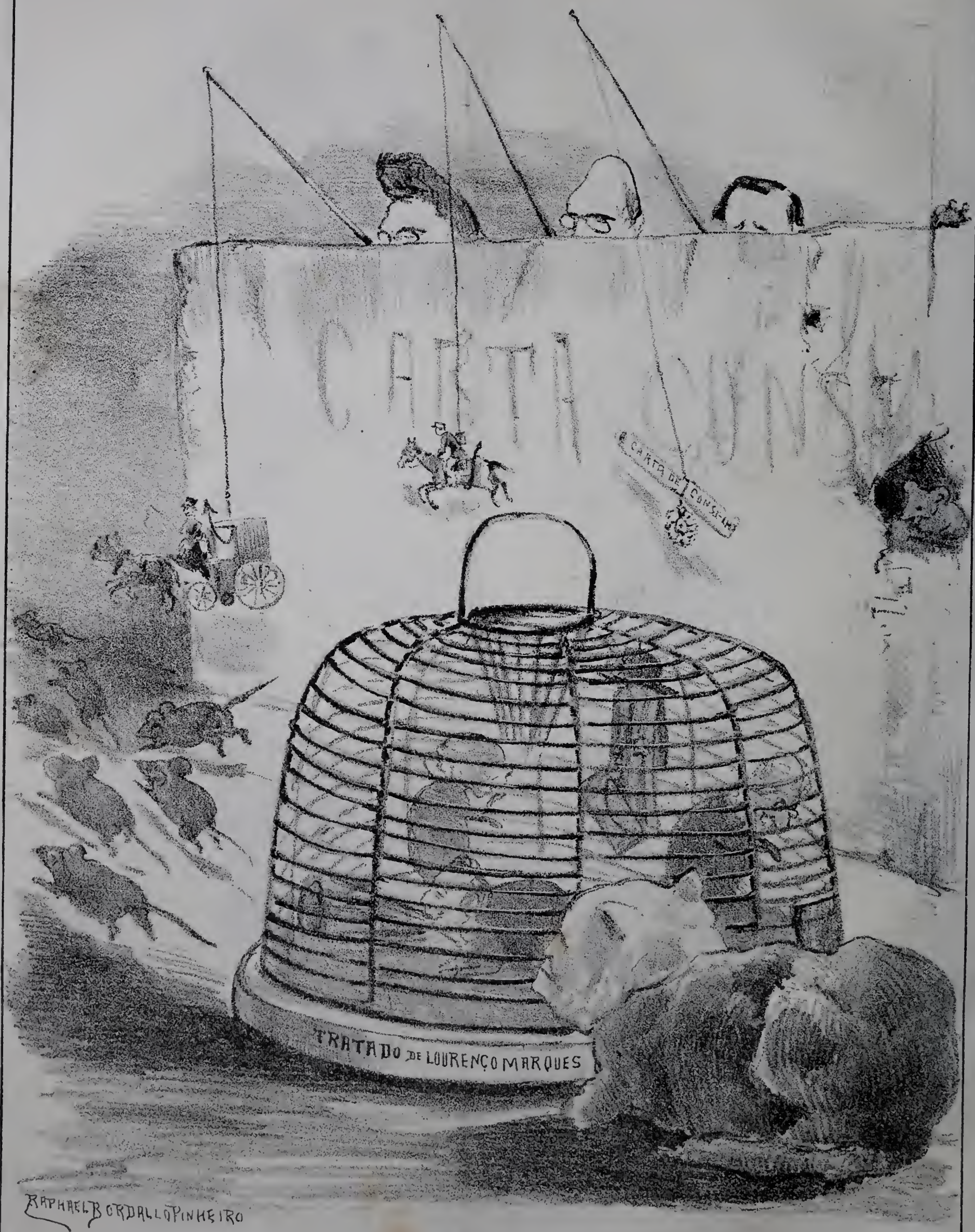
«Depois de ter cumprimentado, indireite-se devagar; tome o seu porte usual, retire a perna que se tinha collocado na *primeira posição atraz*, mudando-a para a *quarta posição ávante*, e descanse o peso do corpo sobre ella.

«Quer se queira cumprimentar outra vez, quer andar, finalisa-se sempre com a perna que fica adeante.

«Commumente, onde se não exige severa etiqueta (verbi gratia: para ministros de nações pequenas ou para simples agentes consulares) far-se-ha o cumprimento geralmente na *terceira posição*, comtudo os pés se voltarão sempre para fóra.» *(Obra do sr. Justino pagina 6.)*

Que o novo sr. ministro attenda a estas regras da elegancia assim como tem sabido attender ás da grammatica franceza, e s. ex.ª será grande!

O ministerio dos Extrangeiros e o tratado de Lourenço Marques

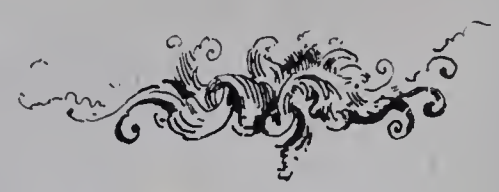


O ministerio dos extrangeiros, convertido pelo tratado de Lourenço Marques n'uma ratoeira de estadistas principia a espalhar terror. Acham-se já engaiolados na questão tres conselheiros. E debalde está procurando attrahir mais ratões áquelle phoco o toicinho da tentação sob a fórma de farda, de coupé da companhia e de correio a cavallo. Os ratões fogem da isca com uma rapidez vertiginosa e commovente. Tal é a situação actual, a que se dá o nome de *interinidade*.

Paz aos mortos! Cache-nez aos vívos!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O duque d'Avila



Saiu da universidade aos dezenove annos de idade coroado de louros.

Tomou a serio a responsabilidade da corôa que lhe cingia a fronte de estudante, e, homem, elle foi sempre em cada anno da sua vida, bem como em cada anno do seu curso, — O PRIMEIRO PREMIADO.

O seu desejo unico era esse. Realisou-o.

Não diremos que fosse um destino glorioso. Dizemos porém, com admiração, que foi um destino perfeito.

Fomos ao Lazareto. Não ha lá febre amarella, como alguns jornaes espalharam. Pelo contrario: quem lá encontrámos foi o actor Silva Pereira, o creador de dois typos celebres, o de *Mané Côco* no theatro portuguez, e o de *Nhónhó Fazenda* no theatro brazileiro.

A temperatura

Ha dois dias, 10 horas da manhã, o thermometro do corpo diplomatico extrangeiro marcou *Alfeite* á sombra.

Na baixa o thermometro variou entre *Perna de Pau* e *Cova da Piedade*.

As festas da Universidade

A mocidade academica celebrou em Coimbra a festa de Camões.

Registramos com jubilo este facto, que denota uma orientação nova no espirito dos estudantes.

Durante muitos annos a Universidade, representada pelos seus alumnos, só soube fazer troça.

Os estudantes mais espirituosos e mais divertidos affirmavam os ardores da sua phantasia dando faltas nas aulas, dando canelões nos caloiros, e não dando mais nada.

Apenas, a horas mortas, algumas vezes, ao vir de cear, a mocidade batia tambem um pouco pelas paredes e nos futricas.

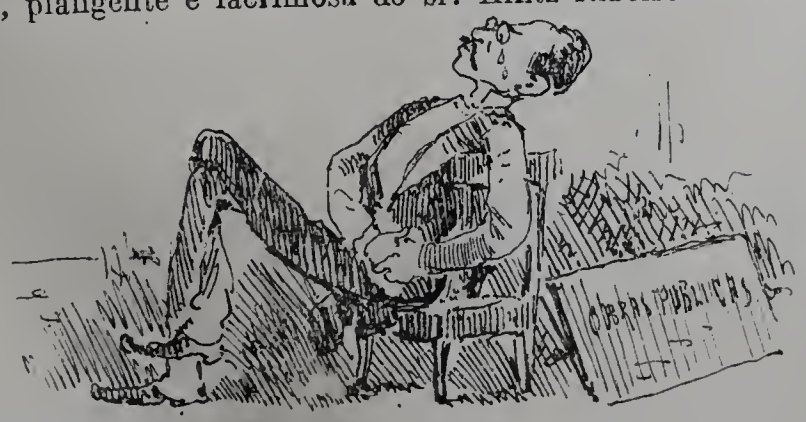
Ser sujo era um alto caracteristico de elegancia. Quando se ia á sociedade punham-se nodoas frescas na batina; e, assim como o virente louro era de rigor na fronte das vestaes, assim a corôa de caspa era obrigatoria na cabeça dos academicos. Aquelles a quem acerbos desgostos faziam cair a caspa, encobriam esse defeito usando caspa postiça.

Um professor, fazendo o elogio do aceio, com o fim de sacudir a apathia profunda em que caíra o commercio do sabão, dizia aos estudantes:

«Meus senhores — acreditae-o — é incomparavel o refrigerio e o goso que experimenta o homem, principalmente na estação calmosa, nas primeiras duas ou tres semanas que immediatamente se succedem á lavagem dos pés!»

Montesquieu distingue tres especies de tristeza:—a que vem do seculo, a que vem dos homens e a que vem de Deus. Em Portugal, além das tres tristezas de que falla o sabio, tinhamos mais uma — a que vinha de Coimbra em cada anno, intonsa, casposa e fastienta, vestida de gabão forrado de encarnado, com o cabello crescido até o coccix e os dedos queimados de cigarro até ás clavículas.

Essa tristeza, invadindo a cidade, penetrando lentamente nos jornaes, nas secretarias, no parlamento, nos chás abailaricados da baixa e nos festins hebdomadarios, a especiones, a rhetorica e a pão com manteiga, do sr. Fontes Pereira de Mello, acaba emfim, de tomar raizes nas instituições, onde foi plantada na pessoa tetrica, plangente e lacrimosa do sr. Hintz Ribeiro.



Sob o dominio pathologico de taes influencias hereditarias, comprehende-se bem que a alegria juvenil e espirituosa de que a Universidade acaba de dar um espectaculo tão brilhante nas festas com que solemnisou a inauguração do monumento a Camões, não viesse ao mundo inteiramente escorreita de alguns funebres laivos de familia.

Assim no programma supplementar da festa nocturna sobre as aguas do Mondego vemos indicados com quinze dias de antecipação os vivas expontaneos e enthusiasticos que a multidão terá de soltar no momento de se despedir para recolher a suas casas.

O programma prescreve que a multidão brade ao chegar esse momento: *Viva sua magestade a rainha! Vivam as senhoras de Coimbra! Vivam as damas portuguezas! Vivam os municipios!*

A commissão dos festejos receou, evidentemente, que a multidão, abandonada a si mesma ao terminar da festa, desatasse em chôro desfeito — para começar a descançar dos folguedos. E seria realmente lamentavel esse espectaculo de uma cidade inteira em ais de estalar as pedras no meio das luminarias do publico regosijo.

Mas os vivas escolhidos não nos parece serem os mais proprios para estancar o pranto de um povo desolado.

Cuidaes vós que um triste dando vivas á rainha, dando vivas ás damas em geral, dando vivas aos proprios municipios, ficará menos triste depois d'isso? Oh! como vos illudis!

A tristeza, quando ella é arreigada, tradicional e profunda, quando ella está no sangue d'uma raça, não ha nada que espanque e a enxote. Em taes casos o melhor que teem que fazer os programmas é deixar obrar a natureza.

O unico grito logico, sensato, para ser suggerido a uma multidão que dispersa para ir para casa depois de uma boa festa, seria unicamente o seguinte: *Muito boas noites, meus senhores, até amanhã, se Deus quizer!*

Tudo mais nos parece imprudente, porque, além de não produzir alegria, póde ferir susceptibilidades.

Emquanto ás damas, por exemplo, não nos parece que seja extremamente lisongeiro o dizer-se-lhes que a gente gosta

tanto d'ellas como dos municipios. Oh! não! Entre a doce Ophelia e o honrado sr. Gregorio Araujo, para nós pelo menos, ha differença.

Emquanto ao viva a sua magestade a rainha, esse, confessamos que nos irrita na nossa qualidade de multidão.

Como convidados á festa dos estudantes é claro que nós não teriamos especie nenhuma de politica senão a dos nossos amaveis amphitriões. Tão sómente para nosso governo folgariamos de saber com mais alguma precisão se suas excellencias são pela realesa ou se não são.

Se não são monarchicos, nós não os queriamos magoar dando vivas a uma testa de senhora que é mais coroada, o que só de per si não quer dizer que seja por esse facto mais bella nem mais espirituosa nem mais pura do que qualquer outra.

Se são monarchicos, nós então pediriamos licença para não saudar unicamente a realeza em uma das suas metades, e ampliar o viva do programma dizendo com ardor:

—*Viva sua magestade a rainha... e o seu homem!*

Em tudo o mais a festa foi exemplar e brilhante.

A Carta Constitucional ou o l

(Depois da leitura do Portugal C

1826. — Sua magestade imperial D. Pedro IV, prevendo o caso de ir para mal a guerra de Montevideo deliberа embainhar o lenço que se ha de offerecer do povo portuguez em troca dos soccorros militares com que alliviar o peso que opprimia o Brazil.

1828. — Frades, desembargadores, capitães mores fainas e outros grandes do reino aproveitam o lenço para expectorarem sobre elle o seu enthusiasmo pelo throno e pelo altar.

No meio do clarão vejo no throno
Cercado de esplendor Miguel primeiro.

1836. — Apparece a boa senhora gorda de azul e branco para ser assoada pelo auctor dos seus dias e do lenço. Juramento da Constituição no dia 11 de setembro, pela tarde.

1842. — Assoam-se os Cabraes com um nobre ardor, cujo estrepito retumba por todos os eccos do paiz.

1831 — Saldanha e Rodrigo incumbem-se de coser o lenço com o respectivo remendo do acto addiccional.

1865. — Dae cá o lenço, eu vos darei os melhoramentos materiaes de que haveis mister para viajardes nas provincias da publica administração!

do assoar d'estes senhores

oraneo de Oliveira Martins)

-D. Pedro, dador, entra no Porto com o lenço o em sua real dextra. *Não me obrigueis a em-orça ... para vos fazer assoar!* Dito d'elle.

1885. — Palmella, Saldanha e alguns outros cons pados nas luctas da liberdade rasgam o lenço para che gar um farrapo para cada nariz.

846. Intervenção heroica da Maria da Fonte. Ninguem mais se assôa aqui!

1847. — Resultado da lucta.

5 até hoje. — Os srs. que se assoam ao nos dado tudo para que os deixemos assoar se fomento, publicas liberdades, tratados, impostos estimos, moralidade e economias, coroneis, etc.

Sómente, pelo que respeita ao lenço, o povo continúa a assoar-se... aos dedos ou ao *Diario das Camaras*.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O FILHO

A vida d'elle era uma gargalhada,
A vida d'ella um pranto. Ella chorava
Sobre o rude trabalho que a matava,
Elle ria na tasca enfumaçada.

Jámais nos labios d'ella a aza doirada
De um sorriso passou; — jámais na cava
E horrenda face d'elle resvalava
Sequer de um pranto a perola nevada.

Mas Deus que deu á entranha de Maria
O redemptor dos homens, Deus lhes fez
Uma esmola: — Deus fel-os paes um dia.

E ambos beijando ao filho os niveos pés,
Pela primeira vez ella sorria,
E elle chorou — pela primeira vez.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Luiz Guimarães, o primeiro diplomata da poesia brasileira e o primeiro poeta da diplomacia americana, actualmente em Lisboa, de viagem de Roma para o Rio de Janeiro.

The Gaiety Dramatic Club

A estimavel colonia ingleza de Lisboa, representando no theatro de D. Maria em beneficio da *Sociedade dos amigos dos extrangeiros desamparados em Londres*, deu-nos ao mesmo tempo dois bellos espectaculos: o das suas comedias e o da sua philanthropia. Nem todos entenderam as peças. Ninguem todavia deixou d'applaudir a boa obra.

O novo boi Apis do constitucionalismo

Apenas vago no templo o logar do boi Apis, os sacerdotes de Memphis escolhem um novo boi, filho de sua mãe e de um raio de sol, e collocam-o entre columnas de porphyro e de alabastro, sobre a herva sagrada, incumbindo-o de presidir aos destinos humanos, de predizer o futuro e de pastar em socego para honra dos homens e gloria dos deuses.

A ordem do tigre

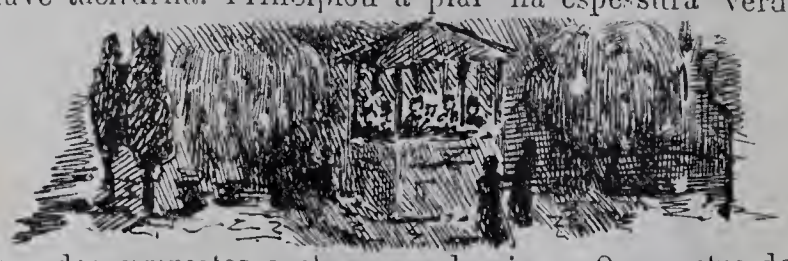
Considerando que ha vadios, pobres de pedir, vendedores de jornaes, cauteleiros e outros cidadãos que não teem a ordem de Christo nem a de S. Thiago, o sr. conselheiro Arrobas ha por bem crear a nova *Ordem do Tigre* para o fim de condecorar todos os cavalheiros ainda não pingados pelas distincções honorificas. Todo aquelle que se recusar a receber este honroso testemunho de munificencia, pagará dez tostões de multa com trinta dias de cadeia.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O Passeio Publico

Principiaram os enterramentos nocturnos da gente viva n'esse campo soidoso do repouso e da melancolia lisbonense. Abriu-se no domingo pela primeira vez a *porta*

inferi. Accenderam-se os tocheiros ao longo da grande nave tacitarna. Principiou a piar na espessura verde-



negra dos cyprestes a charanga do cinco. O espectro de

Justino Soares ergue-se do tumulo em terceira posição de dança e, coberto pelos persevejos do sepulchro, guia infrene e satanico sobre as campas a dança dos me-

ninos mortos. As mães defuntas, amortalhadas de novo e postas em fila sobre as cadeiras do asylo da mendicidade, vertem pelos cascbeques abaixo o pranto gottejante das catacumbas. Os janotas desenterrados dos

seus mausoleus charutam em arabescos de vampiro em torno do moimento dos libertadores, tetricamente

formado de medidas de capacidade emborcadas umas sobre as outras, desde o moio quadrado até o salamim!

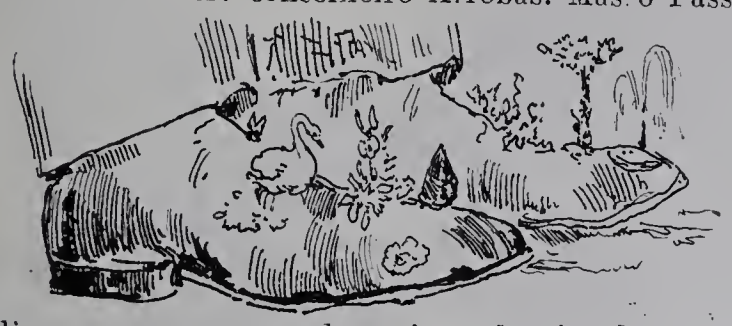
Quando as corujas do cinco cessam de piar no cyprestal, e que Justino, estendendo a dextra carcomida,

detem as chorcias funebres dos meninos mortos, um grande silencio glacial, de crypta abobadada, envolve o antro pavoroso, e ouvem-se ao longe, na solidão nocturna, as pulgas da baixa mastigando as carnes dos logistas nos arruamentos adormecidos.

Aqui está o nosso vintem para o asylo por uma cadeira. Podem hauril-o. Quando tanger no bronze a hora de nos recolhermos outra vez ás nossas campas, chamem-nos. Que d'aqui até lá vamos-nos encommendar ao Altissimo! *Oremus!*

Somos insuspeitos, porque não temos senão sympathia pelos jardins publicos. Se fossemos poder, ajardinariamos tudo desde as secretarias do Terreiro do Paço

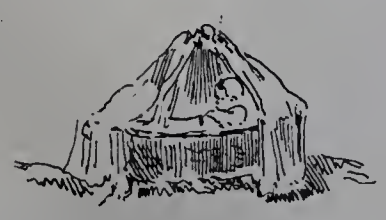
até as botas do sr. conselheiro Arrobas. Mas o Passeio



Publico escava-nos na alma insondaveis cloacas de animadversão e de fel. Porque? Porque o não sabem arranjar para que elle seja, como deveria ser, para as mulheres e para as creanças de Lisboa um elemento hy-

gienico de distracção e de recreio em vez de ser,

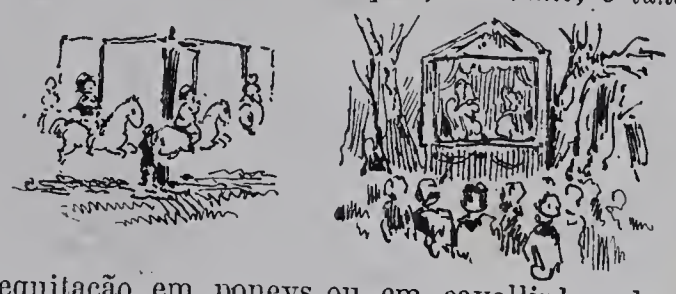
como é, um foco pestilente de semsaboria pascacia e de namorismo chôcho.



Em toda a parte do mundo as creanças bem educadas para onde vão á noite é para a cama. Os seus divertimentos devem-se organisar de dia, ao sol no inverno, á sombra das arvores e ao murmurio da agua no verão.

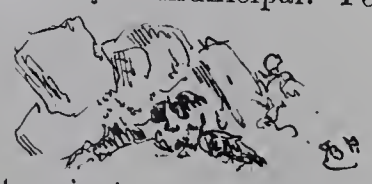
Se designios impreserutaveis da providencia não teem irremissivelmente condemnado os meninos de Lisboa a serem os mais desgraçados entes do Universo, a camara municipal deveria pensar em apropriar ás necessidades da educação d'elles e de suas mães os nossos jardins publicos, estabelecendo n'esses recintos os exercicios

gymnasticos, o jogo do *croquet*, o *volante*, o *land-thane*,



a equitação em poneys ou em cavallinhos de pau, as *marionettes*,— finalmente todos os divertimentos honestos proprios de creanças dignas.

Se porém está escripto no livro dos destinos que as nossas filhas tenham de ir irrevogavelmente para cancanistas, e que as nossas mulheres tenham de as preparar para isso principiando por as mandar dançar a polka á meia noite nos jardins publicos, n'esse caso dizemos que o Passeio está bem assim. E não pedimos nada á administração municipal. Pedimos apenas a



Deus, clemente e justo, um terremoto que nos subverta.

O *Diario do Governo* publica uma portaria por meio da qual a corôa testemunha a sua consideração aos promotores das festas de Coimbra em honra de Luiz de Camões.

Este procedimento, comparado com aquelle de que foram objecto ha um anno os iniciadores das festas camoneanas em Lisboa, denota que nas altas regiões do poder ha um progresso de cultura intellectual assaz lisongeiro. Evidentemente a corôa está mais bem creada.

A INFANCIA E

DECRETOS

Absolutamente prohibido a todos os me
a chuchadeira.

OVERNO CIVIL

ARROBAS

o pedirem para Santo Antonio. Acabou-se-lhes

O numero 103

Pedro Moreira, na rua Aurea, tem a faca e o porco da *réclame* na mão. Pede-se-lhe, a elle que tanto tem reclamado para si, o favor de reclamar um pouco para nós porque o **103** de que se trata hoje não é o numero da sua porta, mas sim o numero d'este nosso fasciculo. Quatorze mil individuos, entre nacionaes e forasteiros, foram hontem assignar este periodico. Continuamos a receber assignaturas na rua dos Correeiros n.º 140.

Do Antonio Maria (simples jornal)

Ao sr. Antonio Maria (Arrobas, conselheiro e tigre)

Presado homonymo e sr. governador.

As ultimas medidas de v. ex.ª enchem em grande parte as nossas, e por tal motivo mais uma vez lançamos mão da penna para felicitar a v. ex.ª.

A creação da mui nova e distincta *ordem do tigre* para o fim de condecorar, sob penna de cadeia, os cidadãos portuguezes que não eram ainda condecorados, enternece-nos de admiração e de jubilo.

A prohibição expressa de pedir para Santo Antonio enthusiasma-nos. Porque as vidas são breves, e não ha tempo de pedir para santos. Bem nos basta o que cada um tem que pedir para si, para os seus eleitores, para os seus affilhados e para os seus amigos! V. ex.ª sabe por experiencia o que isso é. E é pelo muito que V. ex.ª tem pedinchado sempre que os pedintes ultimamente presos nas ruas da capital exclamam com amargura quem é o teu inimigo? o official do teu officio.

A unica coisa que receamos é que a actividade que v. ex.ª tem desenvolvido nos ultimos tempos não ponha em perigo os fatigados dias consagrados por v. ex.ª á policia das gentes.

V. ex.ª apoderou-se com nobre zelo de todas as attribuições policiaes, e, a corridas vertiginosas de tipoia, v. ex.ª acode a toda e parte, sob fórmas disfarçadas,

já como cocheiro, já como mendigo, já como linda pequena, já como Vicencia, já como padeiro, já como faia.

O policia Antunes, que por muitos annos foi a gloria de Lisboa, está posto a um canto por v. ex.ª Já ninguem diz o *habil Antunes*, diz-se o *habil Arrobas*.

O muito zelo, ex.mo sr. acaba com as pessoas. Por isso pedimos que v. ex.ª se poupe, porque emfim — antes conselheiro vivo do que habil Antunes morto.

O boato

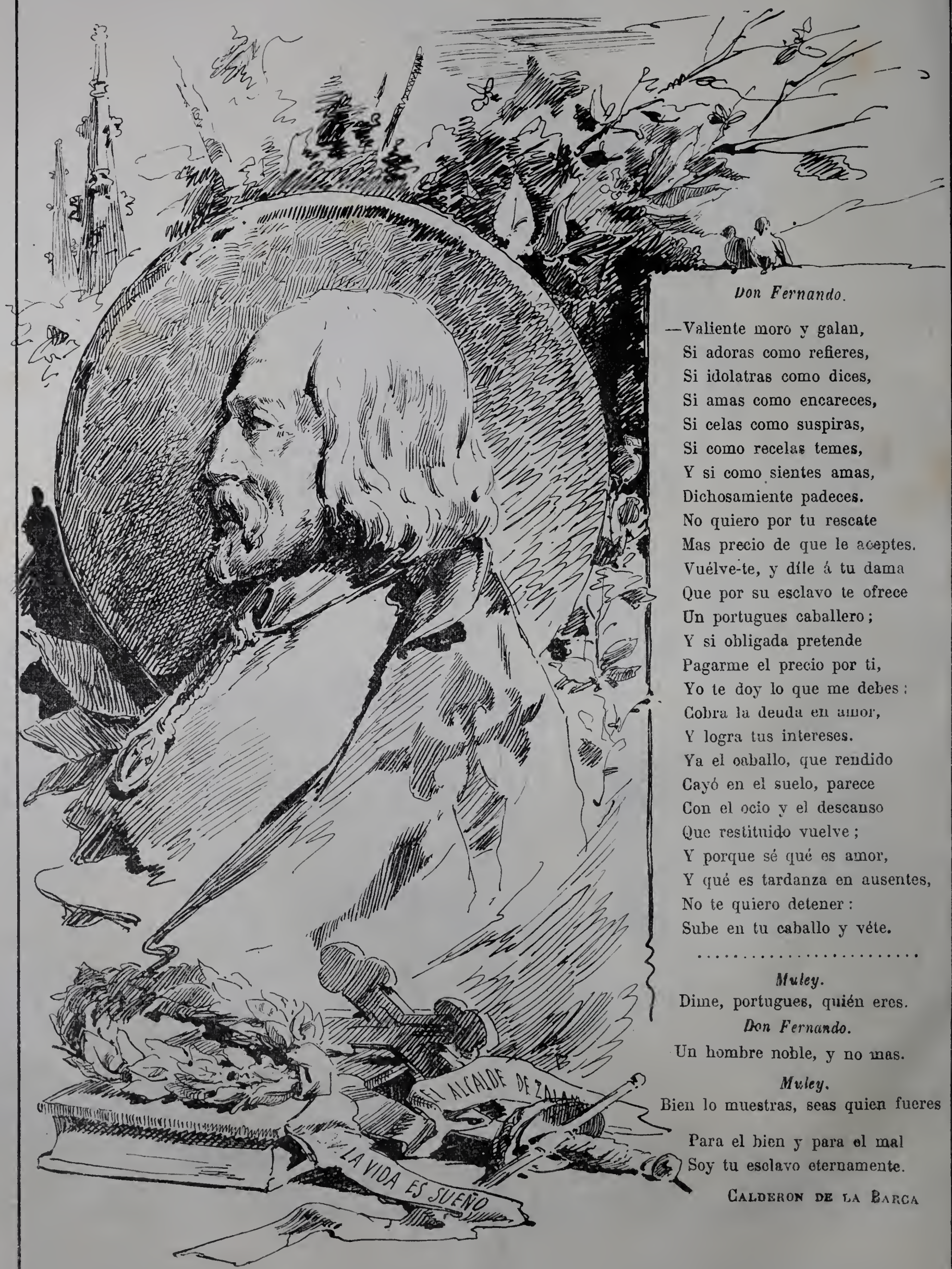
Affirma-se que para o fim de compensar os rigores adminstrativos do sr. Arrobas, será nomeado brevemente governador civil substituto de Lisboa um cavalheiro cujo nome uma justa reserva nos inhibe de proferir.

A revaccinação

Ao conselheiro Arrobas, pelos esforços feitos para vulgarisar a revaccinação gratuita, Zé Povinho agradece.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O centenario de Calderon



Don Fernando.

—Valiente moro y galan,
Si adoras como refieres,
Si idolatras como dices,
Si amas como encareces,
Si celas como suspiras,
Si como recelas temes,
Y si como sientes amas,
Dichosamiente padeces.
No quiero por tu rescate
Mas precio de que le aceptes.
Vuélve-te, y díle á tu dama
Que por su esclavo te ofrece
Un portugues caballero;
Y si obligada pretende
Pagarme el precio por ti,
Yo te doy lo que me debes:
Cobra la deuda en amor,
Y logra tus intereses.
Ya el caballo, que rendido
Cayó en el suelo, parece
Con el ocio y el descanso
Que restituido vuelve;
Y porque sé qué es amor,
Y qué es tardanza en ausentes,
No te quiero detener:
Sube en tu caballo y véte.

. . . . . .

Muley.

Dime, portugues, quién eres.

Don Fernando.

Un hombre noble, y no mas.

Muley.

Bien lo muestras, seas quien fueres
Para el bien y para el mal
Soy tu esclavo eternamente.

CALDERON DE LA BARCA

É util não confundir *Calderon de la Barca* com o *Caldeirão d'Alcobaça*. Um equivoco sobre este ponto seria mal visto pelos doutos.

E' prudente porém que nos não deixemos levar por uma excessiva curiosidade litteraria até o ponto de irmos ler a massa enorme dos dramas, das comedias de capa e espada, dos autos sacramentaes e dos saynetes do poeta illustre de Filippe IV, o reverendo conego de Toledo D. Pedro Calderon de la Barca Henao y Riano.

Para que a gente se podesse arriscar sem grandes perigos á aventura de ler Calderon, seria preciso que a critica se quizesse previamente encarregar de dividir na obra do grande escriptor aquillo que n'ella pertence ao ecclesiastico, ao official do Santo Officio, ao commensal do nullo Filippe IV, e o que na mesma obra pertence puramente ao artista, ao poeta e ao hespanhol.

No seu conjunto a obra de Calderon é um tão confuso mixto de genio, de aspiração cavalleirosa, de fanatismo boçal, de rancor padresco, de mesquinhice beata e de rhetorica de pulpito, que é impossivel ler cem paginas seguidas sem succumbir de perturbação, de espanto e de tristeza.

* * *

O seculo de Calderon foi o mais desolado periodo da historia da decadencia hespanhola.

O despotismo catholico-monarchico de Carlos V e dos quatro Filippes havia prostrado a Hespanha no esfalfamento profundo a que deu a ultima demão a politica senil de Carlos II, o *Enguiçado*.

Em Sevilha, em Cordova, em Toledo e em Granada os tribunaes da Inquisição tinham condemnado ao fogo, ao carcere e a outras penas afflictivas ou infamantes cem mil pessoas.

O filho de Filippe II, suspeito de heretico, obtinha do amor e do carinho paternal a insigne graça de morrer afogado n'um banho quente em vez de morrer na fogueira.

Oitocentos mil mouros tinham sido expulsos dos dominios da monarchia.

No reinado de Filippe IV, o amigo e o protector do poeta, quatorze mil e oitenta individuos eram presos pelo Santo Officio, e dois mil oitocentos e cincoenta e dois eram queimados a fogo lento.

Carlos II tremeu deante da força enorme do poder monacal instituido pelos reis seus predecessores, e receiando pela sua propria cabeça nomeou uma junta encarregada de reprimir os abusos do Santo Officio. Mas o poder da Inquisição era já a esse tempo superior ao poder do rei, e os membros da commissão repressora, apenas nomeados, fugiram.

A Hespanha do seculo XVII havia successivamente perdido, de erro em erro e de desastre em desastre, o prestigio que tinha á frente da civilisação occidental, as melhores das suas conquistas, o seu dinheiro, a sua invencivel armada, o seu exercito e o mais generoso sangue dos seus heroicos filhos.

N'esse vasto campo de derrota, sobre a pobreza e sobre a humilhação geral, no meio das cinzas fumegantes dos queimadeiros, a Companhia de Jesus apodera-se do que ainda resta de vivo na alma do povo, e esmaga o espirito nacional pelo monopolio de uma educação bestificante, a mais propria de quantas se tem inventado para tornar os homens pedantes, mentirosos, traiçoeiros e cobardes.

* * *

No meio de uma tal sociedade a obra artistica de Calderon adquire uma grande importancia historica. Esse documento litterario é ao mesmo tempo um documento ethnologico, e é principalmente por este aspecto que elle deve ser lido e estudado.

Educado pelos padres jesuitas, assoldadado pela côrte para a divertir com o seu talento, conciliado e satisfeito n'um regimen de intolerancia e de corrupção que foi a desgraça da Hespanha e a vergonha da humanidade, Calderon, padre, conego, cortesão, theologo e grammatico, teve em si todos os vicios do seu tempo, todo o fanatismo sanguinario e cruel da sua roda. Eis os termos em que um dos seus heroes se refere aos villões herejes que a Inquisição frigia.

Oh que maldita canalla!
Muchos murieron quemados,
Y tanto gusto me daba
Verlos arder que decia
Atizandoles la llama:
Perros herejes, ministro
Soy de la Inquisicion santa,

Zé Povinho no intuito patriotico de fazer crer á
estado, continua a ir em cada anno, na quinta feira
muito mais virente nas instituições do que na horta

oje

oria que não é espigado em cada dia pelos poderes do
scenção, colher nos campos a espiga, que aliás viceja
abicha.

Apesar de tudo porém, Calderon conserva illesa e virginal no fundo do seu ser uma grande virtude — a de permanecer hespanhol. A potente vitalidade da nobre raça a que elle pertencia, respira nos seus versos com um fremito victorioso de epopeia. Debaixo da sua lugubre roupeta de clerigo bate um coração de castelhano. Servo da Egreja, elle é ao mesmo tempo o cantor enthusiasta da honra, do brio, da galanteria e do amor. E em toda a sua obra passa de principio a fim, como um protesto inconsciente da arte contra o atrophiamento social, uma inquietação nervosa e febril, em que parece ouvir-se de continuo o tinir de espadas em duellos, o tropear de cavallos á desfilada, um forte impulso de orchestra, em que rufam pandeiros e castanholas, e em que a eterna canção do amor suspira ao longe ao som da guitarra, sob a languidez do luar.

* * *

A celebração do centenario de Calderon, legitimo representante do espirito hespanhol sobrevivente á dissolução moral e politica do seculo XVII, representa pois um pouco mais do que a canonisação litteraria de um grande artista, representa a glorificação e a apotheose do genio collectivo de uma grande raça — a raça peninsular.

O trecho de Calderon que publicamos é extrahido do drama intitulado *El principe constante*. A scena transcripta passa-se entre o infante D. Fernando, o captivo de Fez, e o mouro Muley Hassan, que o principe portuguez fizera prisioneiro n'uma batalha em Africa.

O caminho de ferro de Torres

Se Portugal se portar bem e se fôr amiguinho, tem aqui um protector. Se não fôr amiguinho nem se portar bem, então não.

OS CONCERTOS DA ORCHESTRA VINTE E QUATRO DE JUNHO

O maestro Colonne

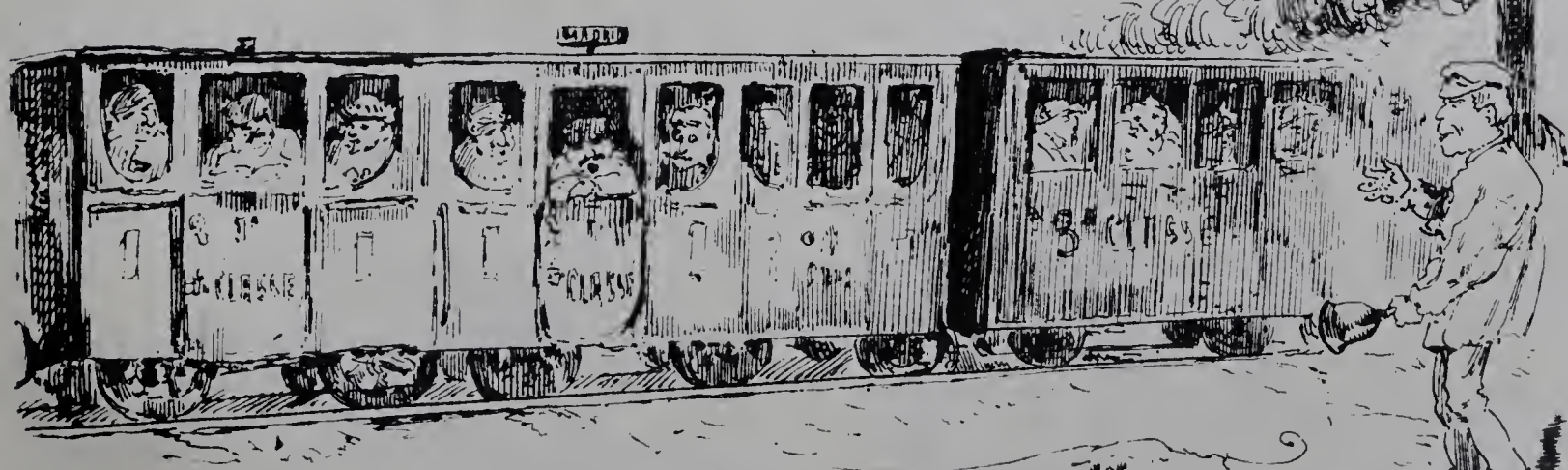
A ida para Hespanha

Os viajantes.

O Camara sae do paiz.

A corôa para Calderon na alfandega da fronteira.

O sr. Santa Maria, jornalismo de Badajoz.

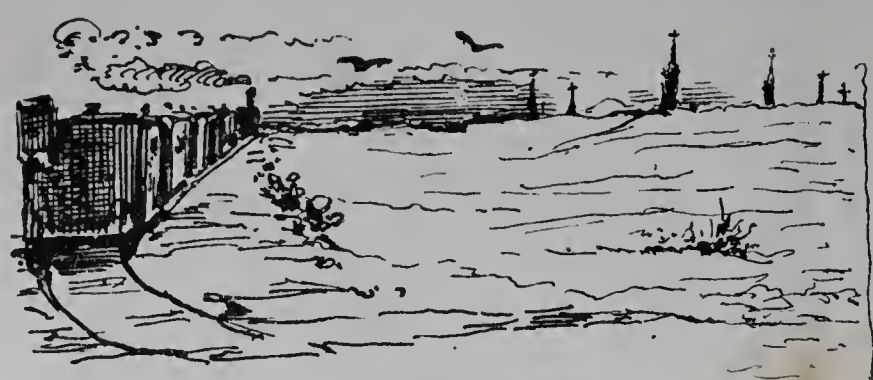


O trem-salão da imprensa.

O Valdepeñas.

Continúa na pagina seguinte.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.



Aspecto das povoações.

As producções do solo.

A provincia da Mancha e os seus habitantes.

— *Es Madrid!* disse Vedra a Marianno Pina.

O Camara sae do wagon.

Madrid! Madrid!

Foi para o fim de dar aos leitores uma ideia justa e precisa do centenario de Calderon que nós transpusemos destemidamente a fronteira.

Encaramos sem descorar com os rochedos da Serra Morena e com os carabineiros das alfandegas hespanholas.

Atravessamos o paiz da Mancha, onde vegetam ainda os cardos que roía o burro de Sancho, mas onde já não bracejam os moinhos das brancas illusões pelas quaes se quebravam as lanças de Quijote.

Tragamos com heroicidade o pó do wagon e os pimentos morrones da cosinha hesponhola.

Haurimos pela taça amarga de Badajoz e d'Almorchon o vinho do Valdepeñas do exilio, — poção mysteriosa e cabalistica, em que entra o *gaspacho*, o *puchero*, o *assucarillo*, a saudade da patria e o fel dos bois.

Durante um dia inteiro e duas longas noites se nos cortaram os fios d'alma, vendo com olho diurno e com olho nocturno sair o Camara — porvinte e duas vezes!

Vimol-o sair, só e conspicuo, meditando. Vimol-o sair, acompanhado e risonho, discreteando com Fonseca. Vimol-o sair, pausado e lento, para arejar. Vimol-o sair emfim, não sabemos para quê, veloz qual gamo, correndo para o seio das trevas nocturnas com o seu guarda-pó desfraldado ao vento, e com um papel na mão.

Vimos Eduardo Coelho disputar com risco de sua preciosa vida aos aduaneiros hespanhoes a corôa de prata da associação dos escriptores guardada na chapelleira d'aquelle jornalista. Foi um conflicto medonho, porque o representante dos de Portugal queria absolutamente a corôa para a depôr em Calderon, ao passo que os de Castella a queriam tambem com egual avidez para a derreterem em pesetas. N'esta horrivel conjunctura Eduardo Coelho empregou um subterfugio heroico, e disse no edioma de Cervantes:

—Señores carabineros, la corona es de mi uso particular (sensação). Se ustedes quieren absolutamente deshacer en pezetas uno de mis vultos, cogan ustedes mi somberero, io me cobriré la cabeza com mi corona.

E em quanto os de Castella corriam jubilosos a derreter em *perros chicos* na Casa da Moeda o chapeu do Eduardo feito do pello do Coelho, Eduardo Coelho proseguia viagem com a corôa de Calderon na fronte.

Ouvimos Vedra, deitando a cabeça pela portinhola do wagon e apontando para um campo de trigo com um barracão no meio, dizer a Mariano Pina:

— *Es Madrid!*

E fomos testemunha ocular do enthusiasmo fervoroso que rebentou do peito de Pina ao ouvir essa palavra magica do labio insuspeito de Vedra.

—Y donde se queda la Puerta del Sol? donde se queda el Retiro? — perguntava Pina, ancioso.

E Vedra, apontando com o dedo as papoulas e as hervas vaqueiras que salpicavam de pintas amarellas e vermelhas a ceara que circunda a gare madrilena, respondia:

—Todo se queda allá.

Nos olhos de Pina borbulhavam lagrimas, de commoção.

Vimos Madrid com o seu novo bairro de Salamanca, um francezismo que começa, e com o seu velho bairro de Toledo, um hespanholismo que tende a acabar.

Vimos o desfillar do cortejo das escolas, composto, além dos lentes e dos estudandes das universidades hespanholas, de regimentosinhos de pequenos soldados em miniatura e de procissões de pequeninas freiras em noviciado, tudo acompanhado e condusido por bellos padres gordos e morenos.

Vimos o prestito dos presbiteros e dos devotos que depois de ter orado por alma de Calderon na egreja de S. José se dirigiram ao tumulo em que jaz sepultado o poeta na egreja de S. Pedro. Mas ao passar na Puerta del Sol este cortejo dispersou para ir-se refrescar nos cafés circumvisinhos, não chegando ao seu destino senão o patriarcha das Indias, que se encontrou só com Calderon em S. Pedro, — ambos firmes nos deveres do culto, um na sua qualidade de prelado, e o outro na sua qualidade de defunto.

Assistimos ás *veladas* do Ateneo.

Vimos finalmente a grande procissão historica, e encorporamo-nos como representantes da imprensa e da arte nacional n'esse cortejo sumptuoso e magnifico, para cuja pompa deslumbrante só o rei, á sua parte, contribuiu com trinta e cinco contos de réis, além dos coches, dos cavallos e dos palacios que prestou aos promotores das festas do centenario.

De tudo isso tomamos notas. Temos cheia a carteira e cheio o album.

Precisaremos do espaço de dois ou tres numeros para dar ao publico os nossos croquis.

Publicamos hoje os principaes episodios da festada rua. Para essa festa contribuiram os representantes de Portugal com a parte do enthusiasmo peninsular, de que se póde dizer que elles foram os portadores na procissão historica do centenario de Calderon em Madrid.

Foram os portuguezes que deitaram fogo ás acclamações populares que acompanharam o cortejo desde a Calle Serrano até á Plaza del Oriente. Porque esses poucos homens, que não tinham pendão, que não tinham bandeira, que não tinham carro de triumpho, nem creados de libré, nem musica, nem guardas de bellos trajes pittorescos e historicos, tirando simplesmente os seus chapéus, nas ruas de Madrid onde a policia cohibe as manifestações populares, saudavam clamorosamente o que a Hespanha tem de mais bello e de mais nobre.

Disseram os periodicos hespanhoes que as deputações scientificas, escolares, artisticas e litterarias de Portugal haviam victoriado o exercito, o governo e o rei. Esses periodicos não foram fielmente informados. Os representantes portuguezes, no transito da procissão historica, saudaram apenas as glorias artisticas e as glorias litterarias da Hespanha, os seus poetas, os seus musicos e os seus pintores, a honra cavalleirosa dos seus democratas e a aristocratica gentileza das suas bellas mulheres.

Foi por essa razão que a vibração das acclamações portuguezas se communicou facilmente á alma do povo madrileno, que ficara mudo perante todas as maravilhas materiaes de que se compunha a procissão historica.

Depois das primeiras ovações feitas pelos portuguezes a Emilio Castellar, a Romero Ortiz e aos periodistas hespanhoes, vimos na Calle de Alcalá levantarem-se, á passagem da deputação de Portugal, todas as senhoras que enchiam uma grande tribuna. E d'essa tribuna caiu sobre as cabeças dos nossas um trovão de palmas e uma chuva de ramalhetes.

D'ahi até á Puerta del Sol, a chegada dos representantes portuguezes em frente de cada predio correspondia a um movimento geral de mãos que batiam e de lenços brancos que tremulavam desde os passeios das ruas até ás arestas dos telhados.

Em frente do circado do Palacio, onde se achava o rei e toda a sua corte no esplendor magnifico da grande gala castelhana, os artistas, os escriptores e estudantes portuguezes passaram silenciosos, n'um respeito mudo.

Mas na Calle Mayor, em frente de um balcão em que via passar o prestito uma bella e espirituosa actriz do theatro hespanhol, a señorita Mendoza Tenorio, houve uma ovação estrepitosa e monumental, ao theatro, á poesia, á gloria e á belleza da Hespanha, representada por uma das suas artistas.

A joven actriz, toda vibrante de commoção nervosa e de arranque peninsular, agradeceu arremessando-nos o grosso ramo de cravos que tinha no seio, e levantando ella mesma vivas á nação e á imprensa portugueza. E foi bello de vêr como a commoção d'essa simples mulher, na attitude carinhosa de enviar um beijo a alguns extrangeiros, se transmittiu electricamente a todo o povo que enchia a rua e as janellas e que gritava entre salvas de palmas: *Vivan los de Portugal! Vivan los de Portugal!*

Antes de proseguir a publicação das nossas notas em numeros subsequentes, cumpre-nos agradecer de prompto os convites officiaes que recebemos para algumas festas, a que não assistimos, porque, apesar de nos chegarem ás mãos esses convites pela manhã muito cedo do dia seguinte ao das festas a que elles se referiam, não nos foi possivel, por mais ligeiros que andassemos, apresentarmo-nos a tempo de havermos comparecido na vespera.

As festas nas ru

A congregação dos presbiteros.

O cortejo dos estudantes.

Um trecho da
rica.

le Madrid

GUARDA CIVIL JOVEN
CONSERVATORIO
CARABINEROS JOVENS
NO DE DOÑA JOANA LA LOCA
PLUS ULTRA
CUBA Y PUERTORICO
CARRO DA ESPANHA
COMMISSÃO EXECUTIVA

Em Madrid

Os personagens hespanhoes e suas preoccupações ácerca de Lisboa

O chefe do estado — Porque ha salido Camara ?

Romero Ortiz—Tam poco lo se yo porque Camara ha salido.

Castelar—No consta de la historia antigua ny moderna porque salisse Camara.

Moreno Nieto—Ninguno lo sabe en el Ateneo !

O pintor Casado—Ni en la escuela de pintura en Roma !

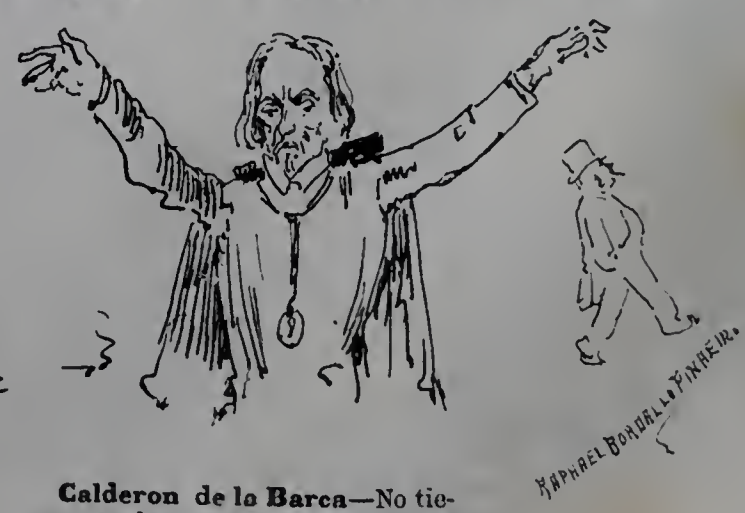
Sagasta— El gobierno ignora el ocurrido a proposito de la salida de Camara.

O ministro portuguez—Vou-me raspando porque não sei porque sahiu o Camara.

Benigno Martinez — Conosco todos los de Portugal, pero no conosco la razon que tubo Camara para salir.

Echegaray— El teatro español nada ha arreglado sobre la salida de Camara.

Martinez Campos—Puedo fuzilar Camara, pero no puedo decir porque Camara ha salido.



Calderon de la Barca—No tienen ustedes temor de Dios, señores ! Camara es un sueño como la vida.

Os portuguezes no cortejo historico

A commissão portugueza em frente do Real Palacio

Continúa no proximo numero.

O Iberismo

A VERDADEIRA OPINIÃO PORTUGUEZA

(Marca de quadrilha)

Estão os pares a postos: — *En avant!*

O PORTUGUEZ: — *Changez vos dames!*

O HESPANHOL: — *Reprennez vos dames!*

O PORTUGUEZ (com um barro): — NUNCA! Só á facada!

Aqui está, no fundo, o sentimento iberico dos Portuguezes. *Les femmes, les femmes...* É o diabo!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O Iberismo

(Segundo a opinião do menino Menendez Pelayo)

Todos os jornaes d'Hespanha sao concordes em que a feição mais surprehendente d'aquillo que lá se chama o *genio* do sr. Menendez Pelayo é a prodigiosa, a phenomenal precocidade d'esse *genio*. Com effeito, foi necessario que a Real Academia Española alterasse os seus estatutos para que o dito Pelayo pudesse usar o uniforme de *Academico de numero* na edade em que ordinariamente apenas se usam cueiros; e é assim que os seus labios estão habilitados a reclamar quasi officialmente o restabelecimento da Inquisição, n'esse periodo da vida em que os labios dos outros só reclamam o peitinho da ama. Isto produz situações lamentaveis. N'um d'esses jantares, que Madrid prodigalisou por occasião do centenario de Calderon, o tenro Pelayo, tendo deposto por um instante o guizo com que estava folgando, equilibrou-se sobre os pésinhos, e vagio estas opiniões: — « que na peninsula iberica (para elle Pe« layo) só existia um reino legitimo, o reino d'Hespa« nha, e uma casa reinante possivel, a casa d'Austria: « e que apesar de ter havido em 1640 uma certa se« paração ficticia d'uma certa provincia hespanhola, « elle joven Pelayo continuava a considerar a Hespanha « limitada a oriente pelo Mediterraneo e ao occidente « pelo Atlantico, etc., etc.».

Assim Lisboa, para este Pelayo, torna-se apenas uma cidade hespanhola de provincia, onde o sr. D. Luiz I de Bragança é um obscuro governador civil. Ao ouvir isto, alguns portuguezes que assistiam ao jantar dirigiram-se ao logar d'onde Pelayo vagira, com o fim de lhe fazer maiores, se isso fosse possivel, as orelhas que Deus já lhe fez tão grandes... Mas, oh! espantosa surpresa! eis que os nossos patricios encontram o pequerruchinho Pelayo, de mamadeira na bocca, e quasi adormecido no regaço da ama — da ama que lhe estava mudando os cueirinhos porque, no esforço de tanta eloquencia, o Pelayosinho tinha-se comportado vergonhosamente da cinta para baixo. Então, depois de lhe fazerem uma festa, os nossos compatriotas retiraram-se em bicos de pés, pensando que em tão tenra infancia Pelayosinho não podia ter a responsabilidade dos seus vagidos, — e ao mesmo tempo pasmando de que sob uma moleirinha tão molle se podesse abrigar já uma velhacaria tão dura.

O GRANDE SUCCESSO DA SEMANA

Da parte do *Antonio Maria* ao grande violinista Sarasate:

Precioso! Reguapissimo! Que remônissimo!... Immejorable! Divino!

VIAGE

Preparativos -

REAL

arrear da besta

A Dictadura — e como nós a queremos

O governo de S. M. está em dictadura. N'este momento grave e ponderoso, o *Antonio Maria*, depois de reflectir com a fronte sobre os punhos, vem declarar, á face d'estes ardentes céus de junho, que não se oppõe á dictadura.

A monotona abundancia de constitucionalismo tem-nos lançado n'uma tão tristonha somnolencia — que talvez um bocado de tyrannia nos desperte para uma amavel e refrigerante hilaridade. Sómente o *Antonio Maria* exige uma dictadura — a valer!

Se o governo de S. M. vae consentir que o paiz continue n'esta bella panria liberal; que a imprensa prosiga palrando, de adjectivo democratico em punho; que as rimas do sr. Gomes Leal caiam como granizo sobre os veneraveis florões da Corôa; que cada um recolha de noite aos seus lares sem pranchadas da policia; que o sr. Oliveira Martins durma nos seus colxões e não na palha das masmorras; que a profissão de carrasco seja considerada humilhante; que as nossas cartas nos sejam entregues sem terem sido primeiro abertas e lidas em conselho de ministros; que não haja buscas, nem denuncias, nem cacetadas officiaes; que, emfim, possamos tomar banho, cortar os callos, ler o *Diario de Noticias*, desejar a mulher do proximo, ir ao Passeio, detestar Beethoven, tudo isto sem inquietação, sem medo do Poder Executivo — então historias! então a dictadura não presta! Antes a pasmaceira do liberalismo.

Não! queremos a dictadura armada, feroz, intolerante, sicaria, negra, pingando sangue...

Queremos uma dictadura tão forte, tão forte, que o sr. conselheiro Sampaio só com o encostar o dedo pollegar ao mudo de Belem, o estatele de costas no chão!

Queremos alli defronte da Casa Havaneza duas forcas, duas deliciosas forcas, funccionando regularmente das onze ás tres como uma verdadeira repartição do estado.

Queremos vêr em cada esquina editaes do governo civil, ordenando que todos os partidos de opposição que possuam oradores de genio (Antonio Candido, etc.) não os deixem passear nas ruas sem irem devidamente açaimados.

Queremos vêr, em pleno Rocio, o Estado, de manga arregaçada, açoitando as carnes nuas e brancas do sr. Magalhães Lima — em quanto que no largo de S. Domingos a Egreja esteja assando ao espeto os lombos do sr. Theophilo Braga.

Queremos ver o sr. Julio Vilhena e consocios de dictadura celebrando no restaurante Silva orgias que fiquem na historia, e em que ss. ex.as, coroados de rosas, e a canção no labio, libem o Champagne do despotismo, cahidos para os regaços das Lolas.

Queremos esse honesto Passeio Publico, em noites de fogo preso, invadido pelos sicarios da tyrannia; as tenras creanças, que polkam sob o olho sagaz e especialista de Justino, aniquiladas n'uma matança á Herodes; suas mamãs sujeitas aos ultrajes da soldadesca; seus liberaes papás levados em ferros ao carcere, por patrulhas de quinze, vinte guerreiros com barbas postiças para infundir mais terror.

Queremos todos os explendores exagerados, os grandes vicios que acompanham as dictaduras, a dissolução dos costumes, a febre do jogo, o delirio da agiotagem, as festas, as grandiosas estroinices dos filhos dos despotas. Queremos cem mil pessoas n'aquelle hyppodromo de Belem, estonteadas pelo furor das apostas, berrando, embriagando-se, arruinando-se, acclamando *Pileca* 1.° vencedor das corridas. Queremos as ruidosas, as flammejantes carruagens das *cocottes* por esse Chiado abaixo, salpicando de lama as cuias das mães de familia. Queremos, emfim, vêr o Chefe do Estado, cercado por esquadrões de lanceiros, entre arautos, clarins, esvoaçar d'estandartes, na pompa d'um Cesar, descendo esse bello *Pote das Almas*, no meio do terror angustioso que espalha a presença, a evidencia da sua auctoridade divina.

Queremos vêr Alcantara, esse ninho de viboras revolucionarias, agachada de pavor sob a durindana do sr. general Macedo — do sr. general Macedo, que para esse effeito deve ir ao collo d'um porta-machado, indo esse mesmo porta-machado alçado sobre umas andas.

Queremos, (sim, queremol-o!) vêr o nosso proprio craneo, o craneo do pobre *Antonio Maria*, este rico craneo que Deus nos deu, — arrombado, esborrachado sob a bota forte d'Arrobas — em quanto que o nosso labio, já livido, irá murmurando: — *oh tigre!...*

Ahi está como comprehendemos uma boa e pittoresca dictadura.

Se não nol'a derem assim, então ficaremos mais uma vez convencidos que n'este desgraçado paiz, votado á melancolia e á insipidez, não é possivel, por mais que os governos façam, obter-se jámais uma distracção decente.

A dissolução

MINISTRUS SAMPADIUS: — Está dissolvida a droga. E agora?

REX ANTONIUS: — Atiral-a á pia... e michordia nova.

Emilio Littré (SEGUNDO O ULTIMO DESENHO DE LIPHART)

Pelo seu trabalho elle só representou uma Academia. Pelo seu caracter fundou uma moral. Pelo seu amor á humanidade creou uma religião. E' um heroe e é um santo, que é preciso adorar — lendo-o.

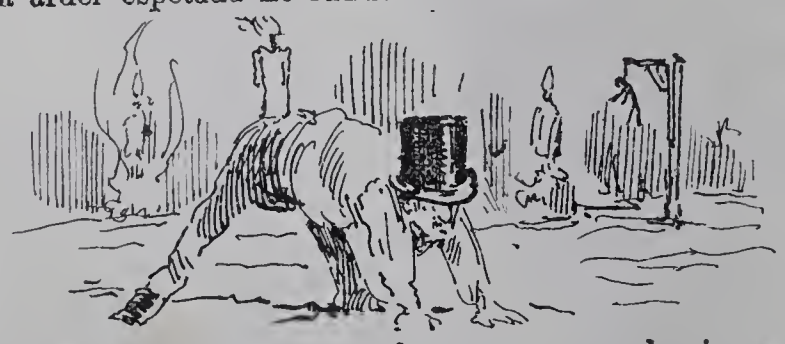
Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A unica curiosidade que ainda havia no paiz era a de saber o que faria o governo com uma dictadura nas unhas.

Chegou a vespera de Santo Antonio e ninguem pensava n'outra coisa senão nos effeitos da dictadura sobre o corpo social.

Qual alcachofras, qual valverde, qual bicha de rabear, qual bochecho, qual ôvo, qual maçaroca de alfazema, qual pote de mangerico, nem qual diabo! Deixem-nos ver a dictadura!

E esperava a gente ver passar pelo Rocio o corpo social, em pello, com as mãos no chão e uma vela benta a arder espetada no fundo das costas.



Eis senão quando se sabe que, em vez de vir para a rua castigar o povo, o governo tinha ido simplesmente para Cintra passar a festa!

O doce e ineffavel Tito não procederia de certo com mansidão mais garantida e mais bucolica.

O que porém nos quer parecer é que unicamente para ir para Cintra ao Santo Antonio se poderia talvez prescindir de appellar para a dictadura, e bastaria appellar apenas para o omnibus do Bandarra!

No numero 81 do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, lemos um annuncio em que se offerece um premio a quem prender e levar a casa de seu dono um feitor que fugiu de uma fazenda intitulada de S. Sebastião e pertencente ao sr. Luiz Bonifacio de Araujo. O referido feitor dá pelo nome de Miguel, tem 38 annos de idade, é de estatura regular, tem o costume de abanar a cabeça, e é natural de Portugal.

Faz gosto o pertencer a gente a um paiz cujos naturaes se mandam procurar assim no extrangeiro, por meio de um annuncio com alviceras a quem lhe deitar a mão, como se procura um cão.

Oh! patria! adorada patria! como tu és besta!

Delguim Deodato Fedes, o bem conhecido inspector da Academia das Bellas Artes, tendo sido encarregado pelo visconde de Franco de comprar na exposição de Madrid um quadro para a galeria de Lisboa, adquiriu para o sobredito fim uma tela do pintor Muñoz de Grain, tendo por assumpto *Othelo e Desdemona*.

Emquanto á ideia comprehendem como é nova: tem apenas duzentos annos de consumo!

Emquanto á execução fizeram-lhe em Hespanha estes versos:

Un moro con ese cuello
Y esas garras estupendas,
No puede inspirar amores
A esa garrida doncella,
Que sin duda por no verle,
Al suicidio resuelta,
Se arranca aquella costilla
Que tiene eu la mano izquierda.

RECORDAÇÕES DE MADRID

O sr. Godolphim, democrata, representante do *Seculo*, o qual é mister não confundir com

o sr. Batalha Reis. Ambos teem barba, mas só o sr. Godolphim teve bandeira em frente do palacio real.

Os telegrammas e as correspondencias de Madrid, referindo-se aos banquetes da imprensa em Aranjuez, no Escorial e em Toledo, communicam-nos a noticia das saudações enthusiasticas feitas á Hespanha, a Portugal e a Coelho; á alliança industrial, á alliança artistica e á alliança litteraria dos dois paizes e a Coelho; á imprensa de Lisboa e á imprensa de Madrid e a Coelho; á confraternidade da raça peninsular e da raça latina e a Coelho.

A historia precisa de saber que Coelho é este. Porque ha em Portugal dois coelhos egualmente distinctos e afamados: ha o Coelho da Porcalhota, que é uma instituição publica, e ha o Coelho do *Diario de Noticias*, que é uma gloria litteraria.

A posteridade tem direito a que se lhe diga qual é d'esses dois coelhos aquelle de que se trata. Desde que a Europa cravando em nós os seus olhos nos contempla e nos admira, é indispensavel decidir se é em noticias diversas ou se é com batatas que ella nos considera.

O partido republicano, perante a dissolução da camara, põe o chapeu na cabeça e segura-o com pregos. Os regeneradores manteem-se no poleiro. Os pretos rufam pelo Zé Dias e pelo conde de Samodães nos tambores da rhetorica. Os granjolas interrogam o futuro eleitoral, queimando as alcachofras do tempo e pondo no copo d'agua estagnada da eloquencia o ôvo do manifesto a ver o que sae para o outro dia. O conselheiro Arrobas continua a vaccinar tudo, as meninas, os degredados, os vadios, o Santo Antonio e o homem de ferro do *Corpus Christi*.

Sobre este bello humus, arredondam-se em paz os mangericos, crescem as peras do S. João e caem maduros das figueiras os figos de capa rota.

Honra á carta constitucional! Gloria a Deus, a Santo Antonio e ao sr. Fontes nas alturas!

A situação politica

A festa do commendador Antunes

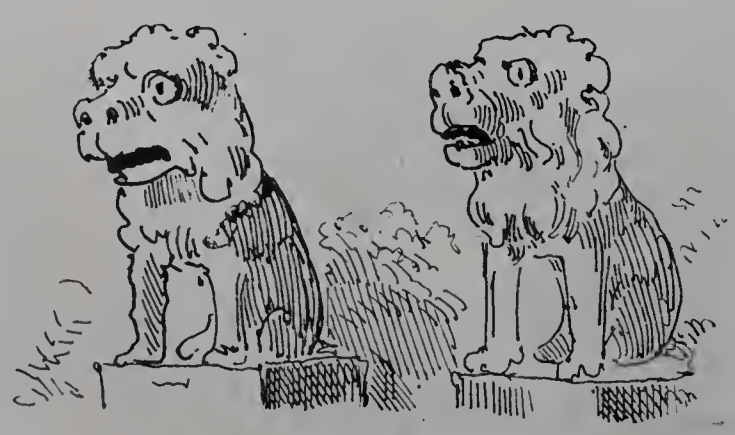
Á hora a que escrevemos estas linhas, os ecos clamantes do mundo elegante arfam ainda com as descripções da festa dada pelo commendador Thomaz Antunes, no seu palacio da rua de S. Marçal, aos tres pessoaes do *Diario de Noticias*, — o *technico*, o *administrativo* e o *redactorial*.

As collecções d'arte reunidas na mansão d'Antunes, foram, segundo nos diz o *Diario de Noticias*, o objecto especial da admiração dos convidados.

Infelizmente não se nos descrevem essas collecções. Sob este silencio desolador os archeologos e os criticos portuguezes passam pela vergonha de conhecerem as riquezas artisticas que teem no estrangeiro os Demidoffs, os Rotchilds e as Medinasidonia, e de não saberem nada do que teem os Thomazes, ali nas nossas proprias barbas, na rua de S. Marçal!

E' doloroso.

O commendador illuminou *em parte* os seus jardins e franqueou-os *em parte* aos seus tres pessoaes. Outro mysterio! Este porém explica-se. A parte dos jardins vedada á illuminação e aos convidados é aquella em que o commendador tem a sua importante collecção de feras.



Com excepção apenas de dois leões azues e brancos, que são de louça, todas as feras da *ménagerie* do commendador são empalhadas.

No momento de chegarem dos sertões inhospitos aos jardins da rua de S. Marçal essas bestas selvagens começaram por se empalhar a si mesmas devorando alguns jornalistas.

Desde então até hoje teem sido verdadeiramente maternaes e ternissimos os desvelos empregados pelo commendador para evitar um encontro fatal entre as feras da sua collecção e o corpo redactorial do seu periodico.

Ninguem se aproxima dos bichos do commendador senão o proprio commendador.

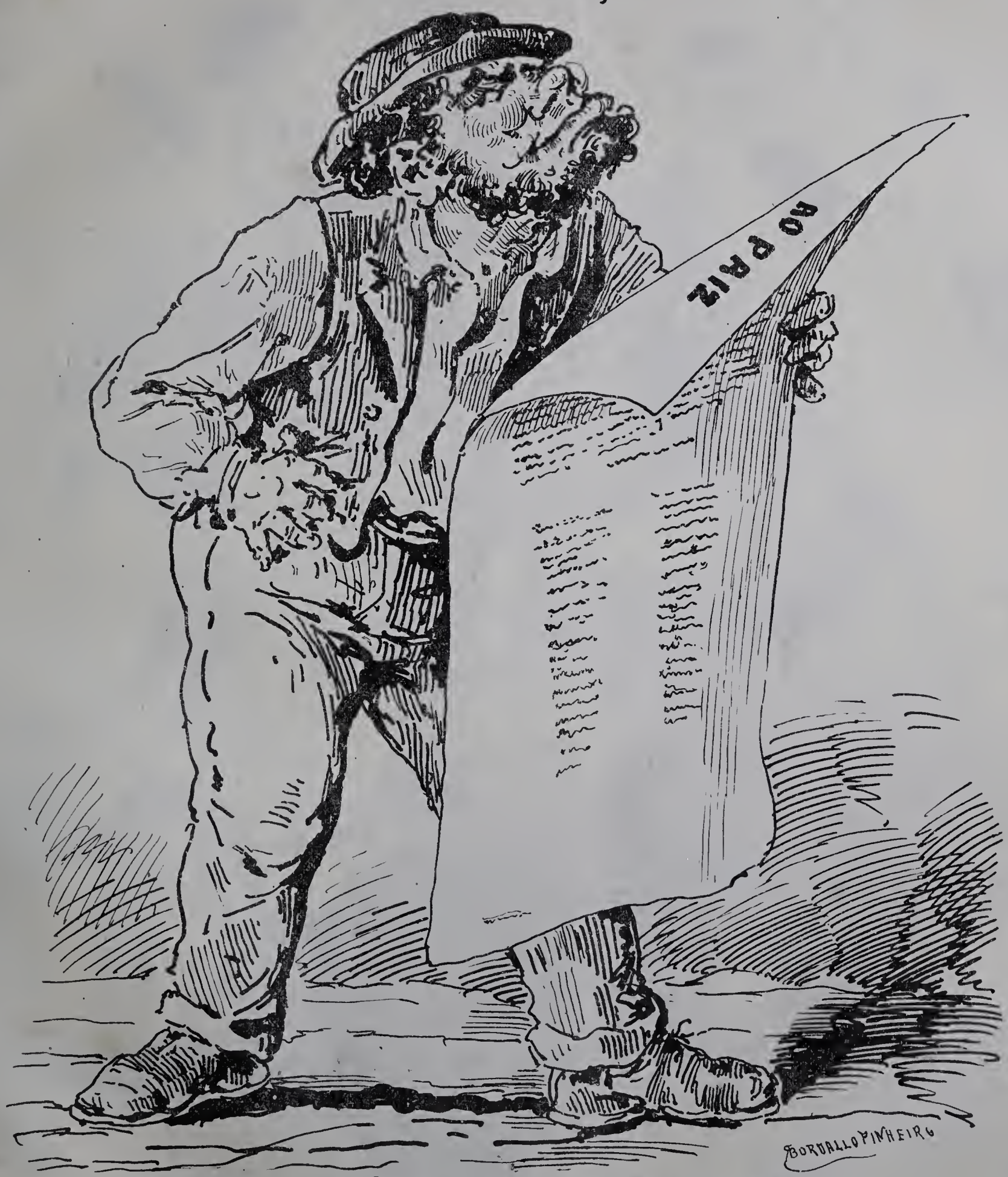
E' elle que os educa e os acarinha mysteriosamente na parte dos seus jardins secreta ao publico e não illuminada. E' elle que os penteia, que os cata da traça, que as polvilha de camphora no verão, que lhes limpa do pó os olhos de vidro, que os leva para Bemfica

na estação calmosa e que os recolhe das chuvas durante o inverno nos gavetões da sua mobilia d'arte.

Se todos os jardins estivessem abertos e illuminados na noite do sarau, os bichos estremunhados haver-se-hiam lançado talvez sobre as tres pessoaes do *Diario de Noticias*, e o resultado final d'essa festa do trabalho e da intelligencia seria vermos hoje com lastima os convivas do commendador, depois de servidos de neve pelo Ferrari, serem por seu turno servidos em almondegas aos bichos.

Bem haja o commendador pela pericia com que soube evitar essa horrorosa catastrophe!

Á ULTIMA HORA - O MANIFESTO DA GRANJA.



BEM O PREGA FREI THOMAZ.....

Theatro da Trindade

O PIPERLIN

AGENTE DE CASAMENTOS — MULHERES GARANTIDAS POR DOIS ANNOS

Esta peça, á força de ser alegre, é excessivamente fresca. Para que as familias se não constipem vae-se-lhes mostrar no fim o sr. Hintz Ribeiro para aquecer.

O homem dos sete instrumentos

Admirae-o, senhores. Elle toca a presidencia da camara dos pares com os queixos; toca a presidencia do supremo tribunal administrativo com a cabeça; toca o generalato da engenharia com os punhos; toca a governação do credito hypothecario com a testa; e toca o poder occulto com o nariz!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Noticiam as folhas que o sr. Arrobas, para o fim de castigar o vicio e de premiar a virtude — como antigamente se fazia nos finaes das novellas — vae marcar com uma chapa as damas impudicas.

A ser assim nunca a impudicicia foi calcada a pés com mais energia do que aquella que estão dispendendo as botas do mui fogoso sr. conselheiro.

Applaudindo-o com todo o phrenesi que a moral aconselha em uma tal conjunctura, ousamos lembrar a s. ex.ª que a medida de chapear o vicio deve, ao que nos parece, completar-se com alguns desenvolvimentos.

No sexo a que nos gloriamos de pertencer em companhia de s. ex.ª o sr. governador civil, ha individuos tinhosos, exactamente como no governo civil de Lisboa se tem perspicazmente observado com relação ao sexo fragil.

Não ha sómente ovelhas tresmalhadas do redil da virtude. Ha tambem borregos com os quaes se dá precisamente a mesma coisa.

É mister sermos coherentes e logicos, e chapearmos os homens de vida má assim como chapeamos as mulheres de má vida.

Pedimos pois, em complemento equitativo da ultima medida moral do sr. governador civil de Lisboa, a chapa dos rufiões, a chapa dos hypocritas, a chapa dos malandros, a chapa dos cobardes, a chapa dos bebados.

No dia em que um algarismo pendurado nas costas de algumas mulheres, assim como nas tipoias de praça, nos fixar sobre o numero das nossas Messalinas, exige a rectidão e a justiça que similhantes algarismos nos illucidem ácerca da lista correlativa dos Alcibiades, dos Iscariotes e dos Nabucodonozores de que dispõe essa feira das iniquidades vulgarmente conhecida pelo nome de Passeio Publico do Rocio.

Desde que se trata nas regiões da policia de illucidar a virtude na senda das patuscadas, sabermos quem são as Lolas que se vendem é bom; mas não ignorarmos quem são os Affonsos que se compram é optimo.

Mais chapas pois, sr. Arrobas! mais chapas por obsequio!

Além das chapas para o vicio, parecia-nos vantajosa a creação dos rotulos para a virtude.

O conhecimento de que Pepa, ao passar no Chiado, vae ao crime vender a sua alma é o justo castigo do vicio.

O conhecimento parallelo de que D. Jeronyma, descendo o mesmo Chiado, vae ao Valente comprar botões é o triumpho da virtude.

Portanto que o sr. Arrobas não hesite! Escreva-se nas costas condemnadas das Aspasias: *N.º 64 para vender!* E escreva-se na fronte pura das Lucrecias: *N.º 53 para comprar panno abretanhado para seu homem!*

E a moral então coroará de trevo o sr. Arrobas!

Não foi só em Lisboa que a procissão de *Corpus Christi* deu origem a tumultos bellicosos. As chronicas da provincia referem casos similhantes occorridos por causas identicas em outros pontos do reino.

Explica-se d'este modo a rasão porque a dictadura regeneradora não decretou ainda os combates das hortas da Rabicha e as guerras de Tancos, tão gratas á indole guerreira do sr. Fontes Pereira de Mello, dictador occulto.

Já não é nos campos de manobras, mas sim nas egrejas, nas sachristias e nas procissões que se peleja. As ordens do exercito estão definitivamente substituidas pelos sermões.

Conhecem-se as sarrafuscas da egreja da Victoria no Porto, na egreja de Caminha, etc.

A grande campanha está-se preparando agora em Braga entre os devotos do Bom Jesus do Monte e os da Virgem do Sameiro.

O prestigio crescente da milagrosa imagem da Virgem e as romagens successivas de que ella é objecto por parte de todas as corporações bracarenses está reduzindo assustadoramente o orçamento da devoção no santuario do Bom Jesus.

Este conflicto de interesses produzirá qualquer dia o rompimento das hostilidades entre as duas confrarias rivaes.

A explosão da lucta annuncia-se já por esta phrase expressiva de um sacerdote, publicada esta semana em uma correspondencia de Braga:

A imagem do Sameiro foi o diabo que appareceu ao Bom Jesus.

Basorra é o anagramma de *Arrobas*.

Ha o que quer que seja de fatidico na analogia alphabetica dos nomes d'estes dois conselheiros.

Voltados com o dentro para fóra o Basorra dá o Arrobas, e o Arrobas dá o Basorra.

Constatação importante para a sciencia! Revelação da existencia no governo de um organismo duplo, em que este tem a epiderme de que aquelle tem a mucose; em que aquelle tem a pelle de que este tem o intestino!

Virem o primeiro pelo avesso: é o segundo.
Virem pelo avesso o segundo: é o primeiro.

Com as entranhas d'um e com a pelle do outro tem-se qualquer d'elles.

Um exerce na Travessa da Parreirinha. Outro exerce no Terreiro do Paço. O individuo porém que n'um ou n'outro d'aquelles dois pontos dirige os negocios ecclesiasticos ou dirige os negocios da feira das Amoreiras, ou seja virado por aqui ou seja virado por ali, é sempre o mesmo.

Que Basorra beba chá de borragens, e Arrobas transpirará cauteleiros registados.

Que Arrobas tome xarope d'alteia, e Basorra expectorará desembargadores transferidos.

É indispensavel para que a posteridade os não confunda, que quanto antes os numeremos a ambos, por dentro e por fóra, nas testas e nos figados. A fim de que a todo o tempo se saiba, examinando-os por todos os lados, quem é, de Arrobas escripto de traz para deante ou de Basorra escripto de baixo para cima, aquelle que dá as chapas ás mancebas e aquelle que dá os conegos aos cabidos.

A procissão

Como se pa

Eram 6 horas da tarde, a procissão recolhia em grande pompa, quando, repentinamente, se ouviu a explosão de um espirro.

Perante esta aggressão cobarde do defluxo demagogo as tropas cerraram á pressa as fileiras para formar quadrado.

Espalha-se q
cravado no ven

Arrobas larga a vara do pallio para ir pôr chapa no espirro.

O pallio entorta e o rei cae.

Viram-se de pernas para o ar as bazil

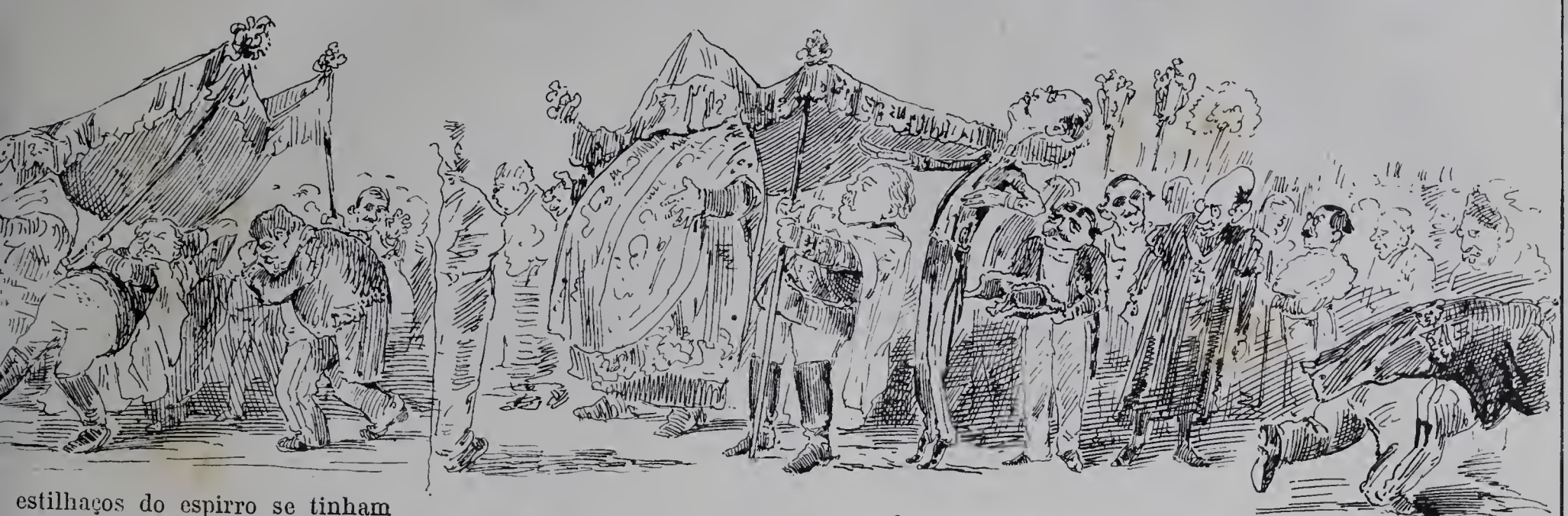
S. Jorge apeia-se.

O homem de ferro sua bagas de azebre e pede que lhe abram as portas do vestuario.

As pilecas da casa real se
descançar.

Corpus Christi

ram os factos



estilhaços do espirro se tinham
monarchia.

O governo acerca-se immediatamente do soberano, e Hintz Ribeiro declarou que ha de passar por cima do seu proprio cadaver o defluxo que houver de dilecerar a barriga da corôa!

Arcebispo tropeça. Clero debanda. O pagem chora. Povo foge. Pretos rebolam.

se nos passeios para

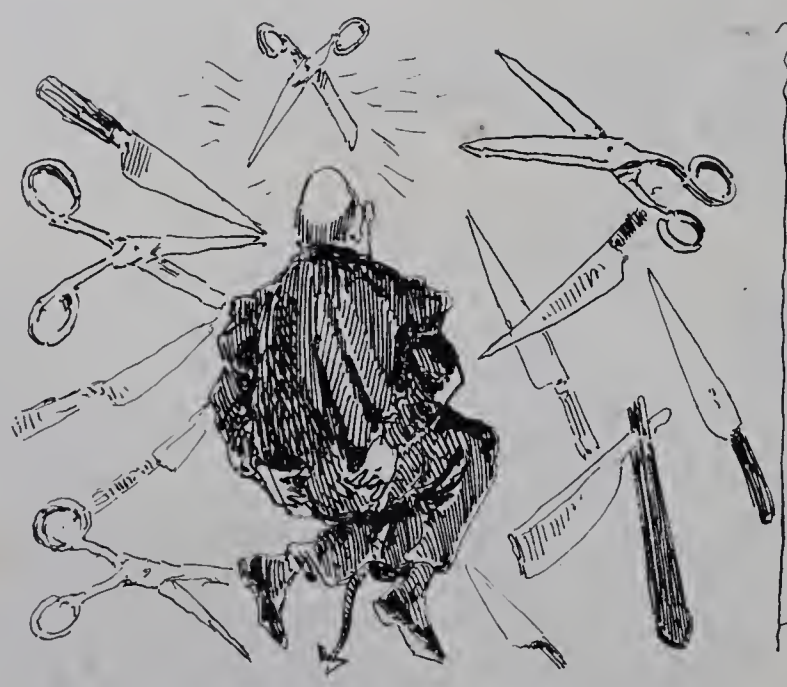
Gaiatos riem imitando vozes de gallinaceos.

O furor ministra armas aos irmãos da confraria do Santissimo, e pingos de cera caem ardentes sobre a bandolina liturgica.

(Passa á pagina seguinte.

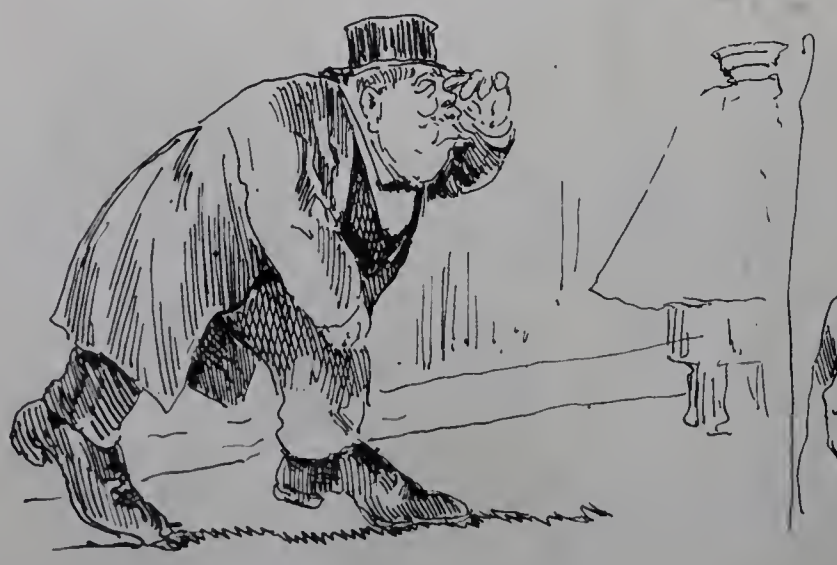
Archeiros aguerridos montam a cavallo em commendadores incermes.

A ordem de Christo, embaçada com um tal desacato, cobre o rosto com o véo do uniforme.



A canalha infrene ergue berros dubitativos sobre a religião a que pertence o juiz Basorra, e reluzem no ar tesouras e facalhões destinados a decepar o appendice vertebral da raça judaica no caso que Basorra traga comsigo o referido appendice no extremo da região lombar.

Basorra descobre um meio engenhoso de escapar intacto ás furias do fanatismo e á raiva selvagem d'um movimento anti-semitico. Basorra entrega-se aos da Granja e dá-lhes as falsas vertebras ao Manifesto.



Á meia noite a cidade havia reassumido a sua tranquillidade ordinaria. Apenas na Baixa as botas do conselheiro Arrobas, chiando vigilantes sobre o macdam, cortavam com um gemido meigo, de nora ambulante, os silencios nocturnos.

Os defluxos estavam assignalados por uma chapa para nunca mais espirrarem nos actos publicos sem expressa licença do governo civil.

E as familias dos irmãos do Santissimo extrahiam-lhes das calvas, carinhosamente, os pingos das tochas.

Para distrahir os jovens ministros da commoção nervosa da batalha a que assistiram, tomando parte com as suas fardas novas na perigosa sortida da procissão de *Corpus Christi*, papá Sampadius leva pela mão os pimpolhos da *crèche* governativa ás danças do Passeio Publico.

Segunda feira, na Trindade, a festa de Cohen.

Recordações de Madrid

A Deputação da Municipalidade de Lisboa na Côrte de Hespanha

— Real senhor, é a *taluda*... Terça feira anda a roda... Regeitou-a um gallego... Pode vossa magestade abiscoital-a!

O Cometa dos ultimos dias visto pelo telescopio do Antonio Maria

É *caudado* como todos os astros da sua especie. É *gazoso*. Tem movimento proprio em *sentido retrogrado*. A excentricidade da elypse que elle percorre torna-o invisivel em Lisboa e visivel nas Caldas durante uma parte da sua revolução. Seus elementos paraboticos teem sido estudados por Kepler e pelo sr. Rodrigues de Freitas. É grande a nebulosidade que o cerca. Deus seja comnosco!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O cometa

Desde alguns dias que um cometa tem sido visto sobre a cidade de Lisboa.

Antonio Maria observou detidamente o phenomeno, que hoje reproduz em suas paginas, tal como elle se lhe representou no foco da sua luneta.

A apparição de um cometa foi por muito tempo considerada como um pressagio de terriveis catastrophes. Para tranquillisar sobre este ponto os espiritos sobresaltados resumiremos as opiniões de alguns sabios ácerca das influencias que póde ter sobre nós o phenomeno cuja fiel imagem offerecemos ao leitor.

Newton considerava o cometa como um corpusculo desgregado do grande astro central do systema, dando em resultado esfrial-o e empobrecel-o. Segundo esta theoria se o cometa viesse a communicar com o sol produziria um excesso de calor que queimaria a terra. Tocando na terra, o cometa deslocaria o seu eixo de rotação, quebraria a crusta que a envolve e daria em resultado o mais horroroso dos cataclismos.

Tal era a opinião erronea dos antigos.

Hoje sabe-se que o cometa, apesar do seu apparatoso aspecto, consta de uma massa a tal ponto diminuta e a tal ponto insignificante que o seu choque, por mais que digam os terroristas, não poderá jamais deslocar o que quer que seja.

Além d'esta inoffensibilidade organica, a tendencia que o cometa frequentemente manifesta para ter a cauda cada vez maior, e a cabeça cada vez mais pequena, dá-lhe um aspecto galhofeiro extremamente proprio para despertar a alegria dos observadores.

O astronomo francez Briot communica-nos ácerca do unico perigo de que póde ser objecto o cometa, as ultimas palavras da sciencia, as quaes passamos a reproduzir textualmente para inteira e cabal elucidação do publico sobre esta questão:

«As caudas dos cometas — diz Briot — teem um immenso desenvolvimento; deve succeder algumas vezes, quando um cometa passa nas proximidades da terra, que a sua cauda nos toque, ou, mesmo sem isso, que os vapores que formam a extremidade da cauda, debilmente retidos pelo respectivo nucleo e fortemente attrahidos pela terra, entrem na athmosphera e se misturem no ar que respiramos. Sendo esses vapores deleterios, graves inconvenientes nos resultariam. Képler não fazia bom conceito dos cometas; considerava-os formados pelas impurezas do ether e não agourava nada bom de similhante mistura. Os cometas, dizia elle, hão de acabar por produzir uma peste universal. Até hoje porém nada de positivo se tem observado sobre as predições de Képler, e o mais provavel é que nós atravessamos as caudas dos cometas sem mesmo darmos por isso.»

Sem que de modo algum nos atrevamos a pôr em duvida a theoria de Briot na parte em que ella se refere a atravessarmos as caudas dos cometas sem darmos por tal, diremos apenas a esse respeito, que ha obra de tres mezes o sr. bispo de Vizeu, erguendo-se na camara dos pares e estendendo um dedo para o horisonte, disse com energia:

— Sr. presidente, anda uma coisa no ar.

Ninguem soube então que mysteriosa coisa era essa. Mas a presença do cometa, hoje visivel para os habitantes de Lisboa, não nos deixa a menor duvida sobre o sentido d'aquellas solemnes palavras do illustre prelado.

Temos para nós que s. ex.ª não podia deixar de se referir, embora discretamente o omittisse, senão á cauda do cometa que então atravessavamos e que hoje estamos vendo em movimento no espaço.

Comprehende-se bem que s. ex.ª, com a sua gravidade de bispo e de grande do reino, não quizesse dizer no proprio santuario das leis que o que andava no ar eram os vapores deleterios de uma extremidade de cauda. S. ex.ª bem o sabia mas calou-o discretamente. Honra seja á delicadesa que o inspirou!

Espectaculos

Retrato no

O ba

JUSTO EQ

Zé Povinho acha-se na convicção resignada e phi
pudiem no lombo balouçados na taboa do systema p
se basêa n'este axioma, mettido á bordoada nos casco

, politica velha

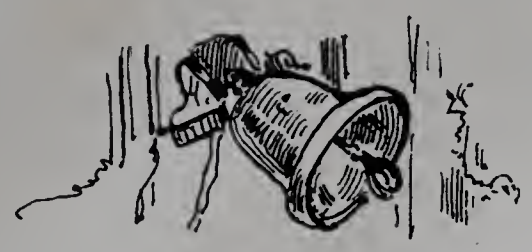
o da paz

DO GOVERNO

phica de que é indispensavel que dois patuscos lhe tri-
que exista a ordem. Todo o regimen constitucional
Zé Povinho.

A prohibição dos repiques

Arrobas, com mão forte e benemerita, arranca o badalo ás torres para o dar aos deputados da proxima legislatura. Estamos livres do carrilhão da egreja, mas não o estamos do carrilhão da oratoria. Ah! tigre! Não queres que te badalem pelos irmãos do Santissimo e vaes fazer badalar tu mesmo os deputados do governo! Tigre!



Prohibindo os repiques dos sinos e ao mesmo tempo preparando as eleições dos deputados o sr. Arrobas figura-se nos contraditorio até o ponto de o considerar-mos repulsivo.

Fazer calar os sinos da Encarnação por um lado, e por outro lado dar cebo na machina para fazer badalar os tribunos em S. Bento, é um procedimento de féra.

Salvar-nos da guela dos carrilhões sagrados para nos atirar em seguida ás fauces da eloquencia politica é de perverso.

Dar a Deus o que é de Deus e dar a Cezar o que é de Cezar é o preceito da justiça. Mas o tigre não o entende assim, e com mão impia tira a Deus o badalo e dá-o a Cezar.

Que o sr. Arrobas trema, porque a historia em seus inviolaveis decretos não deixará de o punir lançando o seu nome á execração da posteridade.

Com uma certa differença do que se disse de Franklin, ha de se dizer do sr. Arrobas: que elle arrancou o badalo aos céus para o dar aos tyrannos!

O conde de Beust, ministro d'Austria em Paris, presidiu ha dias n'aquella cidade a um jantar offerecido ao pintor austriaco Munkacsy.

Pergunta-se por quanto é que um ministro portuguez, ou em Lisboa ou em uma côrte extrangeira, consentiria em descer da sua dignidade até o fundo de presidir a um banquete d'artistas dado em honra de um artista?

Quasi ao mesmo tempo a que os austriacos residentes em Pariz convidavam a jantar o seu compatriota Munkacsy, os portuguezes residentes na mesma cidade convidavam egualmente para o mesmo fim o seu compatriota Soares dos Reis. Olhem lá se o sr. conde de S. Miguel compareceu!

O sr. conde de S. Miguel poderá objectar que o esculptor Soares dos Reis é um artisto inferior ao pintor Munkacsy. Isto é possivel. Mas julgará o sr. conde de S. Miguel que s. ex.ª mesmo é um diplomata bem ao par do conde de Beust? Oh! como s. ex.ª se engana!

Uma captura ultimamente feita pela policia de Lisboa veio mostrar-nos que as cartas que nós expediamos pelo correio com varios destinos ficavam em posta restante na algibeira de um carpinteiro colleccionador de estampilhas e curioso de segredos epistolares.

E eis ahi está para que se faz uma refórma do correio em todos os trimestes e para que o sr. director d'aquelle serviço vae ao extrangeiro todos os annos aprender o modo como elle se organisa!

Se o sr. director do correio tem andado mal no modo como fecha as caixas postaes, somos obrigados a dizer que o carpinteiro tambem não andou bem no modo como as abriu.

E' preciso portanto que o governo se apresse em mandar ainda ao extrangeiro estudar de novo este assumpto não o director, que parece ser refractario ao aperfeiçoamento, mas o carpinteiro, que póde muito bem ser susceptivel de ensino.

O boato da semana

De Ravila e de Rebolama

Dizia-se entre as pessoas mais cabalmente informadas do que se passa na côrte, que ao alto personagem dos sete instrumentos, a que no passado n.º nos referimos, delibera o principe em testemunho de sua regia munificencia conferir sete corôas de nobreza e um titulo. O titulo alludido será o de duque de Ravila e de Rebolama. Um justo sentimento de discripção nos inhibe de publicar o nome do aggraciado.

Na masmorra

— Então, meu menino, ainda ahi assim tens odio?

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A perseguição

Houve outr'ora em Portugal um tempo entre todos feliz, conhecido na historia dos tempos modernos por este bello nome, pomposo e magestatico — *a era das perseguições politicas.*

Foi uma epoca aurea e fecunda, cheia de movimento dramatico e de animação pittoresca.

O chefe de familia, ao acabar de almoçar para ir á sua vida, sorumbatico e merencorio, achava-se repentinamente surprehendido por dois esbirros que lhe diziam: — Está preso. Marche para a cadeia!

A estas palavras milagrosas — tão simples todavia! — um inesperado orvalho de ternura domestica refrigerava subitamente o coração emmurchecido do burguez ainda ha pouco enfastiado. Elle circumgira pela sala de jantar, tranquilla e modesta, um olhar saudoso e agradecido. A sua mulher lança-se-lhe nos braços n'uma palpitação electrica de amor resuscitado. A sua filha, beija-o na testa e nas faces pallidas em beijos candidos e virginaes de uma perfumada frescura de aurora. Á porta da sala os dois esbirros carrancudos e immoveis esperam...

— Adeus! adeus!... Ás suas ordens, meus senhores: partamos!

E em vez de ir á sua vida, aturar mediocres, aturar insignificantes, aturar impostores, aturar estupidos, estafado e burro, — o chefe de familia ia nobre e altivamente para a cadeia, orgulhoso e forte, repentinamente rejuvenescido em todas as fontes da vida moral: na consciencia, na dignidade, no amor.

O joven, filho familia, ao regressar, sob o luar calmo e amigo, da terna entrevista com aquella que mais tarde teria de levar ás aras, era despertado dos seus sonhos lyricos ao dobrar de uma esquina pelas bengalas de dois caceteiros do Estado. O infeliz gritava por soccorro, a patrulha vinha. Constatava-se que elle tinha duas costellas partidas. Os agentes da ordem apoderavam-se então d'elle e das suas vertebras fracturadas e prendiam-o por crime de desacato á força publica e provocação das massas á guerra civil. A donzella lia nas partes da policia do dia seguinte a noticia do facto. O homem que ella amava desarmára um regimento. Era um bravo, comquanto muitas vezes lhe houvesse parecido um poltrão e um maricas. E a donzella, n'um bello enthusiasmo romanesco, bradava: — Serei d'elle! serei d'elle!

Taes eram os perseguidos.

As cadeias e os presidios regorgitavam de presos por crimes politicos.

Jogava-se o loto, a dois vintens o cartão, no fundo das masmorras, e era de meia moeda o bolo da tumba.

Nos clubs e nas lojas maçonicas abriam-se subscripções clandestinas em soccorro dos presos e conspirava-se por elles. Em sitios ermos e a horas mortas sujeitos embuçados fallavam ao ouvido: — «Vieram noticias do Porto. O Passos poz-se á frente do movimento. Estão já comprados os sargentos do cinco. A coisa rebenta breve.»

Finalmente, n'um bello dia de madrugada, ouviam-se foguetes. Musicas percorriam as ruas tocando o hymno da carta. Gaiatos davam vivas. O exercito havia fraternisado com o povo. Paisanos de bonés militares e sargentos de fardetas desabotoadas percorriam as ruas de braço dado, triumphantemente. E todas as boccas diziam: — Victoria! Victoria!

O governo caíra. O rei chamára ao paço para formar novo gabinete aquelle dos chefes do partido que a revolução da vespera á noite puzera á bica para salvar a patria: o marechal Saldanha, o Joaquim Antonio d'Aguiar, o Sá da Bandeira, ou qualquer outro.

Um decreto de amnistia geral soltava todos os presos politicos. Abriam-se as portas dos carceres no jubilo geral da nação. O cutello das demissões esvasiava os empregos publicos na proporção do numero dos presos restituidos á liberdade, e decretos subsequentes e successivos davam a cada um dos patriotas perseguidos pela infausta governação transacta, uma ração opipara e um talher doirado á mesa orçamental do estado.

Todos os sargentos eram promovidos a alferes. Todos os presos eram nomeados conselheiros. E para todo o pretendente do que quer que fosse havia um meio seguro e infallivel de vir a ser despachado: — era ter sido perseguido.

* * *

Ha alguns annos que esta chuchadeira acabára.

No seio das familias vozes clamantes de mães extremosas diziam ao contemplar os jovens bachareis que a universidade verte em cada anno sobre os lares domesticos:

— Não sereis nada, infelizes! Está para sempre fechada para vós a era das perseguições politicas!

E eram geraes as lastimas e os queixumes.

O governo que hoje tão sabiamente preside aos nossos destinos acaba de attender aos clamores da população descontente e desempregada. Domingo passado, pelas quatro horas da tarde, o governo acompanhado dos demais competentes poderes do estado, tirou da algibeira a sua gazúa e reabriu solemnemente a era das perseguições politicas.

O primeiro cidadão a quem o governo fagueiro conferiu a honra de penetrar nos humbraes sagrados do martyrio foi o sr. Gomes Leal, poeta lyrico, do genero satanico.

Ao constar no publico a prisão do vaté, hoje em ferros, occorreu a idéa de que se tivesse instaurado processo á poesia lyrica, e a critica jubilou, porque seria de grandes vantagens para a moral e para a arte essa intervenção da policia nos delictos poeticos.

Suppoz-se que o poder judicial ia proceder nos attentados contra a metreficação, contra a rima, contra a syntaxe, contra a logica, contra o senso commum.

Todos sabemos qual a devastação medonha que a poesia lyrica tem feito sobre o juizo das meninas, sobre a seriedade das mães de familia, sobre o porte dos janotas, sobre a honestidade dos caixeiros, e finalmente sobre o caracter geral do paiz, asquerosamente apelintrado pela influencia pulha das musas.

Preparavamo-nos jocundos para assistir a esse espectaculo sacrosanto da justiça social impondo á poesia a expiação tremenda dos seus crimes. E a idéa de que iriamos vêr desfillar successivamente aos nossos olhos em caminho do patibulo o sr. Thomaz Ribeiro e o sr. Antonio de Serpa, com os seus poemas ao pescoço, enchia-nos o peito de uma alegria doida.

Mas não. O poeta Leal não era preso por pôr em versos maus sentimentalismos torpes e banalidades nojentas. Elle era preso não por motivos estheticos mas por motivos politicos. Acusam-o, pelo facto de ter escripto um poema, não de attentar contra a arte, mas de attentar contra a monarchia.

E aqui está como um maganão feliz passa repentinamente, de um dia para outro, da posição obscura de escriptor á cathegoria sublime de martyr!

O descarado patronato de que é objecto Gomes Leal pela escolha que n'elle recaiu enche-nos de indignação irreprimivel. Este compadrio do ministerio com a poesia satanica é indecente e repulsivo.

O governo fez bem em abrir a era das perseguições como arrimo das familias. Somos dos primeiros a louval-o por esse acto. Mas o modo como o governo abriu a era é realmente desgraçado.

Desde que se tratava de prover um logar de martyr a obrigação do governo era pôl-o a concurso. — «Está vago um martyrio: quem se achar habilitado para ser perseguido requeira no praso de sessenta dias.» —

Porque é preciso que o governo se desengane de que a unica coisa decente que elle ainda tem para offerecer a um cidadão digno é essa — o martyrio!

Teem-se achinfrinado todas as demais honras e dignidades — as condecorações, as cartas de conselho e os

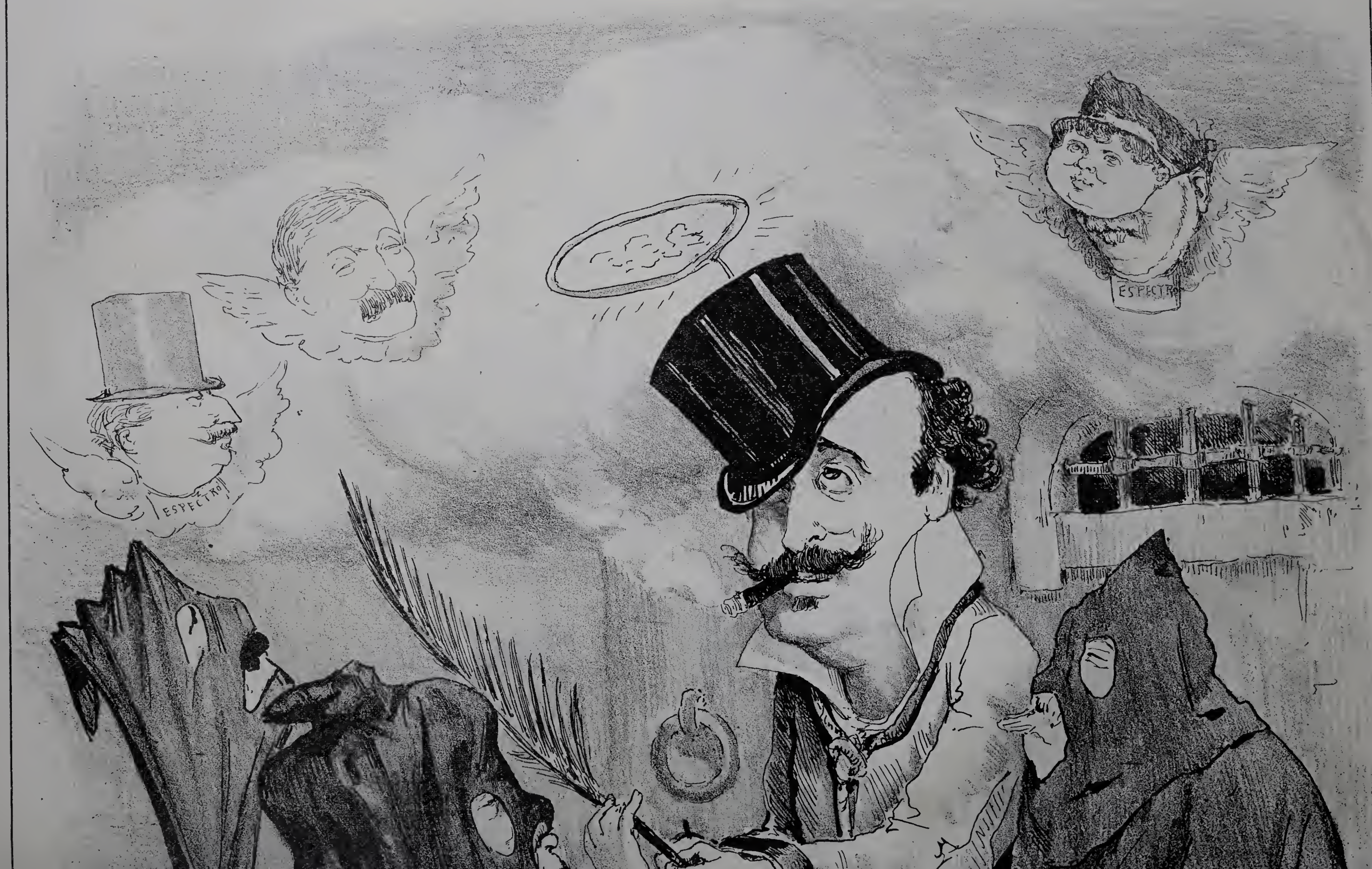
titulos. Só não está ainda de todo encanalhada a cadeia. E é n'esse logar privilegiado e unico, pelo qual entraram na gloria a maior parte dos grandes personagens que hoje figuram na scena constitucional, que o sr. Gomes Leal está passando á sombra a estação calmosa medrando docemente no mesmo martyrio em que se crearam todas as grandes e bellas pansas enfachadas hoje em todas as grã-cruzes de que dispõe a nação.

Oh! não! tão alta dadiva não se póde atirar assim aos braços do primeiro poeta lyrico que passa. Ha mais quem queira martyrio e quem o mereça. A cadeia não se fez só para a poesia. Abaixo o patronato! abaixo o compadrio! Concurso, meus senhores! Concurso!

Attenta a vantagem de fazer cantar para as eleições os grillos do jacobinismo, vão-se-lhes preparando as gaiolas e a alface.

Esta estampa representa o acto solemne da collocação da palma do martyrio posta pelos poderes publicos no poeta satanico.

O MARTYR GOMES LEAL



Theatro dos Recreios

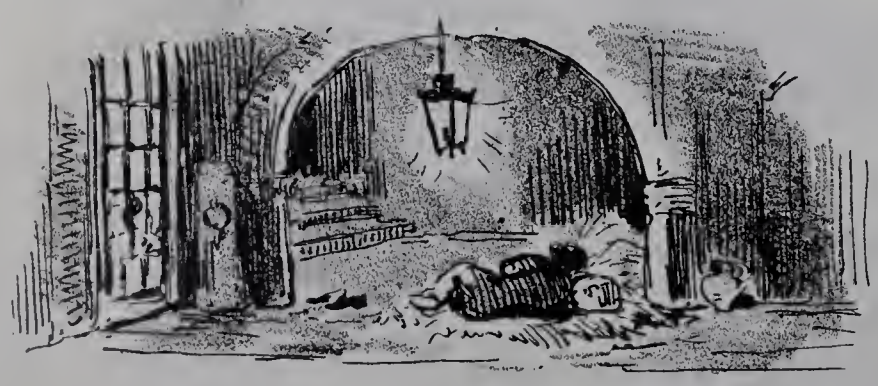
A hydra a ferros d'el-rei

Da bocca temerosa da hydra da anarchia a pericia do governo acaba de arrancar um dente... sem dôr Que governo! que poder! que sabio! que homem! que dentista!

Venha de lá esse fol!

Noticiam varios periodicos que o nome do *Antonio Maria* se acha incluido na lista dos convidados para o banquete da perseguição jornalistica. Se é fundamentado este boato e se nos é licito esperar que nos sirvam o champagne do Martyrio—unico que preferimos ao da Viuva Clicot — seja-nos permittido formular alguns votos para complemento do lisongeiro destino que nos pressagiam.

Desejamos que o acto da nossa prisão seja acompanhado, a ser possivel, de vias de facto, e que o respectivo mandado se virgule com as bengalas da lei. O corpo está-nos pedindo isso.



Desejamos que seja d'abobada, com lanterna enfumaçada ao centro, a masmorra que se nos destine, e que sejam de centeio as palhas postas ao canto com a competente bilha junto do pedregulho da cabeceira.

Desejamos que o pão negro que hajam de nos ministrar seja acompanhado de bolôr e d'outras substancias pittorescas e nocivas como o que actualmente é distribuido aos demais condemnados.

Desejamos—mais especialmente que [illegible]—o obsequio da tortura sob as differentes fórmas porque a lei a faculta nos limites da carta; a saber: pela treva, pelo miasma e pelo persevejo.

Como unico recreio para alivio de nossos males pedimos:

Primeiro. — Uma aranha para ser por nós domesticada.

Segundo. — Um dos sete instrumentos do sr. Fontes para o tangermos.

Terceiro. — Um exemplar da traducção do *Hamlet*, por Sua Magestade, afim de aprendermos na leitura d'essa obra que, por muito que sofframos sob os ferros de el-rei, mais soffreu Shakspeare sob a penna do mesmo rei.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

AOS ASSIGNANTES DO «ANTONIO MARIA»

Declaração

Meus senhores, tendo-se propalado boatos diversos, tanto ácerca de uma querela que os poderes publicos nos destinam, como ácerca de uma viagem que nós mesmos projectamos, cumpre-nos declarar terminantemente e para todos os effeitos o seguinte:

Quer seja em Madrid,

Quer em Paris,

No Egypto,

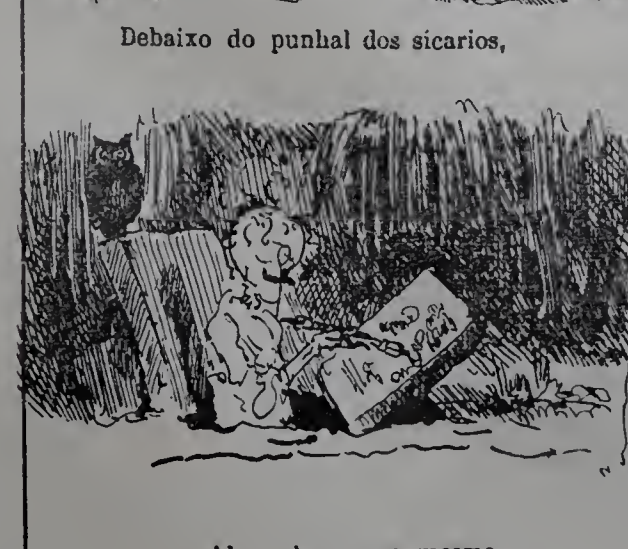
No Limoeiro,

Na Costa d'Africa,

Debaixo do punhal dos sicarios,

Sob o cutello dos algozes,

Na propria forca,



Alem da campa mesmo,

No empyreo que seja, ao lado do Dante e d'outros,

Nós affirmamos que o *Antonio Maria* não cessará de apparecer. Continua-se a receber assignaturas para esta publicação immortal na Travessa da Palha, n.º 140, 1.º andar.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Aos jovens estudantes redactores da Lanterna, periodico de caricaturas dedicado ao Antonio Maria.

Mancebos! — Muito obrigado. Cá recebemos o primeiro numero da vossa revista, e crêde que é sincero o nosso reconhecimento pela amabilidade de que nos fizestes objecto e cuja causa nós referimos á superioridade relativa que nos assiste pelo privilegio da idade e não pela cathegoria do talento.

É n'essa qualidade melancolica de mais velhos que nos permittimos enviar-vos, juntamente com todos os nossos agradecimentos, alguns dos nossos conselhos.

Amigos, a caricatura é uma expressão graphica da pathologia comparada; é uma arte de analyse; é uma fórma da critica. Ora vós, que que tendes apenas dezoito annos, não estaes ainda na idade da critica, estaes na idade da inspiração.

Não enfarrusqueis os dedos com os carvões de Gavarni.

Tomae os lapis azues e côr de rosa de Latour, as tintas suaves e tenras de Watteau, a palheta mimosa de Grense ou de Chardin.

É para vós que a natureza ri nos ceus e nos campos. É para vós que as toutinegras cantam de madrugada na espessura dos jardins; que as madresilvas desabrocham nos valados; que os ribeiros murmuram; que as estrellas scintillam; e que as nuvens côr de rosa adejam sobre os occasos do sol como aladas caricias de um esfuminho de ouro. É para vós que Venus, a deusa immortal, que desappareceu já da religião e da poesia mas que será eterna na imaginação do homem, desce ainda do olympo, de longe a longe, a horas mortas, emquanto os burguezes dormem, para vir n'um raio da lua, por sobre a espuma do mar, rodeada d'amores, coroada de rosas, exigir de Vulcano a restituição do velho escudo legado por Eneas á pobre humanidade.

Pois que tendes dezoito annos, sêde da vossa edade, rapazes!

Lembrae-vos que a natureza não perdôa nunca aos que infringem as suas leis. Os adulteros da mocidade são mais tarde os trahidos da edade madura.

Se sois moços não nos deis caricaturas, daenos retratos. Dizei-nos como é que a luz d'uns olhos acaricia, como é que o traço de uma bocca falla, como é que a curva de um peito arfa e palpita.

Nós outros vos diremos como é que nas instituições os pés do conselheiro Arrobas crescem, e como é que na natureza o Tejo aurifero cheira mal.

Consolar-nos-hemos da tristeza da tarefa que nos incumbe, se nos permittirdes esperar que, por uma equitativa distribuição do trabalho, emquanto nós cumprimos a nossa missão demolindo o que é grotesco, vós cumprireis a vossa edificando o que é bello.

Ainda uma vez, jovens amigos, obrigado, e adeus.

A missa de Braga por alma de Littré

Consta das chronicas religiosas da provincia que o clero de Braga celebrou por iniciativa do sr. padre Senna Freitas uma missa por alma de Littré.

Quer-nos parecer que o clero bracarense não sabe em que se metteu com essa missa, que tem dado bastante que fallar n'este mundo, mas que ainda ha de dar mais que fallar no outro...

Ninguem ignora que Littré era um philosopho, um livre pensador, sem relações de especie alguma com a egreja. Á hora da morte, madame Littré, com a devoção natural de uma boa catholica, baptisou *in extremis* o seu marido moribundo.

Será talvez permittido sem grande heresia o duvidar um pouco da efficacia que teria ás portas do céu este sacramento da ultima hora com que a piedade de uma senhora pretendeu lavar á pressa, em dois ou tres minutos o peccado encardido em oitenta annos de philosophia sacrilega.

Desde o momento porém em que a egreja bracarense toma á sua conta a alma de Littré e a suffraga competentemente segundo os canones, quem é que se permittirá duvidar de que se abram de par em par ao velho systematisador da philosophia positiva ás portas da bemaventurança?

Ora este caso parece-nos grave, attenta a companhia com que se vae encontrar na eternidade a alma surprehendida de Littré.

Que dirá o espirito do sr. Dupanloup, por exemplo, ao ver sentar-se ao seu lado no côro des anjos o redactor da *Revista da philhsophia positiva*? Sabe-se o que succedeu, na Academia franceza... Quando o philosopho Littré entrou, o arcebispo sr. Dupanloup saiu para nunca mais voltar áquelle douto conciliabulo. O sr. Dupanloup é um um espirito subtil, cheio de lucidez, de sagacidade e de critica. Não será elle que se deixará jámais embair pela sinceridade da conversão de Littré operada por sua esposa.

O sr. Dupanloup é demasiadamente espirituoso para não sorrir das pretenções de limpesa espiritual invocadas por um tal porco sujo como aquelle que elle conheceu durante toda a sua vida na pelle do seu terrivel adversario. Depois, como o sr. Dupanloup é um tão coherente caracter quanto é um persificaz espirito, o que é que succederá no ceu? Succederá evidentemente o mesmo que succedeu na academia, isto é, o sr. Littré a entrar por uma porta e o sr. Dupánloup a sahir por outra. E de quem será a culpa se as coisas se passarem d'este modo (e ninguem poderá affirmar-nos com certeza que ellas se passem d'outro) de quem será a culpa senão do clero de Braga, que á força de querer metter á cunha no ceu um impio, poz fóra de lá um arcebispo?

Taes são as rasões porque nos parece que com a sua irreflectida missa os padres de Braga acarretaram uma grande responsabilidade para cima das suas respectivas corôas.

Que a misericordia divina se compadeça d'elles, porque elles não souberam decerto o que faziam!

Aquillo em Braga está n'um tal estado de innocencia que até há quem diga que quando os padres foram á missa, a alma que elles cuidavam suffragar não era a do sr. Littré, mas a do sr. Litra,—o que é differente.

Diz um periodico de Lisboa que o redactor do *Antonio Maria* é esperado em Paris pelo pão negro do exilio á rasão de 40:000 francos por mez. Parece-nos que este amavel collega exagera um pouco o preço porque pódem ficar a um artista os jantares do *Café Anglais*. Emulações da *Perna de Pau!*

Aos srs. Cavalleiros de Christo e mais ordens

Acaba de ser descoberta em Paris uma agencia de condecorações estrangeiras, a qual se encarrega de obter pelos preços designados n'uma tarifa condecorações de todas as ordens; a saber: authenticas, duvidosas e falsas. As authenticas são as mais baratas porque se teem desacreditado muito nos ultimos tempos. As falsas (gostos escolhidos) regulam pelos preços de 3:000 a 5:000 francos. Os habitos de Christo fazem parte dos artigos de commercio da casa a que nos referimos. No programma do estabelecimento ha este artigo importante, para o qual julgamos do nosso dever chamar a attenção de todos os srs. condecorados! *Esta agencia encarrega-se da troca de condecorações verdadeiras por condecorações falsas e vice-versa! Restitue-se a importancia de todas as condecorações que começem a desagradar.*

Que persegui

Leque sem allusões politicas, unicamente chinez, prop
calôr e não queiram ir para a cadeia. Offerta do *Antonio Me*

de calôr!

ra pessoas de um e d'outro sexo que tenham

A questão dos repiques

Conflictos entre o sino temporal e o sino espiritual

O sino do seculo, investe com o sino da egreja, para o fim de lhe cortar o badalo.

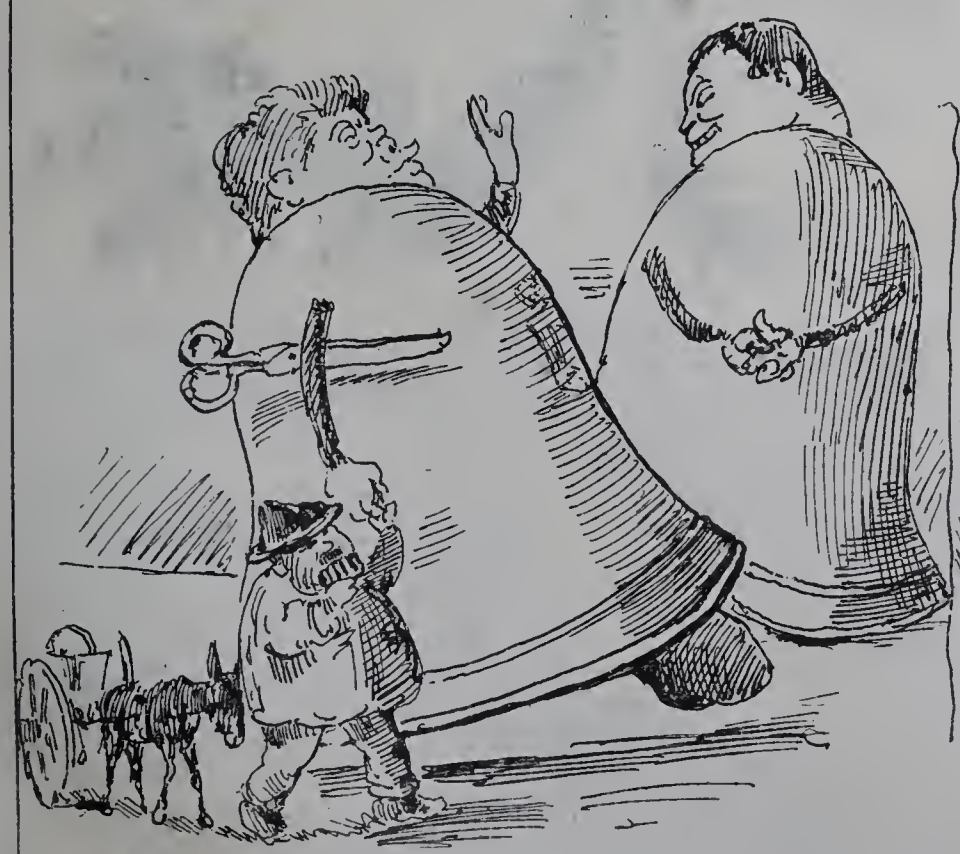
O sino da egreja reage.

O sino do seculo insiste.

A lucta torna-se terrivel.

É uma verdadeira lucta de sinos de gigantes.

Á hora a que escrevemos estas linhas, a victoria parece inclinar-se para o sino sagrado.



Mas o sino profano dá indicios de querer recomeçar o attaque.

Um jury mixto preside ao combate.

Com um ramo d'oliveira na mão nós propomos uma coisa: Sino livre no estado livre!

Que calôr de perseguição!

Leque com allusões politicas e diatribes em lingoa chinesa, proprio para candidatos a pessoas perseguidas d'um e d'outro sexo. Dadiva do *Antonio Maria*.

—No caso de não agradarem, se restitue sua importancia.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

O dia 14 de Julho, anniversario da tomada da Bastilha, foi celebrado em Lisboa por meio de um banquete offerecido por alguns republicanos a si mesmos. E' pouco.

A data de 14 de Julho deveria merecer da democracia portugueza uma commemoração mais ampla que a sua casa de jantar. Porque, se ha facto memoravel, para lição, para exemplo, para gloria do povo, esse facto é o da tomada da Bastilha.

E' preciso ler os historiadores da Revolução, Louis Blanc e Michelet, e, para honra da humanidade, fazer conhecer ao povo portuguez o que era a Bastilha e o que foi o movimento popular de Paris em 1789.

A Bastilha era uma prisão de privilegio aristocratico, onde sómente se encarceravam, por ordem especial do rei, as pessoas nobres — os titulares, os bispos, os marechaes de França. Raramente tinha a honra de entrar ali um simples burguez. Nunca lá esteve um proletario. Dispensava-se a culpa formada ou outra qualquer formalidade juridica para ir apodrecer na Bastilha. Bastava uma simples ordem do rei, que sua magestade expedia liberalmente, a seu bel prazer, contra todo aquelle que o incommodava pelo que quer que fosse: por ter espirito, por ter orgulho, por ter uma amante bonita ou por ter uma mulher desejada pelo principe.

A prisão do povo era Bicêtre.

A Revolução rebenta, e o primeiro movimento do povo, em vez de ir abrir aos proletarios as portas de Bicêtre, é ir soltar os nobres e arrasar a Bastilha. Em vez de acudir aos seus e de se vingar a si, o povo, ao apparecer pela primeira vez em scena depois da convocação dos Estados Geraes, pensa unicamente em vingar o direito e em salvar a justiça.

Não ha na historia das conquistas da liberdade acto algum de mais portentoso desinteresse e de mais heroica generosidade.

Começando a Revolução por tomar a Bastilha, o povo de Paris deu aos povos de todo o mundo este sublime exemplo: usar da força para servir a clemencia.

Á hora a que escrevemos estas linhas ha em Lisboa quinhentas mulheres em tortura, accendendo aos santos velas bentas, fazendo-lhes promessas, resando, jejuando, solicitando cartas de empenho, e contrahindo lesões do coração.

Essas mulheres são as mães, as avós e as tias dos estudantes que vão fazer exames de instrucção secundaria no Lyceu Nacional.

Perante esta attitude supplicante das pobres senhoras os examinadores, imperturbaveis, manteem a magestade de Hippocrates deante dos presentes de Artaxerxes.

Depois da repetição d'estes sobresaltos durante quatro ou cinco annos, o alumno faz o ultimo exame do curso dos lyceus, ignorando, graças aos programmas da nossa instrucção, absolutamente tudo quanto seria preciso que lhe ensinassem da sciencia da vida em que vae entrar.

A terrivel doença d'este seculo, a examemomania, dá em Portugal, applicada á educação, estes resultados: fazer filhos cretinos e mães desgraçadas.

Pobres rapazes! pobres senhoras!

Dizem os jornaes que os membros do partido regenerador se reuniram em grande assembléa para o fim de ouvirem a voz do seu chefe o sr. Fontes Pereira de Mello. S. ex.ª fallou e disse ao seu partido o seguinte:

— Que elle continuava a manter o seu antigo programma.

Toda a imprensa do reino reproduziu essas palavras solemnes e memoraveis, e estão todos de accordo em que jámais do cerebro de um homem d'estado saiu uma concepção tão lucida e tão perfeita dos phenomenos politicos no momento presente.

S. ex.ª continua a manter o antigo programma. E' realmente tudo quanto se póde dizer! O paiz inteiro está fulminado de admiração pelos progressos scientificos que tem feito o cerebro do seu primeiro estadista desde a penultima vez que elle fallou até agora. Apre!

Os cartazes do HEREJE e o sr. Governador Civil

Quem despega,

E torna a pegar,

Ao inferno vae parar.

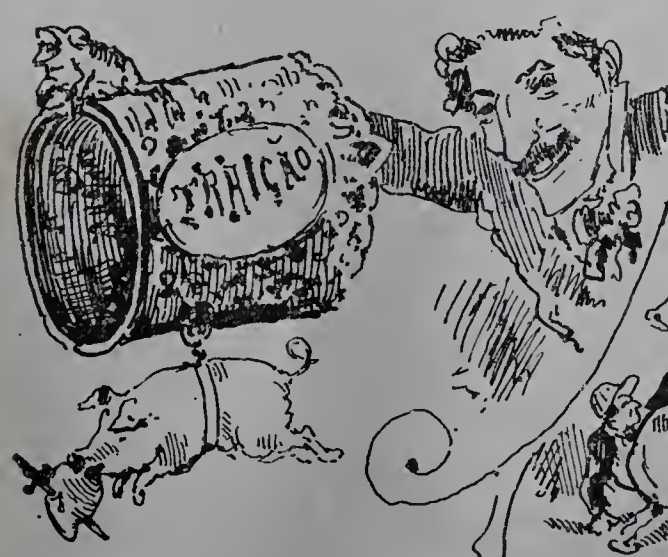
As traições

Depois do successo da *Traição*, poema do sr. Gomes Leal,

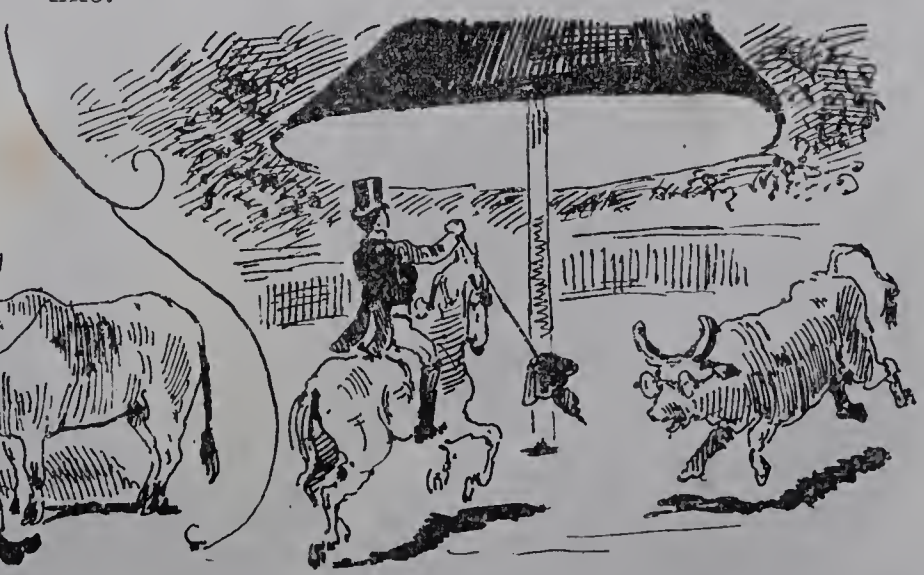
Vemos annunciada a *Traição*, polka brilhante offerecida ao sr. Justino Soares.

Ribeiro e Esther preparam uma *Traição* em couplets na *Niniche*.

O sr. Pexe, na grande liquidação que está fazendo na rua do Almada, venderá uma *Traição* em riscadinho.

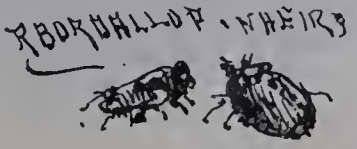


Pedro Moreira, no 103, porá qualquer dia a *Traição* em braceletes.



Nos touros projecta-se para domingo uma *Traição* para cavalleiro... pelo boi.

E se o vate continuar no martyrio, verão que havemos de ter n'este verão em Lisboa ainda mais traições do que baratas!



DURANTE O ESPECTACULO

As p

A monarchia tal como elles a tinham arranjado para terror dos povos durante a era das perseguições. Sam padius, elle mesmo, — e mais tinha ajudado a fazel-a — teve medo!

uições

DEPOIS DO ESPECTACULO

A monarchia tal como elles a desarranjaram para restituir o socego ás populações depois de fechada a era. O proprio Fontesius sorriu!

A biographia de um principe

POR UM PLUTARCO DAS CALDAS CORRESPONDENTE DO «DIARIO DE NOTICIAS»

O principe é bom rapaz. Folgasão, galhofeiro. O primeiro em tudo: No banho;

No cavaqueira; Nas cavacas; No croquet; No volante;

A biographia de um principe

POR UM PLUTARCO DAS CALDAS CORRESPONDENTE DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Nas burricadas;

Nas quadrilhas;

Ao piano.

De sorte que todos o estimam.

Todos o amam.

Todos o adoram.

E a posteridade, fallando d'elle em latim, dirá: *Patuscus Magnus Patuscorum princeps—Dei gratiæ.*

O encerramento da era

Immediatamente depois de ter aberto a porta da perseguição o governo, com uma coragem d'Hercules, fechou-a outra vez.

Recruta de candidatos manobrando em experiencias á voz de sua mercê o cabo instructor. — Um! dois!!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Depois da representação do *Rosalino*, Lisboa deve levantar uma estatua a Guilherme d'Azevedo, porque nunca mais a semsaboria lisboeta encontrará na arte uma expressão mais espirituosa do que a que teve na comedia primorosa d'este escriptor.

O dia 24 de Julho

Por um acto de benevolencia e de magnanimidade que nunca lhe agradeceremos bastante, o governo resolveu supprimir n'este anno a festa da liberdade que era costume celebrar no dia 24 de julho. Não troou o canhão no castello, nem as phylarmonicas nos extremunharam ao romper do dia, nem as tropas desfilaram terriveis, triumphantes e suadas em frente do terraço do theatro de D. Maria.

Para commemorar essa data gloriosa o governo contentou-se em mandar prender em sua casa por abuso de liberdade de imprensa o editor do *Seculo*, periodico republicano.

E' talvez pouco para festejar a liberdade o fazer apenas uma prisão, ainda que illegal. Um jornalista preso e solto depois como uma vela que se apaga no meio para se não gastar toda, parece-nos uma sovinice impropria de um ministerio bizarro.

Sacrificar á liberdade um sujeito é bello, mas é preciso enforcal-o, pelo menos para ser decente o sacrificio, e se não dizer que o governo é um pulha que guarda os perseguidos de uns annos para os outros para os servir baratos e velhos nas festas da nação.

Caindo um pouco em si e reconhecendo elle mesmo quanto havia de mesquinho em não sómente não queimar um foguete mas em nem sequer queimar um republicano em honra do dia 24 de julho, o governo, dois dias depois da festa, tornou a mandar prender o editor do *Seculo*.

De cada vez que o prendera para logo em seguida o soltarem, o editor do *Seculo* paga no pequeno espaço de tempo que medeia entre essas duas formalidades, 200$000 réis de fiança.

E' a mais bonita das operaçõesinhas financeiras que temos visto fazer ao governo. Uma pingadeira de réis 200$000, extrahida ao jacobinismo de dois em dois dias, ás terças, quintas e sabbados, é mel.

Como festeiro do dia 24 de julho o governo — continuamos a sustental-o — é um misero e um fôna. Como financeiro, porém, o governo principia a inspirar-nos o desejo de lhe tirarmos a chapa, porque, mantendo-se na fecunda e productiva linha de conducta que encetou com o *Seculo*, o governo não acabará talvez de todo com o republicanismo, mas acaba de certo com o *deficit* — á custa dos philosophos.

A horta co

Systema de irrigac

a horta (Vide texto)

A nora do systema

A horta constitucional, hoje tão virente e mimosa, começou por ser unicamente uma arvore, a bem conhecida *arvore da liberdade* regada com o sangue de tantos martyres.

Foi depois de se ver como a arvore medrava n'este abençoado torrão, que a pouco e pouco se foi plantando a horta.

Vieram os folhudos repolhos, as saborosas couves penca e lombarda, a bella abobora, os frescos espinafres, as differentes alfaces, e os varios cheiros, a pimpinela, a salsa, o cuentro.

Poz-se a mesa rustica debaixo do parreiral, e fundou-se a reinação moderna.

Espalham-se no ar os aromas appetitosos das saladas e das frituras e bem assim os ruidos joviaes do peixe que chia nas frigideiras, das malhas que batem nos chinquilhos, dos talheres e dos copos que tilintam nas mesas, e das banzas que gemem, languidas, beliscadas ao luar por entre as alfazemas em flor.

Tratava-se porém de regar a horta, em que já passeavam felizes as lagartas e os pulgões, porque se reconheceu que o *sangue de tantos martyres* começava a escaceear para as vegetações e para as petisqueiras concomitantes da horta.

Então se fez a nora. Vieram olheiros experientes ver o sitio, e depois de estudado o terreno se resolveu abrir o poço na algibeira de Zé Povinho. Armou-se-lhe a roda por cima da barriga; ataram-se os alcatruzes ao calabre; poz-se uma besta ao pau do carrete; encanudaram-se manilhas; cavaram-se regos para espalhar a agua nas leiras e nos alfobres; e principiou a rega por um bello e engenhoso systema de irrigação supplementar do *sangue de tantos martyres* em estiagem depois de muito tempo.

Tudo está fresco, viçoso, alegre na horta. Sómente, de quando em quando, entre os ruidos da galhofa, se ouve um som plangente, monotono, triste. E' a nora que geme.

Mas a rega vae correndo, e tudo jubila na horta.

Se ainda ha para ahi pescadinhas fritas, pedimos o favor de passar a travessa.

Conflicto perigoso entre as tres grandes ventripotestades da situação, o conselheiro Arrobas, o conselheiro Sampaio e o sr. Rosa Araujo.

Os jornaes da semana dão d'esta crise pormenores de tremer.

O sr. Rosa protege um sapateiro e deseja fazel-o entrar na vida publica — como tantos outros! — na qualidade de correio de secretaria. Arrobas jurou por todo o peso da sua influencia e do seu appellido que o sapateiro seria despachado. Sampaio, fiel ás praxes estabelecidas, recusa assignar o despacho, dizendo que das sapatarias podem alguma vez sair correias, mas correios nunca.

D'ahi a indignação de Rosa e d'Arrobas. Indignação justa, porque a verdade é que esses cavalheiros não pódem ficar para o resto dos seus dias com um sapateiro nos braços, a amamentarem-o. Isso collocaria suas excellencias na situação repulsiva de amas indirectas das botas.

Occorre-nos um meio de salvar a situação, alliviando do peso do sapateiro o regaço do sr. Arrobas e do sr. Rosa Araujo sem por isso sobrecarregar com o peso do escandalo a consciencia do sr. ministro.

A nossa idéa consiste em nomear o sapateiro, não *correio de secretaria*, para cujas funcções a opposição poderia duvidar que elle se achasse habilitado, mas sim *sapateiro de secretaria*.

Quem ousaria aggredir sua excellencia o ministro pela creação e pelo provimento d'esse novo e utilissimo cargo?

Não possuem os esquadrões de cavallaria um ferrador? Com que razões capciosas seria pois licito contestar o direito que teem os poderes publicos a possuirem um sapateiro?! E é pouco um sapateiro só. Cada um dos srs. ministros deveria ter o seu. De tipoia suas excellencias seriam seguidos como até agora por um correio a cavallo. A pé suas excellencias seriam

acompanhados por um sapateiro munido de todas as ferramentas precisas para que jámais se detivesse, por effeitos de deterioração imprevista no material circulante dos pés do governo, o gyro da ordem.

São obvias as vantagens que redundariam para a coisa publica da facilidade que propomos em acudir de prompto a um transtorno dos negocios, pondo umas solas no reino, gaspeando de novo a justiça, pregando uma tomba na marinha, indireitando os tacões cambados na guerra.

Além do que, da estreita convivencia das duas artes de governar e de fazer botas, resultaria ainda de parte a parte uma dupla iniciação que viria talvez um dia a permittir-nos com vantagem mandar para o paço os sapateiros com as pastas, e mandar para a tripeça os ministros com as sovelas. — Um alivio para os povos.

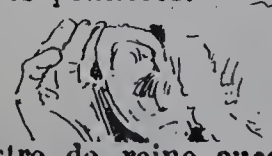
Além da utilidade, a pompa.

Uma vez introduzido o sapateiro nas instituições, seria consideravel o augmento de apparato e de prestigio que elle desenvolveria:

Atraz do soberano.

Atraz de sua alteza.

Atraz dos caros penhores.



Que o sr. ministro do reino ouça os nossos rogos! Que sendo attendidas as supplicas do sr. Rosa Araujo e do sr. Arrobas, o sr. ministro nos mostre por um acto energico da sua iniciativa que o governo é capaz de olhar para a nobre classe dos sapateiros com fins mais uteis do que aquelles que tem tido em vista chamando-os unicamente — como até hoje se tem feito — nas commissões da industria, nas commissões da instrucção e nas commissões d'arte, — para os mandar tocar rebecão.

O commissariado da policia e o bailiado de Malta

O sr. bailio pretendeu arrancar um preso das garras da policia. A policia refilou e quiz capturar o bailio.

Acerbo conflicto de poderes. — Porque a policia tem pelo codigo o direito de prender, mas o bailio tem egualmente pelo privilegio senhorial o direito de prender, o direito de soltar e o direito de fazer justiça por seus proprios tentaculos.

Parece, ao que dizem as partes policiaes, que o sr. bailio teve que ceder, porque perante a legislação moderna e perante os antigos codices feudaes lhe foi demonstrado que s. ex.ª tentava exercer os seus direitos fóra das balisas do seu feudo.

Está decidido pelos effeitos d'este incidente que s. ex.ª não é, como se suppunha, o bailio do Rocio, mas sim

unicamente o bailio de Malta. O Rocio renega-o, — o que é uma ingratidão talvez. Que o bailio tenha paciencia, e vá para Malta que o leve!

A guarda amarella

Sabe-se que a guarda do throno e das instituições adjacentes ha muito que se não faz pelas *lanças* mas sim pelas *libras* dos campeões. Para o fim de regularisar devidamente esta nova situação falla-se em crear uma nova guarda, a qual em attenção á côr da sua influencia se chamará, como a do seculo XVII em Hespanha, — *A guarda amarella*. Anda-se em reuniões preparatorias, que os jornaes annunciam, para a formação d'esse corpo, do qual damos n'esta pagina os uniformes.

A balança das eleições

Para um lado os votos da nação, para o outro lado as botas da auctoridade. E está prompta a coisa. Viva a carta!

Lithographia Guedes rua da Oliveira ao Carmo 19

Anno III

Os exames

Nos exames do Lyceu Nacional um professor da Escola Polytechnica, o dr. Mattoso, que temos penna de não conhecer, dirigiu aos examinandos as seguintes perguntas, que os jornaes da semana transcreveram, por escarneo, denunciando ao despreso e á gargalhada publica aquelle examinador imbecil, que os poderes do estado vão decerto demittir e que os paes de familia começaram já a espancar com fervor:

Primeira pergunta: — *O que é a barrela?*

Segunda pergunta: — *O que é o residuo que a agua fervida deixa no fundo das vasilhas e a que as cosinheiras chamam o salitre das chocolateiras?*

Terceira pergunta: — *Em virtude de que força se esvasiam os frascos da limonada chamada de cavallinho, que os consumidores bebem nas feiras chupando-a por um tubo?*

Quarta pergunta: — *Banhando-se em agua distillada ficaria o sr. tão bem lavado como tendo-se banhado em agua commum?*

Esta ultima pergunta foi dirigida a um estudante de côr preta, o que exacerbou sobre maneira o rancor das massas contra a inepcia provocadora do lente, porque, segundo parece, é faltar ao respeito devido á raça ethiopica o fallar-lhe em lavar a cara. Os pretos, pelos modos, preferem ouvir o espirro — o que os escandaliza muito — a ouvirem fallar em banho. De sorte que sempre que n'um compendio de chimica se trate do phenomeno da saponificação operada pela combinação das secreções da pelle com alguns dos corpos dissolvidos na agua não distillada, no capitulo consagrado a essa materia se deve pôr esta nota: *Questão que, para se não tornar offensiva, convem ser unicamente estudada entre individuos da raça branca; para pretos envolve troça.*

Ora muito bem! Querem os leitores ácerca do caso Mattoso a nossa humilde opinião? Dar-lh'a-hemos, sem mastigar, a opinião que temos:

Se fossemos o ministro da instrucção publica nós mandariamos chamar o dr. Mattoso e encarregal-o-iamos immediatamente de redigir o programma dos compendios e do ensino da physica e da chimica nos lyceus portuguezes. Porque a verdade é — e sentimos com isto desgostar as familias dos alumnos reprovados — a pura verdade é que o dr. Mattoso pela sua maneira de interrogar, tal como os periodicos a referem, nos demonstra que elle é dos poucos professores que em Portugal comprehendem a indole pratica e positiva que deve ter o ensino secundario na educação moderna.

E' exactamente por esse modo, e não d'outro, que se ensinam creanças: é fazendo-as observar os phenomenos mais vulgares e mais communs da vida pratica, os phenomenos que o alumno tem todos os dias debaixo dos olhos, e levando-os a tirar da natureza d'esses phenomenos o conhecimento scientifico das leis que os regem.

Pelas reacções que se dão dentro de um cortiço de barrela, pelo deposito calcario que fica no fundo das chaleiras, pela comparação da acção da agua destillada e da agua como a natureza a produz sobre as secreções cutaneas, e finalmente pela ascenção do liquido pelo tubo das limonadas de cavallinho, demonstram-se grande parte das propriedades dos corpos, dos principios que os compõem e das forças a que elles obedecem.

E' unicamente por esse processo de ensinar que o mestre conduz o alumno a aprender, porque aprender é tomar conhecimento das coisas. A decorar estupidamente regras e formas abstractas, como se faz geralmente nas nossas aulas, enche-se o cerebro de pedanteria, mas não se adquire conhecimento de coisa alguma.

E' n'essa ignorancia crassa, encyclopedica e absoluta de todos os mais simples phenomenos da natureza e do trabalho do homem que os alumnos saem dos nossos estabelecimentos de instrucção secundaria.

A noticia dos jornaes sobre o questionario do dr. Mattoso deu essa revelação tremenda: No ultimo anno do curso dos lyceus, ao completarem a instrucção media, a instrucção que deve dar o nivel commum da capacidade de todo o cidadão bem educado, o estudante não sómente não sabe o que é um siphão, mas nem sequer sabe o que é a cinza; não sabe o que é o sabão, não sabe o que é agua, pois que os jornaes accrescentam que nenhum dos examinados soube responder ás perguntas elementares que o sr. Mattoso lhes fez!

Manter na instrucção publica de um paiz um tal estado de coisas não é sómente roubar ao paiz o dinheiro, é roubar-lhe tambem o cerebro.

A noticia inesperada e surprehendente de que acaba de tomar o freio nos dentes ao vir das Caldas um d'esses animaes, que depois de tantos annos não tomavam nos dentes coisa nenhuma, a não ser a carie da decrepitude e a promessa sorridente mas fallaz de alguns biscoitos remotos e fementidos, enche-nos de regosijo, porque essa noticia nos patenteia a soberana e maravilhosa efficacia do tratamento sulphurico e dos ares das Caldas sobre a pompa e sobre o prestigio da real familia. Essa pompa e esse prestigio são as coisas que mais appetecemos na terra, e folgamos de o dizer em primeiro logar para desafogo do nosso peito, e em segundo logar para que nos não mandem para a cadeia nem nos despachem delegados do thesouro, segundo as duas maneiras hoje em voga de punir com severidade mas justiça aquelles que imprudentemente se mostram desaffectos ás instituições vigentes e seu gado.

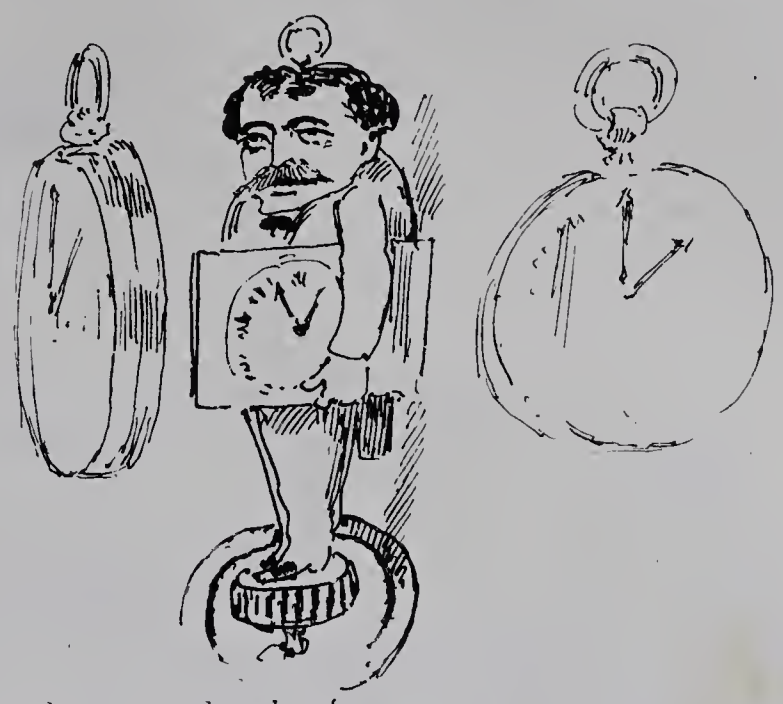
A FABRICA ELEITORAL

Deputados regulados e garantidos

Alto ahi! cá está o Piperlin Eleitoral, relojoeiro, com deputados de regulamento garantido por tres annos. Vinde ao Piperlin! vinde ao Piperlin!

A FABRICA ELEITORAL

Deputados regulados e garantidos



Deputado com corda pelo pé. (Santa Isabel).

Deputado de senhora. (Felgueiras).

Deputado de carrilhão. (Reguengos).

Deputado com andamento de roda. (S. João da Pesqueira).

Seria tão incompleta quanto foi mal lythographada a pintura
gemebunda do trabalho não puzessemos o repucho ridente da pr
deita para fora e o repucho deita para dentro do proprio tanque.
o recreio.

REPUCHO

procedente numero fizemos da horta constitucional, se a par da nora
e do capital. A differença entre esses dois apparelhos é que a nora
cria o pão para a bocca. O repucho cria os peixinhos doirados para

Como remedio para esta enorme calamidade nacional o processo de apupar e de espancar os examinadores parece-nos — sem discutir as vantagens indirectas que elle possa trazer comsigo — extremamente moroso.

Imaginemos abertas todas as cabeças dos mestres: não creiam que se siga immediatamente d'ahi que fiquem menos tapadas as cabeças dos discipulos.

Por mais que obriguemos os professores a arruinarem-se em arnica para curar bengaladas, nós não deixaremos por esse motivo de continuar a arruinar-nos em matriculas, em compendios e em fundos de calças para o fim de bestialisarmos para todo o sempre os nossos filhos nos bancos indecentes dos nossos collegios e dos nossos lyceus.

O sensato, em vez de deteriorar parcialmente os mestres, seria pensar em abolir de todo a lei. E emquanto isso se não consegue o que podemos fazer de mais proficuo é retirar da escola os nossos filhos e mandar simplemente ensinar-lhes um officio. E' mais moral e mais digno aprender a sapateiro, com qualquer remendão, do que aprender a bacharel com tal organisação do ensino publico. — E é mais instructivo.

Lemos no *Diario de Noticias* que, por occasião de regressar das Caldas o sr. infante D. Augusto, um dos cavallos da comitiva de sua alteza tomou o freio nos dentes.

Ora todos nós os que passamos no Chiado conhecemos o melindroso estado de saude em que se achavam os cavallos do sr. infante antes de irem ás Caldas.

Essas illustres e benemeritas alimarias estavam evidentemente ainda mais enfermas do que os criados macilentos e famelicos que se lhes escarranchavam em cima, tristurosos, com rugas de senilidade nas botas mirradas, com nodoas de melancolia nos colletes, com pelladuras de lepra nos chapeus e com esverdeamentos de ictericia nos galões das librés.

A defecação e a hypocondria que ha longos annos minavam a existencia dos cavallos de sua alteza, fazia a consternação da casa Havaneza todas as vezes que o principe subia o Chiado.

Quantas vezes não vimos todos, com dôr, que já o principe ia nas alturas da egreja da Encarnação e que ainda as bestas do seu sequito se achavam á porta do José Alexandre, com as linguas saburrosas de fóra da bocca, tossindo, assoando-se e rapando os pés doloridos ao macadam, porque esses heroicos bichos padeciam ao mesmo tempo de tudo: de pulmocira, de mormo, de dyspepsia e de calos!

De sorte que, para que elles se resolvessem a despachar da porta do José Alexandre para cima, atraz do condestavel do reino, era preciso depois de baldados todos os exforços da sciencia e todos os estimulos do brio, para que elles cumprissem os seus deveres de cortezãos seguindo sua alteza, que o proprio principe, voltando-se para traz no largo das Duas Egrejas, os attrahisse ao respeito das instituições mostrando-lhes de longe um sorriso e um biscoito.

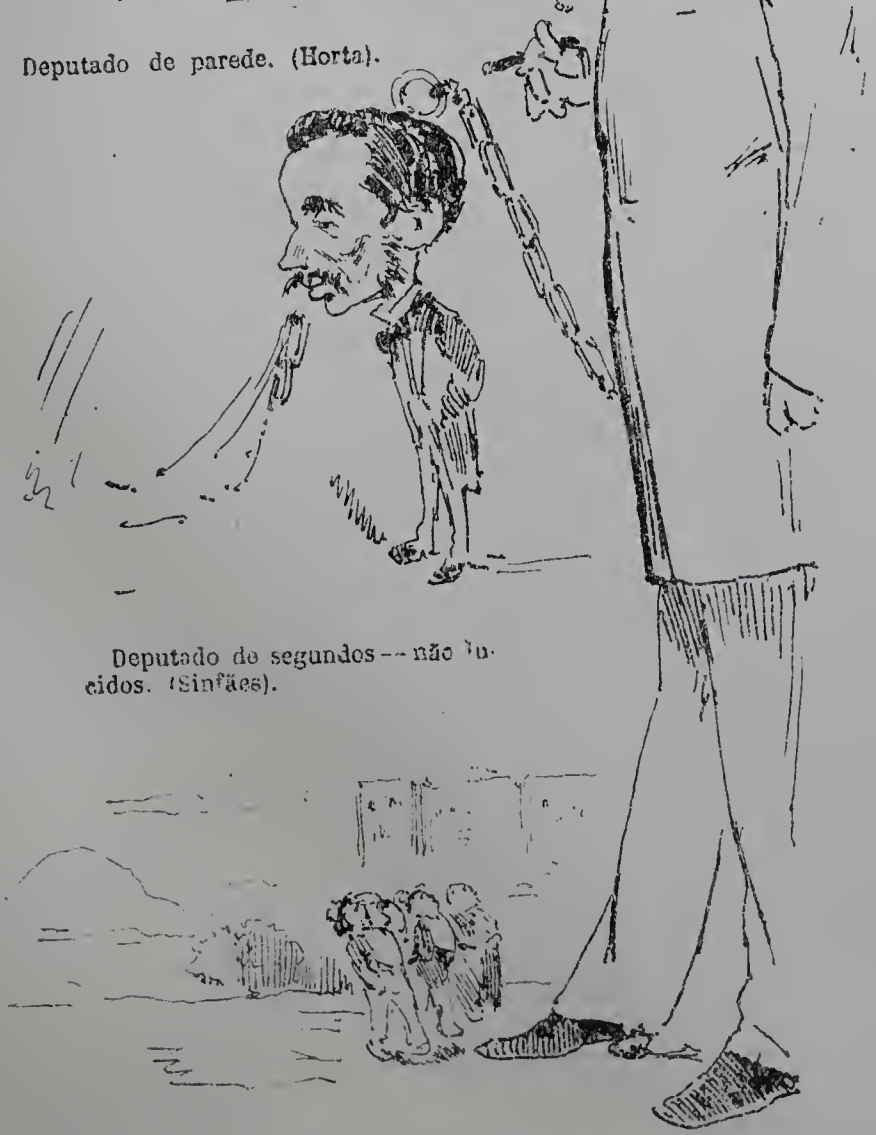
Deputado d'algibeira, inglez, em terceira mão. (Anjos).

Deputado com musica... d'enterro. (Santos).

Deputado de parede. (Horta).

Deputado com dias do mez e da semana, quartos de lua, marés, musica,—finalmente tudo! (Mogadouro).

Deputado de cima de mesa. (Angola).



Deputado de segundos — não lucidos. (Sinfães).

Deputado de cebolão. (S. Nicolau).

Deputado de terra (Almada)

HISTORIA DO EXAMINADOR E DO PAE DO MENINO

Capitulo primeiro

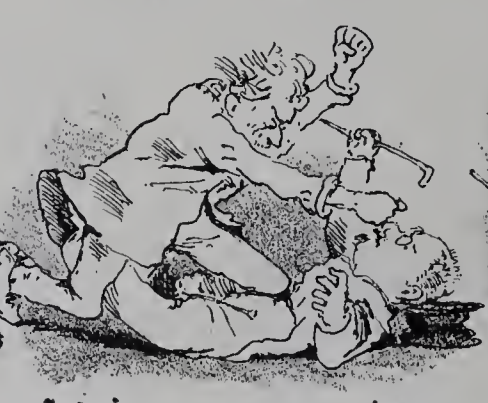
A historia segundo o pae do menino

Puz-me na sua frente e deitei fora a chibata.

Agarrei-o pela cinta.

Deitei-o no chão.

Puz-lhe um joelho no ventre.



Soquei-o na cara e na cabeça.

Deixei-o esmoucado.

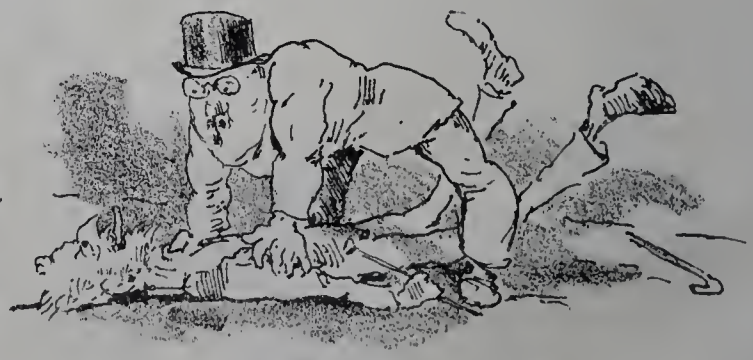
Olarilolé!

Capitulo segundo

A historia segundo o examinador

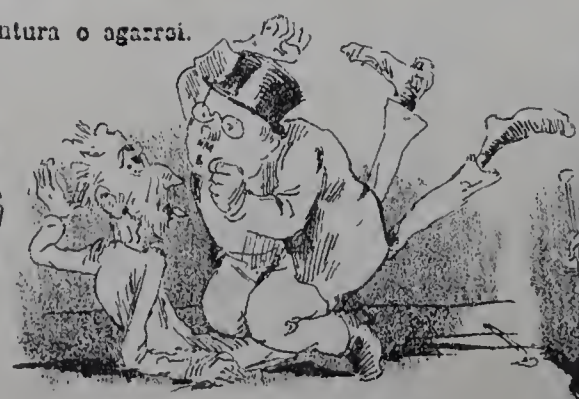
Na sua frente me puz e a chibata fora deitei.

Pela cintura o agarrei.



No chão o deitei.

No ventre um joelho lhe puz.



Na cabeça e na cara o soquei.

Esmoucado o deixei.

Epilogo

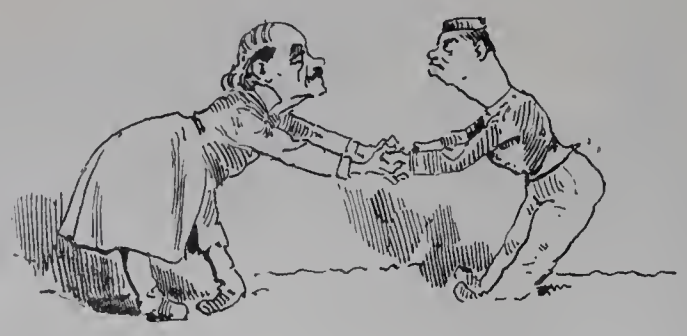
O examinador e o pae do menino foram cada um para seu lado de perfeita saude, ficando unicamente de cama e *in articulo mortis* a instrucção que o menino do pae deveria ter recebido do mestre do menino.

O LAÇO

O que cahiu e o que o armou.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Um tolerado



Referem as partes policiaes que os agentes da segurança publica extrahiram ha dias, do fundo de uma latrina da travessa da Espera n.º 63, um soldado de infanteria 7 que ahi se estava banhando em companhia de um titular, cujo nome deixamos de proferir porque principiamos a consideral-o desde hoje como um vocabulo obsceno.

Com excepção de dois ou tres jornaes, apenas, a imprensa de Lisboa tem commentado este facto dos costumes por meio de reticencias, como se fosse possivel escrevermos unicamente com pontinhos a historia pathologica do nosso tempo, que temos todos obrigação de registrar em beneficio geral da hygiene.

E' sagrada — dizem — a vida particular dos individuos. Sim, mas condicionalmente. Desde que a policia, pela força brutal do seu instituto, abre na vida intima de um homem uma brecha que a escancara ao publico, a imprensa tem obrigação de olhar para dentro do tabernaculo profanado e de nos dizer o que viu. Collocando-se entre o homem e a lei, a imprensa representa um poder sagrado, que se chama a consciencia social. Ha violações da moral escripta, ha erros de conducta, ha crimes do sentimento, que a lei cegamente pune, mas que nobres paixões explicam, que a honra protege e que a sociedade, devidamente informada, absolve.

Ha outros delictos, de natureza inteiramente opposta, nos quaes é preciso que a imprensa egualmente intervenha, porque em taes casos a justiça exige para o deliquente alguma coisa differente do castigo do codigo; exige o desprezo da opinião. Pertence a esta ultima categoria o caso latrinario da travessa da Espera n.º 63.

Esse caso acha-se previsto, pelo seu lado juridico, na legislação de varios paizes. A porcaria ignobil de dois entes que se retouçam com delicia no miolo das cloacas da travessa da Espera era punida na antiga Roma primeiro com uma multa de dez mil cestercios, depois — como isto pareceu pouco — com a pena ultima. Nas capitulares de Carlos Magno prescreve-se para taes crimes a fogueira. Entre os paizes modernos está egualmente estatuida a espera feita pelo codigo aos que veem da travessa da Espera n.º 63. A Prussia espera-os com um azorrague, açoita-os até á demolição na propria sede do crime e desterra-os para toda a vida. A America espera-os com dez annos de cadeia. A Inglaterra espera-os com a forca.

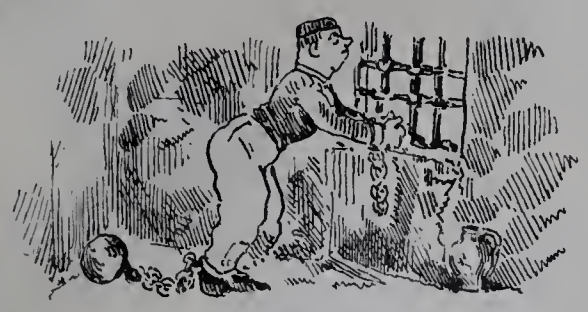
Mas não é da penalidade do delicto que temos de occupar-nos. Fallamos simplesmente da critica do facto tal como a imprensa a não faz, e dizemos que não entendemos nada da moral dos nossos costumes, olhando-a atravez da tolerancia e excessiva do nosso silencio.

Vemos accusar todos os dias com uma vehemencia cheia de acrimonia os nossos primeiros romancistas e os nossos primeiros poetas que ultrajam os costumes, retratando-os.

Ahi está agora um homem que não ultraja os costumes descrevendo-os, que os ultraja pelo unico modo como elles podem ser ultrajados: pela corrupção do contacto. E a critica pudibunda cala-se.

Não póde ser.

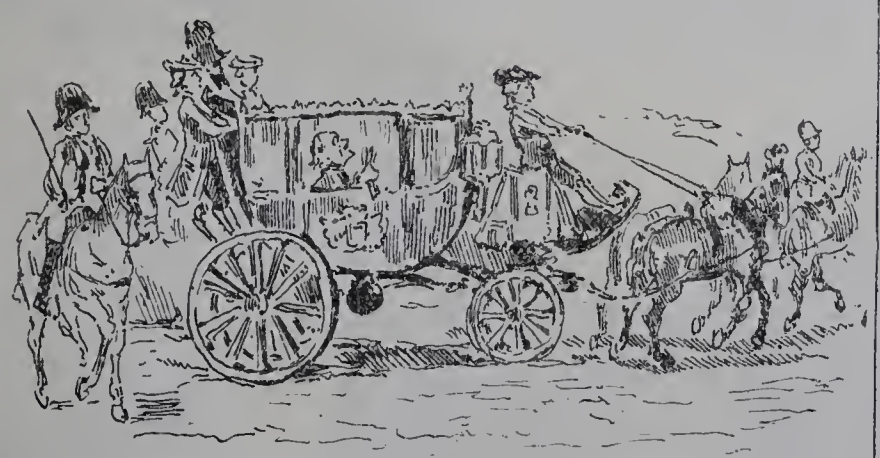
O soldado de infanteria 7 preso na travessa da Espera está na cadeia. O titular, seu cumplice, que o pri-



vilegio de grande do reino e de membro da camara alta põe ao abrigo da captura, foi tranquillo para sua casa, e continua a descer, feliz e honrado, o rio da vida, sob a serenidade immaculada do azul, por entre os nenuphares em flor, coroado de rosas, n'um ber-

gantim dourado, precedido da musica dos atabales e dos coros das bayadeiras.

No primeiro dia de gala que vier s. ex.ª, com o ventre atravessado diagonalmente pelas fitas das suas grão-cruzes, ungido de fluidos transmutativos, de luvas em punho e espadim á cinta, subirá á sua berlinda d'es-



tado e irá ao paço, tão altivo como se acabasse de chegar das cruzadas, dobrará a espinha em frente do

throno, e deporá na mão aristrocratica da rainha agradecida um dos osculos não inteiramente desfolhados em seu labio pelo nordeste da travessa da Espera.

Mais tarde, quando se reabrir o santuario das leis, s. ex.ª irá occupar n'elle a sua cadeira de patricio, e a sua voz eccoará no templo, vibrante de religiosidade, para continuar a pedir, como nas legistaturas anterio-

res, que se amordace a imprensa e se cohibam os excessos de estylo com que a moderna litteratura está inficcionando a castidade e a puresa da nação. Porque a arte moderna é a lubricidade senil, bestial e immunda, que a camara dos dignos pares tem a obrigação restricta de marcar no trazeiro com o pontapé do exterminio, ao passo que o inclito procere da travessa da Espera é o arminho impoluto que as instituções devem guardar no regaço como o symbolo eterno da candura para a qual se inventaram as corôas das *rosières* e as mamadeiras de Montyon.

Se a imprensa entende que isto vae bem assim, nós pela nossa parte inclinamo-nos reverentes e submissos. Se a imprensa entende, pelo contrario, que se deve assignalar ao publico por meio de qualquer distinctivo o titular a que nos referimos, nós estamos promptos a subscrever para a chapa epigraphica que houver de se lhe aparafusar nos rins.

Que os srs. jornalistas decidam!

O CASO

Como o governador effectivo se descart

Sigam aquelle vulto e gritem-lhe ás armas ás algibeiras da sobrecasaca.

Dado o grito astuto e traiçoeiro, quatro homens e um cabo sahiram pressurosos das algibeiras do vulto.

Suspeito de ratoneiro de tropas lhe da vestimenta examinada, ao

Uma parada inteira, gasufilada por elle!

Como a policia não podia prender o gatuno de tropas por este ser da nobreza e ella não, a policia teve esta idéa engenhosa: excarranchou-lhe um soldado no cachaço com ordem de o não largar até ao resto de seus dias.

N'esta critica situação o governador substituto não ousou mais reapparecer na séde do governo e deu a sua demissão.

Com
ctivo ri
figura
o ex-su

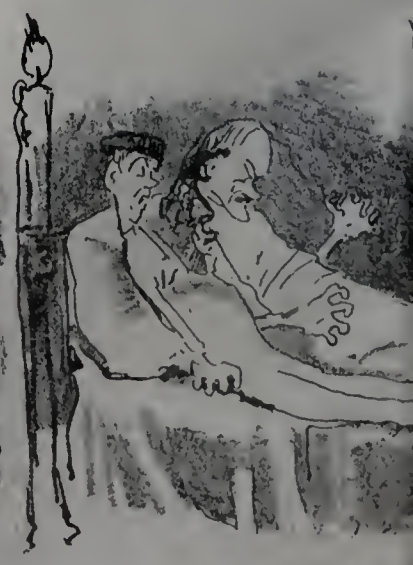
Aos comeres,

Aos beberes.

Em casa.

Doente como doente.

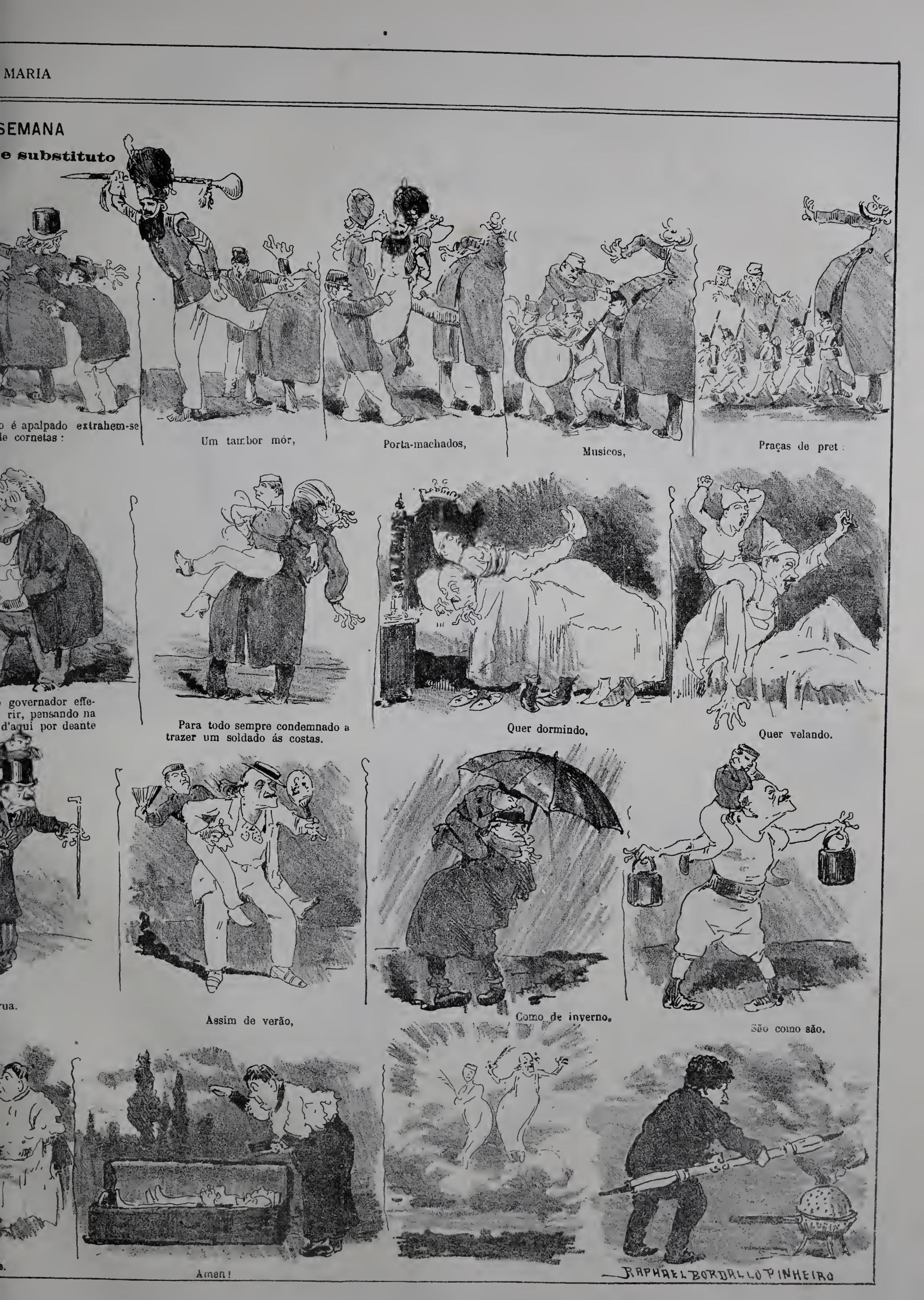
Em todas as phases da molestia.



Até á hor

SEMANA

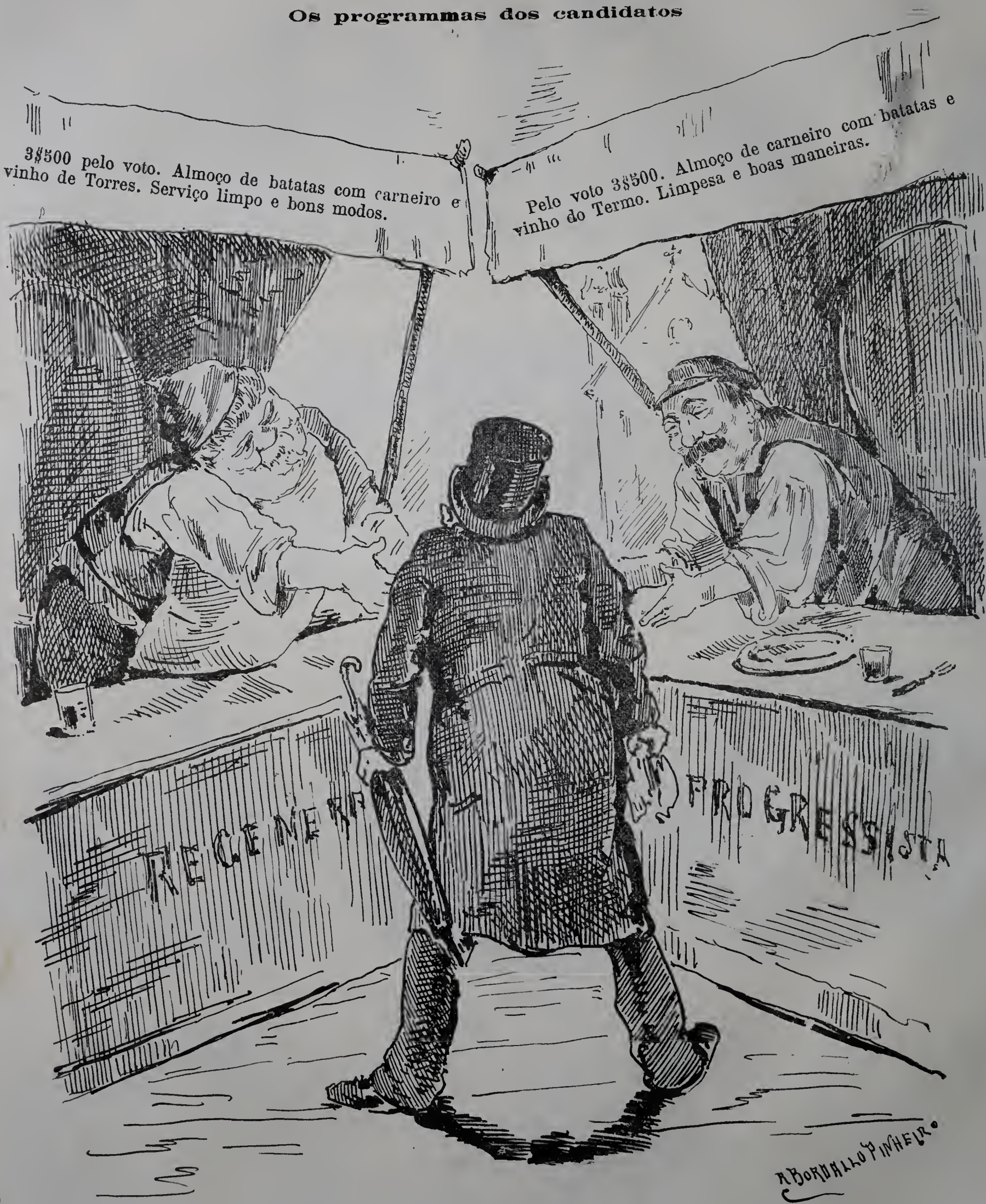
e substituto



O LIVRE ARBITRIO ELEITORAL

E

Os programmas dos candidatos



Sempre que a somma dos motivos que determinam a acção pesa egualmente para dois lados oppostos o eleitor reflecte e hesita.

Preparativos eleitoraes

Revisão dos recemseamentos pelos regedores de parochia

Familia d'opposição. Marido, mulher e tres filhos de maior idade. Não vota ninguem porque se não *desarriscaram*.

Familia governamental. Viuva com duas filhas, um tio morto, um irmão no Brazil, e duas vaccas. Somma sete votos. Aqui estão as listas.

O jogo das escondidas

E já!...

Á altura da gravidade das circumstancias

Projectos de reformas

Uma casa da guarda

O PAE SATURNO

Sampadius, santo pae do primeiro *Espectro* e de todos os espectros que se seguiram ao primeiro para terror do throno e para recreio da demagogia, resolveu agora dar cabo da prole, devorando os filhos, como Saturno. Já tem quatro ou cinco na barriga e está aguçando o dente para os demais. Pae! Padius! Quando chegar a vez de nos chamardes ao vosso ventre, não vos esqueça o louro com que temos o direito de exigir que se nos corôe o escabeche!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Alguns dos nossos amigos, escrevem-nos em amaveis cartas reprehensivas que o ultimo numero do *Antonio Maria* lhes pareceu porco.

Tambem nós o não achamos limpo.

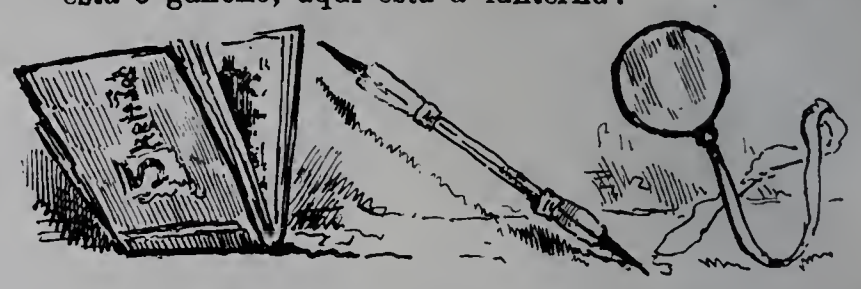
E estamos promptos a testemunhar, se preciso fôr, que a realidade d'essas paginas não tem completamente a frescura dos lagos transparentes, penetrados de luar, em que poeticas legendas fazem palpitar os amores eternos de brancas nymphas encantadas.

Approximem um evangelho que estamos aqui promptos a jurar sobre as sagradas letras, que o perfume que sae d'aquelles apontamentos, não é em absoluto o dos jasmineiros que embalsamam as varseas quando a brisa passa, nem o das gardenias que aromatisam os salões quando os arcos de Strauss, mordendo os violinos, fazem balouçar a valsa.

Que os nossos bons amigos se resignem, como temos de nos resignar nós mesmos, com a dura verdade!

A indole do *Antonio Maria* — ai de nós! — não é por desgraça a da loura Gretschen, que, de bandós virginaes sobre a fronte casta, de vestido de musselina, cheirando a verbena, passa pudibunda e terna, n'um doce movimento de pomba, com os olhos postos nos ideaes versetos do seu livro d'horas. Porque o *Antonio Maria* não é uma donzella. E' um trapeiro apenas, em cuja velha alma vertem douches de uma jovialidade inexhaurivel aquelles que lhe perguntam ingenuamente pelo vestido de setim branco pespontado de aljofares, pela corôa de flores de larangeira enastrada em fios de perolas e pela flor de liz em brilhantes pregando-lhe sobre o coração o véo de noiva.

O *Antonio Maria* — fiquem-o sabendo todos aquelles que ainda o ignoram! — não tem véo nem tem corôa nem tem palmito. Os seus attributos são uma giga, uma lanterna e um gancho. Aqui está a giga, aqui está o gancho, aqui está a lanterna!



Judeu Errante do asphalto e do macadam de Lisboa o *Antonio Maria* percorre esse vasto mundo a que servem de columnas de Hercules os humbraes da Casa Havaneza, e vae recolhendo, semana a semana, as physionomias, os caracteres, os factos, dispersos no seu caminho. Elle não cria nem inventa nem compõe. Recolhe apenas e collige. Ás quintas feiras abre a sua giga e mostra-nos o que tem dentro.

Quando a colheita lhe repugna, a sociedade grita que o *Antonio Maria* tem o cesto porco. Boa novidade que o tem porco! mas foi a sociedade que o emporcalhou. E o mais curioso n'este caso é que aquillo que susceptibilisa a sociedade não é o acto que ella pratica é o registro d'esse acto que o *Antonio Maria* faz.

Temos apenas que dizer uma coisa, demonstrada n'este facto e vem a ser que ha individuos que perante as suas proprias obras nos parecem um pouco menos sagazes do que os gatos, porque estes, sempre que se

lhes colloca a sua prosa debaixo do focinho, reconhecem-a e dizem comsigo: *Fui eu que a fiz!* Aquell'outros acham que fomos nós que fizemos as producções d'elles.

Á urna

Se tivessemos a honra de ter a palavra na pugna eleitoral que se prepara para domingo eis as duas fallas que talvez botassemos:

Aos srs. republicanos diriamos:

Srs. republicanos, ha annos que o vosso partido augmenta progressivamente. O numero dos vossos adeptos cresce todos os dias na imprensa, nos meetings, nos clubs.

Dá-se porém esta particularidade: que quantos mais sois, menos votos tendes. Sois dois mil nos clubs e sois dez nas urnas.

Não vos aconselharemos que voteis, se isto vos desagrada. O que vos dizemos apenas é que, se não quereis ir á urna com uma lista, não vades mais ao club sem um instrumento. E não façaes politica, fazei philarmonica. Sêde *Alumnos de Minerva*, Sêde *Fenians*, Sêde *Incriveis Almadenses*. Não sejaes republicanos. Porque a provincia tem os olhos em vós, e quando ella vê que nas freguezias mais vermelhas da capital cada tres clubs contribuem para a revolução com um unico voto, a provincia ri-se.

E ter unicamente graça não é de certo a coisa mais agradavel para quem quer ter rasão.

Aos srs. monarchicos diriamos:

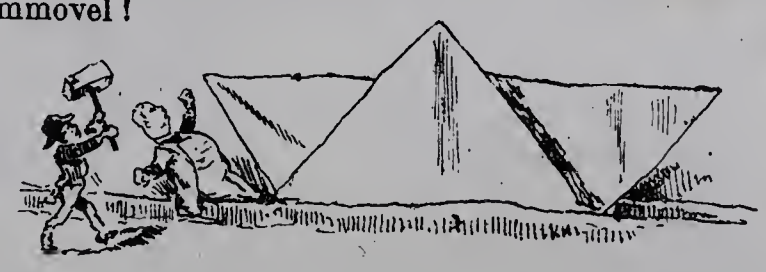
Srs. monarchicos — Ha longos annos que sob o pretexto de fazerdes eleições no reino, vós fazeis unica e simplesmente nomeações indirectas de deputados nas secretarias do Terreiro do Paço. Vós tendes de tres em tres annos o trabalho improbo de nomear os governadores civis, os administradores de concelho, os regedores de parochia e os cabos de policia, encarregados de fazerem os deputados á custa de muito dinheiro e de bastante corrupção. Em nome do reino, pedimos a simplificação do serviço, isto é, a nomeação directa dos eleitos.

Convém talvez conservar a urna com um symbolo. Sómente, em vez de nos incommodarem a todos para irmos metter na urna um papel, o sr. Sampaio que lhe metta o sr. Cocó, o sr. Arrobas que o escrutine, e que nos deixem a nós em nossas casas á fresca!

Com a canhoneira *Ave*, ultimamente construida e lançada ao mar, está-se dando uma particularidade curiosa, e vem a ser que essa canhoneira não anda!

O arsenal da marinha tem empregado todos os meios que a sciencia inculca para demover do seu mysterioso capricho a nova embarcação. A *Ave* não sae do sitio em que a pozeram, nem á vela, nem a remos, nem a cordas, nem a ferros!

Os incentivos moraes teem sido egualmente improficuos. Fizeram-se-lhe discursos, escreveram-se-lhe cartas de empenho, mandaram-se-lhe annuncios pelo *Diario de Noticias*, deram-se-lhe *rendez-vous* para merendas no Alfeite, para caldeiradas de safio em Paço d'Arcos. E a *Ave* immovel!



Agora vão-se esgotar os processos heroicos. Hade-se-lhe pôr na frente um emprego publico. Pelo lado de traz vão-lhe offerecer trabalho. Cravar-se-lhe ha na quilha um discurso do sr. Visconde de Arriaga. Finalmente

o sr. Henrique Burnay chamará por ella.

Se depois d'isso a canhoneira persistir em se não mover de maneira nenhuma, a resolução do governo está tomada. A *Ave* será artilhada de compendios, de programmas e de rr, e virá para terra ser a Instrucção Publica!

No dia dos votos Zé Povinho tem tudo o que lhe appetece — em espectativa: tem estrada para a sua aldeia, tem novo sino para o seu campanario, tem vinte mil réis de feijão a mais para o rancho do seu regimento, tem tres mil e quinhentos pelo voto e tem pão sem peso.

O OUTRO DIA

No outro dia Zé Povinho tem tudo aquillo o que não quer: tem um novo imposto, tem um deputado novo, e para substituir o pão sem peso, tem pau sem conta e sem medida.

Sousa Martins considerado santo

(TELEGRAMMA DE EDUARDO COELHO AO *Diario de Noticias*)

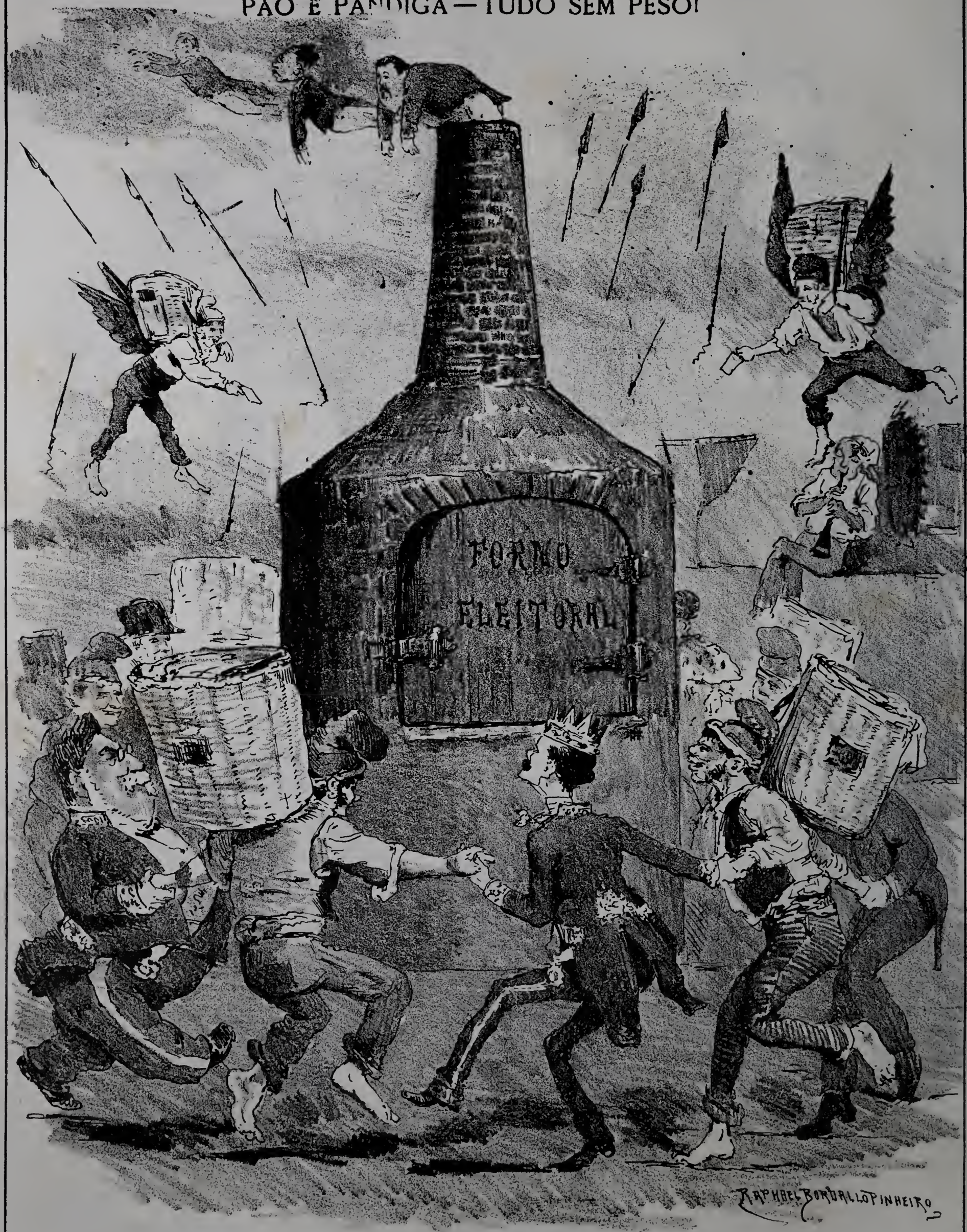
Para que um verdadeiro homem de sciencia, de espirito satanico, como Sousa Martins, chegasse a ser considerado santo pelos indigenas da serra da Estrella, como o *Diario de Noticias* nos refere, perguntamo-nos a nós mesmos, com terror, quaes foram as modificações operadas pela excursão á serra no mais distincto membro da expedição geographica! E estamos vendo d'aqui esse illustre medico, no exercicio da sua nova profissão, sem se lavar e sem cortar as unhas, como convém a todo o bem aventurado, com o seu ninho de ratos no burel, com musgo nas pernas, com pardaes pousados no nariz, de joelhos na fria lage, almoçando fatias de pão barradas de maná, servidas pelo bico de um corvo em cada manhã, á porta da sua gruta. Pobre amigo!

Perfis de candidatos

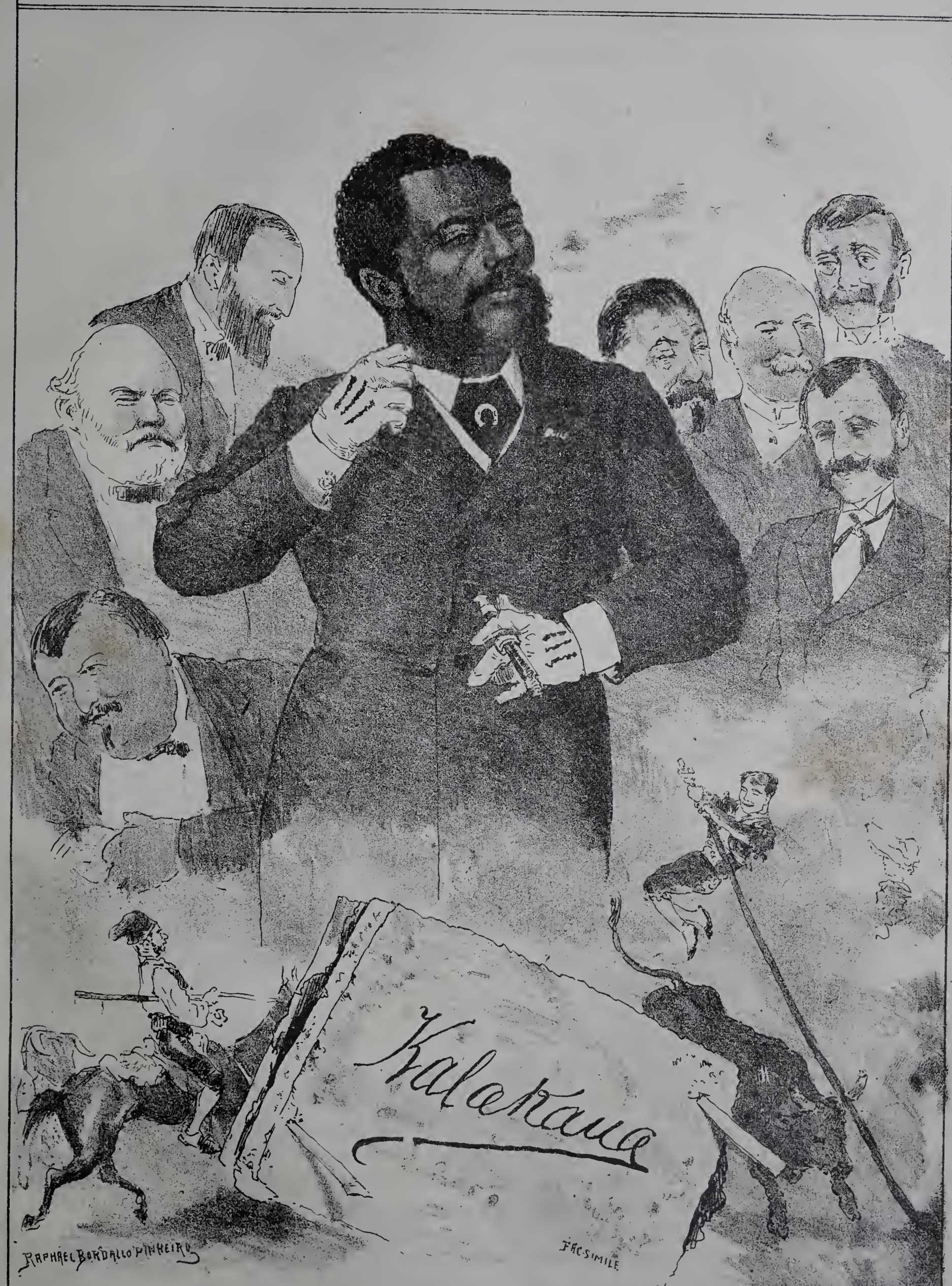
Olhae, olhae, examinae,
Que isto é bom!... *(Sinos de Corneville).*

Está dito então! tarãotãotão!
(Grã-Duqueza)

PÃO E PANDIGA—TUDO SEM PESO!



Os padeiros d'estado e os conselheiros de pão em face das eleições



O bom rei David Kalakaua, o qual veio do seu reino da Polynesia dançar em Paris, como o outro rei David, ao pé da arca da Republica.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Memorias do Rei Kalakaua I

Sabe-se que o mui alto e poderoso rei polynesio, cujas botas Lisboa tem hoje a honra de poder venerar em cada noite á porta de um dos quartos do Hotel de Bragança, se occupa em escrever de collaboração com o coronel Armstrong as impressões da viagem que está fazendo atravez dos povos europeus. Foi n'um corredor d'aquelle hotel e junto do calçadò que sua magestade puzera á porta para emgraxar, que um dos nossos reporters encontrou o manuscripto inglez cuja traducção o ANTONIO MARIA *publica hoje, pedindo para isso venia ao monarcha, no caso de serem effectivamente de sua magestade, como tudo o faz suppor, os trechos das memorias que passamos a reproduzir trasladadas a vernaculo.*

Lisboa 23 de agosto de 1881. — Apenas chegado a esta cidade fui conduzido, por dois chefes que o Regulo mandara ao meu encontro, para um hotel chamado de Bragança, — nome que lhe procede — segundo cuido — da familia que actualmente administra este estabelecimento e que é a familia reinante, unica do appelido Bragança què existe no paiz.

O hotel está bem dirigido, e não escandâlisa nos preços. A cosinha nada tem de canibalesca. Raramente o homem aqui é devorado. E quando isso de longe a longe succede não é jamais pelos seus similhantes que os hospedes são comidos, mas sim por uns pequenos animaes industriados para este fim e a que os indigenas

dão o nome de *persevejos*. Finalmente é um hotel que faz honra aos costumes pacificos e ao genio hospitaleiro e laborioso da dynastia vigente.

Logo que fiz as minhas abluções na hospedaria brigantina,— onde me não levam dinheiro por espirito de camaradagem,—fui a palacio ver o Regulo, que me pareceu bom homem.

E' um louro gordo e melancolico, com o ar de desfallecer de tedio em cima de um throno velho, entre tapeçarias antigas, rodeado de uns seis ou oito semsaborões, que me dizem ser pagos para bocejarem e para cheirarem a bolor em torno do principe. Merecem bem o que ganham, segundo vi.

Para distrahir o Regulo fallei-lhe em viagens, no prazer de fazer as malás, de mandar o throno para o diabo, de chegar a Paris pela gare de Saint-Lazare, de ir para um *appartement garni*, de passear no Bois, de jantar no Café Inglez, de cear no Brébant com champagne, e o mais...

O Regulo teve um grande suspiro nostalgico, de desalento, e eu retirei-me, porque era a hora a que costumavam chegar os ministros para carpirem juntamente com o soberano sobre as tristezas do estado.

A cidade consagrou-me dois espectaculos, a que assisti, e de que gostei.

Ao regressar de palacio recebi a visita d'um famoso cabo de guerra chamado Gaspar, o qual me convidou em nome das tropas para ir assistir a uma funcção que me havia sido preparada pelo dito guerreiro Gaspar, que

é o chefe encarregado de conduzir ás victorias a força armada, soprando para esse effeito n'um engenhoso instrumento de madeira a que na lingua indigena chamam *clarinete*.

Esta funcção foi de caracter religioso e effectuou-se no cemiterio da cidade, conhecido pelo nome de *Passeio Publico*.

Ao longo da funeral jazida achavam-se postadas em cadeiras as viuvas e as orphãs dos legionarios fallecidos nas guerras com as tribus circumvisinhas, Cacilhas, Dá-Fundo, Bemfica e Sacavem. Todas essas damas e donzellas pareciam meditar profundamente na desolação dos seus respectivos lares, e nada mais compungente do que a compostura e o recato com que ellas se mostravam immersas em tão acerbas cogitações!

Os homens validos não cessavam de andar para cá e para lá a todo o comprimento do campo do repouso eterno, como se o inimigo da patria lhes estivesse constantemente a apparecer, ora á porta de cima, ora á porta debaixo do cemiterio.

Os mutilados e os anciões repousavam debaixo das arvores funerarias em attitudes pensativas sorvendo pitadas de um pó bastante subtil que tiravam de dentro de pequenas caixas de prata e que me disseram ser as cinzas dos antepassados obtidas por um processo de cremação que se applica aos heroes e que os naturaes denominam *rapé*.

As creanças, conduzidas pelo ministro da instrucção da infancia, um tal Justino Soares, dançavam danças pirrycas proprias a adextral-as para um dia honrarem a patria imitando os exemplos que lhes foram legados pela grande heroina nacional, a mui celebre Maria Cachucha.

Não assisti ao final d'esta commovente cerimonia

porque observei que os indigenas começavam a cercar-me por todos os lados com o mesmo interesse com que nas minhas ilhas Sandwichs foi cercado o capitão Co[illegible] quando elle lá esteve, e todos nós sabemos que essa pasmaceira acabou pelo massacre. Julguei da minha dignidade não dever esperar que me pozessem em postas para comprehender que me devia retirar, e raspei-me, sempre acompanhado dos dois chefes que o Regulo me mandára—unicamente de emprestimo, segundo presumo.

No dia seguinte fizeram-me a festa chamada das *eleições*, e foi o segundo dos espectaculos que a cidade celebrou para me obsequiar.

Consiste esse divertimento, extremamente curioso, em ir o povo todo ás egrejas metter um pedaço de papel, com um nome, dentro de um cofre de fórma quadrangular, que nos demais dias do anno tem o nome de *caixa* mas que no dia das eleições toma por preceito expresso da carta constitucional o nome *d'urna*. Quando as caixas se acham cheias abrem-as, e os nomes que se encontram dentro, escriptos nos pedacinhos de papel, são os dos sabios encarregados de fazer as leis durante tres annos em nome do Regulo.

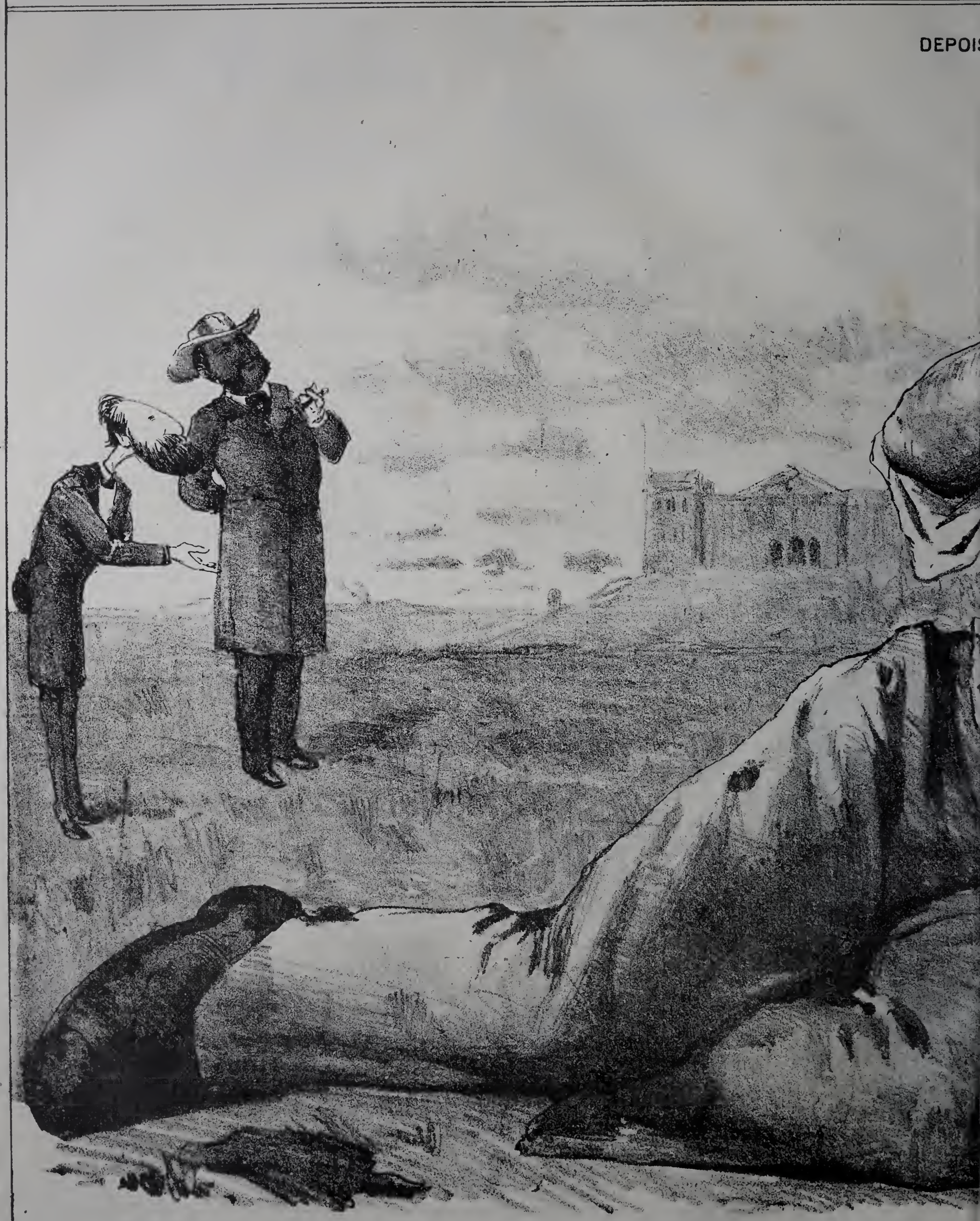
Além de fazerem as leis, estes sabios teem tambem a faculdade de pôr fóra os ministros do Regulo, quando estes lhes desagradam. Para se pouparem a este desgosto os ministros costumam indicar ao povo na vespera das eleições os nomes dos sabios que o povo deve escrever nos quadradinhos de papel que se mettem nas caixas. Para que o povo não resista a estas suggestões os ministros enchem-o de dadivas, de affagos e de blandicias.

Gasta-se para estas festas muito dinheiro em badalos novos para os sinos dos campanarios, em estradas que se principiam dois dias antes das eleições e que chegam algumas vezes a ter de dois a tres metros de extensão, em projectos de escolas e de egrejas que nunca se fazem, etc., etc.

Sempre que se encontram cidadãos independentes que perante estes dons fazem energicamente o bem conhecido gesto de Hippocrates deante dos presentes d'Ataxerches, os ministros então dirigem-se directamente a esses cidadãos independentes e mettem-lhes na mão a quantia de 13$500 réis.

A' vista d'este argumento os Hypocrates vão immediatamente votar pelos Ataxerches. O dinheiro recebido pelo voto é em continente dispendido em libações espirituosas e em *caldeiradas de mexilhões*, acepipe nacional de que todos os eleitores são mui avidos.

DEPOIS



Zé Povinho começa a levantar-se, dei

ELEIÇÕES

ver que talvez possa pôr-se em pé.

E é a esses mexilhões cosinhados com cebola e tomate que os naturaes chamam «os sagrados direitos conferidos aos povos pelas instituições vigentes».

Este anno porém, deu-se nas caixas denominadas urnas um phenomeno que não estava previsto nos programmas ordinarios do divertimento, e este phenomeno foi que n'um grande numero de caixas o povo em vez de votar, segundo o costume, pela caldeirada, votou pela republica.

Este caso é tanto mais notavel quanto os ministros se não tinham poupado a esforços nem a veniagas para fazer triumphar atravez de todos os obstaculos os seus amigos.

Altas influencias tinham auxiliado os ministros no seu louvavel empenho.

O prior de uma freguezia de Lisboa consta-me que vae ser bispo pelas tranquibernias que fez.

Muitos outros cavalheiros affeiçoados á actual situação galopinaram de tal modo, que os vão fazer a todos condes e grandes do reino, em remuneração das tropelias prestadas.

Dizem-me que houve circulo em que votaram com os papelinhos do governo, alem dos eleitores vivos, que nunca existiram, muitos eleitores mortos, e grande numero de animaes domesticos.

Em uma egreja, que me dizem chamar-se do Sacramento, todo o exercito foi á urna como um só homem votar pelo governo, á voz de um general.

Os funccionarios civis votaram tambem em grande parte á voz de um dos seus chefes.

Os caixeiros suspeitos de não votarem pelo governo não votaram por ninguem, porque lhes fecharam as portas das egrejas antes de terem elles tido tempo de metter os papelinhos nas caixas.

É verdadeiramente incrivel que depois de tantas habilidades manifestas do systema monarchico, haja ainda povos assaz desagradecidos e ingratos para votarem pela republica!

Estou a recear muito uma coisa, — e é o ter sido eu mesmo, innocentemente, a causa involuntaria de tudo isto.

Eu me explico:

Os jornaes francezes teem espalhado por toda e parte a noticia de que eu vim á Europa com o proposito unico de vender as minhas ilhas, o meu thesouro e o meu sceptro, mandando para lá uma empreza que tome conta de tudo isso, em quanto eu me deixarei ficar por cá arrastando pelo Boulevard e pelos Campos Elysios o grilhão do desterro e comendo com as trufas do Bignon ou da Maison Dorée o pão negro dos bons reis patuscos em exilio.

Ora desde que cheguei a esta cidade de Lisbôa, eu percebi logo que havia necessariamente n'esta praça aquillo a que chamam aqui *caveira de burro*, isto é, alguem a quem convinha desacreditar a minha mercadoria, para o fim de vir a fazer mais vantajosamente commigo um cambalacho nas bases indicadas pelos jornaes francezes.

Percebi isto no empenho que geralmente se observa em deprimir o paiz de que sou rei.

Espalhou-se em primeiro logar, que eu reino apenas sobre umas pequenas iscas de vitella assada, mettidas entre fatias de pão com manteiga e mostarda.

Depois, como esta calumnia cahisse pela base perante a affirmativa terminante de um geographo que veiu da Serra da Estrella expressamente para esse fim, passaram então a tratar o meu archipelago exactamente como se elle fosse um archipelago de selvagens.

Os sandwicheanos tratados de selvagens por estes senhores, é uma ratice bem bôa que eu folgo de consignar n'estas memorias, lembrando apenas para illucidação dos vindouros, que ao tempo a que isto se passava na cidade de Lisboa, havia ainda aqui muitas mil pessoas sem as minimas noções de instrucção primaria, em quanto nas Sandwichs não ha hoje cidadão algum de vinte annos para cima que não saiba ler e escrever.

No meu senado, que consta de dezeseis individuos, cinco d'elles são mulheres perfeitamente aptas para discutirem os negocios do estado, em quanto as meninas de Lisboa se estão apenas habilitando na escola do Passeio Publico, para entenderem apenas dos negocios do Mabille.

A constituição das Sandwichs, que data de 1840, tem sido depois d'isso revista por tres vezes, em quanto a constituição portugueza subsiste no *statu quo* sem o minimo progresso para a civilisação e para a liberdade.

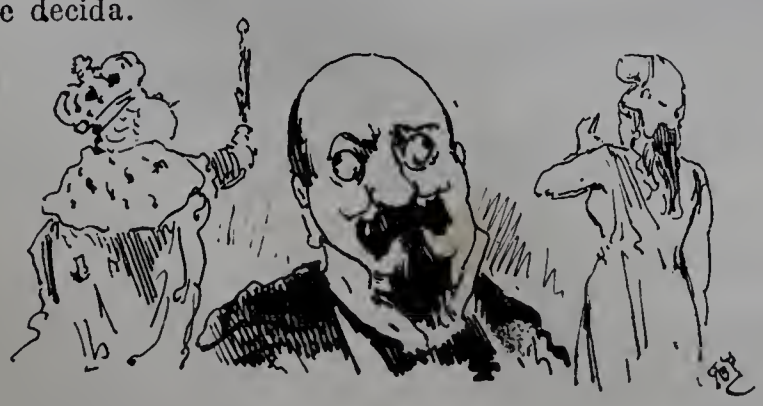
Finalmente, nas Sandwichs existe de ha muito tempo a liberdade incondicional e absoluta da imprensa, em quanto em Lisboa vigoram ainda leis repressivas do pensamento, dando em resultado que precisamente no momento em que escrevo, ha aqui quatro jornaes suspensos e não sei quantos jornaes querellados por abuso da liberdade.

Seria preciso realmente que eu fosse ainda mais tolo do que estes sujeitos parecem, para não vêr na desconsideração com que em Lisboa são tratadas as minhas ilhas, um plano machiavelicamente trabalhado para m'as apanharem ao desbarato.

Com effeito acaba de me chegar á ultima hora a noticia de que um tal Henrique Burnay, individuo que n'este paiz se encarrega de comprar tudo quanto se vende e de vender tudo quanto se compra, está organisando a toda a pressa uma companhia para me ficar com o reino.

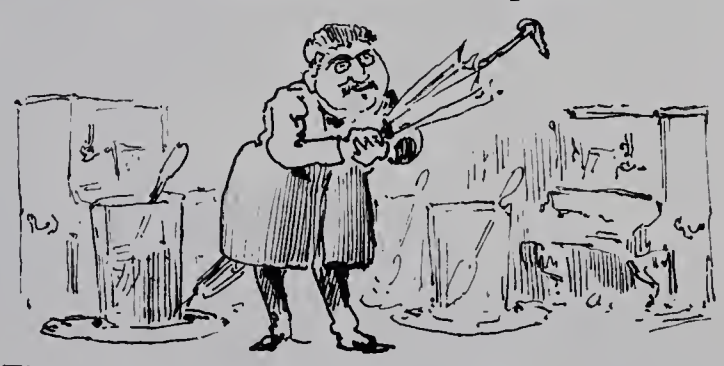
O projecto exharado nos estatutos da dita companhia consiste em estabelecer no archipelago sandwicheano uma escola pratica de systemas de governo.

Esta escola será dirigida por um tal José Dias Ferreira, politico indigena que ha tempos a esta parte anda com um olho virado para a monarchia e com outro virado para a republica, sem saber por qual dos dois regimens se decida.



O primeiro dos systemas que a companhia ensaiará será o systema absoluto tendo por tyranno Manuel Vaz Preto I, o qual porá em vigor uma inquisição, doze patibulos, seis fogueiras e todos os cacetes que se poderem arranjar a vêr o que d'ahi resulta para a felicidade dos povos.

Seguir-se-ha o systema monarchico representativo com uma carta constitucional em verso tendo por monarcha D. Pinheiro Chagas I com uma rhetorica, uma duzia de copos d'agua com assucar e tres pianos.

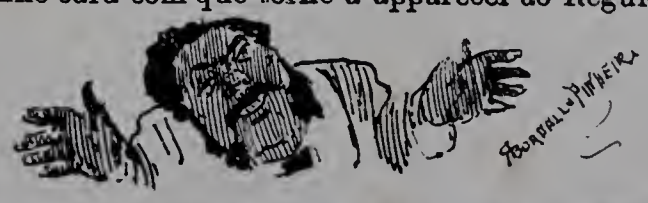


Finalmente, será ensaiada a republica sob a presidencia do erudito Latino Coelho, o qual para esse fim substituirá o nome de Latino pelo nome de sandwicheano, ficando-se a chamar o presidente Sandwich de Coelho, para o fim de evitar conflictos de raça. Elle decretará o suffragio universal e abolirá o exercito

Depois do que José Dias regressará á metropole e fundará o governo nas bases que a experiencia feita tiver aconselhado como mais solidas para a ventura da Nação.

Parece que não só os boatos que refiro mas as proprias eleições a que acabo de assistir são obra do tal dito sr. Henrique Burnay manejada para o fim de me desgostar da corôa.

Sendo assim vejo-me penalisadissimo com o desgosto que dei á dynastia portugueza, e declaro francamente que não tenho cara com que torne a apparecer ao Regulo.



Fim do extracto das memorias do rei Kalakaua Primeiro.

PELO CIRCULO 95

CANTATA

E visto já termos
Agora do novo,
Avante, meu povo,
É dar-lhe p'ra a frente!

Fillon, emigrado francez, fallecido em Lisboa a 26 de agosto de 1881.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

FILLON

Publicando hoje o retrato do photographo Fillon, ultimamente fallecido em Lisboa e sepultado no cemiterio dos Prazeres, o *Antonio Maria* presta o seu tributo de sympathia e de saudade a um homem digno de ser lembrado.

Companheiro de Luiz Blanc e de Ledru Rolin, Fillon teve a honra de ser deportado pelo segundo Imperio depois do golpe d'estado de 2 de Dezembro.

Recusando como Victor Hugo o indulto promulgado por Luiz Napoleão, Fillon só voltou a França com a Republica.

Socialista proudhonniano, repugnavam-lhe as bases em que o governo francez se reconstituiu depois da communa, sob a presidencia burgueza de Thiers, e emigrou outra vez para Portugal, onde se refugiára desde 1851.

Dotado d'elevadas qualidades de espirito e de caracter, elle tinha principalmente a grande virtude que faz os homens fortes e os cidadãos prestantes:—tinha a virtude da convicção.

Ao morrerem no seu posto, os homens da tempera de Fillon não deixam no mundo unicamente um nôme, deixam tambem um exemplo.

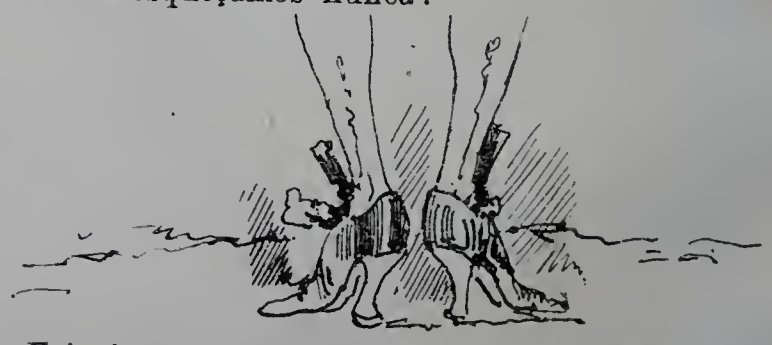
Refórmas militares

Os kepis d'artilheria

Justino o Grande

Foi sabbado passado que elle se apresentou pela primeira vez no Passeio Publico vestido de Luiz XIV.

Tomemos nota d'esta data memoravel. Foi sabbado. Não o esqueçamos nunca!



Foi n'essa noite que Lisboa teve a gloria de ver rehabilitados por Justino, perante o respeito do mundo os tacões vermelhos que Luiz XIV enxovalhou nas torpezas da historia.

Roguemos agora a Justino que se deixe ficar assim vestido para todo o sempre.

A cabelleira empoada, o espadim, a casaca de velludo bordada a ouro e os bofes de renda não são n'elle um simulacro; são os mais expressivos attributos de uma verdadeira realeza, em que Lisboa o investiu e que elle exerce, convicto e glorioso.

Assim como em França se diz, fallando de um cyclo historico: — o *Seculo de Luiz XIV*, assim em Lisboa se dirá um dia, fallando do nosso tempo: — *O Seculo de Justino Soares.*

Luiz foi grande, mas Justino é maior.

Luiz revogou o edicto de Nantes. Justino revogou o solo inglez.

Luiz decretou as dragonadas. Justino decretou os lancciros.

Luiz deu-nos o protectorado da Inglaterra. Justino deu-nos o protectorado de Terpsichore.

E para nos consolar da perda de Tanger, de Bombaim e de Lourenço Marques, que o protectorado inglez nos arrebatou, Justino obsequiou-nos com esse presente dos deuses — a polka.

A arte de que Justino é o representante é em Portugal a primeira das artes, assim como a rhetorica é a primeira das sciencias.

A rhetorica, base de toda a nossa existencia politica durante os ultimos quarenta annos, é a dança do *palavriado.* A dança, pelo seu lado, é a rhetorica do movimento.

No jogo harmonico das instituições que felizmente nos regem sua magestade o sr. D. Luiz I é o encarregado de manter a carta em codigo. Justino é o encarregado de a manter em acção.

Em phrases a carta dá os discursos de Manuel d'Assumpção. Em movimentos a carta dá os bailes de Justino.

Por isso Lisboa corre avida e pressurosa em cada noite a entregar á auctoridade soberana de Justino a direcção dos primeiros passos da infancia no caminho da vida.

Mais tarde o Lyceu Nacional se incumbirá de completar os cidadãos, dando-lhes pela cabeça o mesmo preparo que Justino lhes deu pelos pés.

Em quanto ás raparigas a educação communicada por Justino bastará para as habilitar a construirem por si mesmas os moinhos por cima dos quaes houverem de rejeitar as suas toucas.

Honra pois e gloria eterna a Justino o Grande!

Menos bandalho do que Luiz XIV, mas não menos interessante nem menos pomposo personagem do que elle, Justino Soares com os seus tacões vermelhos e a sua guedelha d'estopa, o tricorne debaixo do braço e o pé de dança á frente, póde hoje dizer á Baixa: — *Eu sou a sociedade!* assim como o outro dizia: — *O estado sou eu!*

O SERMÃO

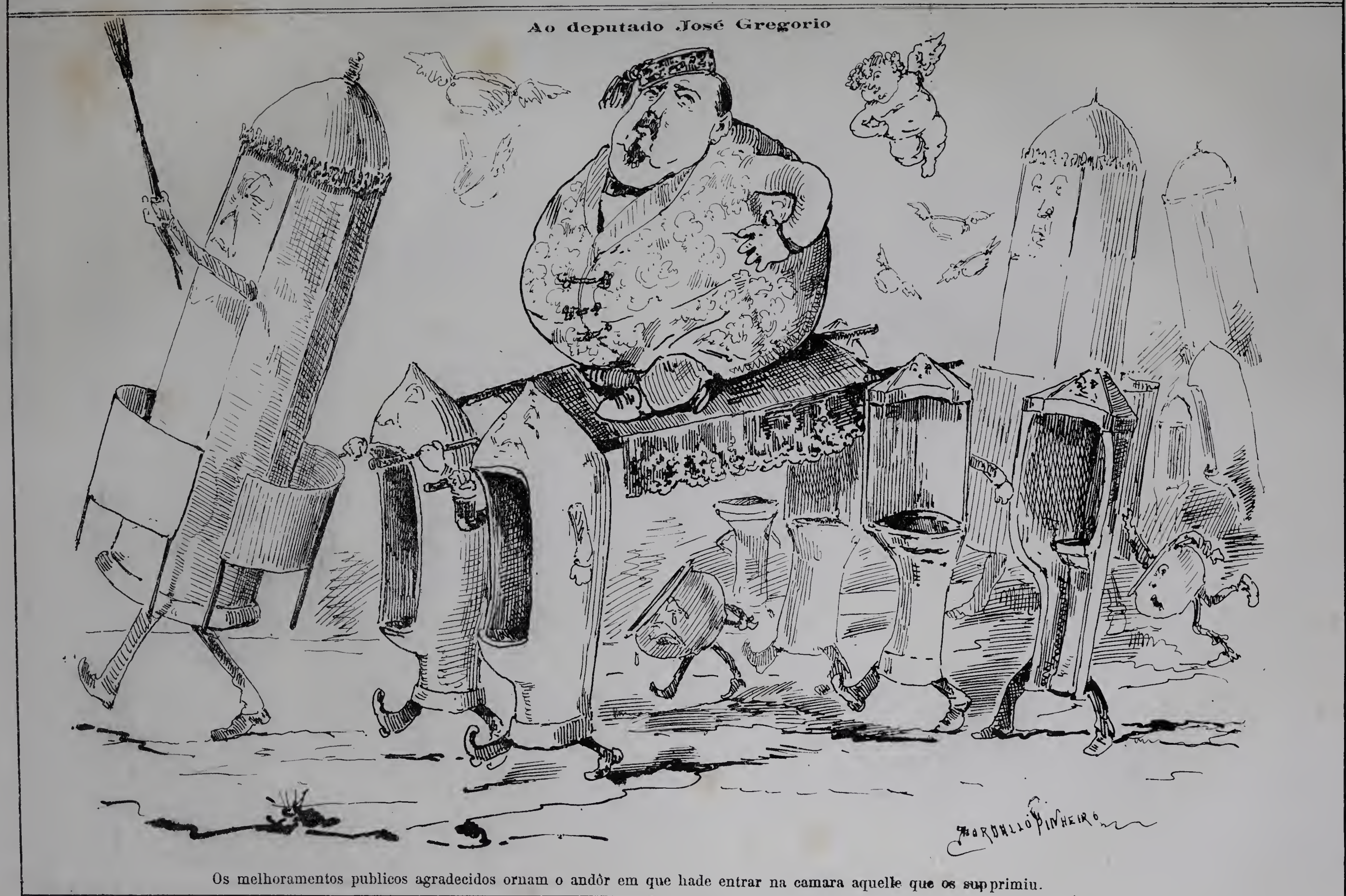
Na via sacra da opposição a procissão progressista acaba de encontrar-se co
do encontro, diz que a irmandade progressista está prompta a applicar ao rei com
— *D'aquelle sacratissimo lenho*, brada o sacerdote, *tira-se lenha para tudo. É um*

ENCONTRO

cissão republicana. Do pulpito abaixo o prior do Carapau, encarregado do sermão
ição o mesmo pau que como governo não cessou de applicar á Republica.
a Deus nosso senhor '

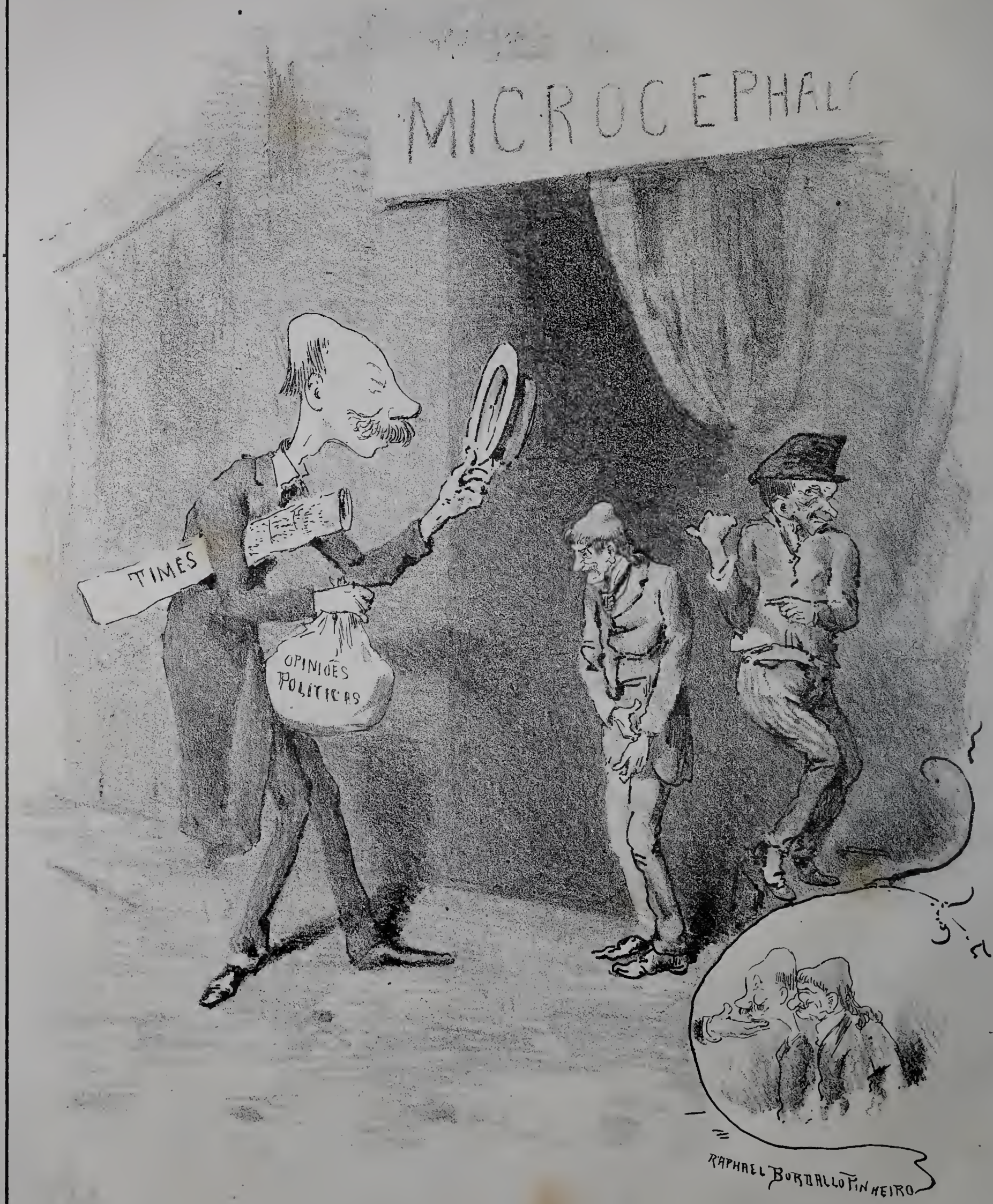
Bazorra binario

O ministerio, considerando que o talento robusto de Bazorra, entortava a carga com uma pasta só, botou-lhe outra pasta para cima. Leva agora as duas, em alfôrge, e vae lindamente pela administração fóra, duplicado na velocidade dos pés e nos trinta dinheiros do sacco.



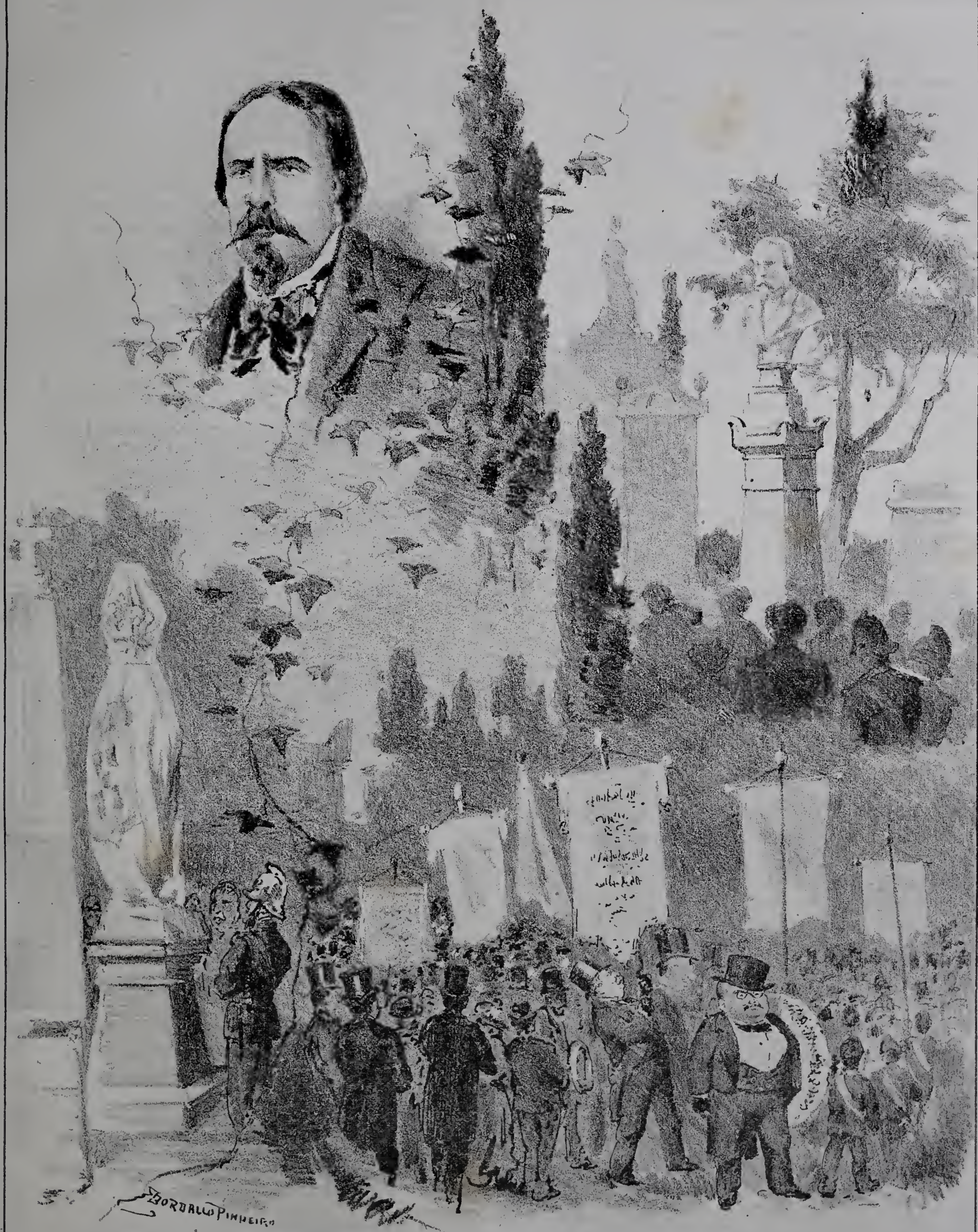
Os melhoramentos publicos agradecidos ornam o andôr em que hade entrar na camara aquelle que os supprimiu.

Microcephalo e Cunha



Não tendo podido dotar nenhum dos partidos actualmente existentes com a collaboração do seu cerebro, consta-nos que um dos nossos primeiros estadistas resolvera dirigir-se a uma barraca da feira de Belem onde vae expôr ao publico o seu talento visto unicamente por fóra.

VIEIRA DA SILVA



Commemoração da homenagem prestada á memoria de um trabalhador honrado pelas associações operarias de Lisboa, que em numero de mais de dez mil pessoas assistiram, no dia 4 do corrente mez, á trasladação dos ossos do typographo Vieira da Silva para o monumento que lhe foi consagrado no cemiterio dos Prazeres.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Os melhoramentos materiaes do paiz

As conveniencias eleitoraes deram, como é sempre costume, um consideravel incremento ás obras publicas em varios districtos do reino. Em um circulo, que era ópposição, e que á ultima hora se virou todo para o governo, principiou-se uma estrada.

O pessoal das obras publicas chegou dois dias antes do dia dos votos e poz-se immediatamente em movimento, constituido pela seguinte fórma:

Conductores de trabalhos, dezesseis.
Olheiros, vinte e quatro.
Trabalhadores, um.

Se esta febril actividade se prolongar pelos tres annos da nova legislatura, o paiz ufano poderá vir a contar na rede das suas communicações mais alguns cem ou duzentos millimetros de macadam.

Fomentem! fomentem!

O rabear da hydra

As ultimas noticias de Queluz dão a hydra da revolução estabelecida na estalagem d'aquellas antigas terras do infantado, hoje residencia de nossos senhores reis.

Dizem as correspondencias dirigidas ao «Santo Antonio» estas textuaes palavras:

Aqui chegou Gomes Leal. Sua excellencia dançou antes d'hontem á noite no club com a esposa do almoxarife do palacio. Hontem sua excellencia dançou com a esposa do particular do sr. infante D. Augusto.

Estes factos bastariam para lançar um justo sobresalto no animo de todos aquelles que deveras amam a estabilidade do throno e o socego da dynastia. Porque — comprehende-se bem — a hydra consubstanciada em Gomes Leal nunca poderia ser tão tola e tão Justina Soares que, depois de ter aguçado as garras durante um mez nas lages de uma masmorra, as fosse immediatamente depois introduzir na *chaine anglaise* das instituições monarchicas unicamente para dizer a essas instituições: — Oh! como está calôr, e como sois graciosas!

Pela nossa parte declaramos francamente que se tivessemos a honra de ser o sr. infante D. Augusto, e se houvessemos visto a esposa do nosso particular dançando (a *carmagnole* talvez) com Gomes Leal, — de Deus lhe viesse o remedio mas esse particular havia de ser immediatamente posto a ferros, e nunca mais da nossa serenissima guela para baixo tornariam a passar alimentos que previamente não houvessem sido ingeridos pelo mesmo particular e por alguns ratos, para se saber se havia ou não peçonha em nossos comestiveis.

As circumvoluções que a hydra está descrevendo em redor do throno não se resumem porém unicamente a Queluz. O *Santo Antonio de Lisboa*, depois de nos dar conta dos *balancés* de Gomes Leal com as damas da côrte de villegiatura em Queluz, accrescenta uma phrase que obriga a meditar e a estremecer: *Gomes Leal* termina o correspondente «Santo Antonio» — *segue para Cintra.*

Santo Deus! que irá elle fazer a Cintra, para onde segue?

Irá tirar para par o proprio infante? Oh! então será medonha a lucta a que teremos de assistir!

Quem poderá dizer até onde essa polka suprema levará os destinos da nação?

Ao circulo 69

O sr. cambista Fonseca, que tantas vezes pelos jornaes tem posto o seu prestimo á disposição do publico, acaba agora de pôr o mesmo prestimo á disposição dos seus eleitores pelo circulo 69, em S. João da Pesqueira.

O programma de s. ex.ª como deputado faz honra aos seus precedentes como cambista, podendo-se resumir em poucas palavras esse documento:

S. ex.ª seguirá fielmente o partido regenerador, a loteria de Lisboa e a loteria de Madrid. Terá opiniões liberaes e bilhetes inteiros ou divididos. Os da Pesqueira encontrarão sempre n'elle idéas elevadas e cautelas para todos os preços; um coração de patriota e uma caixa de correio á porta. Finalmente elle envidará todos os exforços para fazer constantemente andar o progresso e a roda. A sua divisa para tudo quanto elle poder prestar será sempre esta: *A carta e a taluda!*

Trangalhadanças!

Não o dissemos nós — que Justino Soares era em Portugal a sociedade, assim como Luis XIV era em França o Estado? Não chegaram a decorrer oito dias depois que aquelle appareceu no Passeio Publico vestido d'este, e já os paes de familia conduziram ao alludido recinto as suas filhas vestidas de Maintenons, de Montespans e de Ninons de Lenclos!

Meia Lisboa presenciou esse espectaculo inverosimil e phantastico.

As meninas, com os seus costumes de cães sabios, chegavam a pouco e pouco, trazidas pela mão dos seus parentes.

Justino recebia-as, anediava-lhes as farripas da testa, beijocava-as com ternura nas faces e subia-as a um estrado.

Logo que no estrado houve meninas sufficientes para formar a quadrilha, tocou a musica; os cães sabios principiaram a bolir, e no meio do assombro e do applauso geral as innocentinhas saracotearam um *Cancan*.

Decididamente Justino fundou em Lisboa uma seita similhante á dos *mormons*.

E' a seita dos *trangalhadanças*.

A estupidez, ainda a mais cornea, é insufficiente para explicar de per si só o procedimento dos sujeitos cujas filhas nos proporcionaram um similhante espectaculo. E' forçoso admittir a intervenção de um agente poderosamente energico, que só póde ser o fanatismo.

Convicções unicamente não podem levar o homem tão longe no caminho da imbecilidade. Em torno de Justino Soares ha hoje na baixa mais do que uma philosophia; ha uma religião, de que os trangalhadanças são ao mesmo tempo os padres mestres, os doutores, os sacerdotes e os martyres.

Ora nós temos o respeito por todas as religiões e achamo-nos perfeitamente dispostos a inclinar-nos tão reverentemente diante dos trangalhadanças como diante dos budhas.

Unicamente nos parece que as ceremonias do novo culto, que os sacrificios das meninas vestidas de cães sabios sobre o altar de Justino, poderiam talvez ter um caracter secreto.

A Carta é expressa n'este ponto quando diz no seu artigo 6.º «que todas as religiões são permittidas, com seu culto domestico ou particular, em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior de templo.» Isto quer dizer claramente que todo o culto externo e publico é prohibido.

Que se cumpra, pois, o disposto no artigo 6.º da Carta, é tudo quanto nós pedimos.

Que os trangalhadanças adorem Justino dentro das suas casas, nada mais licito, nada mais justo. Mas que os trangalhadanças venham com os seus ritos celebrar para o meio da rua, isso não, que o prohibe a lei.

Esperamos que o sr. Arrobas, saindo do lethargo em que as eleições o mergulharam, se apresse a fazer sentir ao paiz esta verdade policial: — que as danças, bem como as religiões, bem como as purgas, são factos que a sociedade não póde permittir sem perigo que saiam dos dominios da familia para os dominios do publico.

Para tornar effectivos os effeitos da lei sobre este ponto bastará que o sr. Arrobas mande affixar á porta do passeio publico um edital concebido n'estes termos:

SALUBRIDADE E DECENCIA

E' PROHIBIDO AOS TRANGALHADANÇAS TRAZEREM A CRIAÇÃO PARA ESTE SITIO.

Para a regata de desempate pelos circulos de Lisboa acham-se os co
O calhambeque do governo fia-se na sirga do thesouro. O cangueiro progres

PLEMENTARES

es nas disposições seguintes: A guiga da Republica conta com o folego de Zé Povinho.
esolve esperar mais. Recebem-se apostas.

Delguim, curioso e martyr

Delguim tinha na arte nacional a honrosa cathegoria de curioso. Póde-se mesmo dizer que elle era em Portugal o chefe dos curiosos. Pela arte elle tinha feito tudo quanto humanamente os curiosos podem fazer.

Tinha olhado para os quadros em todas as attitudes dadas ao amador: — em pé, sentado, de joelhos e de cocoras; com a mão aberta em viseira sobre as sobrancelhas, e com a mão arqueada em tubo deante de cada olho.

O seu ardente amor pelos quadros tinha-o tambem levado a espanal-os algumas vezes com fervor; a suspendel-os engenhosamente ao longo dos muros por meio de pregos; e a lustral-os com energia e com saber, quando preciso fosse, por meio da propria saliva applicada á tela na ponta do dedo grande.

Os longos annos consagrados por Delguim a esse culto dos quadros davam-lhe o direito incontestavel a subir na arte da cathegoria de curioso á cathegoria de martyr.

Foram as mulheres de Montelavar, que ultimamente se encarregaram de conferir a Delguim a palma que lhe era devida, — correndo-o á pedra.

O modo solemne como o insigne curioso entrou no portico augusto do martyrio é digno de passar á historia.

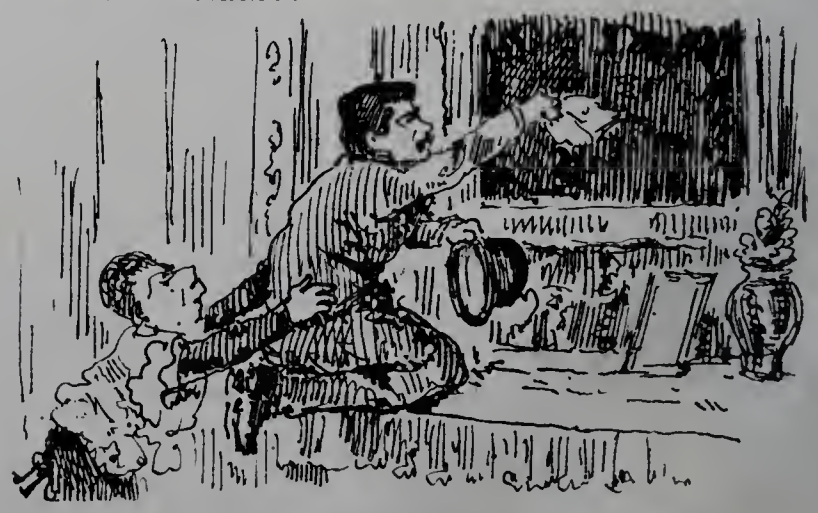
Achava-se Delguim posto em face de um painel na egreja de Montelavar.

E havia já considerado a pintura erecto,

Acocorado,

Sob a viseira,

Pelo canudo...



Tinha-a espanejado levemente com um lenço...

Ia chegar o momento de a ungir, impondo-lhe a saliva na ponta do competente dedo...

Eis senão quando uma vozeria infrene se ouve, e Delguim estremece, porque a essa vozeria corresponde-lhe no ventre a picada lancinante do terror.

As portas do templo abrem-se de repellão, as mulheres de Montelavar entram em onda pela egreja dentro, gritando: *Morte a Delguim!* E Delguim dá egreja para

feijões, fugindo a todos os pés que a natureza confere nos momentos criticos aos curiosos da arte, afflictos.

Enfia pela sacristia,

Penetra na torre,

Iça-se pela corda do sino, que começa a badalar,

Chega aterrado ao campanario,

Desce ao adro, agarrado á corda e á picada lancinante que o punge.

Uma tipoia do Bandarra recebe-o no seu bojo e transporta-o a Cintra, já sem a corda, mas ainda com a picada.

Ao chegar ao Victor deixou de lhe doer a picada. — Estava consumado o martyrio.

Sómente, no dia seguinte, ao fallarem-lhe na aventura de Montelavar, Delguim exhalou um gemido, e, amargamente, disse: — *Lavar!? Oh! não... Pelo contrario!*

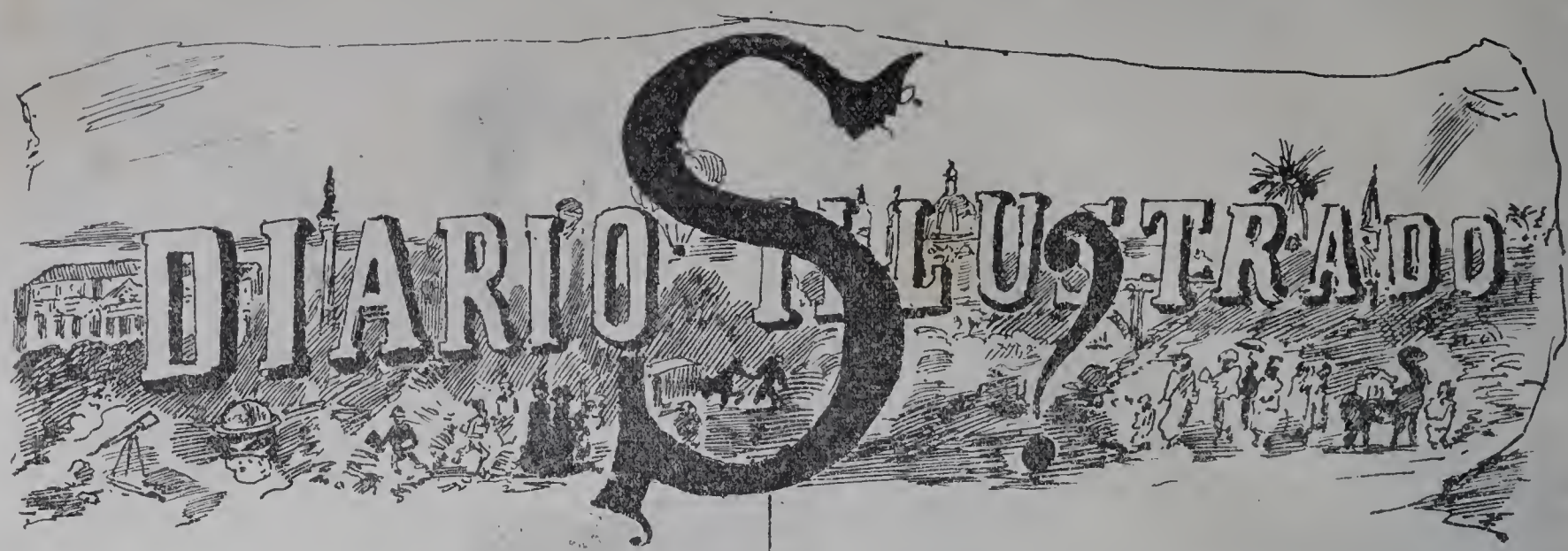
A ATTITUDE DA SOCIEDADE

O emprezario do Passeio Publico offereceu um bracelete áquella das senhoras de Lisboa que conseguisse tiral-o do fundo de uma taça cheia de agua. Muitas senhoras metteram o braço na agua e uma d'ellas ganhou o premio. Visto que as senhoras de Lisboa se acham resolvidas a entrar n'esta especie de certames, aconselhamos que para recreio da sociedade se arvorem os braceletes no mastro de cocagne.

Situação do paiz perante o acto eleitoral

Zé Povinho apita á porta de todas as egrejas: Aqui d'el-rei eleições!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.



Um philosopho que se assigna modestamente *S* e que nas columnas do *Diario Illustrado* tem ultimamente publicado uma serie de artigos ácerca dos *Republicanos Portuguezes*, faz-nos a honra de consagrar ao *Antonio Maria* algumas palavras de que vamos tomar nota para o fim de ajustarmos, tanto quanto nos seja possivel, de hoje em diante, as nossas acções áquelles dictames.

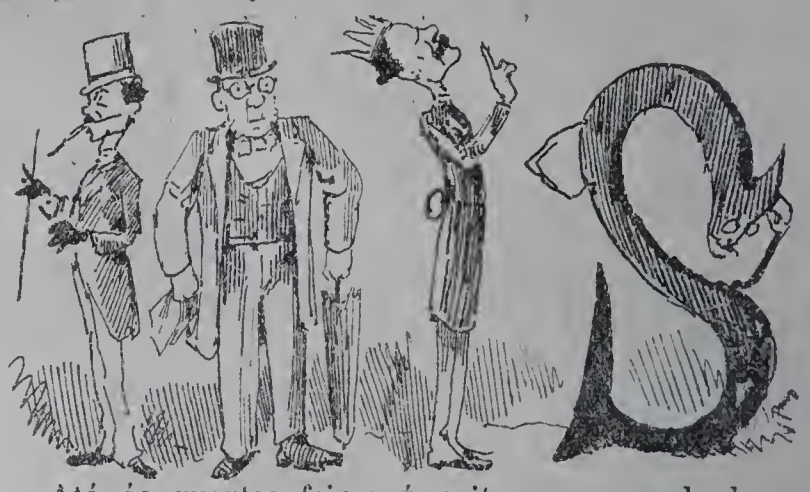
Principia o sabio por dizer que o *Antonio Maria* é um forte elemento de *dissolvencia* — vocabulo inventado pelo auctor para substituir vantajosamente o antigo e desconceituado substantivo *dissolução*.

Acatamos com *commovencia* esta *resolvencia* de s. ex.ª sobre a reforma lexicologica a que temos de submetternos; e passamos a considerar qual é, segundo o critico, o modo como nós produzimos a *dissolvencia* de que somos os factores.

O laço social está a um lado, bem atado e seguro na tradição da nacionalidade, da religião, da familia, da litteratura, da poesia, da arte. Este laço estreitam-o de dia para dia, cada vez mais, os austeros costumes domesticos, os costumes politicos, os costumes burguezes. E' uma cohesão sobre que convergem todas as forças centripetas da sociedade, todas as vitalidades da nação.

Nós do nosso lado mexemos em cima de meia folha de papel com uma pouca de tinta, com uma penna, com um lapis, com um pedacito de borracha.

Que é então o que succede? Succede que logo que nós mexemos do lado de cá nos nossos attributos, do lado de lá o laço social dissolve-se nos seus elementos.



Até ás quartas feiras á noite o aggregado humano mantêm-se no justo equilibrio das suas moleculas. O estado prevê e dirige. O sr. S. medita, e a ordem reina.

Ás quintas feiras pela tarde o *Antonio Maria* apparece. O governo então bestifica-se; o cerebro do sr. Fontes — tão poderoso! — dessora-se; os homens atiram-se de ca-

beça para baixo á torpeza; as mulheres descobrem as ligas no compasso do *can-can*; o champagne estoira; a ordem epileptica escoucinha; o pudor vela as faces; e vozes infrenes gritam na via publica: *Dissolvencia! dissolvencia! sahiu agora, a tres vintens!*

Ora porque é que o *Antonio Maria* dissolve? O sr. S. do *Diario Illustrado* descobriu-o e vae-nol-o ensinar.

O *Antonio Maria* dissolve porque os homens que n'elle desenham ou escrevem — *assumem a tyrannia vaidosa das suas opiniões; — tyrannisam no uso e abuso da critica e mais do que em nenhum outro campo a tyrannia é aqui perigosa e prejudicial; — só veem o lado exterior dos acontecimentos, espectaculisando; — andam na faina da exploração da arte pela arte nos dominios litterarios, scientificos e politicos; — sómente cultivam a fórma satisfazendo á necessidade do momento; — e vão de braço dado com Carrilho Videira* (vidè *Diario Illustrado* n.º 2:990).

E em vez de dissolver, como dissolve, o *Antonio Maria* poderia reconstituir. Lá o diz o sr. *S.* O *Antonio Maria*, poderia muito bem reconstituir!

Com o grande talento que Nosso Senhor nos deu, com lapis em termos, e com papel ás ordens, nós, aqui onde nos vêem, guiados por este homem que veio agora ao *Diario Illustrado*, reconstruiamos tudo.

Querem um governo?... Zás, trás, quatro riscos, e é como passastes!

Querem uma religião? Dêem para cá um lapis, que é uma linha só; e ahi está a religião despachada!

Querem uma politica? uma litteratura? uma philosophia? uma arte? Querem exercito? querem escolas? querem riqueza publica? querem industria? querem lavoira? querem trigos? querem colonias? querem marinha? querem desembargadores? querem padres?... Não querem mais nada?... Pois aqui está tudo o que

os srs. querem, n'esta folha de papel! São sessenta réis. Querendo mais, assignem! E' na Travessa da Palha n.º 140.

Diz o sr. S. que é d'esse modo que a caricatura se faz lá fóra.

Em França, por exemplo — diz s. ex.ª — *a caricatura edifica.* E porque é que a caricatura edifica em França e não edifica em Portugal? Por uma rasão muito simples: *porque em França a caricatura não descompõe um individuo, discute um facto synthetisando-o.*

Mas com mil diabos! a gente tambem quer synthetisar como em França. A nossa tendencia toda é para isso. O sr. S. imagina que a nossa vocação é dar o braço a Carrilho Videira? Como se engana! A nossa vocação com respeito a Carrilho Videira é synthetisal-o — unicamente.

Estamos resolvidos a seguir os conselhos do sr. S. e a reformarmos toda esta coisa ou a edificarmos uma coisa nova — por meio de syntheses, — para a semana que vem.

E' certo — humildemente o confessamos — que até hoje temos sempre assumido a tyrannia das nossas opiniões. Nem todos são bastante felizes para terem um jornal de tyrannia assumida pelas opiniões dos outros.

Tyrannisamos — tambem é verdade — no uso da critica, e como bem diz o sr. S. nada é mais perigoso. Nós tocámos um dia, usando da critica, no sr. Rosa Araujo, e fizemol-o vereador. Tornámos a tocar-lhe e levámol-o a deputado. Deixassem-o comnosco mais algum tempo e éramos capazes de o pôr em ministro!

Vemos o lado exterior dos acontecimentos, e sómente ás tardes no Aterro, algumas vezes por excepção, vemos o lado interior — dos canos.

Finalmente só exploramos a arte e não cultivamos senão a fórma, quando a nossa obrigação era cultivar as essencias e explorar tudo!

E' nosso proposito firme mudar de rumo. Mas precisamos do auxilio do sr. S. para o conseguir. Que o sabio nos venha ver a esta sua casa, ou que nos diga onde o podemos encontrar para esse fim!

A BAZ

Acto solemne da collocação dos bazo
continúa a fornecer o azeite para os res

nos nichos da fazenda e da justiça. Zé Povinho
s lampadarios.

Esperando aneiosamente que S. venha, proeuraremos dar-lhe uma prova da nossa estima, enviando-lhe tambem dois conselhos em troca d'aquelles que elle nos ministra.

1.º — Em quanto á fórma, o sr. S. não faria talvez de todo mal, se emquanto não principiamos a reedificar a sociedade, cuidasse um pouco em reedificar o proprio estylo para não lhe escaparem phrases tão anarchicas como, por exemplo, esta: *As palavras boas andam sempre no passádio vulgar das nossas thuribulações.* Attribuir ás thuribulações um passadio é ultrapassar o direito que cada um tem de ser metaphorico, entortando a lingua a um ponto que poderá ser notado em quem se dá ao officio que vamos emprehender juntos de metter o mundo a direito.

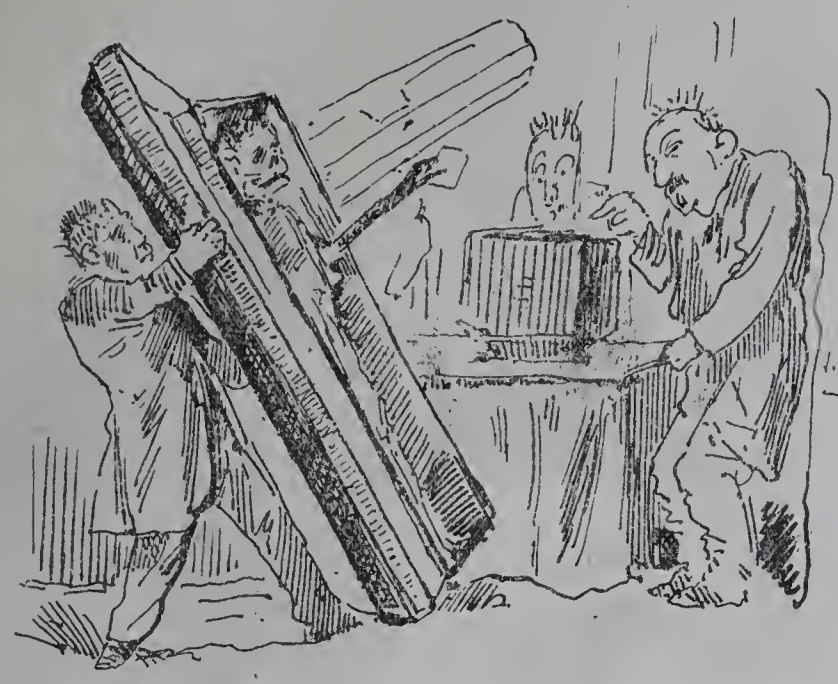
2.º — Em quanto ao objecto, figura-se-nos que, tratando dos *Republicanos Portuguezes*, depois de uma votação em que este partido levou á urna cinco mil votos, discutir apenas como republicanos dois redactores do *Antonio Maria*, é commetter uma omissão de quatro mil novecentas e noventa e oito pessoas, numero que poderá por ventura alterar de algum modo os dados do problema que o sr. S. resolveu tratar.

Com isto não enfadamos mais, e ficamos tranquillos esperando o sr. S. para de commum accordo principiarmos para o numero que vem a reformar o mundo.

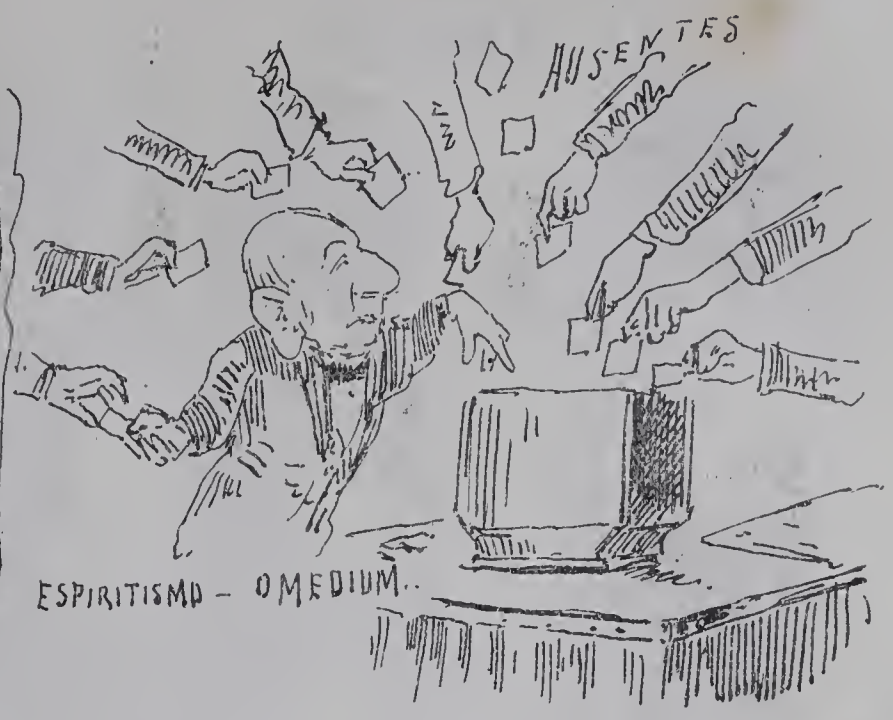
Os serviços publicos

Considerando a conveniencia de aggregar a imprensa nacional uma officina de encadernação, o governo acaba de enviar a Paris o director d'aquelle estabelecimento encarregando o, mediante a gratificação de tres libras por dia, de encadernar-se.

Fastos eleitoraes



Em S. Vicente.



Na Lapa.

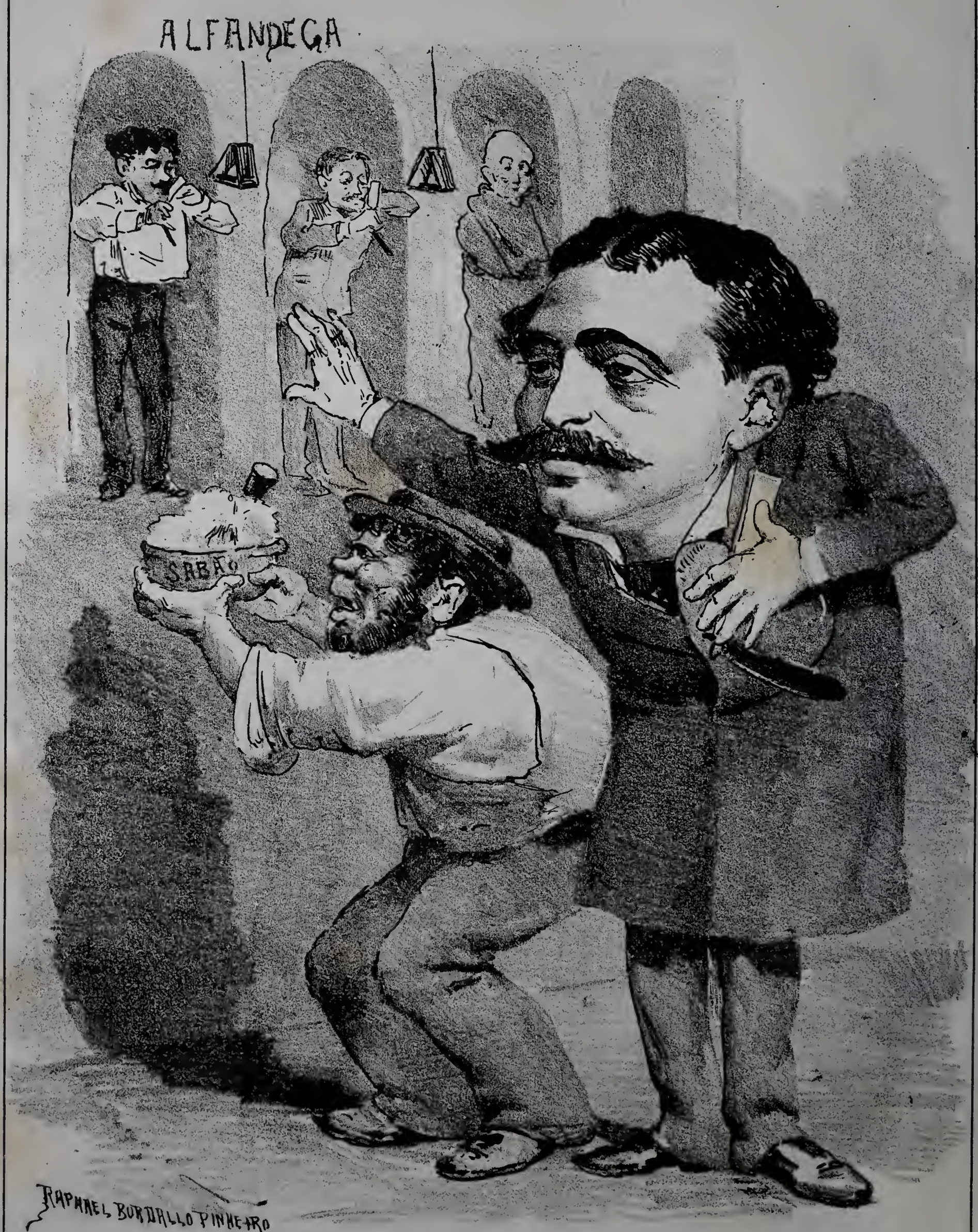
Em Alcantara.

Em Santa Catharina.

Em Santa Engracia.

Nos jornaes ministeriaes: *Eleição liberrima. Venceu o governo...*

A barbeirada



Ceremonia augusta da collocação dos barbeiros nos nichos da alfandega. Zé Povinho continúa a offerecer o sabão preciso para as barbas aduaneiras.

A CARTAGO PROGRESSISTA

Mario chorando sobre as ruinas.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A lei dos concursos

O modo como ultimamente teem sido prehenchidos alguns logares nas repartições do Estado demonstra que a antiga lei dos concursos se acha revogada por meio de subsequentes disposições, já vigentes, com quanto ainda não codificadas nem reduzidas a escriptura official.

O publico, porém, deduziu perspicasmente dos actos do governo o preceito inedito que regula esses actos, e os ultimos requerimentos dirigidos pelos pretendentes a a sua magestade que Deus guarde, consta-nos que se acham formulados já segundo as novissimas bases em que está repousando este importante alicerce dos serviços publicos.

Eis a copia fiel de alguns d'esses documentos, destinados a servirem de norma aos candidatos que houverem de mostrar-se aptos a serem providos nas funcções que o orçamento renumera e que o governo distribue:

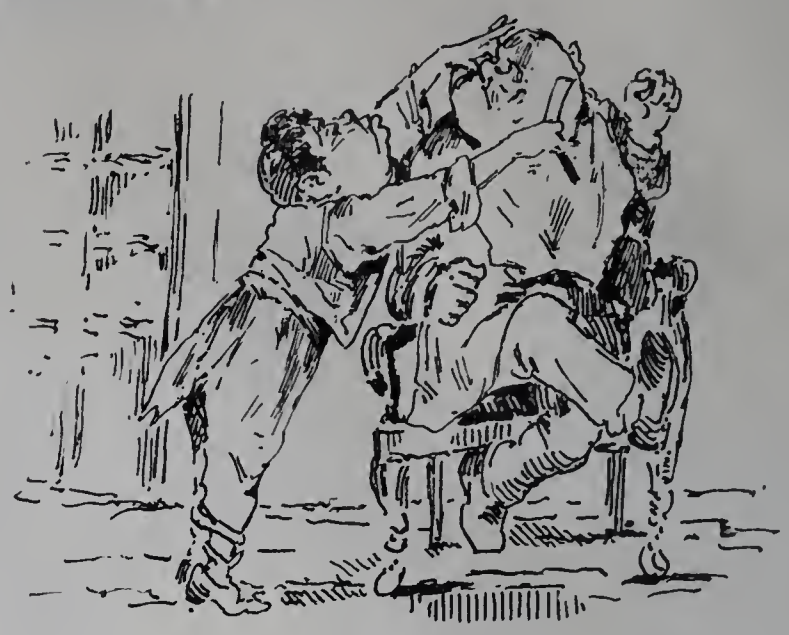
MODELO A

Senhor!

Diz F... (o nome do candidato, sua filiação e naturalidade) que, tendo concluido com aproveitamento e louvor todos os preparatorios de um curso de sobrinho em primeiro grau, e achando-se como tal habilitado a receber um tio de capacidade para o exercicio das mais difficeis funcções que o paiz adjudica ao talento e ao trabalho dos cidadãos prestimosos,

Por isso pede humildemente a Vossa Magestade que, tomando em sua sabia consideração as circumstancias que concorrem no supplicante, se digne de dar as suas reaes ordens a fim de que elle seja provido, como é de rasão, no logar (para que lhe consta achar-se aberta a competente matricula) de sobrinho do sr. Fontes Pereira de Mello.

E. R. M.



MODELO B

Senhor!

Diz F... (sicut supra) que tendo consagrado desde a mais tenra infancia todos os seus dias, principalmente os sabbados, ao manejo da navalha de barba, por meio da qual tem sempre servido com honra a nobre causa do throno e do altar, já abrindo a corôa a este, já escanhoando os queixos áquelle com diurna e nocturna mão, e achando-se por tal modo habilitado a discorrer com proveito do paiz e gloria de vossa magestade sobre todas as questões aduaneiras que hajam de ser confiadas á sua pericia,

Pede reverentemente a Vossa Magestade que em attenção aos predicados e ao rebolo do supplicante (junte o rebolo) Vossa Magestade haja por bem ordenar que elle seja provido nas repartições fiscaes do Reino na qualidade de digno barbeiro de s. ex.ª o mui nobre ministro dos negocios da fazenda de Vossa Magestade.

E. R. M.

MODELO C

Senhor!

O abaixo assignado vem submissa e confiadamente aos reaes pés de Vossa Magestade dizer de sua justiça e supplicar reparação de seu aggravo.

Real senhor! O supplicante é de profissão judeu. O supplicante é de idade menor de doze annos. O supplicante é filho legitimo do rabino Bazorra, como pode provar pelo facto de se achar pronto a vender por trinta dinheiros o dito rabino, seu pae, a todo aquelle que lh'o quizer comprar, — veniaga esta que o supplicante jámais faria, como é obvio, se se tratasse da venda de um estranho e não do proprio auctor dos seus dias. Consta de documentos publicos e authenticos que todos os membros da tribu dos Bazorras se acham providos em funcções do Estado com bons achegos pecuniarios por cada bocca. O abaixo assignado vem pois supplicar da justiça e da clemencia de vossa magestade que, tendo em vista as ponderosas rasões que allega, se digne de ordenar que sem perda de tempo elle seja egualado em diritos adquiridos a todos os demais Bazorras que vossa magestade tem mandado amamentar, a expensas do reino, pela vaquinha de leite da publica governação.

Deus guarde por longos e dilatados annos a preciosa vida de vossa magestade assim como a da dita vaquinha, de cuja chucha todos havemos mister.

(Assignado o nome do Bazorrinho, juntamente com o numero de ordem que tiver na tribu).

Eis aqui agora o theor da nova lei de concursos, tal como ella está no peito dos ministros e como brevemente verá a luz nas columnas do *Diario do Governo*:

Dom Luiz, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'ex-além mar etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, para o fim de restabelecer em bases firmes e inabalaveis a competencia provada dos cidadãos a quem tenham de ser adjudicados os cargos publicos, que o sr. Fontes decretou e nós queremos a lei seguinte:

Artigo primeiro.— Todo aquelle que d'ora ávante se proposer candidato a qualquer emprego do estado será obrigado a demonstrar por documentos que é filho, que é sobrinho ou que é barbeiro do poder executivo.

Artigo segundo.— Fora das tres referidas cathegorias scientificas, ninguem mais poderá ser provido nos cargos da nação.

Artigo terceiro.—Fica revogada toda a legislação em contrario.

Pelo que: Mando a todos aquelles que massam os ministros com memoriaes e com cartas d'empenho para abiscoitarem empregos que assim o tenham entendido de uma vez para sempre.

Rei com rubrica.

Á falta de materia com que encher as columnas da folha official o governo fez-se editor de traducções francezas, exactamente como a empreza das *Horas Romanticas*; e é assim que vimos agora a encontrar o *Diario do Governo* cheio com a versão do projecto de lei sobre a liberdade da imprensa em França.

Como assignantes da folha official agradecemos ao governo a boa intenção que manifesta de nos querer entreter com uma leitura amena, mas pedimos-lhe que nos poupe á continuação de estopadas d'este calibre.

Parece-nos que o governo bem mereceria de estudiosos se, em vez de explorar o repertorio da legislação franceza, explorasse simplesmente o repertorio do *Palais Royal*.

Será um dia de applausos aquelle em que o poder, penetrando com mais algum gosto na senda litteraria em que entrou, abrir a prosa da sua folha por estas palavras:

NEGOCIOS DO REINO

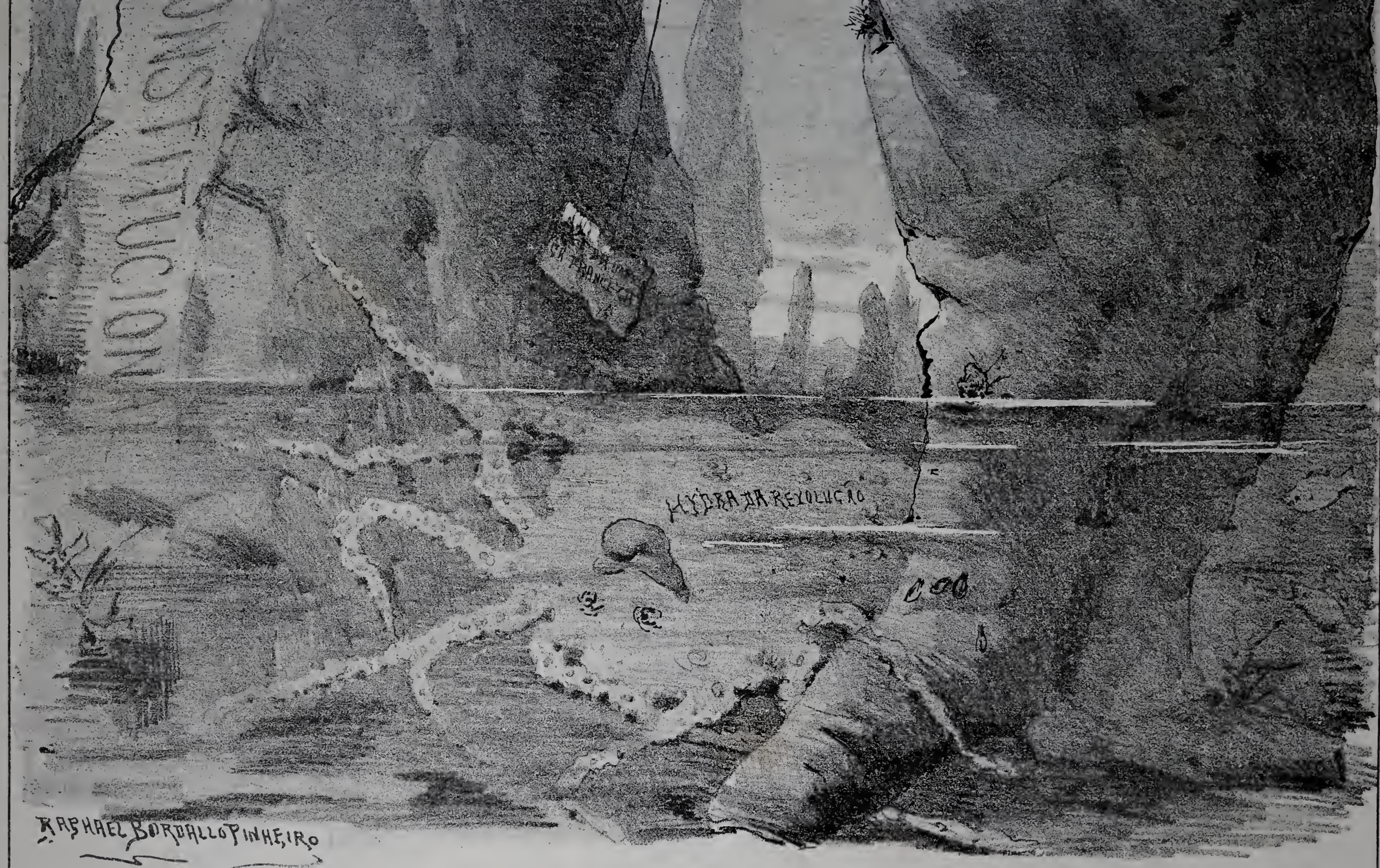
O CHAPÉO DE PALHA DE ITALIA

COMEDIA EM UM ACTO E EM PROSA POR LABICHE

(A scena passa-se em Auteil)

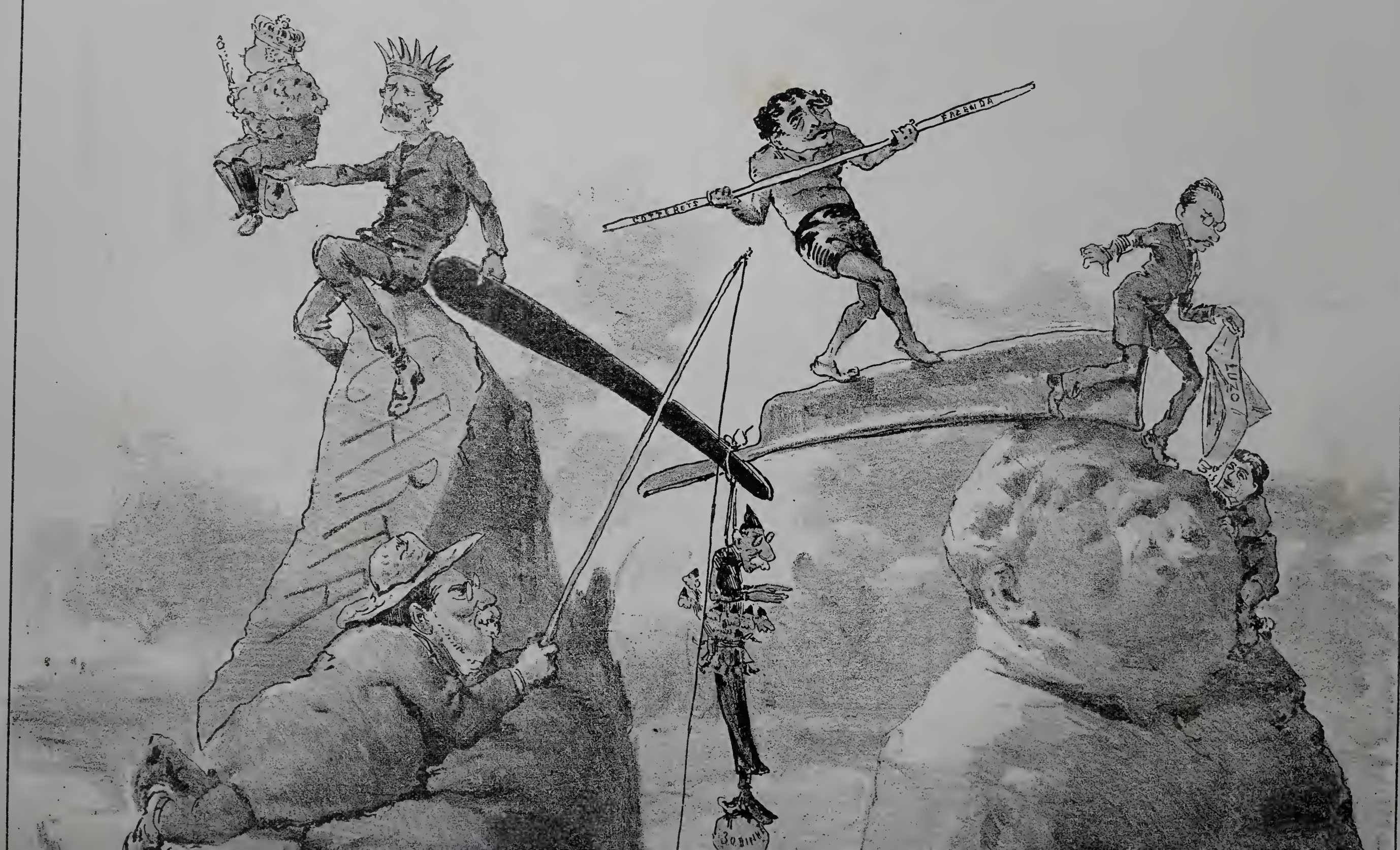
Por ordem de sua magestade el-rei se determina a todas as auctoridades a quem o conhecimento d'esta comedia chegar que a tenham entendido e a façam representar da maneira seguinte.

Scena 1.ª Etc.



Ultimos e decisivos esforços empregados pelo governo para se collocar á altura da gravidade das circumstancias. Hourrha! Hourrha!

As circumstancias



Os nadadores

Antigamente era apenas Leandro que de quando em quando atravessava o Hellesponto para ir do caes dos vapores fazer petisqueiras clandestinas com Hero, sacerdotiza de Venus, no pontal de Cacilhas.

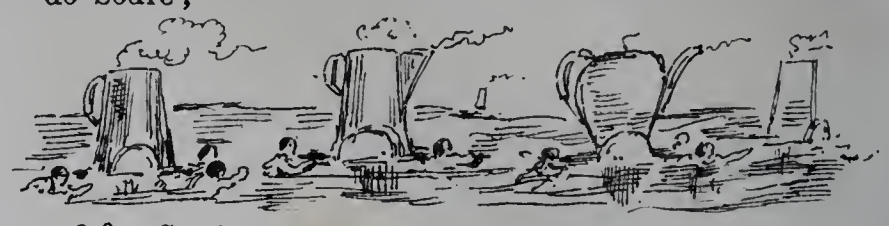
Agora o numero dos Leandros augmenta de dia para dia na praia de Pedrouços.

Ha quinze dias eram dois os individuos que atravessavam o Tejo a nado. Domingo passado foram seis os que realisaram essa proesa.

Estes progressos do *sport* nautico devem ser quanto antes aproveitados em beneficio do publico.

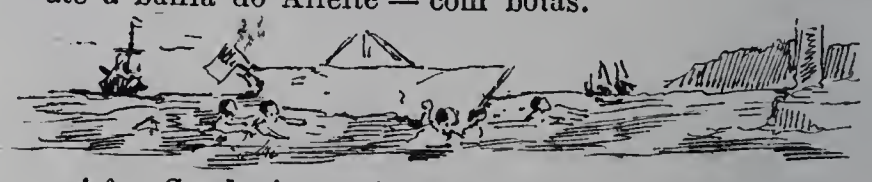
Lembramos como utilisação do denodo dos nadadores de Pedrouços:

1.º—Dar reboque ás chocolateiras de rodas que o sr. Frederico Burnay traz em fervura entre Belem e o Caes do Sodré;



2.º—Conduzir aos combates a ostreira de guerra conhecida pelo nome de *Pimpão*;

3.º—Instigar por meio de uma nobre emulação a canhoneira *Ave* a tentar a travessia do dique do arsenal até á bahia do Alfeite — com boias.



4.º—Conduzir o poder moderador de Cascaes á Ajuda nos dias de despacho, serviço a que os vasos de guerra principiam a recusar-se com uma insistencia afflictiva para os commendadores de cada quinta feira.

O ANNUNCIO

O infeliz apaixonado que deixou cair na praia de Pedrouços, junto á salsa onda, uma carta cheirando mal a perfumes, cujo *fac-simile* abaixo damos, pela formosura calligraphica, póde vil-a buscar ao escriptorio d'esta folha, Travessa da Palha, 140, 1.º (60 réis o numero avulso e 50 réis por assignatura) provando ser tão tolo na escripta, como é fedorento no perfume que em si emprega.

Ex.ma Sr.ª

Os nossos olhares serão a expressão vehemente do que sentimos? E a irresistivel sympathia que naturalmente nos attrahe será a eloquente revelação do amor, que tributo a V. Ex.?

Tal é a minha consoladora crença

Creia, pois V. Ex. na digna e forte paixão, que me inspirou, e, com a mesma franqueza, rogo-lhe que me desengane.

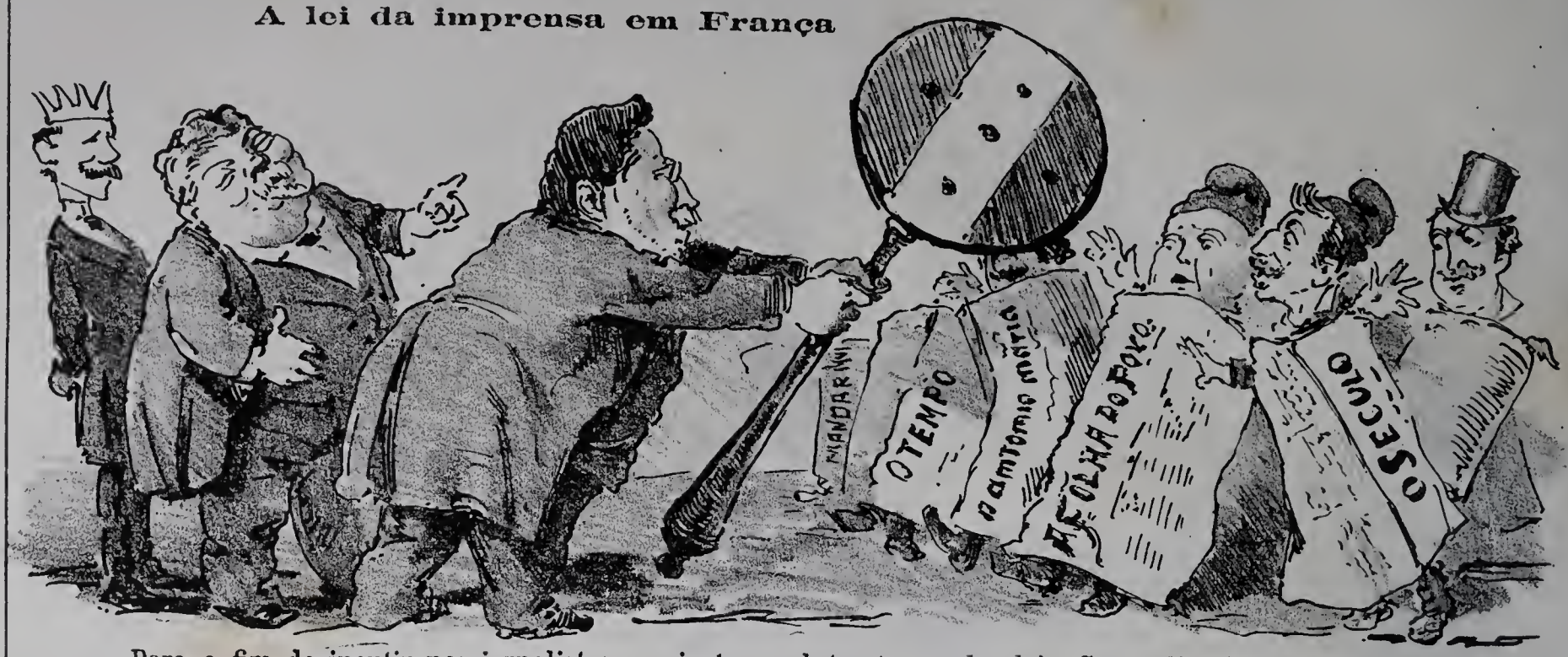
Do V. Ex. com o maior respeito, eterno adorador

A. J.

Cyriaco de Cardoso

Aquelle que vem dirigir os novos concertos do Passeio Publico e a quem a decencia de Lisboa deverá o favor de um tempo de espera nos lanceiros de Justino Soares.

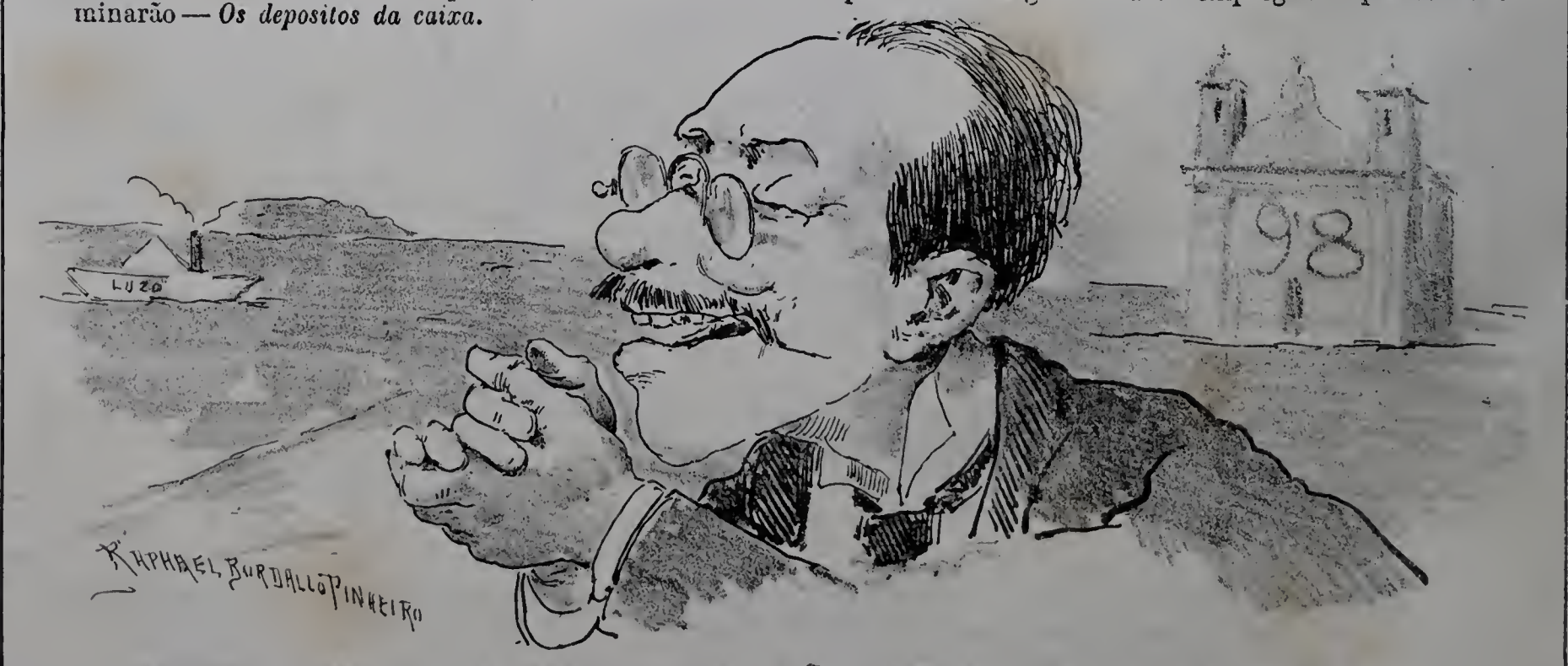
A lei da imprensa em França



Para o fim de incutir nos jornalistas um justo e salutar temor das leis, Sampadius Magister mostra-lhes a ferula com que elles levam palmatoadas em França. E' um meio engenhoso, posto que talvez excessivamente metaphysico de arrancar as unhas das mãos aos discolos.

A caixa de depositos

Para o fim de poder empregar em serviço da nação todas as aptidões e todos os talentos que o paiz manifestou votando com a auctoridade nes ultimas eleições, consta-nos que o governo vae ampliar consideravelmente a repartição da caixa dos depositos, creando ao mesmo tempo uma nova gerarchia de empregados que se denominarão — *Os depositos da caixa.*



Physionomia do HOMEM QUE NÃO RI depois de bis-candidato

A actriz Delphina, fallecida no dia 22 de setembro

No theatro representou a alegria. Na vida representou a bondade. Adeus, Santa Delphina! Em nome dos infelizes que amaste, dá visitas lá em cima a Santa Dezajet!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Basta d'exequias!

De cada vez que vem ao mundo o dia 24 de setembro o paiz cobre-se de crepes e arranca do seu peito um ai decretado no *Diario*. Encerram-se as repartições publicas. As tropas vestem o grande uniforme e trazem as armas em funeral. O pavilhão nacional tremúla a meio pau nas fortalezas e nos navios de guerra. A côrte, os funccionarios publicos, a nobreza e o corpo diplomatico recólhem-se nos templos a orar. Os orgãos das egrejas e os artigos de fundo dos jornaes entoam o *De-profundis*, e prégadores regios, de meias vermelhas nas pernas e de pedras roxas nos cachuchos, sobem aos pulpitos, tomados á hora, para espargirem pitadas de latim e de rapé sobre a memoria do morto.

— Porquê — ó céus! — uma tão grande dôr?

— Porque Pedro morreu.

— Que me dizem?!... Não é o que ouço uma horrorosa illusão de minhas orelhas desvairadas?! Morreu effectivamente Pedro? Aquelle Pedro, tão robusto, tão moço, tão saudavel, que parece que ainda hontem o vi com a filha Maria pela mão a perguntar-lhe á porta do Baltresqui—*Mimi quer liberal constituição?*—E ella com tanta gracinha a responder-lhe:— *Sim, Mimi quê!*

— Pois é verdade! Não somos nada n'este mundo. Lá está já na terra da verdade o Pedro!

— Mas, srs., quando foi? quando foi que expirou? O que foi que lhe deu?... Deixou testamento? Tinha monte-pio?

E todas as folhas graves do reino, entre tarjas pretas, com lagrimas no typo, respondem:

— Faz hoje quarenta e sete annos que Pedro morreu... E em seguida entram nos detalhes da molestia e da morte:

— Já no Porto se não sentia bem e queixava-se de afflicção. Á despedida disse: *Adeus, Porto, que nunca mais te verei!* Depois recolheu-se á historica residencia de Queluz. Mandou chamar uma praça de pret de caçadores n.º 5, etc...

Depois dos detalhes do facto seguem as considerações philosophicas sobre o defuncto. O *Commercio de Portugal*, por exemplo, diz:

«*Abreviaram-lhe a existencia os desgostos intimos, a ingratidão dos que mais o deviam honrar, o esquecimento do que havia feito pela liberdade d'este povo. Como deveria ser doloroso e cruel o soffrimento d'este martyr!*»

E logo abaixo o mesmo jornal accrescenta, sempre solemne e convicto:

«*Poucos principes terão morrido mais tranquillos! poucos terão baixado á sepultura cercados de bençãos tão sinceras e orvalhados de lagrimas tão sentidas!*»

E d'ahi se vê a pouca ou nenhuma vantagem que a investigação historica tem tirado da celebração periodica e annual do obito de Pedro. Uma folha tão séria e tão bem informada como o *Commercio de Portugal* não sabe ainda com certesa se Pedro morreu n'um *soffrimento cruel* ou se morreu *tranquillo*. E entre essas duas hypotheses, tão desoladoramente contradictorias, o *Commercio de Portugal*, com notavel sagacidade e não menor energia, decide-se triumphantemente por ambas!

Ora se pozermos de parte os estudos historicos, que as exequias intermittentes poderiam talvez desenvolver e animar — mas que nem desenvolvem nem animam — o que é que nos resta?...

Resta-nos a pura dôr.

Esta saudade pungente que nos devora uma vez por anno recae sobre um sujeito que morreu ha cerca de meio seculo; que ninguem da nossa geração teve a honra de conhecer pessoalmente, e que ninguem viu mais gordo.

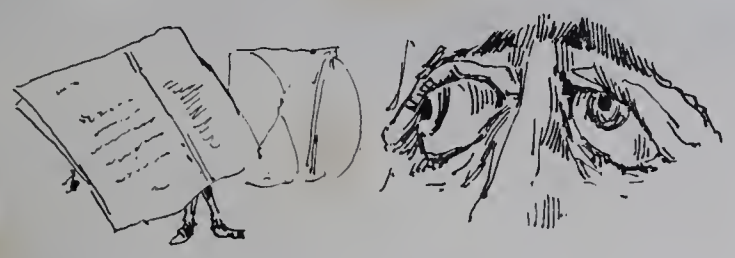
Tudo quanto a rhetorica da indifferença, tudo quanto a emphase da hypocrisia póde inspirar em nenias, em sermões e em artigos bombasticos, se tem atirado para cima da cabeça d'esse morto. Nenhuma outra memoria tem sido mais horrorosamente innundada de tudo quanto ha de mais pinga, de mais sarrafaçal e de mais reles nas ejaculações da litteratura pelintra.

É talvez tempo de se pedir para Pedro o respeito do esquecimento, a consideração do silencio.

Basta de exequias! basta de discursos!

Como rei, Pedro merecia de certo que o enterrassemos um pouco mais do que se enterra a outra gente. Como homem elle começa, porém, a ter direito á nossa piedade. Calemo-nos. Sejamos humanos!

E se para setembro do anno que vem, nos appetecer ainda chorar por Pedro, como a lagrima é livre, choremos por elle, como choramos pelos outros bons reis que morreram; choremos por elle como choramos pelo valoroso Cesar e pelo ineffavel Tito: — choremos em nossas casas!

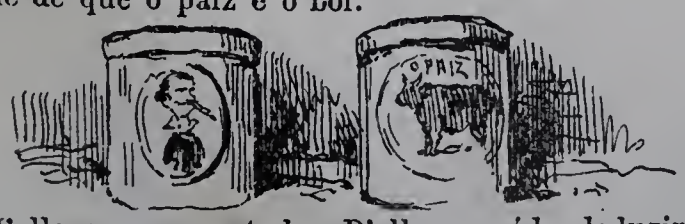


Temos diante dos nossos olhos uma carta-circular assignada por Justino Soares. N'esta epistola memoranda aos Ephesios da Baixa, Justino communica-nos que, para o fim de celebrar a collocação solemne dos retratos de Vieira da Silva e de Silva Albuquerque na *Academia dos Fenians*, elle Justino vae inaugurar na sobredita *Academia* um curso de dança infantil.

Justino termina as suas lettras com esta phrase sublime:

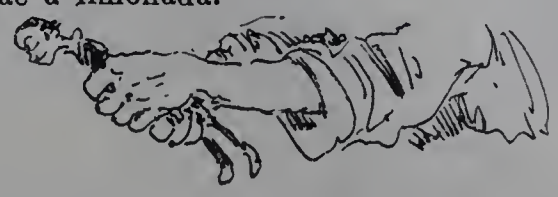
As meninas de familias menos abastadas receberão ensino gratuito na minha Academia.

Sabiamos — e já o dissemos — que Justino é a grande synthese social portugueza; que elle é o extracto de carne de que o paiz é o boi.



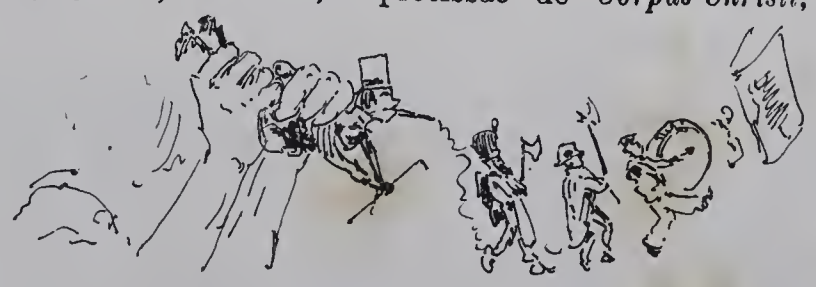
N'elle se encerra tudo. D'elle se póde deduzir e recompor tudo.

Se um cataclismo nos fizesse desapparecer a todos da superficie da terra, e se Justino sobrevivesse, de Justino, espremido, sairia todo o nosso tempo, assim como do limão sáe a limonada.



Elle daria, de per si só, o canto, o gosto publico, os

costumes, a critica, a procissão de *Corpus-Christi*, a



parada do dia 24 de julho, o *high-life*, a phylarmonica *Primeiro de Dezembro*, o *Diario do Governo*, o Passeio

Publico, o bando dos touros, o sr. Arrobas e a glorificação dos grandes homens immortalisados em effigie perante a quadrilha dos lanceiros.

O que não esperavamos, porém, era que, a influencia de Justino sobre o seu seculo, chegasse a produzir esta instituição nova — A instrucção gratuita da infancia desvalida na *Academia dos Fenians!*

As repartições

Primeira categoria — Praia da Fundição. Continuos e serventes

Segunda categoria—As barcas.

Quarta categoria — Pedrouços. Primeiros officiaes, chefes de repartição, coroneis, priores, ministros em disponibilidade e o pharmaceutico regulo da plaga.

Quinta categoria —Paço d
Estabelecimentos de credito.

Tanto póde em Portugal a disciplina burocratica que até nas praias domina podendo-se determin
o tratamento

de *vocemecê*, de *vossoria*, de *vocencia*,

as das praias

es e alferes.

Terceira categoria — Praia da Torre. Segundos officiaes e majores.

lidos de legação.
ias bancarias.

Sexta categoria — Cascaes. Corpo diplomatico. Nobreza. Familia Real. Poder moderador e o sr. Gandarinha.

ographia das margens do Tejo quaes são durante a estação balnearia os habitantes que teem pela pragmatica

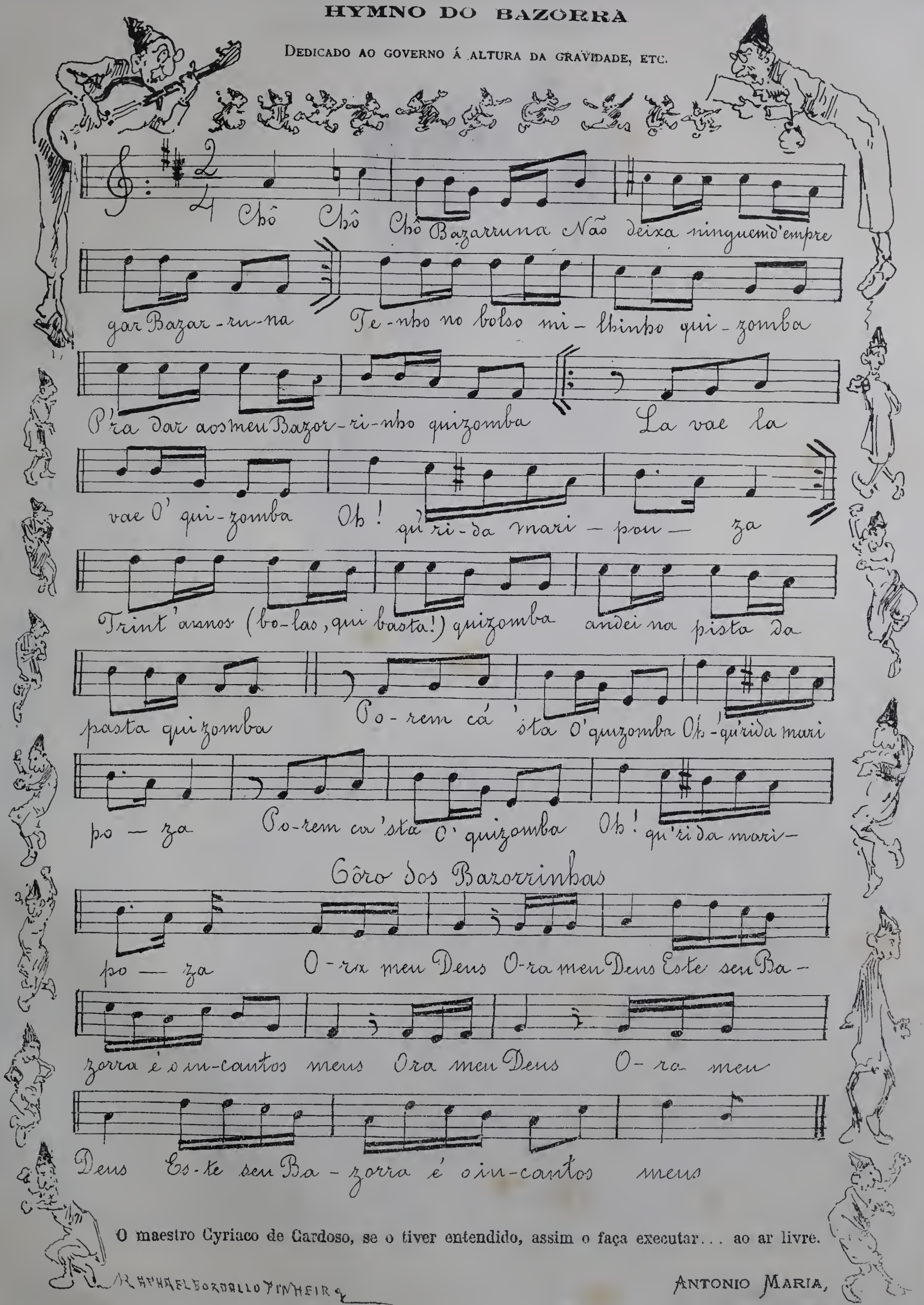
de *voscencia*, de *vocelencia*, de *Vossa Alteza* e de *Vossa Magestade*

A TABERNA

Primeira recita do *Assomoir*, de Zola, no Theatro da Rua dos Condes.

HYMNO DO BAZORRA

DEDICADO AO GOVERNO Á ALTURA DA GRAVIDADE, ETC.



O maestro Cyriaco de Cardoso, se o tiver entendido, assim o faça executar... ao ar livre.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ANTONIO MARIA,
com rubrica e guarda.

O ANNIVERSARIO DE SUA ALTEZA

Tendo a vereação do municipio de Lisboa resolvido sabiamente que o novo mercado do peixe na Ribeira Nova se não abrisse antes do dia do anniversario natalicio de Sua Alteza, o qual hoje se celebra os pargos e os charrocos agradecem ao principe a magnanimidade com que ha por bem acolhel-os fazendo annos n'este glorioso dia

Theatro de S. Carlos

A COMPANHIA

Bouquet lyrico para cheirarmos durante o inverno!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

S. Carlos

Com a primeira receita da companhia lyrica temos aberta no theatro de S. Carlos a grande doka da elegancia e do dandysmo de Lisboa.

Fóra do theatro de S. Carlos o dandy e o seductor lisbonense tem a mansidão do borrego e a temperança austera do dormedario.

Mas desde que se abre a opera, o janota torna-se assolador e terrivel. Elle é a estroinice vastatrix dos meios bifes do Silva; das caldeiradas d'ameijoas do Augusto; dos noitibós do falleeido Feliciano e dos corações das cantoras.

Sómente, como o numero das damas que no paleo de S. Carlos constituem a materia amada é inferior ao numero dos janotas que na plateia constituem o agente amante, estes procedem, por grupos.

Ha o grupo que dá as palmas na sala. Ha o grupo que dá a critica nos corredores. Ha o grupo que vae dar as bôas noites aos camarins. Ha o grupo que dá os bouquets nos beneficios. Ha o grupo que dá as tipoias á hora para conduzir as dançarinas ao restaurant. E ha o grupo que abona os fundos precisos para reforçar a caixa da empresa ficando com os recibos dos assignantes em penhor.

Feitas as contas ao que custa a corrupção de Lisboa durante a epoca do theatro lyrico, acha-se que o custeio d'esta Babylonia que tanto amedronta a moral das provincias sae a dezeseis tostões ao anno por cada cabeça de estroina.

E' medonho!

O abysmo na presente estação abriu com a *Aida*.

A opera agradou, notando-se porém que a empreza não chegasse a gastar um milhão para satisfazer na primeira recita os dezeseis tostões d'avidez votados ao theatro pela prodigalidade do publico.

Com tres meias corôas no bolso a gente tem o direito sacrosanto de pedir o diluvio. Que nol-o dèem!

A odysséa da Bartholomeu Dias

Para o fim de ir a Cascaes prestar as honras da grande gala ao principe real no fausto dia do seu glorioso anniversario natalicio, a *Bartholomeu Dias* largou da boia no dia 27 de setembro pela tarde.

Durante mais de duas horas os intrepidos nautas, por um esforço sobrehumano, luctaram contra o horroroso elemento.

De Cacilhas descobria-se toda a grandeosidade d'esse commovente espectaculo.

O fragil lenho sulcava as aguas com maré contra. Gaivotas pairavam no ar. Da outra banda da bahia, não mui longe da Fonte da Pipa, massaricos, saltitando na praia, debicavam a salsugem da vasante; e uma tainha seguia pressurosa o galeão *Bartholomeu* dando cambalhotas lubricas atraz do pavilhão glorioso das quinas.

Era horroroso.

Em frente da Cruz Quebrada a *Bartholomeu Dias* lançou ferro. Duas horas de navegação consecutiva tinham prostrado a marinhagem n'um cruel lethargo. O desanimo invadíra todos os corações. «Jámais chegaremos a Cascaes!»

— Clamavam os marinheiros. E sobre o convez, em grupos desolados, elles contavam historias de naufragios similhantes — como o do *Sepulveda* e outros.

Na camara os officiaes, reunidos em conselho, consultavam o barometro, que marcava bom tempo-fixo, e armados de compassos mediam pallidos mas decididos as cartas de navegação.

Ao romper a manhã do dia 28 os telescopios de bordo assestados para a praia de Pedrouços descobriram o banheiro Pataco dando banho ao ministro Bazorra, e este espectaculo bonançoso e jubilante poz na marinhagem um grande alento.

— S. Telmo! S. Telmo Bazorra! — bradaram todos

E uma alegre celeuma encheu o tambadilho.

Uma voz de commando, partindo do cesto da gavia, proclamou:

—S. Telmo Bazorra e o banheiro Pataco são por nós. Coragem! Ha dezesete horas que abandonamos nossas casas, onde nossas mulheres e nossas mães oram n'este momento á Virgem dos Navegantes para que nos leve a porto e salvamento. Temos ainda um resto de bolacha e temos as sufficientes munições de guerra nos paioes. Retirar em taes condições seria um opprobrio. Avante, rapazes! Cascaes ou a morte!

Tal foi o effeito d'estas palavras memoraveis, que da Cruz Quebrada, de Paço d'Arcos e do Bugio se viu então este espectaculo inacreditavel e maravilhoso: a *Bartholomeu Dias* recomeçou a andar!

Á hora de dar as salvas do estylo pelo feliz anniversario natalicio de sua alteza o principe a *Bartholomeu* tinha ancorado em frente do real alcaçar 'nas aguas de Cascaes.

Cerca de vinte e quatro horas de esforços sobrehumanos tinham conseguido registrar nos nossos fastos maritimos mais esse feito glorioso, perante o qual a posteridade commovida não deixará por certo de exclamar como nós:

Triste vida a do marujo!
Dom! dom!

Mais uma!

Suppunha-se que a fecunda iniciativa do espirito publico sobre a creação das philarmonicas tinha estendido os seus effeitos a todo o territorio portuguez. Pelo *Diario de Noticias* sabemos porém que a aldeia de Camarões perto de Caneças estava ainda ha poucos dias privada d'este salutar beneficio da civilisação.

A senhora D. Carolina Lourenço acaba de pôr termo a tão lastimosa lacuna, creando na referida localidade uma philarmonica intitulada *A'vante incrivel Canecense.*

Aquella dama, convidando o publico a ir ouvir a nova banda de Camarões, previne-nos de que os musicos de que ella consta não teem por emquanto nem pratica nem embocadura (vidé *Diario de Noticias* de 30 de setembro).

Não tendo pratica nem tendo embocadura não lhes falta já senão uma coisa para serem prefeitos, que é não terem instrumentos. Mas não se póde deixar de ter tudo ao mesmo tempo...

Parabens sinceros á senhora D. Carolina, e a Camarões!

Supplica

Não tendo sido possivel por justificados motivos abrir-se o mercado da Ribeira Nova, segundo estava destinado pelo municipio de Lisboa, no dia do anniversario natalicio do Principe Real, o pescado vem de novo aos pés de sua alteza pedir-lhe que haja por bem fazer annos outra vez, d'accordo com as prerogativas que a carta lhe confere e com as commodidades que os safios lhe imploram.

Os fructos da contradança

Lemos no *Jornal da Noite* que um dos meninos que Justino Soares preleciona em choreographia no Seminario do Passeio Publico se estreára ali no *chevalier seul* espetando uma faca de ponta no posterior de um cavalheiro.

Esperemos que este seja o signal para a abertura de uma nova era nos destinos da dança, e que dentro em pouco nos seja dado o prazer de ver os fructos da sabia educação dada á infancia no Passeio Publico manifestados com triumpho sobre os quartos trazeiros de todas as familias de Lisboa!

Taes são os votos que fervorosamente fazemos ao Altissimo!

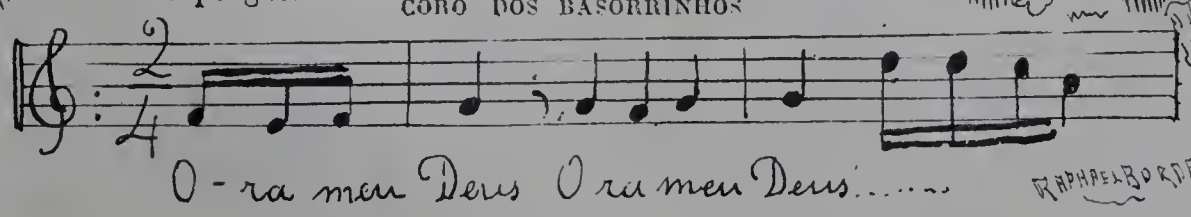
NUSINHOS!

Referem as folhas que infames sicarios, astutos e mal intencionados, penetrando com mão rapace na residencia do ministro Basorra, em Pedrouços, subtrairam d'aquella historica mansão todas as roupas brancas das vergonteas de s. ex.ª

Em vista da *gravidade das circumstancias* em que este doloroso incidente collocou a joven tribu dos Basorrinhos, o paiz comprehende perfeitamente que não temos remedio senão empregal-os outra vez.

As repartições estão cheias. Bem! Mas elles estão bem pingas.

CORO DOS BASORRINHOS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

A companhia tem bons olhos, tem bôa bôcca e tem bôa voz. Desejamos-lhe bôa vida.

THEATRO DE S. CARLOS

A ABERTURA

O que pode o exemplo

Desde que se propalou que por meio das barbas os cidadãos podiam chegar, levados pela mão do sr. Lopo Vaz, aos mais altos cargos da republica, as proprias

coristas de S. Carlos começaram a barbear-se. Seu fim é por certo irem cantar para a alfandega.

NO BAILE DO PAÇO

O CÃO DAMNADO

Eram 11 horas da noite quando s. ex.ª penetrou nas salas,

Passando a cumprimentar alguns dos convivas.

E ninguem conhecia s. ex.ª

Quando uma voz exclamou: — Esperem lá! este não é o fogueteiro que deitou o fogo o anno passado?...

E responderam todos: — E' elle! é elle! O fogueteiro está damnado!

Ora o cão!

O ventre de s. ex.ª

Não ha homem algum que não tenha no ventre seis ou oito artigos que escrever, — dizia Villemessant. A boa direcção d'um jornal consiste em tomar os individuos de ventre cheio, conserval-os em quanto elles teem que botar, e pôl-os fóra implacavelmente no momento preciso em que elles se acham vasios.

No governo succede exactamente a mesma coisa que se dá no jornalismo. Não ha ninguem n'este mundo que não tenha tres ou quatro reformas no ventre. Foi o que vimos com s. ex.ª o sr. Arrobas.

Collocado no governo civil de Lisboa, s. ex.ª tirou do ventre a abolição dos repiques.

Tirou a abolição das pegas.

Tirou a abolição do bando dos touros.

Tirou a abolição das paradas nos theatros de feira.
Tirou a abolição da musica nos botequins.

Depois do que s. ex.ª não extraiu do ventre mais nada. Cessaram de repicar os sinos nas torres. Cessaram de ser pegados os touros nas corridas. Cessou o bando de percorrer aos sabbados as ruas. Cessaram as donzellas de passear em frente dos Irmãos Dallot com lantejoulas nas saias de bobinet, com vermelhão na cara, com lama nas meias e com cravos de papel nas cuias. E cessaram os pianos de expectorar as polkas nos cafés de lepes.

No meio do silencio e da immobilidade d'estas reformas começamos todos a considerar que s. ex.ª o governador tinha esvaseado o ventre.

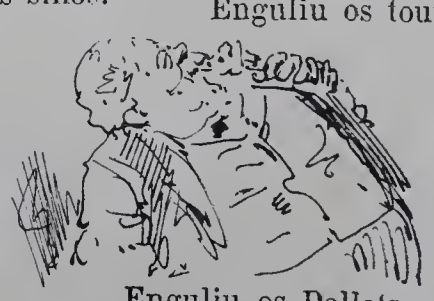
Eis senão quando recomeçam a repicar os sinos, voltam a ser pegados os bois, reapparecem os bandos, e os Irmãos Dallot dizem ao publico da sua varanda: «Preparrrrrem-se, meus senhores, que vão chegar as meninas!»

Comprehende-se o truque... S. ex.ª trata de tornar a encher o ventre. De que modo? Enguliudo outra vez as reformas que primeiro desbarrigára, e recolhendo, a um por um, todos os fructos do seu ventre.

S. ex.ª enguliu já os sinos.

Enguliu os touros.

Enguliu os bandos.



Enguliu os Dallots.
Enguliu os pianos dos botequins.

Ora muito bem! Agora que lhe vimos o fundo, agora que o voltamos pelo avesso e que o deixamos tornar-se a virar pelo direito, não temos senão um conselho que ministrar-lhe:

Déste o que tinhas que dar; apoderaste-te de novo do que déste; estás outra vez com a tua barriguinha cheia: dá graças a Deus, nosso Senhor, e vae nanar!

A MASCOTTE

THEATRO DA TRINDADE

A *Mascotte* tira a *macaca* para dar a felicidade. A Trindade já tem a sua. Que o paiz encommende uma para afugentar os bazorras — a *macaca* nacional!...

THEATRO DE DONA MARIA

João Baudry

Drama em que duas coisas se renovam: a litteratura dramatica de 1830, por Vacquerie, e a arte de representar bem por João Roza.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A entrevista das potencias

Realisou-se em Valencia de Alcantara, por occasião da inauguração da linha ferrea de Carceres, a entrevista solemne dos soberanos de Portugal e de Hespanha.

Immenso povo concorreu a presencear tão importante e significativo successo.

Para o fim de se encontrarem um com outro, os dois principes acamparam militarmente na planicie, como em plena zarzuela.

Dir-se-hia pelo aspecto gothico dos dois reis, abarracados á luz do dia nas suas tendas de campanha entre duas locomotivas, que o espirito bricabracquista do seculo XIX tinha imaginado a repetição do encontro de Francisco I de França com Henrique VIII de Inglaterra no celebre acampamento *du drap d'or*.

A unica differença é que não havia agora como no seculo XVI o estrado das damas que tinham de distribuir os premios na liça, e que os novos reis, menos galantes que os d'outr'ora, não tinham levado comsigo as respectivas amantes.

Mas o apparato não era menos solemne nem a anciedade publica menos viva sobre os resultados do regio torneio.

Nas tribunas cobertas de velludo e de brocado, esmaltadas de brazões d'armas, recamadas de franjas d'ouro, fazendo palpitar triumphalmente á brisa as sedas dos historicos estandartes, os reporters de Madrid e de Lisboa substituiam vantajosamente as lindas mulheres que tinham de coroar os principes; e em vez de madame de Châteaubriand e de miss Anna Boleyn, ó sr. Eduardo Coelho e o sr Filippe de Carvalho, presidiam o jury da victoria.

Precedendo os reis, o sr. Sagasta era o encarregado de trazer a espada das Hespanhas, outr'ora brandida pelo Cid Campeador e por Gonçalo de Cordova; a espada portugueza, empunhada no passado por D. Affonso Henriques e pelo mestre d'Aviz, era levada pelo sr. Basorra.

E nada mais commovente do que estes dois mangas d'alpaca conduzindo em triumpho n'um acampamento as tradicções gloriosas de dois paizes de conquistadores e de guerreiros!

Foram esses dois burguezes, rijamente educados nas convivencias belicosas do papel timbrado, das bolachinhas d'agua e sal e das obreias, os que pozeram os dois principes frente a frente e lhes disseram a phrase sacramental: *Allez bons combatants.*

Os dois monarchas approximaram-se, e mano a mano fallaram por algum tempo um com o outro.

Como a paz da Europa e o equilibrio politico e moral do mundo depende directamente do que foi ajustado n'essa grave conferencia, julgamos do nosso dever dar aos leitores uma relação fiel d'algumas palavras entrecortadas de que pôde tomar nota o nosso tachigrapho.

Parece indubitavel que uma das potencias disse:

— *Então como vae, como passa?*

E que a outra potencia respondera:

— *Bem, obrigado, e vós?*

— *Senhora e meninos, bem?*

Em seguida houve uma accumulação confusa de palavras da qual se pôde apenas descriminar esta phrase:

— *Recommenda-se muito.*

E, como a chuva começasse a cahir:

—*Houvestes por bem trazer galochas?* exclamou a potencia que primeiro fallára.

—*Cantando!* disse a outra potencia com energia, piscando um ôlho.

Percebe-se, pelos gestos que as duas potencias continuam fallando do tempo, e consegue-se registrar os seguintes termos soltos:

—*Purpura á prova d'agua.... Frio de throno. Sceptro de varetas de baleia.... Corôa causa defluxos pór não ter ferro.... Corôa de flanella....*

É natural que as potencias entrassem depois na questão religiosa e na questão politica, porque o nosso informador julgou ouvir, desgarradas, as seguintes palavras:

Infieis.... judiaria.... Bazorra.... fogueira.

Movimento politico.... poucas lebres... semsaborões republicanos... Companhia lyrica mediocre... Lista civil cova d'um dente. La Broma, Antonio Maria, ossos do officio.... Carta constitucional chimfrim.... Emprego triste....

No momento da separação ouviram-se distinctamente da bocca das duas potencias as palavras que seguem e que formam o fecho glorioso d'essa entrevista memoravel, de que por muito tempo se não cessará de fallar nos palacios e nas choupanas dos dois reinos:

Bôas noites! muito bôas noites.

Palavras d'estas, proferidas por boccas d'aquellas, não esquecem nunca, e ficam para toda a eternidade como estrellas impereciveis nos florões dos povos!

Honra á peninsula! gloria á humanidade!

O basorrismo

Basorra, depois de ter empregado a familia, empregou a tribu; agora está a empregar a especie; verão que ainda ha de vir a empregar o genero.

Temos já nos cargos publicos todos os basorras e todos os basorrinhos; estão agora a entrar os basorroides, e entrarão em seguida os basorraceos.

Um cataclismo de memoriaes para fazer e para despachar, acompanha a evolução natural do basorrismo, que ficará na historia como um dos mais extraordinarios movimentos do seculo XIX.

Basorra elle mesmo, depois de haver feito escorrer sobre o seu craneo todos os pequenos réditos da almotolia nacional, propõe-se estender a sua avidez de raça ao novo mundo, e vae requerer da America o logar da viuva do presidente Garfield.

Por outro lado chegam de fóra estrangeiros, que veem arrolar-se nos despachos pendentes no reino não já sobre a familia mas sobre os proprios famulos de Basorra.

Aos pés do throno chovem para esse fim innumeros memoriaes concebidos nos seguintes termos:

Senhor! Diz Fulano, gallego, que desejando habilitar-se a exercer emprego junto do comedouro da Caixa dos Depositos, onde são recolhidos e alimentados por conta do Estado os creados de Basorra, pedem a Vossa Magestade que se digne de intervir para que ao supplicante seja abonado um sapato do dito Basorra e uma escova de graxa, intrumentos por via dos quaes elle espera mostrar-se apto a ser depositado sobre as vitualhas da fazenda publica.

Como bomba aspirante

E. R. M.

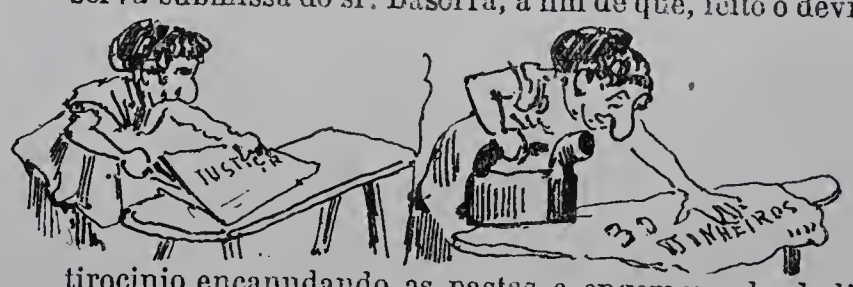
O mesmo sexo fragil está igualmente accelerando com a influencia irresistivel dos seus naturaes encantos o desenvolvimento do basorrismo.

Eis os termos porque se exprimem as bellas:

Senhor! Diz Fulana, alumna premiada da Academia das Fenians, com pratica de serviço com dois officiaes

inferiores do exercito, que achando-se habilitada com uma cuia, com umas botas de tacões Luiz XV, com uma bata de cauda e com um buço, por isso pede a

Vossa Magestade que haja por bem consideral-a como serva submissa do sr. Basorra, a fim de que, feito o devido



tirocinio encanudando as pastas e engommando de liso a sacca dos trinta dinheiros d'aquelle benemerito israelista, ella possa passar em seguida a ser collocada nas alfandegas do paiz no nobre cargo de apalpadeira das ditas alfandegas.

E. R. M.

CANEÇAS

Agradecimento

Carolina Julia Carneiro Lourenço e seu esposo José Maria Lourenço Junior, fundadores da banda marcial denominada AVANTE Philarmonica Canecense, vem d'este modo agradecer as felicitações que receberam pela occasião da inauguração da AVANTE, que teve logar no dia 2 do corrente mez.

TA

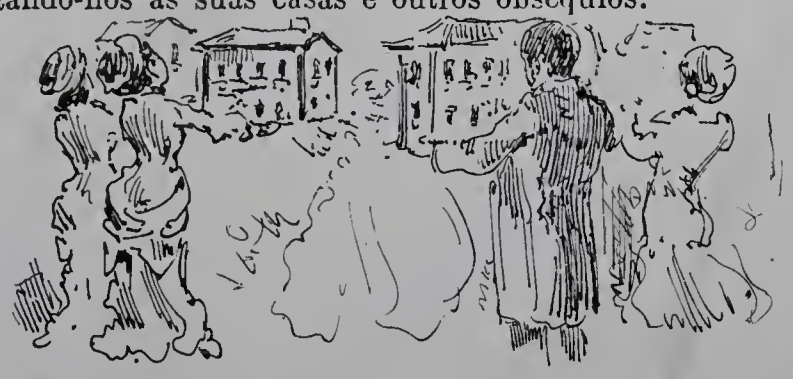
DOS

Ao illustrado maestro Freitas Gazul, pela offerta que enviou pelo correio, de um ordinario, pedindo-lhe ao

mesmo tempo desculpa de se não ter levado a effeito n'aquelle dia, devido á falta de tempo, mas que brevemente se recomeçará a ensaiar.

Ao ex.mo sr. Mendonça, mui digno professor da fanfarra de Queluz e da philarmonica da Porcalhota, a sua

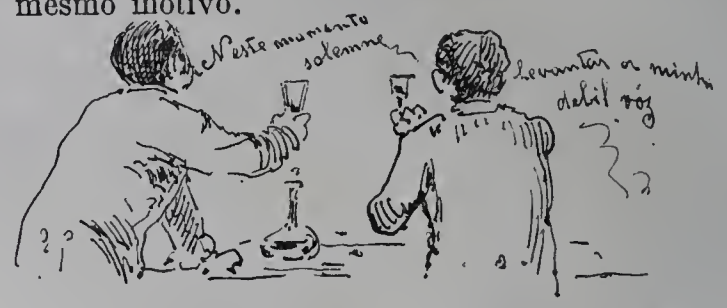
ex.a e aos seus discipulos de ambas as corporações, pela visita que nos fizeram, felicitando-nos e acompanhando-nos. Ao ex.mo sr. Sebastião José Fernandes e sua ex.ma esposa, pela parte activa com que nos têem coadjuvado, assim como a suas ex.mas mamãs D. Quiteria Ignacia da Silveira e D. Anna Emilia Fernandes, prestando-nos as suas casas e outros obsequios.



Ao ex.mo sr. Antonio Ferreira Vianna e sua ex.ma mãe, D. Marianna Vianna, ao seu apresentado o ex.mo Elvino de Brito e aos ex.mos srs. João Maria Galhardo e sua ex.ma esposa, dr. Vasconcellos Abreu e sua ex.ma esposa, pelas palavras que nos dirigiram, felicitando-nos.

Ao ex.mo sr. Augusto Ribeiro Ferreira, pela sua poesia.

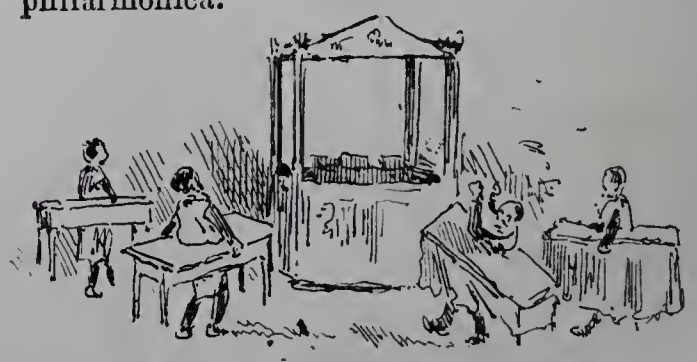
Ao ex.mo sr. José Maria de Sousa, pelo discurso que proferiu na occasião do jantar, assim como ae nosso empregado de escriptorio Francisco Nunes da Motta, pelo mesmo motivo.



Aos meus operarios os srs. José Alves Pereira e sua ex.ma esposa, Augusto Pereira Prista, Francisco Ignacio da Purificação e Silva, e Marianno Antonio Cardoso, pelos lindos ramos com que nos brindaram, acompanhados de igual modo pelo sr. Estevão Lourenço da Costa.

Ao sr. Luiz Pedro Gonçalves Carneiro, nosso irmão, que tambem nos felicitou.

Aos dignissimos mezarios da festividade de N. S. dos Enfermos, do logar de Camarões, pela delicadeza que tiveram em mandar preparar o coreto para a nossa philarmonica.



Ao sargento e mais praças de infanteria 2, que fize-

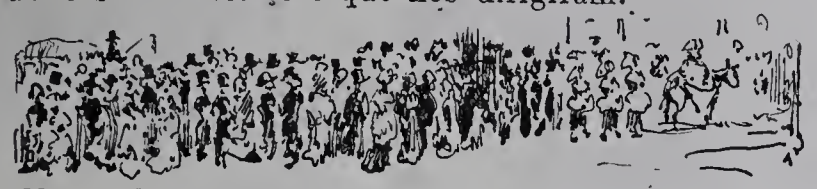
ram a policia no dia da inauguração, pelas maneiras attenciosas como se conduziram e ao sr. Manuel Bento, pelo favor que nos concedeu, prestando-lhes a sua casa para quartel.

Aos srs. Joaquim e seu ajudante Anselmo, artistas alfaiates, pelo bom desempenho dos uniformes para a banda.

Ao sr. Antonio da Silva, soldado em reserva do batalhão de caçadores 5, pelo muito serviço que nos prestou, ensinando os philarmonicos a marchar.

A todas as mais pessoas de Lisboa, amigas e conhecidas, que se dignaram vir assistir á inauguração, e tambem ás que nos brindaram com alguns donativos.

Ao bondoso povo de Caneças e circumvisinhos, pelas publicas manifestações que nos dirigiram.



Não podemos deixar de agradecer aos nossos vinte e cinco philarmonicos que compõem a banda, as maneiras respeitosas que sempre têem usado para com os fundadores, mostrando-nos quererem ser mais nossos filhos do que estranhos, como tambem a bôa vontade

no estudo, prova muito cabal da sua intelligencia, dando em resultado apresentarem-se em publico executando um hymno e um ordinario, com 75 lições apenas,

!!! 75 Só ?!

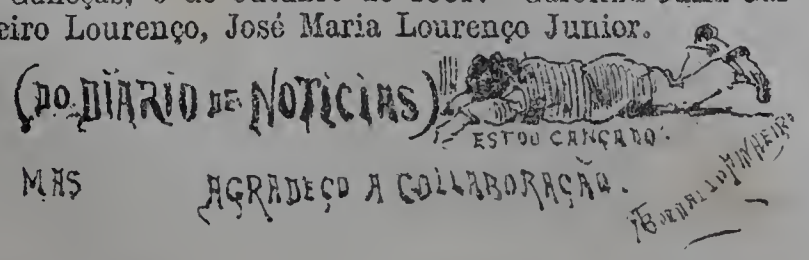
entre ensino e ensaios; ainda mais agradecemos a prova de reconhecimento que nos deram, offerecendo á sua mestra uma linda corôa de louro e carvalho, com duas fitas pendentes, com a seguinte dedicatoria: A philarmonica Ávante Canecense off. á digm.ª maestra C. J. C. Lourenço, 18—2—10—81.

Muito de proposito nos reservamos para o fim, para agradecermos especialmente ao ill.mo e ex.mo commendador Thomaz Antonio Barbosa Leitão, pelos valiosos favores recebidos, não só particulares como officiaes, na qualidade de mui digno presidente da camara municipal do concelho dos Olivaes, e tambem como administrador do dito concelho, na ausencia do ill.mo e ex.mo sr. dr. Antonio Augusto de Sousa Azevedo Villaça, a quem tambem muito agradecidos nos consideramos, por favores anteriormente recebidos.

Á muito digna esposa do ex.mo commendador Barbosa Leitão, pelas mui affectuosas e delicadas expressões de felicitação, recebidas de sua ex.ª

A todos protestamos o nosso eterno reconhecimento, e pedimos desculpa se omittimos alguem a quem devemos favores, mas, creiam que, essa omissão, é involuntaria.

Caneças, 6 de outubro de 1881.—Carolina Julia Carneiro Lourenço, José Maria Lourenço Junior.



Da historia do ultimo concurso de piano no conservatorio de Lisboa, que vemos relatada nas chronicas d'esta semana, deprehende-se que o lente substituto de piano, tendo ensinado a tocar esse pau sonoro durante doze annos, não foi agora provido no logar de lente proprietario, porque o conservatorio o considerou destituido de merito. A que titulo foi então que o conservatorio conservou este pianista a ensinar durante doze annos?

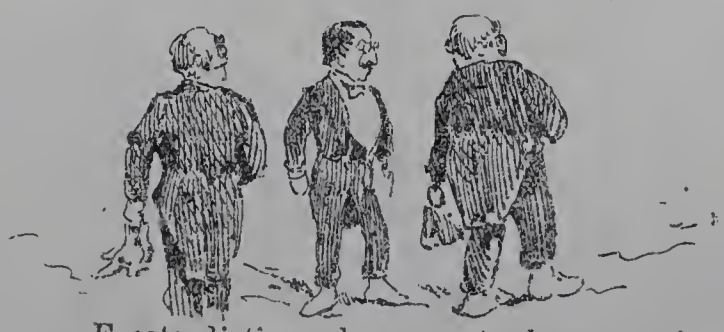
S. Carlos

Para o fim de evitar da parte do publico manifestações excessivamente ruidosas sobre a critica da companhia lyrica, a empreza resolveu sabiamente collocar ao lado de cada espectador um policia civil.

Esperamos que esta deliberação satisfaça completamente o animo do publico. Escripturar os cantores e escripturar ao mesmo tempo os ouvintes, é tudo quanto se tem direito de exigir da bisarria de uma empreza. Temos no palco uma companhia de canto e temos na sala a companhia do sr. Arrobas e da sua trempe. Que mais quereis, ó Heliogabalos?...

De resto as exigencias da grande maioria do publico perante o emprezario figuram-se-nos extremamente attendiveis e justas. O publico pede apenas duas coisas: a melhor companhia do mundo e entrada gratis.

Para o fim de economisar á empreza de S. Carlos o custeio da policia encarregada de impedir as pateadas, submettemos á sua consideração este figurino que se decretaria de rigor para entrar na sala.

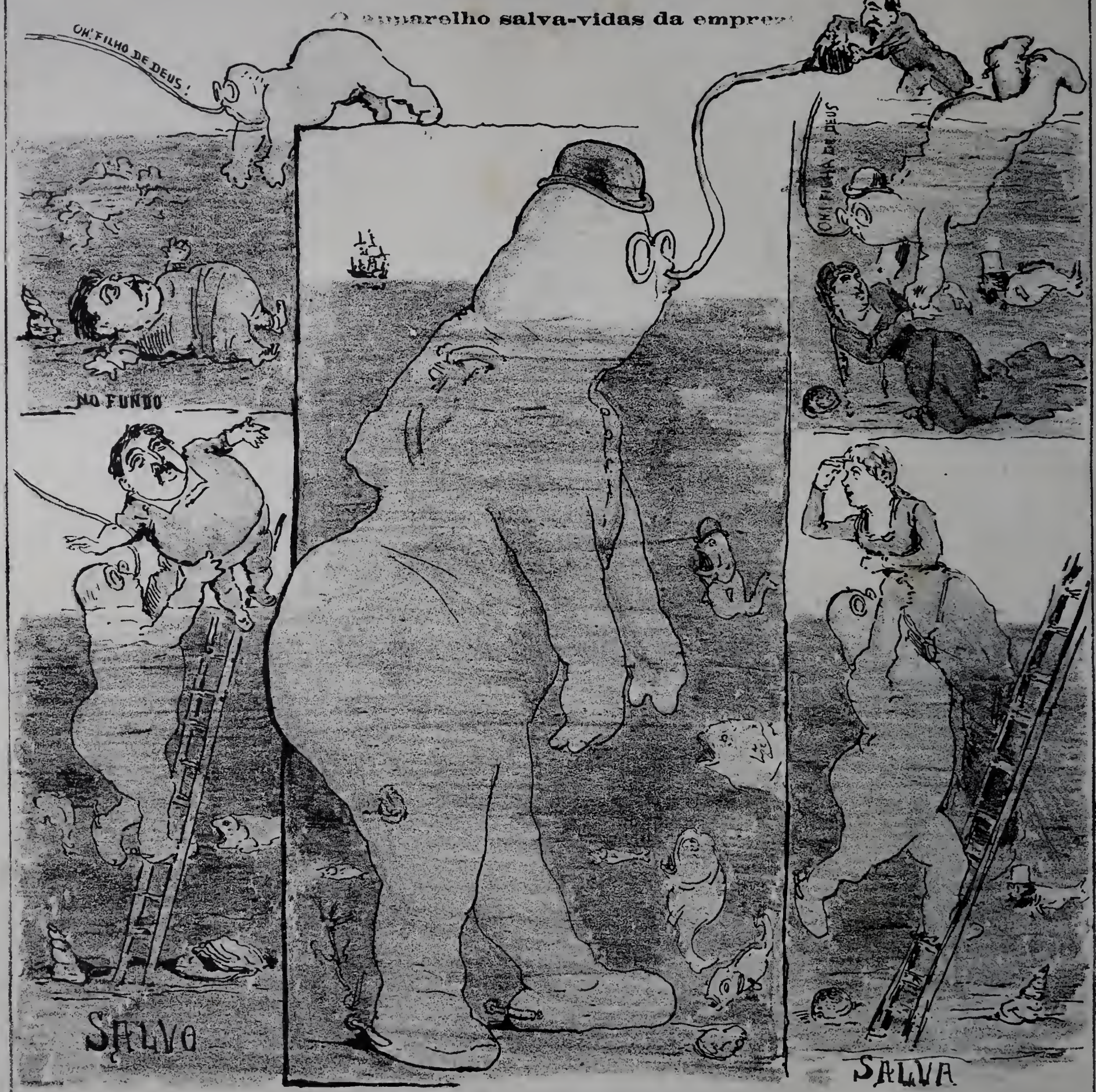


E este distico sobre a porta do vestuario:

Aqui se guardam as bengalas e as botas.

THEATRO DE S. CARLOS

O amarelho salva-vidas da empreza



Exercicios do ...lhador

A conferencia com Sagasta

Episodios da viagem da Ordem, conferenciando incognita sob a mascara da hydra da anarchia

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Pelas correspondencias de Caceres para o *Diario de Noticias*, sabiamos que, na viagem da entrevista dos soberanos, o sr. Sagasta se encarregára de mostrar os reis á admiração dos povos.

— Quereis vêl-os? dizia s. ex.ª nas estações em que havia gente.

E, approximando-se do wagon real, s. ex.ª chamava os reis á portinhola, e os reis vinham.

S. ex.ª, então, naturalmente, explicava-os.

— Senhores: Estes dois reis são homens *(homines)*, animaes vertebrados e mamiferos. Elles descendem, em primeiro grau, da geração illustre dos pithecanthropos, homens-macacos; em segundo grau, dos anthropoides miocenes; e, em terceiro grau, dos monos catarhinios, de pello no corpo, e rabo. Sua estirpe não póde ser mais illustre, nem mais honrada. Elles teem uso de razão, e são dotados de falla. Sustentam-se de viandas e de hervas. Dão sua mão a beijar a quem lh'a pede.

Andam pelo seu pé como nós outros. Não trepam ás arvores senão em momentos de summa afflicção. São mui mansos. Etc.

E, pelo *Diario de Noticias*, nada mais nos constava ácerca do cornaca de suas magestades ao longo da linha do caminho de ferro de Caceres.

Pelos jornaes de Madrid sabemos, porém, agora, que o sr. Sagasta, além da referida honra, teve ainda a de ser escolhido pelo soberano portuguez para repositorio de algumas das idéas de sua magestade fidelissima ácerca da politica peninsular.

Das palavras de el-rei, que o sr. Sagasta se apressou a communicar aos jornaes madrilenos, que as reproduzem, deduz-se que sua magestade, para lá da fronteira, pelo menos, é iberico, e desejaria a confederação dos dois paizes peninsulares, se não tivesse medo de que ella levasse os povos á communa.

Ora, emquanto a federação iberica se fizer sob a monarchia ou sob a republica unitaria, com um exercito permanente, os receios de sua magestade não têem fundamento algum, porque sempre se encontrará a espada de um ou outro Pavía, que ponha côbro opportunamente aos excessos da liberdade.

Pela nossa parte não tememos senão uma coisa, e é que, para levar a confederação a effeito, sua magestade precise de nos expôr, em *meeting*, as suas idéas, porque, n'esse caso, o sr. Arrobas, em nome da ordem, trancará sua magestade na cadeia.

O inquerito industrial

Base engenhosa de um tratado, em que o inquerido dá a sua rhetorica, em que o inquerente recebe tres libras, e em que o tratado feito nem dá nem recebe cousa nenhuma.

No theatro do Principe Real no Porto, o actor Gama, faz beneficio com a *Mascotte*, no dia 27 d'este mez. Que a peça seja tanto *mascotte* no Porto como em Lisboa, é o que se lhe deseja!

Physionomia presumptiva do inventor das novas lanternas das carroagens americanas.

Divertimento absoluto applicado ao systema constitucional e por meio do qual as tradi
vidamente guardadas as distancias que existem na côrte entre o ultimo marquez de Marial
da Caridade o sr. Alfredo Anjos encarrega-se caridosamente de disfarçar a differença que ha
plicada pela nobreza ao eleitor da freguezia de S. Domingos. Viva a carta!

ascaes

senhora D. Maria I festejam os annos da senhora D. Maria Pia, de-
rimeiro conde do Paço do Lumiar. Para salvar a situação do Anjo
antiga gineta applicada ao cavallo d'Alter e a moderna picaria ap-

O novo conde

O despacho regio da ultima quinta feira eleva á dignidade de conde o nobre visconde do Paço do Lumiar, e esta promoção encheu de jubilo toda a sociedade portugueza, da qual são bem conhecidos os altos merecimentos que recommendaram á munificencia regia o joven titular.

Aquelles que nos campos da batalha viram chammejar na mão invencivel d'este moço a mesma espada que os seus antepassados illustaaram nas cruzadas, sabem quanto elle vale como guerreiro.

Os que no remanso dos gabinetes e das bibliothecas teem folheado as obras com que o erudito fidalgo enriqueceu o patrimonio intellectual da humanidade durante o ultimo quarteirão d'este seculo, sabem quante lhe devem as sciencias e as lettras patrias.

Na industria, são egualmente memoraveis os serviços que o eminente cidadão tem prestado ao desenvolvimento do trabalho, dando logar a que desde muito tempo a gratidão dos povos haja archivado o seu nome glorioso ao lado dos de Fulton e de Jacquard, de Lesseps e de Bessemer.

Nas chronicas mundanas do gosto, da elegancia e da moda, não é menos celebre este nome por tantos outros titulos glorioso.

Nos castellos e nas coutadas que constituem os vastos dominios senhoriaes d'este nobre, as grandes festas principescas, organisadas por elle, teem alcançado uma fama europea.

Os numerosos convidados de s. ex.ª, entre os quaes se contam as primeiras summidades da nobreza, da politica, das lettras e das artes, não poderão jámais esquecer essa regia hospitalidade que tantas vezes tem obrigado a Etincelle do *Figaro* a comparar as recepções de s. ex.ª com as do imperador Napoleão em Compiegne, com as do duque d'Aumale em Chantilly e com as de Rothschild em Ferrieres. De dia, as corridas ao veado e á raposa nos admiraveis cavallos das caudelarias de s. ex.ª precedidos da enorme matilha dos seus incomparaveis galgos. Pela manhã as partidas de *croquet* e de *lawn-tanis* nas esplanadas do parque e dos jardins. Ao fim da tarde o recolher dos cavalleiros e das amazonas, por entre as longas alas de criados de trompa ao tiracollo, vestidos com as elegantes librés da casa de s. ex.ª, de faca de mato á cinta, botas altas e chapeu tricorne debaixo do braço. Á noite, depois do jantar, as cavaletas da Patti ou os monologos de Coquelin, no grande salão, onde as tapeçarias de Beauvais reproduzem os idyllios de Watteau, onde o grande Herard de marfim suspira sob dedos de duquezas as melodias de Schumann, e onde as gardenias emurchecem nas casacas de s. ex.ª, pelas quaes o principe de Galles manda fazer as d'elle.

Por isso o paiz inteiro applaude n'este momento com um enthusiasmo indiscriptivel o acto de soberana justiça pelo qual el-rei se dignou de elevar um tal homem á dignidade de conde palatino ou conde de um dos seus palacio, *comes palatii nostris*, como o conde de Chatres ou o conde de Champagne no seculo XII.

A inveja mordaz d'alguns villões, a quem o nobre conde deveria mandar dar garrote em uma das forcas do seu feudo, teem propalado infamemente nos periodicos dos ultimos dias que o palatino não passa de um pobre selvagem ajanotado por pouco dinheiro na *Belle Jardinière*, e que se o monarcha o fez conde não foi senão porque elle atarrachou alguns logistas estabelecidos em predios que possue na praça de D. Pedro, para os obrigar a votar pelo governo nas ultimas eleições.

A calumnia é obvia. Se uma tal asserção tivesse visos de fundamento, é evidente que o soberano nunca haveria resurgido um uso merowingiano para elevar este seu vassalo ao palatinato. O mais que o principe faria seria cleval-o ao galopinato apenas. E fazendo-o conde em taes condições não seria jámais *do seu Paço do Lumiar*, mas sim, quando muito, *das lojas de fazendas brancas dos eleitores do Rocio !*

Bisca do paço do Lumiar

O novo trumpho puxado pelos parceiros na quinta feira passada.

A LIBERDADE DE IMPRENSA

Colloquio dos coveiros

— Achas que estará bem morta?

— Com as ultimas vinte querellas de ponta e mola que lhe espetámos no ventre, e com a bola da portaria prohibitiva que hontem lhe fizemos engulir, acho que não temos senão este derradeiro dever que cumprir toca a enterral-a!

— *De profundis!*

João da Silva Mendes

Jornalista democrata, fallecido em Vizeu no dia 22 d'outubro de 1881

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Sua Magestade Escriptor Publico de Portugal e dos Algarves e do visinho reino.

ESBOÇO CRITICO

O augusto personagem, com cujas producções intellectuaes cada vez se está honrando mais a litteratura patria, encetou a sua carreira de escriptor traduzindo Shakspeare de uma maneira inteiramente satisfactoria, isto é: mal.

Foi um enorme serviço prestado pelo principe ás bôas letras, porque a necessidade de uma tradução má das obras completas do grande vulto da litteratura ingleza, era geralmente sentida em toda a Europa culta. Os mais rudimentares principios da civilidade impediam as familias de manusearem os livros do poeta, cheios como desgraçadamente se sabe, de palavras porcas e de locuções mal creadas, que as traducções bôas reproduziam do plebeismo original com uma fidelidade sordida. A versão de sua magestade, feita na lingua da corte, em grammatica d'aia, n'um estylo azul e branco, de paninho, pregado com alfinetes em bambolins pelo discurso fora, conseguiu brilhantemente transformar o Shakspeare indecente dos velhos tablados londrinos, mostrando á plebe, a nu, os musculos dos braços, as cordovcias do pescoço e os cabellos do peito, n'um Shakspeare civilisado, de calça apolainada e bota fina, socio da Academia das Fenians, anediado a banha de lucia lima, de paletot clarinete e plastron de escadorios de veludo roxo subindo patamares de setim verde.

Seriamos faceiosos e despresiveis se deixassemos de confessar que ficou uma obra aceada esse Shakspeare lusitano, que a augusta penna do principe não sómente traduziu, mas fez mais: desonodoou, desengadelhou, catou, penteou, barbeou, fez unhas, tirou calos, vestiu, engraxou e constitucionalisou.

Graças ao real traductor, o alucinado Hamlet, restabelecido quasi inteiramente da scisma que o affligia ao luar dos terraços na casa paterna, pôde penetrar donairoso nos chás com cavaqueira e leitura das familias pudicas, residentes na cidade baixa, em condições litterarias perfeitamente proprias para ser empregado na caixa dos depositos e para servir cumulativamente á mesa do sr. conselheiro Basorra.

A Inglaterra tem um Shakspeare grosseiro *ad usum plebis*; mercê da regia versão, Portugal tem hoje um Shakspeare delicado *ad usum Delphini* (vulgo Delphim Guedes).

Levado pelos seus bellos e incontestaveis triumphos como traductor dramatico, o real escriptor, a cujos talentos nos honramos de prestar humilde mas sincera e respeitosa homenagem, resolveu entrar ultimamente na carreira jornalistica, ditando ao sr. Sagasta o famoso artigo sobre politica peninsular, que o mesmo sr. Sagasta publicou em uma folha de Madrid.

Na nossa dupla qualidade de subditos fieis e de criticos submissos do mui alto e poderoso escriptor, sentimos de todo o coração ter de dizer em abono da incorruptivel verdade, que sua magestade foi um pouco menos feliz na sua estreia na imprensa periodica, do que nas suas adaptações de Shakspeare ao cofre da Créche de Victor Manoel, e ao gosto artistico do Delphim... Guedes.

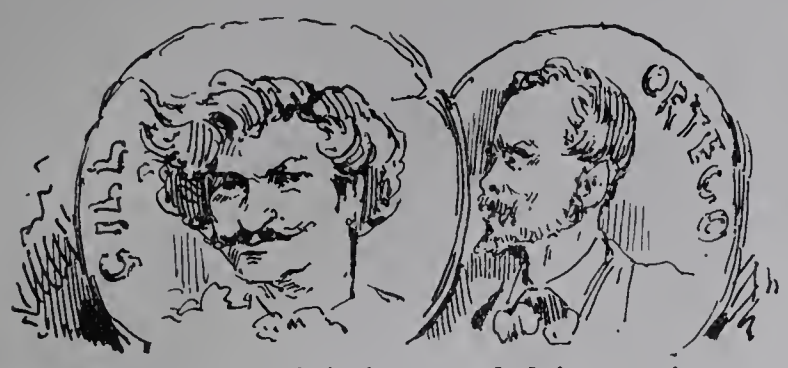
Ha perto de quinze dias que o excelso artigo dictado por sua magestade ao ministro hispanhol, appareceu nas folhas do visinho reino, e ainda até agora os commentadores de toda a peninsula á real prosa não poderam decidir se o magnanimo publicista queria dizer que era iberico ou se queria dizer, pelo contrario, que o não era.

Ora é de notar que na imprensa, o homem tem a liberdade de dizer o que quizer, colocando-se todavia fóra do alcance da querella. Allusões perfidas, calumnias, piadas, dichotes, biscas, asneiras, tudo lhe é permittido... menos uma coisa: que é o ser de uma opinião e ser ao mesmo tempo, simultaneamente, na mesma linha e na mesma palavra, de uma opinião especificamente contraria e adversa.

Estamos certos de que o coração bondoso do monarcha terá curtido acerbos remorsos perante a perturbação afflictiva que o seu primeiro artigo derramou sobre o espirito de todos aquelles que até hoje teem temerariamente ousado interpretal-o. Sua magestade é bom, é grande, é magnanimo principe. Sua magestade não poderá pois ser indifferente á dôr lancinante que n'este momento nos traspassa a todos, ao considerarmos que jamais, nem sobre este mundo d'illusões e enganos nem além da fria campa, nos será dado achar a interpretação authentica do augusto verbo communicado pelo real labio aos noticiarios madrilenos!

A culpa do que estamos padecendo não é do soberano, oh! não! E' das malditas leis, tão deficientes, tão latitudinarias, tão vagas! A quantas angustias nos não teria poupado o direito constitucional, se ao lado do aphorismo *o rei reina, mas não governa*, elle se não houvesse esquecido de acrescentar: *o rei traduz mas não faz noticias diversas!*

Ortego e Gill



Parabens a todos os inimigos verdadeiros e sinceros da caricatura!

Decididamente, na maré em que estamos, a providencia escuta os rogos dos que lhe pedem o exterminio d'esta incommoda e funesta forma da arte.

Dentro de uma semana apenas, dois dos mais poderosos mestres da satyra social, pelo desenho moderno, acabam de cair fulminados sobre a sua tarefa.

André Gill, o successor de Daumier, enlouqueceu. Ortego, o Gavarni hespanhol morreu.

O desaforo galhofeiro da linha na invectiva das veneraveis personalidades está felizmente decapitado. Sobre os destinos sociaes das mediocridades triumphantes, dos egoismos immobilisadores, das hypocrisias rendozas, dos pedantismos dirigentes, das falsas virtudes, das falsas glorias, de todos os despotismos em evolução na politica, na moral, na religião e na arte, pesam hoje duas gargalhadas demolidôras a menos.

Parabens pois ainda outra vez! Parabens aos inimigos! Parabens aos serios!

Na arte moderna o caricaturista Gill e o caricaturista Ortego, tiveram esta funcção social: destruir pela troça a idolatria das personalidades, firmando pelo seu exemplo de irreverencia este principio fundamental de todas as democracias: — que sómente as ideias são sagradas. Para que os homens que representam as ideias e que a certo momento nos governam em nome d'ellas, lhes não sobrevivam e nos não governem depois em seu proprio nome d'elles, é preciso acabal-os a tempo pela gargalhada geral, porque nenhum homem é tyranno desde que é grotesco.

Essa missão da satyra souberam perfeitamente comprehendel-a e cumpril-a os dois caricaturistas de que fallamos.

Gill contribuiu tanto no desenho como Rochefort no pamphleto, e como Michelet na historia para destruir e aniquilar inteiramente a legenda dos Bonapartes e pôr fim ao imperio. Fazendo da Espada do duque Magenta o chifarote mais ridiculo da França depois do do pae da Gra Duqueza, Gill preparou na opinião do Boulevard a queda do governo de 16 de maio.

Ortego fez durante muitos annos na politica hespanhola o risco excentrico por cima do qual a rainha Isabel foi para o exilio, e o rei Amadeu voltou para a Italia.

Nem Ortego, nem Gill receberam nem pediram coisa alguma aos governos que ajudaram a fundar, e teriam acabado pobrissimos, se um e outro não tivessem de de seu esse patrimonio magnifico que se chama—a convicção.

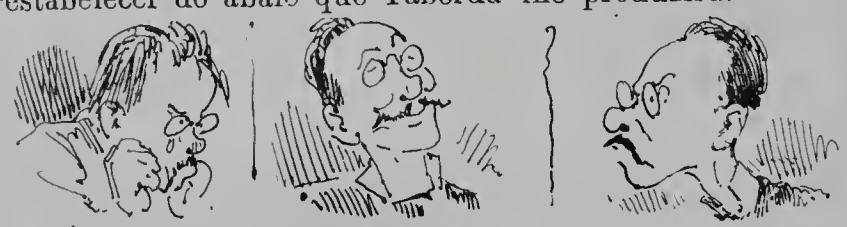
— Em que estado que o puseram, sr. Shakspeare !
— Obras do seu amigo, minha rica senhora !

SHAKSPEARE E A CARTA
A ultima versão

Chronica theatral e artistica

No Gymnasio, a *Voz do Sangue*. Desempenho encantador de Taborda. Comedia inteiramente desopilante. Tendo assistido a uma das representações d'esta peça o sr. Hintz Ribeiro foi levado em braços para sua casa.

onde esteve encerrado por tres dias, a chorar, para se restabelecer do abalo que Taborda lhe produzira. Pela



primeira vez na sua vida o sr. ministro sorrio. Folgamos de noticiar que s. ex.ª está em via de restabelecimento. Recuperou já as suas bellas côres verdes, e o seu aspecto era esta manhã quasi tão satisfactoriamente patibular como de costume.

Na Trindade, substituição da actriz Josepha pela actriz Visconti na *reprise de Piperlin*. A dama Visconti é um bonito presente que Francisco Palha recebeu da Italia assim como da Hespanha recebeu tambem ultimamente uma commenda. A Europa parece apostada em obsequiar este homem. A Visconti vale bem trezentas commendas de S. Mauricio e S. Lazaro!

Na sala Sassetti, primeira audição para a imprensa do novo pianista Rey Collaço, um artista de primeira ordem, que o publico fará bem em ir ouvir domingo no concerto da Trindade. Como instituição nacional é bom que o piano portuguez encontre de quando em quando para honra da arte um artista portuguez cujo talento possa, como o de Collaço, honral-o e ennobrecel-o.

No antigo attelier photographico de Henrique Nunes, primeiro ensaio da photographia electrica, uma boa innovação que vae permittir-nos, nos intervallos da valsa ou nos intervallos da opera, pousar para o *collodium* em vez de pousarmos unicamente, como até aqui, para o namoro.

Em S. Carlos, debute applaudido da senhora Donadio como cantora e do sr. Antonio Duarte como comendador.

Antonio, muito bem no seu novo papel de convidado de pedra de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

Na scena da ceia, depois do espectaculo, no Augusto, foi admiravel o brio com que s. ex.ª atacou o meio bife com batatas da ordem em que foi investido pela munificencia regia.

Parabens á empreza pela sua nova artista e pelo seu novo fidalgo!

Na alfandega, apparecimento brilhante de *Joli*, cão de ratos do sr. conselheiro Bazorra, recentemente collocado por s. ex.ª na repartição aduaneira na qualidade de caçador.

Joli acha-se escripturado por oito vintens por dia com aposentação e reforma.

O sr. conselheiro está educando mais alguns animaes domesticos para entrarem brevemente na scena publica.

Falla-se já no pintasilgo de s. ex.ª que será collocado no Conservatorio com um tostão por dia de ordenado e uma gratificação em alpista.

Chronica do amor

Lê-se no *Diario de Noticias*, secção nunciatoria:

«Envio a v. ex.ª estas expressões que são o sentimento que enleia minha alma. Sim!... tenho sido um batel sem leme, que decorridos longos annos, tenho bordejado nas vagas das suas juradas promessas, hoje não me resta duvida, ouvi o que v. ex.ª me disse, aspira a uma pessoa da sua gerarchia!... e porque não teve a franqueza de me dizer o mesmo quando a vi a vez primeira? Não lhe disse que a distancia nos separava? Desejo-lhe a felicidade que ambiciona. C.»

Qual é a distancia que pode separar este moço sem leme d'aquella que elle pretende levar comsigo ás cantatas do hymneu? Differença de gerarchias! — diz o batel... Não! não lh'o admittimos. Na sociedade democratica em que vivemos taes differenças não se reconhecem.

Ha um abysmo de distancia entre os dois jovens? As instituições modernas estão aptas para prehencher esse abysmo... Que o sr. Arrobas empreste uma das suas botas!

A ULTIMA HORA

GOMES LEAL REEMGAIOLADO

O OUTOMNO DOS CARICATURISTAS

A queda das folhas n'esta semana

André Gill, louco. Ortego, morto

THEATRO DE D. MARIA

A Princeza Bagdad

A Princeza Virginia

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Saudando fraternalmente os redactores da *Folha Nova* que a semana passada nos trouxe a Lisboa, o *Antonio Maria* presta a devida homenagem ao mais vivo e ao mais alegre espirito das letras portuenses.

L'homme rouge

Pelo crime de haver escripto que o *sr. governador Arrobas fora preso um dia nos seus tempos de sargento por coisas e tal*, o redactor do *Mandarim* foi chamado ao tribunal pelo governador offendido. O tribunal conspicuo absolveu o *Mandarim* e condemnou nas custas o governador.

Este desfecho lastimavel prova que a vingança é má conselheira de governadores.

Antes de punir Carlos v pedia conselho a Carlos Magno. E Carlos Magno, com a benevolencia caracteristica de todos os reis depois de mortos, respondia-lhe de dentro do seu tumulo com o calembourg famoso:

Mon fils, parle à Clemence!

E' o que nos parece que deveria ter feito o governador offendido antes de descarregar a sua colera sobre o *Mandarim*: — interrogar Carlos Magno e conversar com Clementina. Eis o que seria um desforce nobre e ao mesmo tempo terrivel.

Dirigindo-se ao sr. visconde do Rio Sado em vez de se dirigir directamente a Carlos Magno, o governador andou mal. Perdeu o processo de bom official subalterno como sargento, e ganhou a reputação de homem sanguinario como governador. O réu não sangrou e todavia o auctor ficou para sempre vermelho...

— Com a tinta que eu paguei! — dirá s. ex.ª

Mas a opinião indignada bradará:

— Não! tu estás vermelho mas é do sangue innocente dos jornalistas que devoraste, ó fera!

E sempre que s. ex.ª atravessar as lamas do Chiado para a travessa da Parreirinha, as Marions, apontando os canos das botas de s. ex.ª, rubros e tragicos, dirão:

Voilà l'homme rouge qui passe!

E todos os ecos da cidade repetirão em côro e em vernaculo:

La vae a passar o doutor rôxo!

Pela nossa parte, a verdade e, mais particularmente ainda, o vil interesse obrigam-nos a declarar uma coisa:

S. ex.ª está innocente. S. ex.ª é bom governador assim como foi boa praça de pret, bom furriel e bom cabo. Como sargento as suas quatro bichas estão ao abrigo de toda a allusão impura, aleivosa e cobarde.

Esta franca declaração fazemol-a, livre e expontaneamente, com o intuito sagrado de evitar ao sr. escrivão o trabalho de uma nova querella e de poupar s. ex.ª o sr. governador á despeza de novas custas.

Os anniversarios regios

Ha uma especialidade em que está provado que é absolutamente indiscutivel a alta competencia das testas coroadas.

A especialidade a que nos referimos é a de fazer annos.

Em todos os demais ramos da actividade humana a iniciativa dos soberanos é vivamente contestada pela critica adversa. Se elles fazem traducções, carga! Se fazem viagens, carga! Se fazem discursos, carga! Se fazem allianças, carga! Se fazem namoro, carga! Se fazem projectos de casar, carga! Se fazem votos de ficar solteiros, carga!

As pautas estão-se ahi a fazer e a refazer todos os dias para proteger o trabalho de todo o mundo; só ninguem pensa em mandar ao paço o inquerito industrial para proteger o trabalho dos principes!

Por isso se comprehende bem que elles hajam encerrado as suas faculdades em não fazerem senão annos, mas em os fazer bem. As brilhantes provas dadas a publico por occasião das ultimas galas mostram-nos que as testas coroadas o conseguiram. Acabamos de ler todos os sediciosos pamphletos republicanos que se publicam na cidade para dizer mal de tudo quanto se faz na monarchia, e folgamos de constatar com alegria que nem um só se atreve a abrir o bico sobre o modo correcto como os reaes annos foram feites. Estamos portanto todos d'accordo em applaudir por unanimidade... Ora ainda bem! Applaudamos pois!

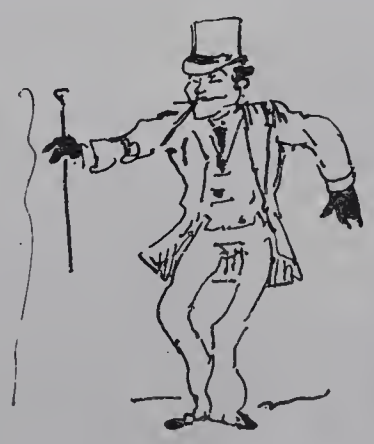
A cidade do Porto, a *primeira sempre em todas as iniciativas arrojadas* (vidè relatorios do Palacio de Crystal e discursos do rei em viagem ao finado Pinto Bessa) acaba de augmentar a lista das suas creações gloriosas com a fundação de um instituto destinado a uma fama eterna.

O Porto, que tinha já tres torres de clerigos, a saber: Adriano Machado, Conde de Samodães e a outra; que tinha a associação catholica; que tinha o Palacio da Bolsa; e que tinha a viscera de Pedro, além de muitas outras curiosidades religiosas, monarchicas, commerciaes e artisticas—tem mais hoje a nova sociedade intitulada *Parturiente funebre e familiar*.

Dizem os dois conspicuos jornaes da Ferraria de Baixo assim como as demais folhas portuenses que a dita sociedade se acha destinada a prestar ás familias os mais relevantes serviços, quer seja no estado interessante a que se refere o primeiro termo do titulo; quer seja no *articulo mortis* a que se refere o segundo; quer seja finalmente na bisca, no voltarette, no loto ou nos simples hás com cavacas frescas e cavaqueiras serias a que se refere o terceiro.

Pela parte que nos respeita estamos tão conscios da benefica influencia que a nova associação exercerá sobre as massas por meio da acção tão sabiamente combinada dos forceps, dos caixões de defuncto e dos jogos de vasa, que não sómente applaudimos do intimo d'alma os fundadores da *Parturiente funebre familiar*, mas pedimos ainda que ella estenda á capital a esphera dos seus beneficios, estabelecendo aqui uma succursal cujas secções poderão ser facilmente repartidas por este modo:

Secção funebre.



Secção familiar.

Secção parturiente.

AS CEREMONIAS

Festas do real

O BEIJA-MÃO

O nosso tributo de homenagem á mão.

As boias luminosas

A tinta luminosa recentemente applicada ás boias das embarcações surtas no Tejo parece não ter dado todos os resultados que o inventor tinha em vista. Lembramos a applicação á politica do descobrimento consagrado á nautica. Introduzir no governo o uso da tinta luminosa em vez do da agua Circassiana parece-nos ser para as instituições um aperfeiçoamento importante.

Pintar as cabeças dos ministros de modo que elles não sómente esclareçam as questões com as luzes dos seus entendimentos mas tambem com as dos seus narizes, é de uma vantagem em que se nos figura ocioso insistir.

Temos para nós que será um dia de jubilo entranhado para toda a nação aquelle em que o ministerio, acceitando benevolo a idéa que lhe suggerimos, adoptar o distinctivo destinado ás boias e nos apparecer beneficiado pela nova tinta luminosa da maneira seguinte:

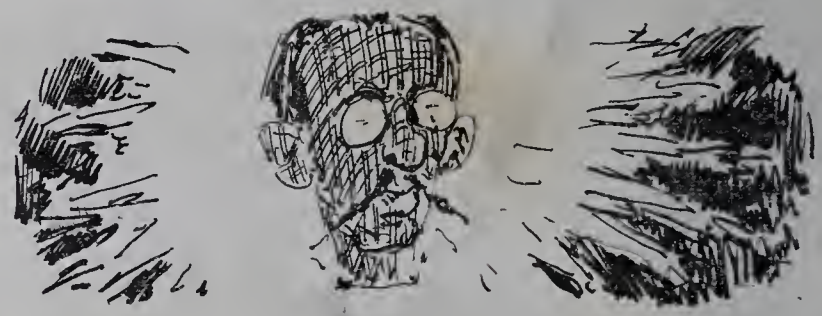
Luminaria do Reino. — Azul e branca com bichas vermelhas.

Luminaria da Fazenda. — Fundo pardo com a cifra do deficit escripta na testa em letras de gaz.

Luminaria da Justiça. — Arabescos de furta-côres.

Luminaria dos Extrangeiros. — Cor da noite dos trovões com pingos côr de cera virgem.

Luminaria da Guerra. — Assento côr de creme com raminhos soltos.

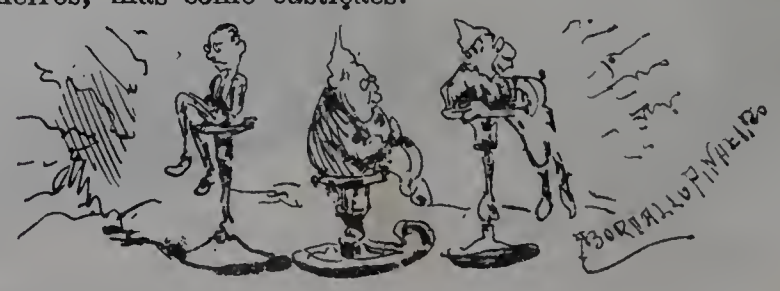


Luminaria das Obras Publicas. — Côr de lama de Paris em xadrezinho miudo.

Graças a este sabio melhoramento, os srs. ministros, ainda que no meio das trevas da mais profunda anarchia, achar-se-hão sempre assignalados para o respeito dos povos na via publica, por meio das suas luzes, como os postos medicos e como as casas de pasto.

Nas reaes festas, collocados em festões em torno do solio do principe, elles serão ao mesmo tempo a expressão augusta da ordem e a espontanea manifestação do publico regosijo.

E nas sessões nocturnas do parlamento, nas formidaveis luctas da oratoria de depois de jantar, elles presidirão aos debates tribunicios, dominando solemnemente os problemas da governação não só como cavalheiros, mas como castiçaes.

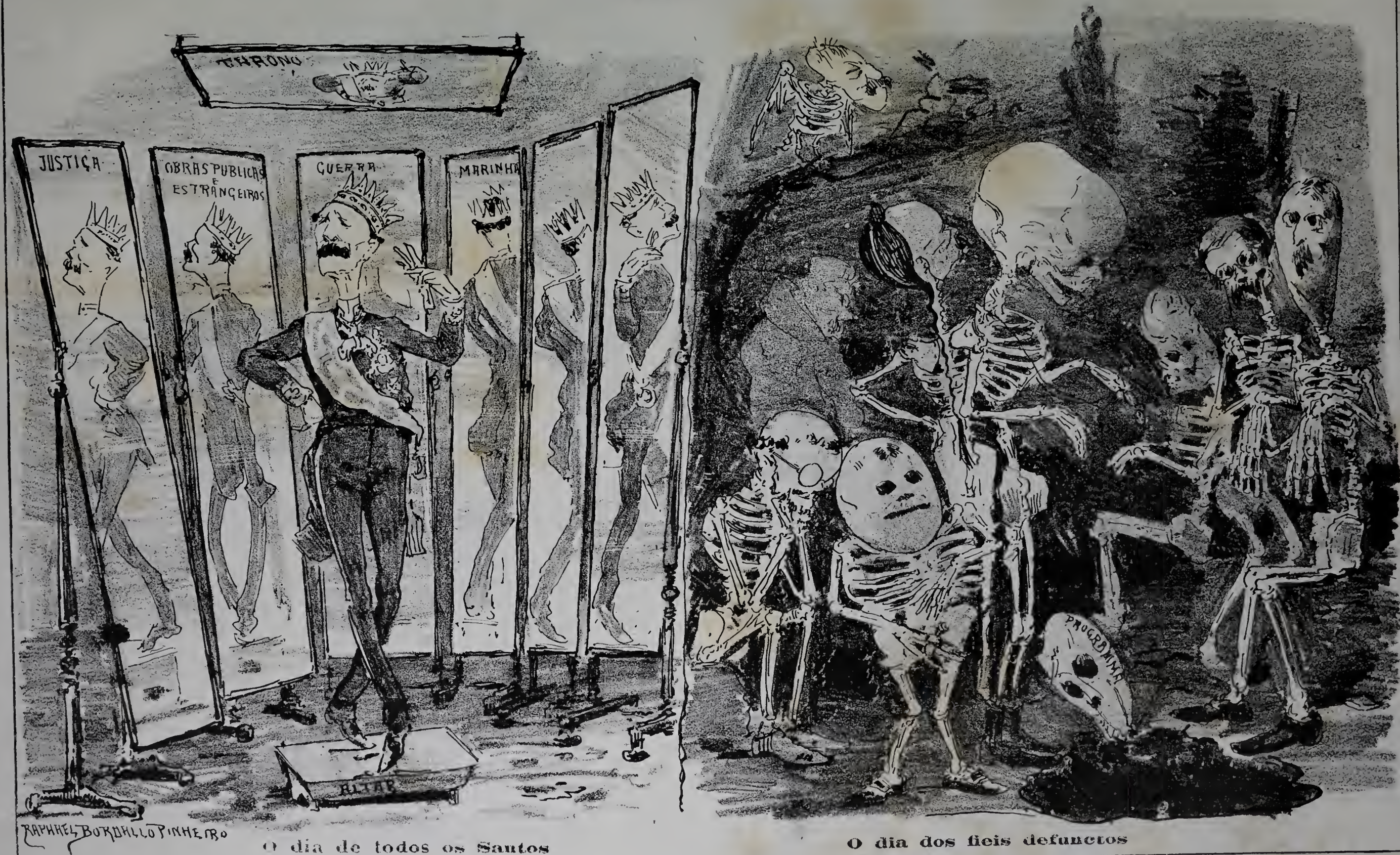


As eleições municipaes

Emquanto o eleitor dorme o somno candido da indifferença no meio da mais suja, da mais miasmatica e da mais labrega de todas as capitaes da Europa, os agentes eleitoraes encebam á pressa as rodas do sufragio. Por isso lemos nos jornaes que ha um grande movimento; que está tudo movido. Eis effectivamente como tudo sairia no cliché, se a situação se photographasse agora.

Muito mexido tudo!

AS CEREMONIAS DA SEMANA



O dia de todos os Santos

O dia dos fieis defunctos

SUPPLEMENTO AO N.º 127 DO «ANTONIO MARIA

A ELEIÇÃO MUNICIPAL
A ZÉ POVINHO

Olho!...

Olho na pastellaria! nariz na cidade!

A instrucção municipal

Amigo Povo! José! — Chamam-te para ires votar ámanhã pela manhã nos homens a que teem de ser confiados os interesses da tua educação e da tua saude, os destinos da tua vida como animal e como cidadão. Vae. Mas antes de votar, arregala esse olho. Se elegeres gente nova que não venha a servir-te para coisa nenhuma, serás — um infeliz. Se elegeres gente velha, que te provou já, até uma saciedade hydropica, que não presta para nada — serás uma besta. Lembra-te que ha vinte annos que não tens coisa que se pareça com o que se chama no resto da Europa uma administração municipal. Onde está o teu lyceu? Onde está o teu *jardim d'infancia?* Onde está o teu jardim de acclimatacão colonial? Onde estão as tuas dokas? Onde estão as tuas bibliothecas populares? Onde estão os planos das tuas edificações? Onde estão os teus banhos e os teus lavadouros publicos? Onde está o programma da decoração das tuas praças e dos teus edificios municipaes? Onde está o teu museu industrial? Onde está a limpeza dos teus canos? Onde está finalmente a applicação do teu dinheiro entregue ás vereações encarregadas de o dispender em teu proveito? Abre pois o olho, José! Porque se o não abres, deixas de ser para sempre o *Zé Povo*. Serás apenas o *Zé Camelo!* E merecerás morrer como eleitor do mesmo modo que tens vivido como municipe: — pobre e pôdre.

A hygiene municipal

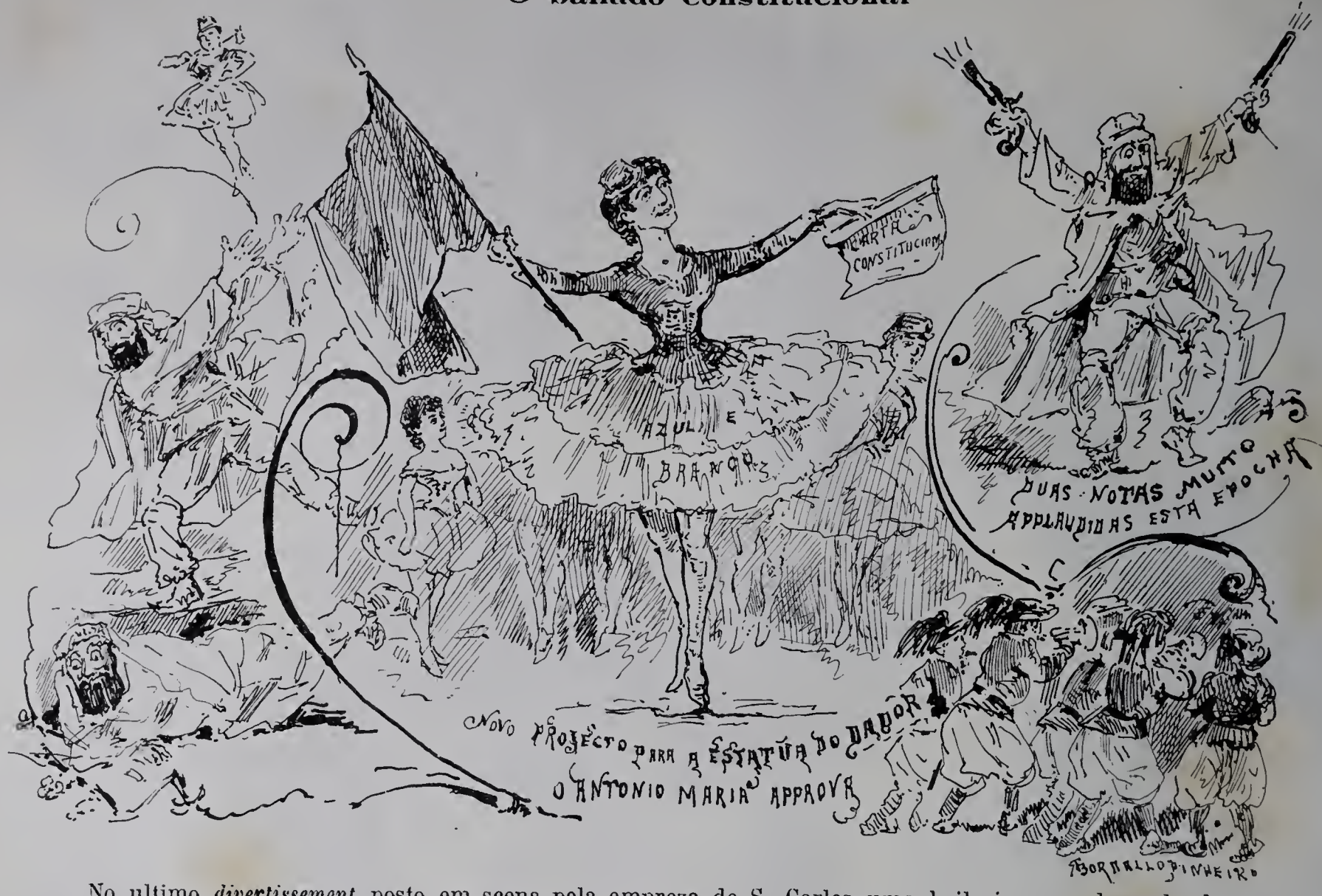
Lithographia Guedes, rua da Oliveira do Carmo

PREÇO 20 RÉIS

A *Dinorah*, implacavelmente cortada com mais golpes de tesoura e de canivete do que é uso dar nos contratos, deixou apenas intacto o talento delicado e a vocolisação prodigiosa da artista Donadio.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

O bailado constitucional



No ultimo *divertissement* posto em scena pela empreza de S. Carlos uma bailarina sae da onda de panno patente ao fundo: um raio de luz côr d'ameixa rainha claudia cae do alto; comparsas de grandes barbas formam alas em attitudes academicas, difficeis e immoveis; a orchestra toca o hymno; a bailarina, com a bandeira portugueza em punho, desce ao proscenio dançando o hymno... É a carta na sua derradeira encarnação choreographica, outhorgada ao regosijo das massas—em *maillot*. Em torno d'ella seus differentes artigos tocam marimbas. Grandes applausos do povo livre ao bailado fundamental da monarchia.

Theatro do Gymnasio

Sabbado proximo, o beneficio de Beatriz, juntamente com a primeira representação do *Divorcio*, que vae entrando no reportorio do Gymnasio em quanto não entra no texto do codigo civil.

Circo Price

Tony Grice, pateado em um dos ultimos espectaculos, botou discurso ao publico Recommendamol-o para deputado serio. Um palhaço que se faz orador dá-nos boas garantias de não ser um orador que descaía em palhaço, como frequentemente succede aos acrobatas da tribuna. Pede-se um deputado para o Price. Fica prevenido o sr. Basorra de que existe essa vagatura.

O homem roxo que continua a passar

Pendente dos tribunaes, o processo *Arrobas-Progresso*. O *Progresso* accusou Arrobas de não pagar aos cocheiros as corridas das tipoias em que anda. Para restabelecer a secreta verdade dos factos, Arrobas converte-se de governador civil em governador judicial, e chama os cocheiros a deporem no tribunal de s. ex.ª sobre os caurins em letigio.

Pela nossa parte, aguardando tranquillos as resoluções da justiça, julgamos util fazer presente aos cocheiros da effigie abaixo desenhada, a fim de os poupar a novos desgostos e a mais dolorosos transes perante a vara do sr. Arrobas e do crime.

Modo de usar a effigie: — Recorta-se da pagina, colla-se sobre um disco de cartão e pendura-se por uma fita a uma casa da sobrecasaca. Sempre que o cocheiro é retido por um viandante, coteja a effigie com o rosto do burguez. Dando-se a coherencia, o cocheiro rependura o desenho, e obriga o original a pagar adiantada a corrida.

Esta Babilonia...

Porlido Martins, um poeta de Vianna do Castello, acaba de publicar em uma collecção dos seus versos, a seguinte descripção da Caza Havaneza, que reproduzimos porque ella é um ecco, provavelmente fiel, da fascinação que exercem os attractivos da capital sobre as imaginações minhotas:

Uma noite entrei na Havaneza
E vi o recinto da sua belleza,
As luzes allumiavam com'o dia
E os raios crusavam-se á porfia,
As muzas de contentes saltavam,
Nas mentes onde ellas estavam,
Ali! Estavam todos os elementos
Que bem entretinham os pensamentos!
Ouviam-se sons toantes
D'alguns poetas amantes;
Ouviam-se palavras technicas
Dos filhos das polytechnicas...

.....

D'esta simples ideia que elles teem da Casa Havaneza, nas margens do Lima, se póde facilmente deduzir o que elles pensam das outras instituições concomitantes: do throno, do Matta, do theatro de S. Carlos, do Passeio Publico, da Côrte e do botequim do Montanha! E comprehende-se bem que a provincia seja conservadora, como é, que deteste todos os movimentos revolucionarios que ponham em abalo esta interessante caranguejola, e que votem fanaticos pelo sr. Fontes que a conserva em pé, em quanto Porlido e outros não tiverem acabado de vir todos engolphar-se successivamente n'este cano da promissão.

Cá os esperam — como prophetisa o vidente de Vianna do Castello — os deslumbramentos da companhia do gaz cruzando os raios, as ceias transbordando ostras e vinho de champagne, as musas saltitando em torno das brevas de Hamburgo, os discursos parlamentares e os beijos dos Lolas trocando-se por trez mil réis uns nos outros, a opera, os touros, a dobrada com hervilhas os poetas amantes, o sr. Arrobas, o Justino, a phylarmonica *Prussianos do Seixal*, os sons toantes, as palavras technicas e as febres podres.

Vinde! vinde a nós, ó Provincianos!

Mais tarde a Provincia vos inscreverá na lista dos seus jacobinos, quando a Capital vos houver restituido ás vossas respectivas parochias, tisicos ou diabeticos, vasios da cabeça e dos bolsos, despeitados e imbecis.

O resultado das ultimas eleições republicanas em Lisboa estabelece a medida do movimento progressivo com que se vae apertando sobre os factos a grande prensa chamada - a opinião.

O MOVIMENTO ELEITORAL

As eleições municipaes

Celebraram-se no domingo, recahindo a maioria dos suffragios na lista patrocinada pelo governo.

Comprehendemos perfeitamente que o governo tenha uma lista e que procure fazel-a votar pelos cidadãos.

O que porém não comprehendemos, em quanto ao governo, é que elle confeccione a sua lista com nomes de sujeitos que podem ser as melhores pessoas d'este mundo mas que na sua grande maioria nunca nos deram das suas compacidades intellectuaes senão provas nullas ou negativas.

Os vereadores da cidade de Paris são homens conhecidos em todo mundo. Nós contentar-nos-hiamos com que os vereadores de Lisboa fossem conhecidos nas suas freguezias; e perguntamos a essas freguezias, perguntamos a Santa Isabel, a Santa Engracia, a Santa Catharina e a Santa Justa e Rufina: As senhoras conhecem-os?... Francamente!... Se os conhecem digam-o! Que ha do Coriolano? Que consta do Andrade? Que se sabe do Oliveira? do Araujo? do Nunes? do Pereira? do Assis? do Pinto?... Sabe-se alguma coisa?

Nós andamos aqui ha tres dias com as encyclopedias biographicas para traz e para deante, e não encontramos nada a respeito da vida e obras de nenhum d'esses vultos.

Pertencem á sciencia? pertencem á litteratura? pertencem á philosophia? pertencem á arte? São seres vivos? são reliquias historicas? são entidades metaphysicas? são ficções poeticas? são abstracções mathematicas?...

Digam-o por Deus! Se alguem o sabe, que se accuse e o declare!

E se ninguem o sabe, se Justa nunca os leu, se Rufina nunca os ouviu, se Engracia nunca os apalpou, se Isabel nunca os viu mais gordos, onde diabo é que os foi buscar o governo para os impingir á municipalidade? Tirou-os á sorte no resenceamento geral da população? Apanhou-os á rede ao sahir das missas? Extrahiu-as da Santa Casa da Misericordia? Mandou-os vir dos asylos? subtrahiu-os ao exercito?...

Ignoramol-o.

Emquanto aos cidadãos, o que não comprehendemos é que, estando por organisar em Lisboa todos os serviços municipaes, a hygiene publica e particular, a alimentação, o ensino, a assistencia publica, a circulação, a limpesa, a edificação, a decoração das praças e dos edificios municipaes, a estatistica, a administração, etc. etc. etc. – os cidadãos eleitores votem para a adjudicação d'esses serviços o primeiro que apparece, em vez de votarem o unico que saiba.

Desde que Lisboa não quer decididamente votar pela competencia, parece-nos então que o melhor que tem que pedir é a recondução do terremoto, porque uma cidade faz melhor figura arrasada pelo despreso de Deus do que dissolvida pela inepcia dos mortaes.

E' vulgar na imprensa a publicação dos agradecimentos dirigidos pelos chefes de familias aos facultativos que lhes trataram os parentes. O *Espectro da Granja* offerece-nos no seu numero de sabbado passado um caso novo d'esse genero. São uns versos em que o sr. Antonio Gonçalves da Costa Lima, da cidade do Porto, agradece o *bom successo* de uma sua filha,— *bom successo* em que morreu o menino — não ao seu medico nem á sociedade portuense *Parturiente funebre familiar*, mas simplesmente — á *Virgem Santissima*.

Parece-nos que este poeta exorbita um pouco das liberdades do officio, e pedimos licença para lhe dirigir sobre esse ponto algumas breves reflexões, a que os inflexiveis deveres da critica nos obrigam.

Em primeiro logar tomamos a liberdade de advertir o poeta de que o modo como as nossas filhas dão á luz as nossas netas — ainda mesmo quando esse modo seja como s. ex.ª diz *afflictivo, lethal e horrido* — não é jámais um assumpto, que segundo as artes poeticos que temos compulsado, se deva escolher para fazer sonetos.

O exemplo dos bons auctores que precederam o sr. Costa Lima no trato das musas aconselha-nos a amarrar o Pegaso á argola por um cabresto curto e a obrigal-o por todos os meios a estar quieto durante os momentos que s. ex.ª preferiu para trotar no Parnaso.

Egualmente inopportuna se nos figura a dedicatoria do sr. Lima. Consagrar a uma virgem uma poesia do genero obstetrico é levar até á pornographia em verso o direito que cada um tem de ser maligno e ironico com as damas.

Quando essa virgem é precisamente — como o poeta confessa — a Virgem Santissima, a sem ceremonia de lhe fazer trovas cuja publicação no *Espectro da Granja* nem ella nem nenhum dos seus parentes auctorisaram, duplica de irreverencia poetica e de desacato litterario.

Bem sabemos que não serão de certo os Irmãos de Nossa Senhora, bons homens mas pouco cavalheirescos, e além d'isso muito ocupados em arranjar o ceu com bons empenhos e com pouco trabalho, os que virão pedir ao sr. Lima a responsabilidade pessoal dos seus abusos d'estro. Esses irmãos — conhecemol-os bem — pode até ser que gostem. Mas do que o sr. Lima se não livraria certamente, se estivesse em contacto um pouco mais intimo com as delicadezas da arte, seria de

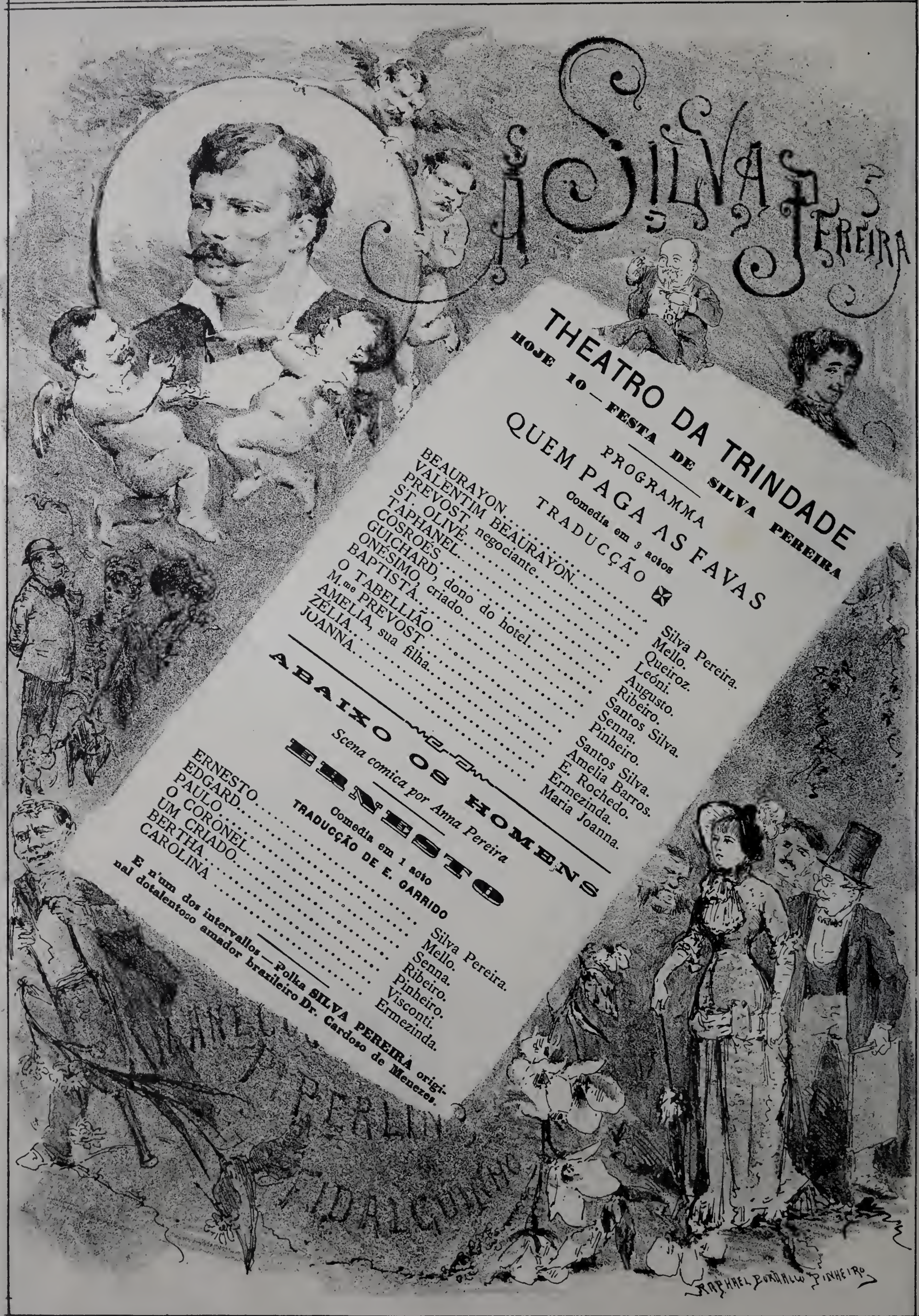
apanhar uma coça dos anjos de Murillo, que são os representantes da eterna poesia sobre o throno celeste da immaculada e divina belleza.

Que o sr. Lima se acautelle portanto, e que a *Parturiente funebre familiar* o proteja nas futuras producções

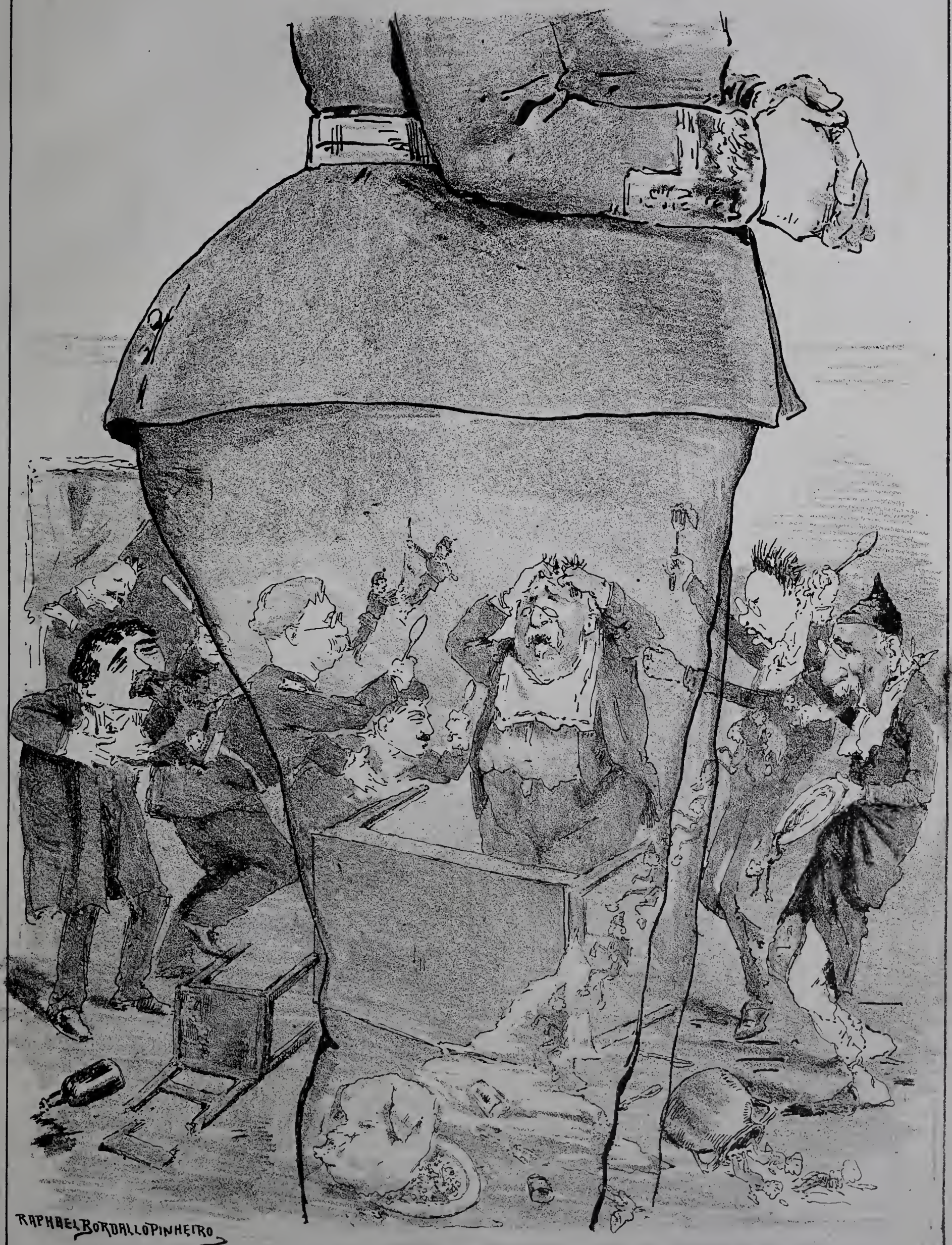
metricas que hajam de inspirar á sua veia de pae e de trovador as relações physiologicas da familia com a obstetrica!

O maestro Antonio Duarte

Eis o retrato do illustre maestro e applaudido fidalgo sr. Antonio Darte, segundo o *Cosmoramma, Pittorico*, de Milão. Ha evidentemente um equivoco do retratista. O nobre maestro é, pelo contrario, do seguinte modo:


SILVA PEREIRA
THEATRO DA TRINDADE
HOJE 10 — FESTA DE SILVA PEREIRA
PROGRAMMA
QUEM PAGA AS FAVAS
Comedia em 3 actos
TRADUCÇÃO
BEAURAYON.....Silva Pereira.
VALENTIM BEAURAYON.....Mello.
PREVOST, negociante.....Queiroz.
ST. OLIVÉ.....Leóni.
TAPHANEL.....Augusto.
COSROÉS.....Ribeiro.
GUICHARD, dono do hotel.....Santos Silva.
ONÉSIMO, criado.....Senna.
BAPTISTA.....Pinheiro.
O TABELLIÃO.....Santos Silva.
M.me PREVOST.....Amelia Barros.
AMELIA, sua filha.....E. Rochedo.
ZELIA.....Ermezinda.
JOANNA.....Maria Joanna.
ABAIXO OS HOMENS
Scena comica por Anna Pereira
ERNESTO
Comedia em 1 acto
TRADUCÇÃO DE E. GARRIDO
ERNESTO.....Silva Pereira.
EDGARD.....Mello.
PAULO.....Senna.
O CORONEL.....Ribeiro.
UM CRIADO.....Pinheiro.
BERTHA.....Visconti.
CAROLINA.....Ermezinda.
E n'um dos intervallos — Polka SILVA PEREIRA original dotalentoso amador brazileiro Dr. Cardoso de Menezes.
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Os acontecimentos politicos
A crise



Como no dia de S. Martinho, á ceia principiou a crise. Scena vista atravez da transparente allusão da imprensa ás reformas da arma de cavallaria.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A dissolução ministerial

Foi no dia da serração da velha que a cambulhada se constituiu e foi em estado ao paço apresentar-se ao monarcha.

— Ahi está a rapaziada que se póde arranjar — disse Sampadius, pondo-os em fórma, maternalmente, em roda do throno. Tudo gente nova, ousada, corajosa, instruida, avida de renome e de gloria... E' quanto por ahi de mais apto para resolver luminosamente, dentro da sciencia e dentro da justiça, os graves problemas da governação publica.

— Quem é esta creança? — perguntou o rei, collocando ternamente a ponta do seu real dedo sobre o queixinho macio e polpudo de um dos jovens.

— Este é Bazorra — respondeu Sampadius — mocinho semita, mui forte em nominativos e em tamaras. O systema vertebral, proprio da sua raça, exorna-o com esse elegante e magestoso appenso, a que vulgarmente chamamos ..

E Sampadius, inclinando-se, disse o ultimo termo da phrase, baixinho, a uma das orelhas da corôa.

O principe arregalou dois olhos como dois pucaros.

— E verificaram que elle effectivamente o tem?... Interrogou commovidamente sua real magestade.

— Elle o jurou por Mafoma, pelo seu grau de bacharel em leis, e pelos seus trinta dinheiros.

— Bem! bem! — exclamou a corôa esfregando as mãos com jubilo — está então salva a situação.

E voltando-se para os camareiros que circundavam o solio:

— Jámais fecheis as portas de meus reaes paços sobre o dorso d'este precioso menino: poderieis trilhal-o.

Em seguida, dirigindo-se aos jovens:

— Mancebos! diz-me aqui assim Sampadius Rusticus Pata que Rodrigues, do meu conselho, que vós vos achaes nos casos de irdes cerrar a velha. Sentis-vos com forças para isso?

— Sentimos! Sentimos! — Conclamaram os meninos todos com ardor.

— Ide pois! — concluiu a corôa, fazendo com o respectivo sceptro o molinete magestatico, conhecido pelo nome de *jogo de varrer* na technologia da pragmatica.

Assim começou a reinação famosa, que os Curcios e os Livios celebraram na historia com a denominação de Bazorrada, tirada do patronimico Bazorra.

Chega ao cabo de seis mezes o praso de virem os jovens referir ao parlamento qual o modo como corresponderam á confiança da corôa, cerrando a velha da governação. Vem o dia solemne de S. Martinho, consagrado pela tradição catholica e constitucional ás provas do vinho novo e bem assim ao sacrificio augusto do lombo de porco e da castanha assada.

Obrigados pelos estatutos da confraria dos pacatos, a que pertencem como é sabido, os jovens tiram as devidas provas ao novo arrumando-lhe para a frente, sacrificam o quadrupede frito e o farinaceo assado, e em seguida, imprevistamente, inesperadamente, caem por terra.

Antes de caírem, dizem as folhas que houve accesa disputa, em que os jovens bateram uns nos outros e pelas paredes.

Porque bateram? Porque cahiram?

Sobre esse ponto divergem os chronistas. Eis em resumo as differentes versões explicativas do phenomeno:

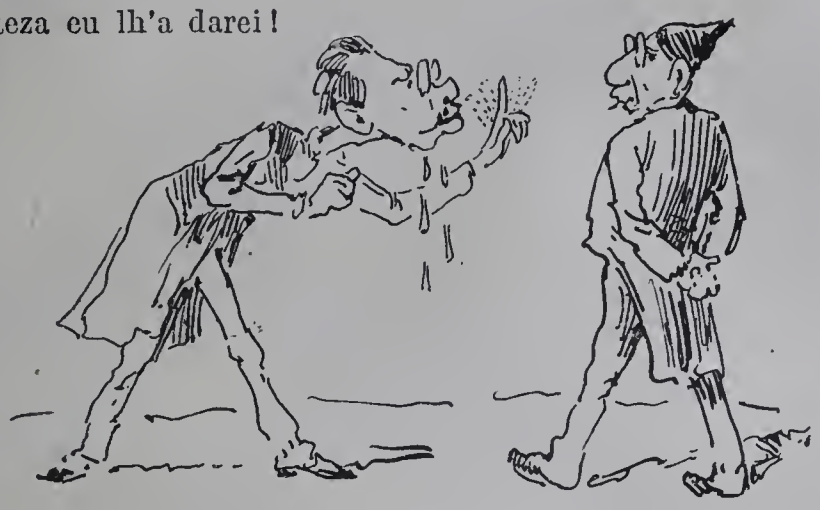
Dizem uns que a briga principiou pelas castanhas, sobre as quaes a voracidade judaica de Bazorra se exercera de um modo que obrigára os seus collegas a considerarem a presença de s. ex.ª no governo como uma nova calamidade publica — o roedor-vastatrix dos castanheiros.

Outros affirmam que a contenda tivera por origem a simples divergencia de opiniões politicas ácerca dos methodos que cada um propunha para serrar a velha, consoante o que lhes fôra incumbido pela confiança da corôa.

Hintz Flumen, debulhado em lagrimas, exigia como condição *sine qua non* que fosse decretada a tristeza obrigatoria e gratuita em todo o paiz para um e outro sexo; que todos os contribuintes fossem obrigados, sob pena de relaxe e penhora, a carpirem sobre as urgencias do estado, e que ninguem mais fosse recebido nas carreiras publicas, no exercito, na armada, na magistratura e no professorado, sem previamente haver apresentado attestados authenticos de ictericia.

Bazorra, palitando os dentes e extrahindo magustos moídos das covas dos molares, dizia:

— Deixemo-nos de pieguices! o paiz do que precisa é de empregos publicos. Dèem-me empregos, que a tristeza eu lh'a darei!



— Não, seu judeu! — replicava-lhe Hintz, com chafarizes de lagrimas na voz — desenganem-se que a nação não precisa senão de uma unica coisa, que é fel!

— Discordo! — obtemperava o israelita.

Convidado por Sampadius Rusticus adque Rodrigues, a propor o seu plano, o rabino disse:

— O meu programma é simples. Consiste apenas em crear mais duas ou tres alfandegas e mais cinco caixas de depositos e de amanuenses. E'-me impossivel salvar a patria sem a dotar com mais umas trezentas boccas que, para ajudar á limpeza dos comedouros publicos, eu tenho ainda de reserva em minha casa, entre filhos, parentes, adherentes, gailegos, apalpadeiras e animaes domesticos.

O innocente da guerra exigia uma nova promoção de coroneis. Porque — dizia s. ex.ª — só por meio de uma forte emissão de coroneis supplementares conseguiremos reanimar o importante commercio da amendoa torrada e da pera secca, — accepipes de que as altas patentes militares são proverbialmente avidas. E' mister restabelecer na opinião publica esse antigo prestigio, que desde a patulcia até hoje os nossos guerreiros souberam conquistar pelo seu furor mavorcio, exercido sobre o doce secco e sobre a amendoa coberta.

O menor da pasta da fazenda opinava em sentido diverso.

— Uma dura experiencia de seis mezes sobre as necessidades do thesouro no paiz, e sobre as aguas alcalinas e carbonatadas do estrangeiro, tem-me convencido até á saciedade — explicava elle — que a unica base solida sobre que repousa o progresso economico das sociedades, é o barbeiro. Lá estão já tres artigos do meu programma de governo em applicação na alfandega. No fim do anno, a estatistica do movimento das barbas n'aquella importante repartição do estado, convencerá os mais incredulos da importancia decisiva que tem o rebolo e as navalhas de Rodgers, quando manejadas por mão firme, sobre a extincção do *deficit*. Concluindo direi que, para o fim de levar a cabo o systema de reformas financeiras que tenho em projecto, preciso que as côrtes e o François me habilitem com mais barbeiros.

— Senhores! — disse o menino da marinha, usando da palavra por seu turno — de todos vós é bem conhecido o maravilhoso incremento que nos ultimos annos tem tido o mexilhão. Esse saboroso marisco não cessa, um só instante, de invadir as quilhas gloriosas e extaticas dos nossos vasos de guerra. Ha cinco mezes que eu não faço outra coisa do que metter os navios no dique, para lhes tirar o mexilhão e lançal-os depois á agua para lh'o tornar a pôr. Para o fim de acabar de uma vez para sempre com este estado de coisas, a minha idéa consiste em mandar fazer toda a esquadra de caldeirada, e vendel-a de noite pelas ruas, em alguidares. Para isto, porém, preciso de pretas. Tendes pretas?

Eis o painel do novo advento politico do ministerio Fontes Pereira de Mello, tal como Raphael, o pintor dos milagres, o previu e o annunciou ha trezentos annos. Hosanna nas alturas... da Cotovia!

Os acontecimentos politicos
A transfiguração

Houve um silencio tetrico, porque o gabinete não tinha pretas. Bazorra offereceu para as substituir algu-

mas apalpadeiras, tingidas com pós de sapatos, mas esta trica miseravel, só propria de um infiel vendilhão de chinellas de moiro, foi unanimemente regeitada por todo o conselho, como indigna de christãos.

Dizem outros auctores, que o que determinou a queda do ministerio na noite de S. Martinho, não fôra a divergencia das idéas, mas simplesmente a circumstancia da proxima visita a Lisboa de sua magestade o rei de Hispanha, para fallar com o qual não havia no governo

quem manejasse o idioma hispanhol. Bazorra promptificava-se a fallar-lhe em moiro... Mandaram-o para o diabo, quando elle se saíu com mais essa.

Quando Sampadius, em conferencia de despedida com um *alto personagem*, lhe tentou explicar todos os motivos que mais ou menos directamente haviam determinado a queda do governo por occasião do sacrificio do porco e da castanha assada em honra de S. Martinho, consta-nos que o *alto personagem*, interrompendo o ex-chefe do poder executivo, lhe dissera:

— Entre parentheses, que tal era o torreano por conta do lavrador, que vocês emborcaram n'essa festividade?

— O torreano — informou Sampadius — era o que nós outros, antes de cairmos, chamavamos *d'arromba*.

— Ah! elle era dos d'arromba! — concluiu o personagem — bem! Escusa de pôr mais na carta.

O elemento avilista

Com a entrada do sr. Mello Gouveia no actual ministerio o *avilismo* principia a figurar na historia ao lado do *sebastianismo*. A differença é que o sr. Mello Gouveia não acredita, como o Bandarra, na volta do *desejado*. S. ex.ª é apenas um sebastianista de si mesmo.

O albergue nocturno

O Albergue recebe o pobre á noite.

Dá-lhe um banho.

Dá-lhe um caldo.

Dá-lhe um barrete d'algodão branco, casto symbolo do confôrto domestico e do amor puro.

Pela manhã, como o pobre, bem deitado, bem lavado e adornado com o barrete d'algodão perderia todo o seu prestigio perante a caridade publica, o Albergue retira-lhe a cama, retira-lhe o barrete, restitue-lhe a immundicie que elle deixou no banho, e entrega-o á sociedade, tal como a sociedade lh'o confiou na vespera.

Como vêem, o Albergue é um estabelecimento essencialmente conservador... da pobresa.

Na vida privada

Qual outro Cincinato, depois de haver defendido e salvado a patria, eil-o moirejando de novo no seu trafego antigo. Sua passagem no poder ficou porém para todo sempre assignalada na historia, e toda a vez que a patria afflicta precisar de mais amanuenses, a patria ha de ir pedir-lh'os. Elle é o 103 de empregados feitos e por medida, para exportação e consummo. Salvé!

Os acontecimentos politicos
A queda

Como depois da ceia, no dia de S. Martinho, a situação cahiu.

Primeira representação do *Hamlet*. O principe cantou admiravelmente. O rei, comquanto não cantasse, tambem andou bem, pois passou á dama um bilhete para o seu beneficio, d'elle rei, na Rua dos Condes.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Pilheria de mais!

Uma certa porção de jocosidade honesta não sómente não é de modo algum incompativel com o prestigio da monarchia representativa, mas chega até a fazer parte integrante do grande e complexo conjuncto d'instituições constitutivas d'essa interessante forma de governo.

A caricatura, por exemplo, é indispensavel á popularidade dos reis constitucionaes, e se não tivessem, como providencialmente teem, a caricativa livre, de iniciativa particular, elles seriam obrigados a fundar o serviço da caricatura official, retribuida pelos cofres do estado, com o seu respectivo ministro, os seus chefes de repartição, os seus amanuenses, o seu fumo de cigarro, as suas mezas de saia de baeta verde e tudo mais que é preciso para fazer uma repartição publica como qualquer outra. Porque a caricatura é o lodo humano, bondoso e conciliante, da dura e rispida effigie das realezas. A caricatura é uma especie de *Diario do Governo*

em ceroulas — orgão indispensavel para o fim de manter no espirito das massas a comprehensão do direito que lhes assiste de dar palmadas no ventre aos Cezares. Nos paizes onde não existe a caricatura, o povo usa do nytro-glicerina, a cujas bombas os soberanos em geral preferem os productos da chromo-lythographia.

Mas onde o uso do grotesco nos parece ultrapassar frequentemente as raias do licito é nas ceremonias publicas com que os cortezãos burguezes procuram desenvolver a seu modo a popularidade dos principes. A inauguração solemne do *albergue nocturno* foi uma d'essas ceremonias, em que o sr. Luiz Jardim abusou cruelmente de mais do direito que assiste á banalidade de fazer rir o mundo á custa de duas pobres e innocentes testas coroadas.

El-rei e sua augusta esposa compareceram n'essa festa, desperceb idos inermes. O sr. Luiz Jardim, auctorisado por essas vastas mas perigosas liberdades que as instituições conferem a todos os festeiros que sabem por d'accordo os jubilos populares da terra vermelha do Alfeite com as intenções melodicas do hymno da Carta, collocou o rei e a rainha sobre duas cadeiras *ad-hoc*, e desenrolando da algibeira uma papeleta insidiosa, cravou em suas magestades a leitura de um relatorio tão desenvolvido como a propria cabelleira do relator, cujos anneis se lhe despenham desde o alto do craneo até o osso sacro como uma douche immobilisada de caracoes e de banha d'urso.

O relatorio principia por esta phrase:

Senhor: O palacio do Manique (assim lhe chama na ausencia o sr. Jardim), *onde outr'ora se ostentaram galas, acha-se hoje convertido em habitação de pobres.*

E, proseguindo por aqui fóra, de linha para linha cada vez com mais fogo e com mais cabello, o orador entra no desenvolvimento rhetorico d'essa comparação sublime das galas ostentosas do Manique com os modestos atomos do pobre. Depois, supitando de repente o curso d'estas considerações tendentes a mostrar a obrigação que tem o progresso de consagrar ao noctivágo Pera Cosida a antiga mansão do fidalgo Manique, o orador refere que ha no estabelecimento varias camas de ferro com seus pertences, quatro banheiras e vinte e cinco cabides para pendurar os chapeus dos desgraçados.

Finalmente, ao cabo de um caderno de prosa o sr. Jardim conclue agradecendo a comparencia de suas magestades e altezas no seu estabelecimento para o fim de inaugurarem com as suas corôas os já referidos cabides,

Não! não podemos deixar de o dizer é troça de mais.

A briosa Sociedade Humanitaria da cidade do Porto, não querendo ficar pelo seu espirito de facecia cortezã atraz do benemerito sr. Doutor Luiz Jardim, convida suas magestades a irem ao Porto receber em sessão solemne d'aquella sociedade, na nave principal do Palacio de Cristal, as medalhas d'ouro conferidas ultimamente a el-rei e á rainha pela associação portuense.

Para a celebração d'essa solemnidade será armado um throno de provincia no logar onde costuma estar um palco scenico na casa de espectaculos publicos destinada a esta diversão.

As medalhas serão levadas ao throno em cima de uma bandeja de prata, seguida pelo sr. bispo da diocese em habitos cardinaliceos e acompanhada de duas damas da localidade, esposas dos srs. directores da festa, — perfeitamente como n'um baptisado.

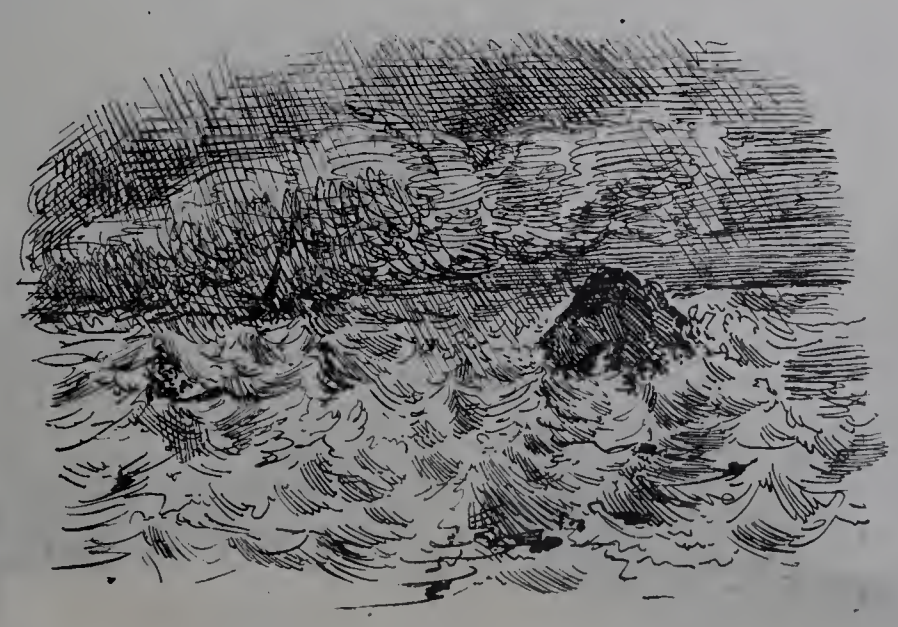
Antes porém de receberem as medalhas applicadas pelo clerigo e pelas duas madrinhas, suas magestades terão d'ouvir em presença de um publico de tres ou quatro mil pessoas, a leitura do relatorio dos premios.

Essa leitura patenteará, com mais ou menos desenvolvimentos, os tres seguintes pontos:

Primeiro: D. Luiz de Bragança, casado, morador na calçada da Ajuda em Lisboa, rei. Medalha de ouro por haver presidido á commissão que fundou por subscripção entre os seus membros o albergue nocturno.

Segundo: D. Maria Pia de Saboya, vulgo *Anjo da Caridade*, moradora na calçada da Ajuda em Lisboa, esposa do precedente. Medalha d'ouro, por haver distribuido por varios desvalidos que sollicitaram a sua protecção, o producto de uma subscripção publica feita em Portugal e no Brazil em favor das victimas de uma inundação do Tejo.

Terceiro: José Rodrigues Maio, casado, pae de nove filhos, morador em uma cabana na praia da Povoa, pescador. Medalha d'ouro, pelas razões seguintes: Porque, lançando-se ao mar dentro do seu bote em occasião de naufragios nos recifes da Povoa, José Rodrigues Maio, pescador, salvou successivamente da morte com risco emminente da sua propria vida: cinco tripulantes de uma barca afundida em 1868; seis tripulantes d'outra embarcação perdida no mesmo anno; dezeseis tripulantes da lancha *Espirito Santo* e toda a tripulação da catraia *Maria José* em 1875; a Miguel Gonçalves de Castro, em 1877; a dois tripulantes da catraia de José Lançadas, em 1878; a cinco pescadores em 1879; ao seu proprio filho Francisco, que elle montou em cima de si e com o qual ficou no mar a boiar por muitas horas até que lhe levaram soccorro; a Manuel da Costa Lino; ao seu camarada João Perna, o qual mais tarde veiu a morrer no naufragio da sua canoa, no qual José Rodrigues Maio salvou ainda seis homens.



Ora perguntamos nós uma coisa:

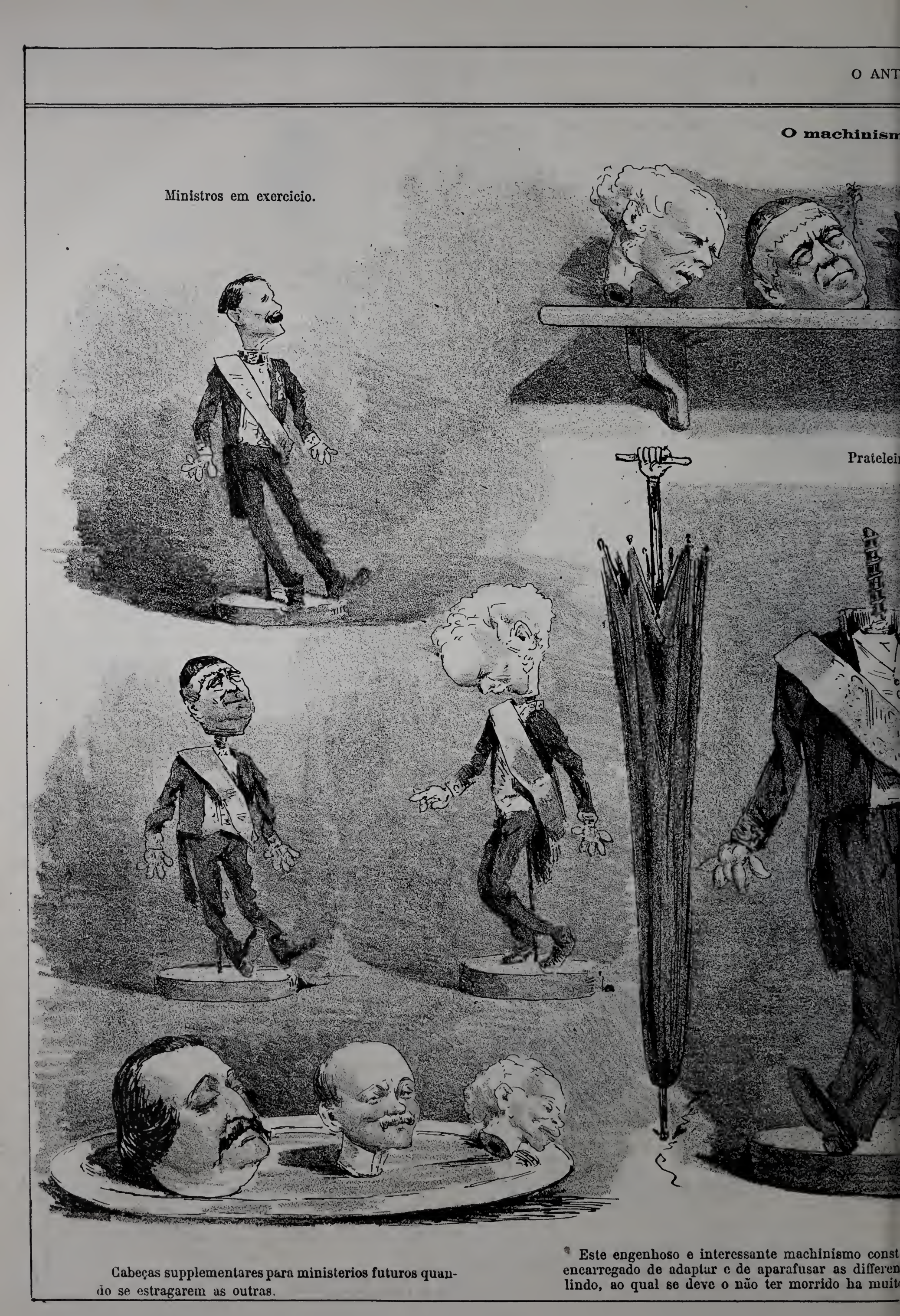
Commetteram suas magestades alguma acção reprehensivel fundando o albergue nocturno e presidindo á commissão dos soccorros aos inundados? Não; suas magestades praticaram, pelo contrario, uma acção louvavel. Para que é então que a Sociedade Humanitaria reduz esses factos ao derradeiro grau de mesquinhez a que elles podem ser abatidos, pondo-os em comparação publica e solemne com a vida inteira de abnegação sublime e de valor heroico de José Rodrigues Maio?

Em um dos poemas epileptico-larvados do sr. Gomes Leal ou em uma das proclamações monarchicophagicas da Senhora D. Angelina Vidal esse confronto sophistico e fraudulento constituiria uma boa arma traiçoeira, mas segura. Operada n'um intuito ordeiro, constitucional e monarchico, uma tal juxtaposição de valores postos triumphalmente em equação capciosa, não se explica senão por uma corrente irresistivel e fatal que leva em Portugal a burguezia monarchica a ser constantemente grotesca.

Piedade, illustrissimos senhores! piedade para a dynastia!

Que as instituições caiam porque uma philosophia as discute ou porque uma animosidade as guerreia, comprehende-se. Que ellas declinem a pouco e pouco perante a consciencia publica, porque as defende a farça, não. Não, porque isso fere a sociedade inteira, fere-a no intimo de uma das grandes forças nacionaes, que é preciso utilisar, e que se chama — o bom gosto.

O machinism



Cabeças supplementares para ministerios futuros quando se estragarem as outras.

Este engenhoso e interessante machinismo const
encarregado de adaptar e de aparafusar as differen
lindo, ao qual se deve o não ter morrido ha muit

vernativo

Ministros em exercicio.

ministerios.

só corpo fixo e immovel, ao qual o chefe do estado é
eças requeridas pelo deleite da variedade. É um jogo
o de insipidez a familia constitucional.

Cabeças supplementares para ministerios futuros quando se estragarem as outras.

Theatro de Dona Maria

Monsieur,

Je lis dans le Journal de Paris que vous venez de faire à votre théâtre un succès exceptionnel, dû à la Princesse de Bagdad sur votre théâtre. Je suis ou ne peut plus heureux de ce succès. L'étranger est pour nous, nous autres français comme une postérité contemporaine qui juge en dehors des toutes les influences particulières et locales. Je vous prie d'accepter tous mes remerciements pour la joie que vous avez donnée à l'élite de votre public en faisant de cette pièce si difficile. Veuillez vous bien être auprès de votre aimable traducteur Monsieur Carlos de Moura Cabral, dont la traduction est, paraît-il, irréprochable, et auprès de Mademoiselle Virginie qui a si bien interprété le rôle de Jeannette. Enfin, Monsieur, dites bien à tous ceux et celles que j'ai vus applaudir d'autant plus fort que je pensais plus à l'emploi.

Agréez, Monsieur, l'assurance de mes sentiments les plus distingués.

A. Dumas

Fac-simile da carta autographa de Dumas á direcção da companhia.

REDUZIDA A METADE

RODRIGO PINHEIRO

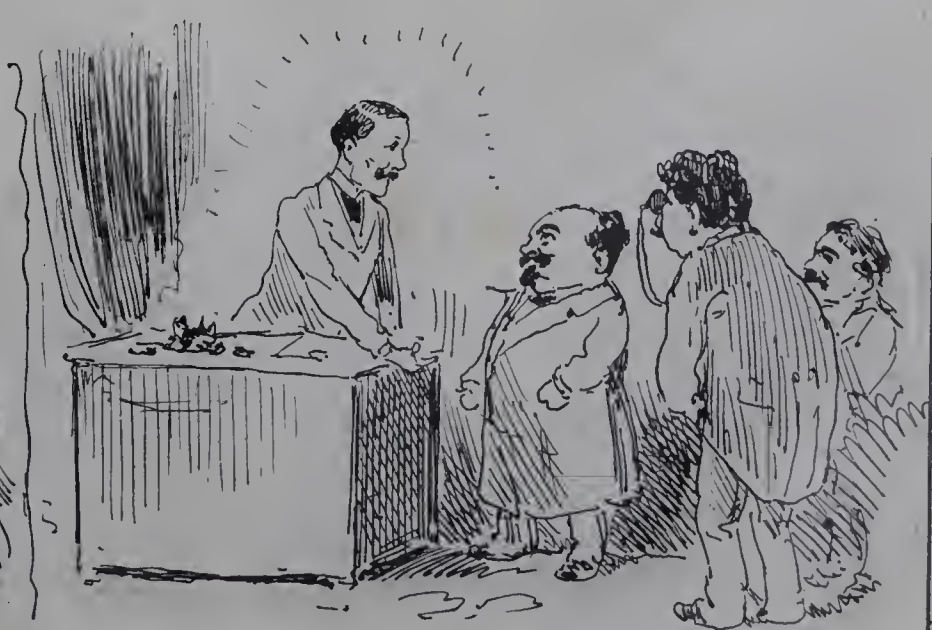
Os nossos hospedes

Suas altezas os condes d'Eu no theatro de S. Carlos.

Os poderes constituidos na presença dos nossos serenissimos hospedes.

Na qualidade de membro da commissão, encarregada pela sociedade dos escriptorés de solícitar do sr. ministro da fazenda que sejam entregues a seus donos as obras que figuraram na exposição portugueza no Rio de Janeiro e que estão retidas na alfandega de Lisboa, tivemos a honra de penetrar na antecamara de s. ex.ª

Penetrámos em seguida no gabinete do sr. ministro e da bocca de s. ex.ª tivemos a honra de ouvir as promessas que, dentro dos limites das conveniencias e da carta, é de uso fazer amavelmente em taes casos.



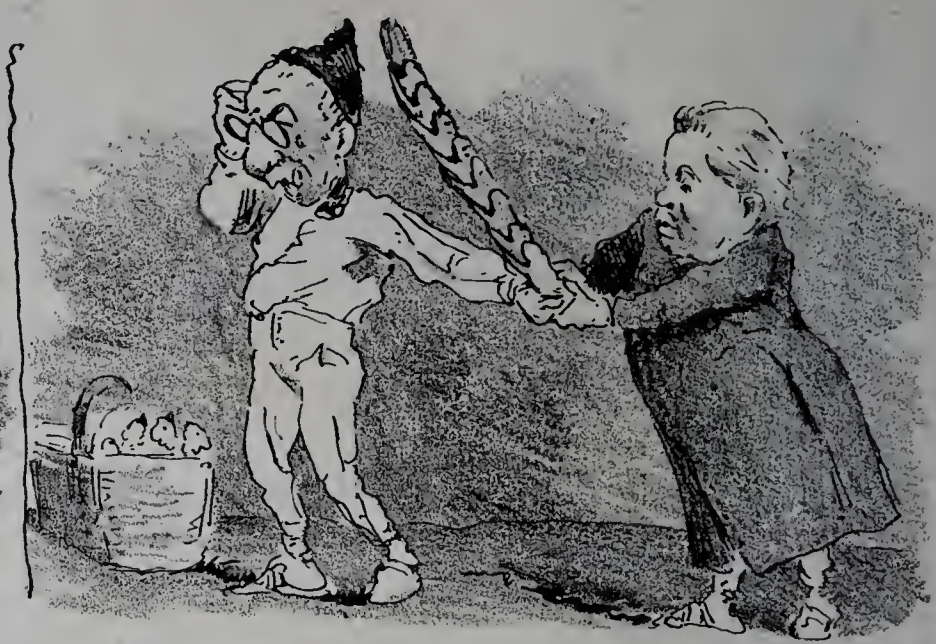
Assim o communicamos aos artistas desapossados das suas obras

Transmissão de poderes

O conselheiro Basorra, considerando que no conselheiro Mello Gouveia concorrem todas as prendas que habilitam um personagem para os mais altos destinos a que póde ser chamado o homem dentro dos dictames da carta, resolveu fazer d'esse ministro o depositario das tradições de que o filho d'Israel fôra o portador e o guarda durante a situação extincta.

Assim nos consta que o conselheiro Gouveia fôra investido pelo conselheiro Basorra:

Primeiro: Da toga da justiça, distribuitiva dos cargos publicos.



Segundo: Das sandalias da peregrinação do genio sobre os espinhos da governação.

Terceiro: Da tiara, symbolo do supremo pontificado.

Quarto: Do lume no olho, sempre conveniente.

Quinto: Do amor de familia, proprio das grandes almas.

Sexto: Dos trinta nervos da guerra, e bem assim da administração colonial.

Os condecorados da Sociedade Humanitaria

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Os rewolvers Abbadie

Realisou-se no sabbado passado a segunda experiencia dos rewolvers recentemente distribuidos pelo ministerio da guerra aos srs. alferes do exercito.

D'esta experiencia resultou ser morto um capitão.

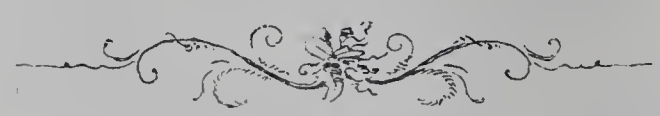
Da experiencia anteriormente feita resultára ficar um paisano com quatro balas no corpo.

Está pois sufficientemente demonstrado—segundo nos parece—que os rewolvers são bons, e que com elles se pode perfeitamente matar cidadãos, tanto civis como militares, quer nas ruas publicas, quer dentro das casernas — e principalmente pelas costas.

Em vista de tão satisfatorios resultados, temos que pedir duas coisas:

Primeira: — Que o sr. Abbadie receba os nossos parabens.

Segunda: — Que os srs. alferes restituam os seus rewolvers.



Para o fim de estropiar a população de Lisboa dispensam-se optimamente esses novos engenhos de destruição. Bastam-nos os sabres por meio dos quaes a guarda municipal não deixa nunca de manifestar-nos o seu louvavel zelo em nos converter em picado duas ou trez vezes por anno.

Para morrer tambem não precisamos de rewolvers aperfeiçoados. Já aperfeiçoamos sufficientemente os typhos.

Que os srs. alferes pois se não encommodem mais, por quem são, comnosco!

Para nos despenarmos d'este vale de lagrimas a tempo de nos não aborrecermos muito por cá, é-nos completamente superfluo o alferes remittente ou o alferes carbunculoso. No genero mortifero não carecemos do official do exercito; temos o vibrião, temos o microbo, temos toda a ucharia lethifera do doutor Pasteur, envolvendo-nos carinhosamente no recinto da cidade como na athmosphera dissolvente de um interessante planêtasinho podre.

Que as sargetas continuem como até aqui a envenenar-nos, achamos bom. O desenvolvimento da população precisa d'esse freio malthusiano para que uma excessiva concorrencia de boccas não faça encarecer de mais os feijões. Se não fossem as bemditas febres providenciaes não sabemos como isto havia de ser, porque as nossas repartições publicas acham-se quasi tão entumecidas e tão abarrotadas como os nossos canos geraes, e a pavorosa verdade é que, para cada 100 creanças que nascem em cada anno, nascem apenas 80 empregos publicos no mesmo espaço de tempo.

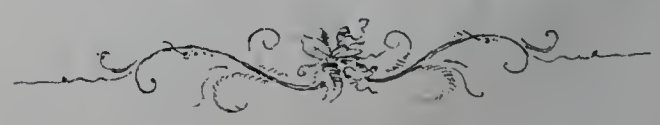
Agora emquanto aos rewolvers é preciso guardal-os á chave no arsenal. Independentemente de todas as razões expostas basta, de resto, olhar para o exercito para reconhecer *à priori* que lhe não pode ser permittido o uso d'armas de fogo. Elle é um ocioso, um triste, um aborrecido, um doente. Come mal, não tem hygiene, não faz gymnastica, não faz exercicio, não faz trabalho. Torna-se a pouco e pouco dyspeptico, bilioso, hepatico,

hypocondriaco. Que admira que de uma vez ou outra tenha furias, e que mate de quando em quando?

Que diabo! Se é para matar que elle existe na sociedade e nas instituições! Se é a sua profissão essa!

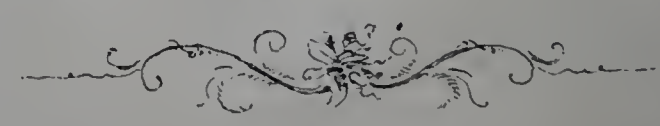
Que querem?... Não o levam aos campos de batalha, elle então—coitado—faz matança de tarimba, e estafado de esperar os inimigos pela frente acaba por disparar nos capitães pela rectaguarda!

E' fatal.



Para que se não repitam muito as promoções em consequencia d'obitos demasiadamente frequentes na fileira, acreditem que não ha outro remedio senão aquelle que propomos: Desarmem-os.

Dêem-se-lhe rewolvers, sim, que é bonito isso, mas dêem-se-lhe fingidos. Em vez do systema Abbadie, o systema Mathias Lopes. Todos os rewolvers que quizerem, — mas de chocolate!



Por esse modo os capitães que receberem tiros terão ao menos a consolação de os poder almoçar com *brioches*.

A attitude da Sciencia

Por occasião da recente passagem de el-rei por Coimbra, a mocidade academica, representante do futuro scientifico e litterario do paiz, desceu da porta ferrea da Universidade ao buffete da estação do caminho de ferro, e posta ahi, frente a frente com a realeza, com a carta e com as pencas de manjar branco de Santo Antonio dos Olivaes, a mocidade academica, erguendo a voz, disse á monarchia em palavras solemnes, quaes os sentimentos que junto do throno dos reis fazem pulsar a esta hora os corações dos jovens.

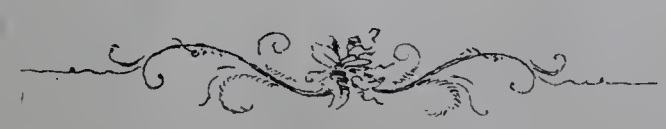
As generosas aspirações da Universidade, formuladas pelos seus delegados n'essa importante entrevista, ficarão como um padrão eterno na historia das idéas contemporaneas.

Sabe-se positivamente desde agora o que é que a Universidade quer para o fim de se reconstituir efficazmente para a grande controversia mental que ha de decidir dos destinos sociaes d'este seculo.

O que a Universidade quer é que o rei lhe confira um feriado de tres dias, para o fim de ella ir á cidade do Porto inteirar-se do effeito das luminarias.

O soberano, elevando-se pelo seu espirito esclarecido á alta comprehensão dos effeitos de tão saudavel medida, concedeu, benevolo e magnanimo, o feriado requerido.

A corte toda vibrou de um nobre orgulho pela sabia resolução do principe; as charamellas soluçantes tocaram o hymno; e a mocidade, enthusiasta e ardente, cahiu arrebatada de gratidão em cima do manjar branco.



A sciencia agora que proponha á sua vontade todos os problemas que quizer, em philosophia, em artes, em religiões! A Universidade lá está habilitada para resolver tudo. O marquez de Pombal deu-lhe uma estatua, el-rei deu-lhe tres feriados, e ella viu por seus proprios olhos a Calçada dos Clerigos illuminada com balões de papel.

A intervenção da plebe

Na distribuição dos premios da Real Sociedade Humanitaria no Palacio de Crystal do Porto, o pescador José Maio, na occasião de ser condecorado por el-rei, abraçou Sua Magestade e ao som das harmonias do grande orgão envolvendo a scena n'um tremolo dramatico, o pescador poz um beijo nas faces do monarcha.

A sala inteira estremeceu com um trovão de palmas e de bravos.

O beijo de José Maio no meio d'aquelle concurso de burguezes representava uma segunda unção purificadora e rehabilitante imposta pela sympathia do povo ao antigo ungido de Deus. Bella scena, que o programma das festas não previra e que nem o sr. Moser, da Sociedade Humanitaria, nem o sr. Fontes, do conselho de ministros, eram capazes de inventar. Inventou-a o Maio, cuja imaginação de plebeu se não encanalhára ainda nos festivaes chinfrins do constitucionalismo official.

Não era esta a primeira vez que José Maio apparecia em uma festa publica.

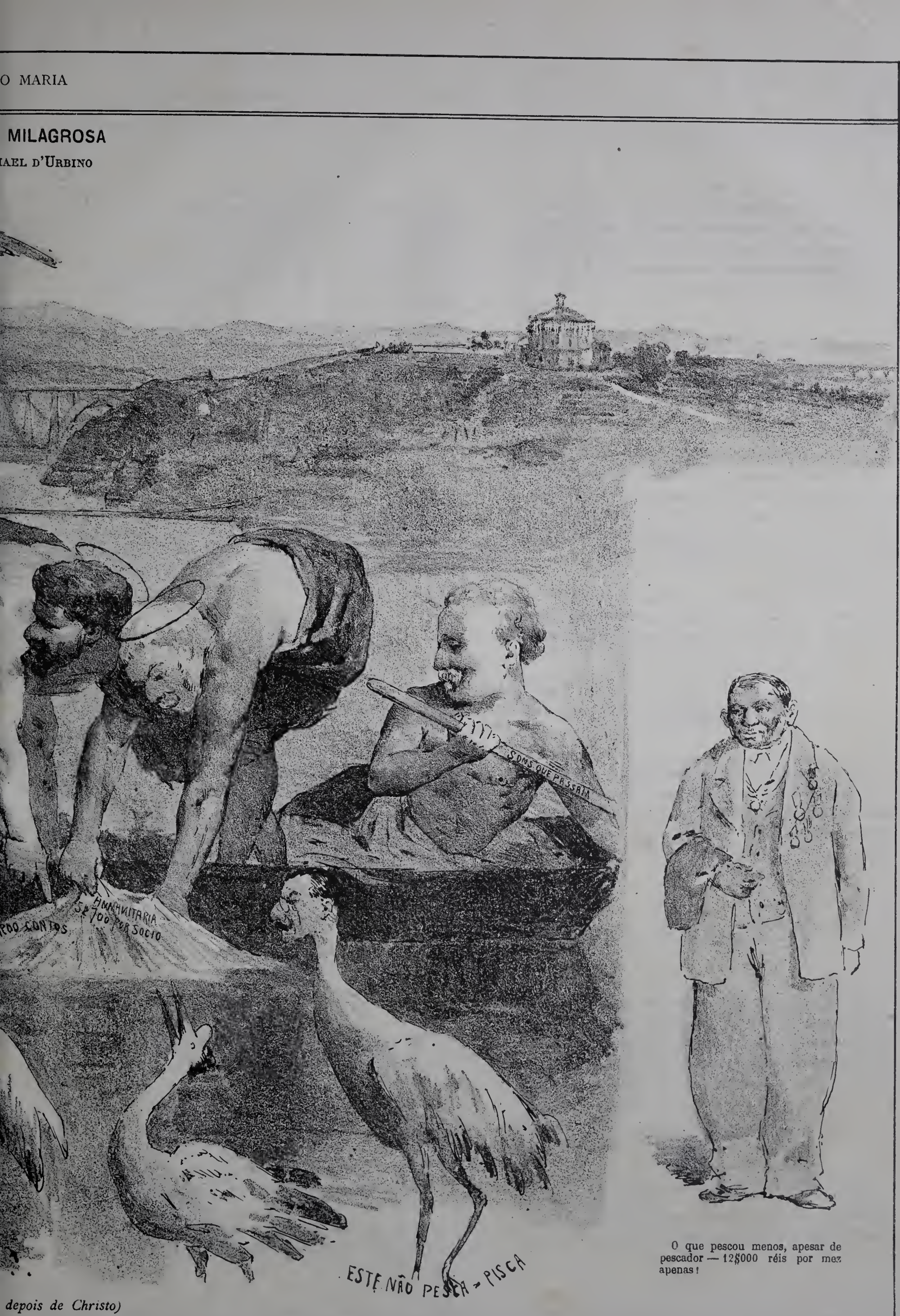
Por occasião do centenario de Camões José Maio esteve em Lisboa, fazendo parte da commissão dos bravos pescadores da Povoa de Varzim que se incorporaram no prestito civico d'esse dia.

Sua Magestade não o viu por essa occasião porque em quanto os primeiros cidadãos do seu paiz se formavam no Terreiro do Paço para saudar a mais pura gloria da nação portugueza, Sua Magestade olhava para a rua Augusta em vez de olhar para o terreiro, voltando pudibundamente as costas á flôr do seu paiz.

(Scena passada no Porto no anno de

MILAGROSA

IAEL D'URBINO



O que pescou menos, apesar de pescador — 12$000 réis por mez apenas!

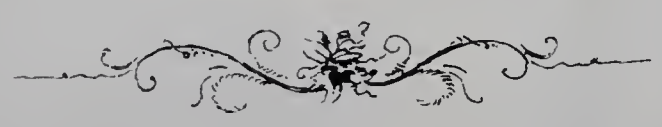
depois de Christo)

Considere Sua Magestade agora o que perdeu então. Se José Maio o tivesse abraçado n'esse dia, o publico de Lisboa teria talvez applaudido então Sua Magestade em vez de o haver pateado, como o pateou um effigie, no espectaculo do Circo de Price.

Depois da ceremonia da distribuição dos premios da Sociedade Humanitaria, Sua Magestade conferiu ao pescador José Maio, assim como ao bombeiro Simão, o habito da Torre Espada, um donativo de 10 libras e uma pensão vitalicia de 12$000 réis.

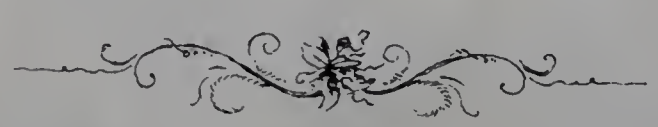
Achamos pouco.

Se fosse o bombeiro que estipulasse a pensão ao rei e se fosse o pescador que subscrevesse o donativo a Sua Magestade, temos a firme certeza de que elles dariam mais.



Porque é preciso notar-se uma coisa: O cabo Simão e o José Maio, como heroes, acabaram. Não podem tornar a servir para outra vez. Se ámanhã qualquer dos dois tornar a abraçar el-rei, a galeria toda desatará a rir dos tres.

O pescador e o bombeiro deixaram desde hoje para sempre de ser o povo. Ficam sendo unicamente dois funccionarios do paço: os beijocas da côrte. A sua especialidade agora vae ser a de salvar situações dynasticas. Se elles tornarem a salvar gente gasearão do emprego.



12$000 réis, apenas, posto que vitalicios, por esta permutação da personalidade em comparsaria é uma compensação ridicula para o sacrificio dos permutados.

Na adjudicação do habito da Torre Espada não ha só mesquinhez, ha tambem injustiça relativa.

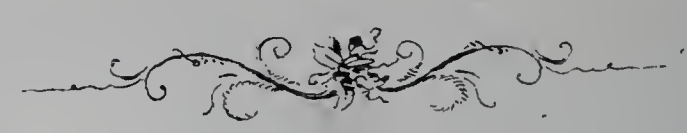
Pois quê! O simples grau de cavalleiro de uma ordem, de que o sr. Fontes é grão-cruz, a dois homens que apenas com um beijo determinam uma ovação á monarchia!

Quando é que o sr. Fontes fez jámais coisa que comparemos com isto?

Que s. ex.ª experimente ainda se é capaz de o fazer agora!

Desafiamol-o a que o faça!

Vamos! que s. ex.ª dê um beijo no rei, que lh'o dê na mão, que lh'o dê na testa, que lh'o dê na face, que lh'o dê onde quizer, e vamos lá a vêr se alguem dá palmas!



S. ex.ª reune-se para esse fim com os demais grão-cruzes, seus confrades, em roda do throno, pelas quatro festas do anno; e não é um só beijo, são potes de beijos que gotejam então, durante tres ou quatro horas, sobre as carnes da corôa. E ainda não consta que applaudisse ninguem, e que ninguem chorasse de commoção. O paiz inteiro não tem, com tanto beijo, enthusiasmo nenhum. Assim como o proprio soberano, a unica coisa que o paiz tem, com todos os beijos dos grão-cruzes todos juntos, é algum nojo, apenas.

E então para quem dá na realeza o unico beijo bom que ella ha muito tempo tem tido, é o reles habito, por muito favor!...

Isto realmente desanima de se lhe darem mais.

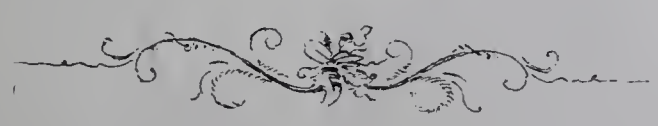
Pela nossa parte, declaramol-o desde já: Á margem do nosso orçamento de ternura cá pômos uma nota: «Beijos de graça, quantos quizerem, ás princezas; a principes em troca d'honras e dignidades, nem um!»

Mesuras

Dizem as correspondencias do Porto que no ultimo beijamão do Palacio de Cristal — ultimamente convertido em côrte das classes médias — as damas todas se ajoelharam na presença de suas magestades.

A graciosa elegancia das senhoras portuenses merece-nos um tão grande respeito e um tão profundo interesse, que nos não é possivel deixar de formular, ácerca do modo excessivamente genuflexivo como suas excellencias saudam os seus principes, algumas rapidas observações.

Na côrte de França durante o *ancien regime* uma senhora tinha obrigação de saber comprimentar successivamente dez pessoas durante o espaço de uma só mesura. (Vid. De Tilly, tomo I, pagina 24).



Necker acrescenta que toda a senhora tem uma mesura especial para cada variedade de consideração conferida, distinguindo subtilmente por meio de mesuras differentes as pessoas de condição; as pessoas de qualidade; as pessoas titulares; as pessoas de nomes historicos; as pessoas da côrte; as pessoas de nascimento illustre mas alliadas pelo casamento a gente reles e rica; as pessoas notaveis pelo seu talento; as pessoas afamadas pelo seu valor; as pessoas celebres simplesmente pelos seus bons jantares; etc.

A um estupido rico casado com outra estupida egualmente rica, ambos de meia tijela, dá-se-lhe apenas um ligeiro descahir d'hombro e um breve sorriso, de metade da bôcca unicamente, do lado do hombro descahido.

Ao mesmo estupido, solteiro e com farda de moço fidalgo ou casado com menina da nobreza pobre, dá-se hombro mais descahido e sorriso de bôcca toda, mas espremida, sem mostrar os dentes.

Desde fidalgo de raça, com carroagem posta, mas não titular, por deante, começa a reverencia em regra, mais ou menos profunda, até chegar á grande mesura completa, que é a que se faz aos reis e aos principes de sangue.

Para realisar esta mesura firma-se o corpo sobre o pé direito, e com o pé esquerdo avançando um pouco faz-se lentamente a flexão, com o busto bem erecto e com os olhos baixos. No movimento de ascensão, que deve ser tão vagaroso como o movimento descendente, erguem-se modestamente os olhos para a pessoa que se corteja, e dá-se ao corpo um gracioso balanço de recuo sobre a cauda do vestido.

Eis ahi está o que nós temos lido nos mais abalisados auctores que teem consagrado as suas vigilias a estes assumptos, desde o duque de Lausun até Madame de Genlis.

Em nenhum expositor da materia sujeita se diz que as senhoras ajoelhem.

Ajoelhar na mesura é commetter um deploravel erro de gymnastica, e equivale a cahir.

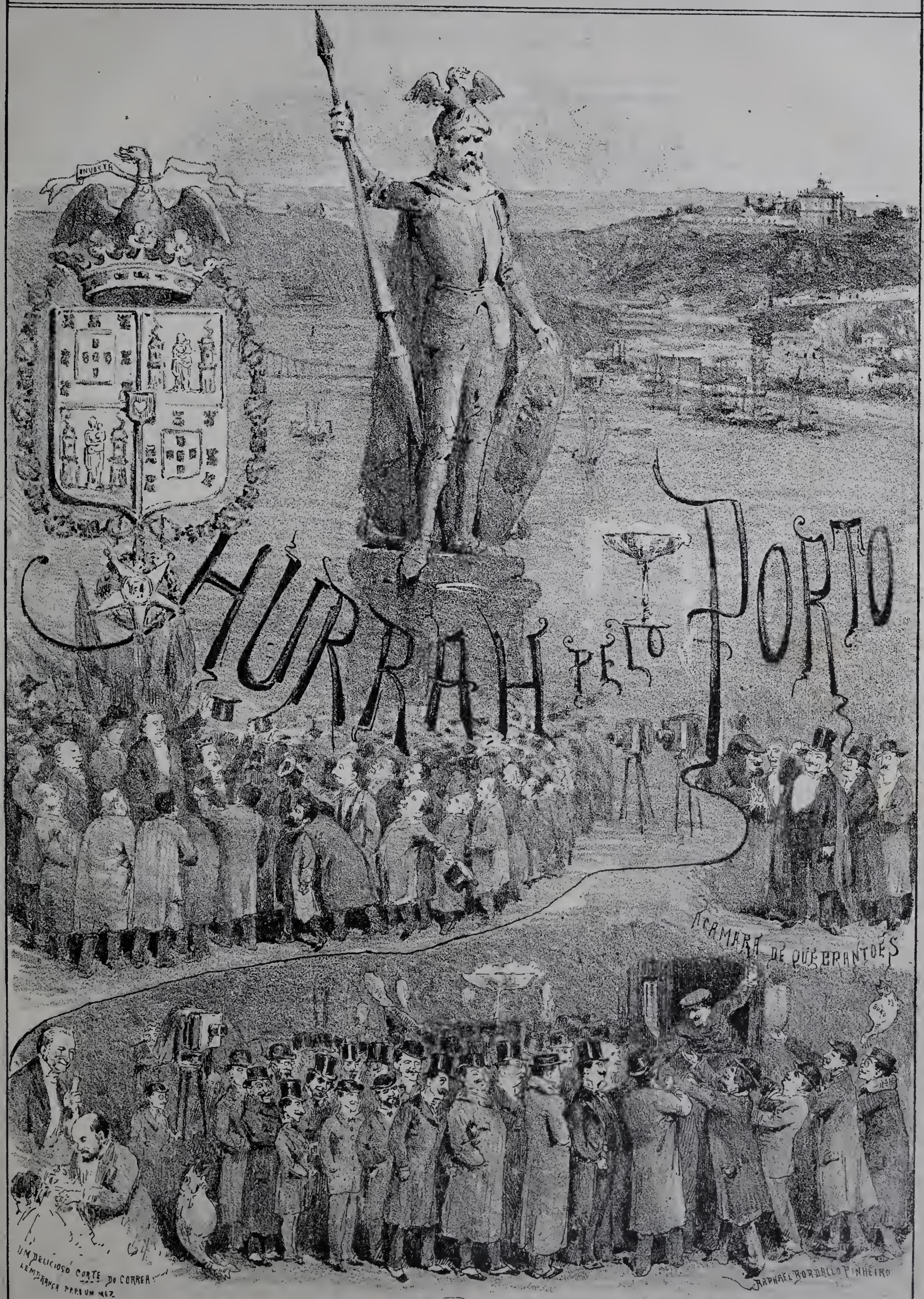
Se as bellas e fascinadoras damas portuenses, cuja mimosa graça só póde ser comparada á das camelias suas conterraneas, não podem, por falta de força e de elasticidade muscular nos seus membros locomotores, fazer a mesura sem tocar com o joelho no chão, parece-nos que ellas deverão intentar, para corrigir este seu unico e exclusivo defeito, o tratamento fortificante pelo vinho de quinium, pelos preparados de cal e pelos bifes.

Emquanto não readquirirem o vigor preciso para a execução em regra das reverencias de côrte, cremos que ellas se não devem envergonhar de pedir á sciencia o o apoio com que ella protege os convalescentes, convindo-lhes não fazer por em quanto mais mesuras na côrte senão com muletas.

A real viagem a Braga

Os judeus do Bom Jesus preparados para receber o principe e a chuva.

Basorra justamente despeitado por não o terem deixado ir com o monarcha e com os outros judeus



A hospitaleira cidade do Porto recebe os simples pastores como se elles fossem reis, e recebe os reis como se elles fossem ainda, segundo se dizia na antiguidade, os pastores dos povos.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

As festas portuenses

Triumpho definitivo da monarchia constitucional — Completa destruição da republica

Sobre a epiderme delicada da monarchia portugueza o poeta sr. Gomes Leal representa com bravura este flagello horrivel — a mosca.

Para o fim de se sustentar firme em sua missão sobre a pelle da realeza sabe-se quanto ha penado o trovador.

Os zelosos defensores das instituições vigentes teem procurado enxotal-o por todos os repellões imaginaveis: pela querella, pela multa, pela prisão e pela bordoada.

De quando emquando o bardo recolhe por instantes o ferrão com que belisca a lyra e com que morde concomitantemente a corôa para escrever aos jornaes em regras tocantes:

«Cá levei mais para o tabaco hontem á noite. Brecha de dois centimetros no osso frontal sobre a séde do genio. Nada de policia. Sempre latrinarios os reis! Á hora a que receber estas linhas, sr. redactor, a monarchia tripudiará ainda jucunda sobre as iniquidades do solio. O artista cá vae mais uma vez para a botica do Durão pôr pontos. Maldição e vingança!»

E o que mais commove na leitura d'estes documentos não é tanto a fé ardente do poeta em que é a monarchia que ha de padecer a dôr de que elle leva a pancada, como a esperança ingenua que parece animal-o de que algum dia a policia venha a ser tão simples que vá metter-se exactamente no pequeno espaço que medeia na via publica entre os socos que se dão e os narizes que os recebem!

A tenacidade heroica, absolutamente inverosimil, do vate deu origem a este facto: apparecer na historia a amabilidade do sr. Henrique Burnay a compensar o odio do sr. Gomes Leal.

A monarchia dirigiu-se ultimamente á cidade do Porto. Immediatamente seguiu na mesma direcção o sr.

Henrique Burnay para guiar, conduzir, expôr e pensar a corôa; e seguiu tambem em egual sentido o sr. Go-

mes Leal, com o ferrão embrulhado n'um cache-nez, para morder.

São conhecidos hoje os resultados do encontro d'essas duas influencias oppostas.

O sr. Burnay tinha por si o Syndicato, a Sociedade Humanitaria, a direcção do Palacio de Cristal, um bom restaurant e um fogueteiro.

O sr. Gomes Leal tinha o seu ferrão, uma lyra de viagem, seis collarinhos e outros tantos pares de punhos, uma chapeleira, e um resto d'arnica.

O sr. Henrique Burnay poz tudo em vibração festival, e uma larga resonancia de kermesse envolveu a torre dos Clerigos.

A cidade inteira como um só janota mandou fazer casaca. Um correspondente contou que um unico chapelleiro vendera 150 claques em um dia.

A rua das Flores em peso, o largo da Feira e as duas Ferrarias, a de cima e a de baixo, vestiram-se de côrte, armaram-se á pressa para a galanteria palaciana e deitaram *opoponax* nos lenços.

Velhos calças de coiro, inveterados e convictos, converteram-se em *talons rouges* de um dia para o outro.

—Estamos na calçada dos Clerigos de fronte da antiga loja do Antonio das Alminhas, ou estamos na côrte de Versailles, sob a regencia?... — perguntavam umas ás outras as pessoas attonitas ao verem as primeiras firmas da praça subir de luvas brancas ao tramway para irem ao palacio assistir ao *petit lever* do monarcha.

Havia no ar um poderoso fluido estonteador, um perfume delicado e penetrante d'alta cosinha, uma rescendencia espumosa e picante de Champagne, envolta n'uma quentura conciliadora e amavel de *vol-au-vent* tostado a ponto.

Fallava-se em que iriam comidas feitas nos primeiros restaurants de Lisboa e chegou-se a inventar que haveria *punch-à-la-romaine* para tres mil convidados — sem distincção alguma de categoria!

Simples marçanos lambiam os beiços d'avidez no fundo lobrego dos armazens do largo do Souto.

No emtanto o sr. Gomes Leal, solitario, taciturno e sinistro, cocava a bachanal, postado á porta do Moré.

Logistas liberaes, filhos legitimos de antigos e esturrados patulcias, tidos quasi por jacobinos na vespera,

passando pela Praça Nova a conversar mano a mano com o sr. conde de Mesquitella, apontavam com o beiço torcido e desdenhoso para o vate, e diziam ao conde:

— Aquillo então é que é o tal Gomes Leal?... A gente cá não conhece similhante bisca... O que sua real magestade devia fazer era mandal-o azorragar pelos seus fámulos!

— Não é tanto assim — respondia sorrindo o conde. E' um moço de talento... desvairado, se quizerem, mas de talento.

— Qual talento nem meio talento, ex.mo sr. conde! Uma besta quadrada!... um facinora!

Á porta do *Gremio Portuense* o soberano, pondo-se em pé na sua calceche, e descobrindo a cabeça, como um simples dentista, desatou n'uma imprevista e admiravel berrata de vivas *ao povo! e ao Porto!*. Testemunhas disseram que no momento de gritar *Viva o Porto! viva! viva!* a exaltação de sua magestade fora tão profunda que chegára a atirar com a corôa ao ar, acima dos telhados, como nós costumamos fazer com os chapéus.

No dia seguinte, no bodo aos meninos dos asylos, sua magestade a rainha, servindo ás mezas em publico, com uma bella simplicidade de opera ligeira, ia de pequeno desvalido em pequeno desvalido descascando-lhes as laranjas ou quebrando-lhes as nozes por sua regia mão.

A cidade que assistia ao espectaculo pathetico do bodo dos meninos ficou então como ebria de ternura. Commendadores que não tinham chegado á bocca nem um golo de vinho e que se achavam ali apenas com uma chicara de café com leite e com um pão de Villar com manteiga comido ao almoço, choravam sobre os bicos das gravatas brancas com uma abundancia enorme de enthusiasmo soluçado.

— Onde é que está então esse partido republicano? — perguntou ironicamente alguem em palacio... de cristal.

E uma voz respondeu:

— Vi-o eu hoje pela manhã. Lá estava á porta do Moré a roer um charuto de quebra-queixo, com os olhos esbugalhados para a gente, de inveja... o biltre! Dentro dos muros da segunda côrte do reino que não bufe! que não bufe, porque ha quem o côma vivo! Cá não se lhe responde com versos, é com os covados de medir a fazenda para cima das costellas!»

Quando a côrte foi ao Bom Jesus de Braga, o poeta mandou amolar o ferrão e foi-se-lhe na piugada com um bilhete de ida e volta. Quando suas magestades chegaram ao santuario já la estava Gomes, coeando sempre,

cada vez mais sinistro, debaixo da carvalheira. Ao vêl-o um dos aulicos do Porto, que tinha ido no real prestito, disse para outro aulico, mas de modo que fosse ouvido pelo principe:

— Lá anda o javardo á bolota... Ah! bom estoiro!

Ao terminarem finalmente as festas o estado da opinião publica na cidade do Porto era o seguinte:

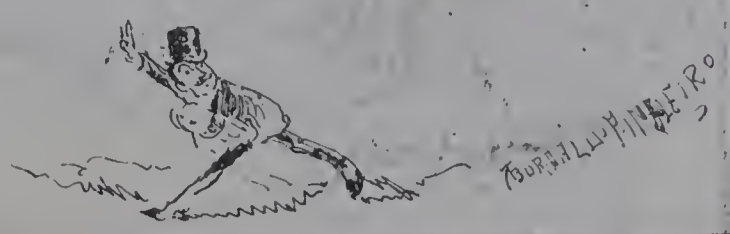
Emquanto ao sr. Gomes Leal, rebental-o com uma bola de strichnina.

Emquanto á familia real, pedir ao sr. Henrique Burnay que a deixasse lá ficar para sempre.

O sr. Henrique Burnay respondeu que a remoção da côrte para o Porto poderia parecer uma especie de acinte á cidade de Lisboa e que elle portanto se recusava terminantemente a fazel-a. Consta-nos porém que s. ex.ª promettera á cidade invicta tornar-lhe a levar lá a monarchia para o tempo dos banhos.

Suas magestades alugarão casa mobilada em Carreiras para a estação balnearia.

O sr. Gomes Leal retirou-se amaldiçoado das gentes.



AS FESTAS DO PORTO
A FESTA DAS CREANÇAS
Mlle IGNEZ ANDRESSEN
BEMFEITORA DAS CREANÇAS POBRES
MAIO QUE PARECE DEZEMBRO
DEZEMBRO QUE PARECE UM MAIO
DISTRIBUIÇÃO DAS MEDALHAS PELA REAL SOCIEDADE HUMA
BAILE NO GREMIO PORTUENS

PALACIO DE CRYSTAL
MAESTRO PATIN
BREVETE
TRADE-MARK
BURNAY
CONCERTO
O FETO DO BUFFETE
ALLEZ LA MUSIQUE
EDIÇÃO BARATA DO SR. HINTZ
QUADRILHA REAL
AGUA DE ROSAS
CORDÃO POR DE TRAZ DA CRELINA
UM DESLUMBRAMENTO!
TOILETE DE S.M.
RAPHUEL BORNALLO PINHEIRO

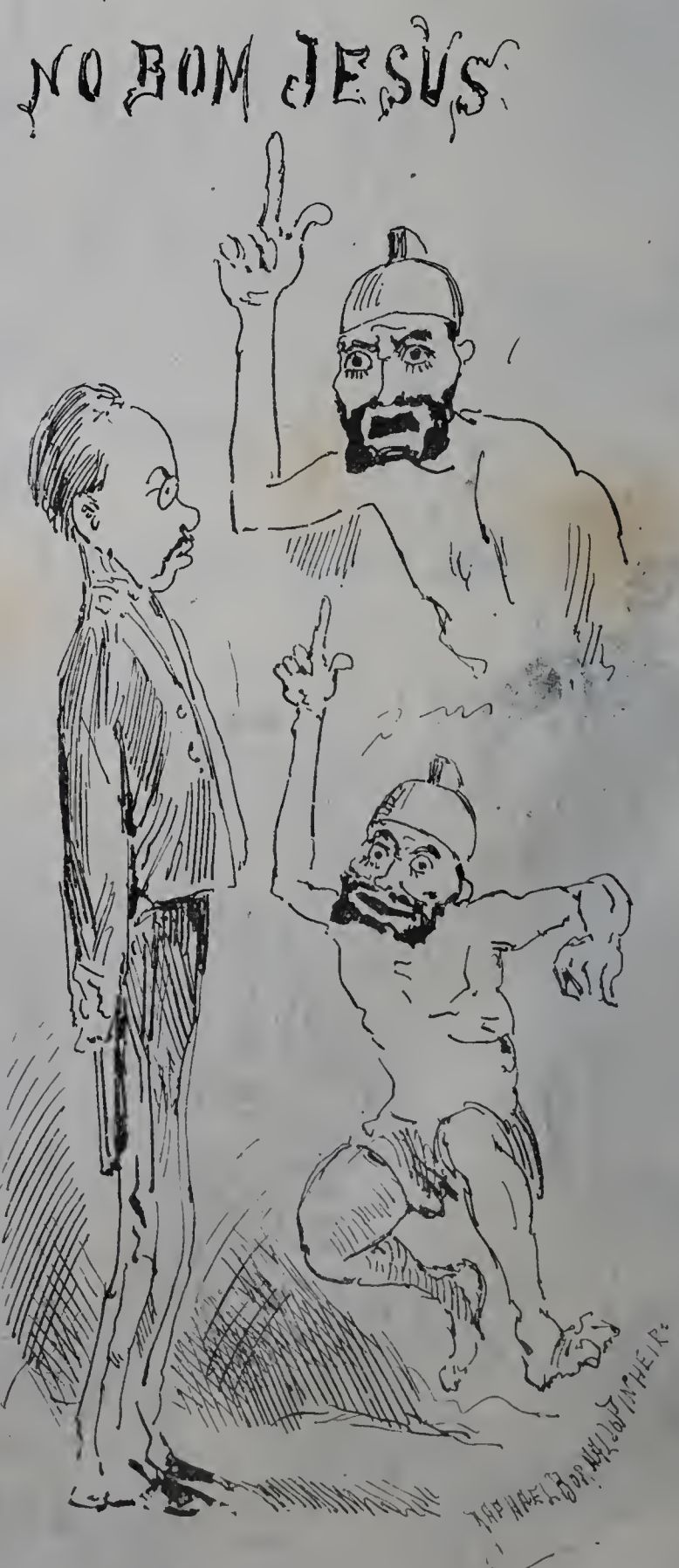
Nos tres dias subsequentes aos festejos, emquanto os moços das assembléas e do Palacio de Cristal, em mangas de camisa e avental, varriam os tapetes, lavavam os copos e destrocavam as louças emprestadas para os festins pelos moradores da cidade, — de envolta com a nuvem da poeira regada, e d'um vago cheiro azedado de café, de tabaco e de alcool adejando no espaço, affirmava-se na cidade da Virgem esta grande convicção: que estava morto para sempre no paiz o germen da idéa republicana. E ao alludir a esse germen recaiam todas as referencias sobre o chapéu amarrotado do pobre sr. Gomes Leal.

E eis ahi está, em summa, para o que esse moço, tão sympathico quanto infeliz, anda por este mundo a arruinar-se em rimas subversivas, em alimentos de encarcerado, em custas de processos, em viagens de terror ás provincias, e em compressas d'agua de vegeto!

Como politico elle merece bem desde já que o soberano o condecore pelos serviços que elle lhe tem feito; como poeta elle parece-nos merecedor de que os deuses lhe consintam emfim o doce repouso do estudo e a serena paz da arte a que o seu talento lhe dá direito.

Varios episodios

Resultados da confusão do vestiaire ao terminar o baile.



Alegria doida do judeu triste do Bom Jesus ao encontrar outro mais triste que elle.

Varios episodios

O cortejo do Maio.

O cortejo do cabo Simão.

O cortejo do Conde de Samodães.

O cortejo do sr. bispo.

Os espinhos

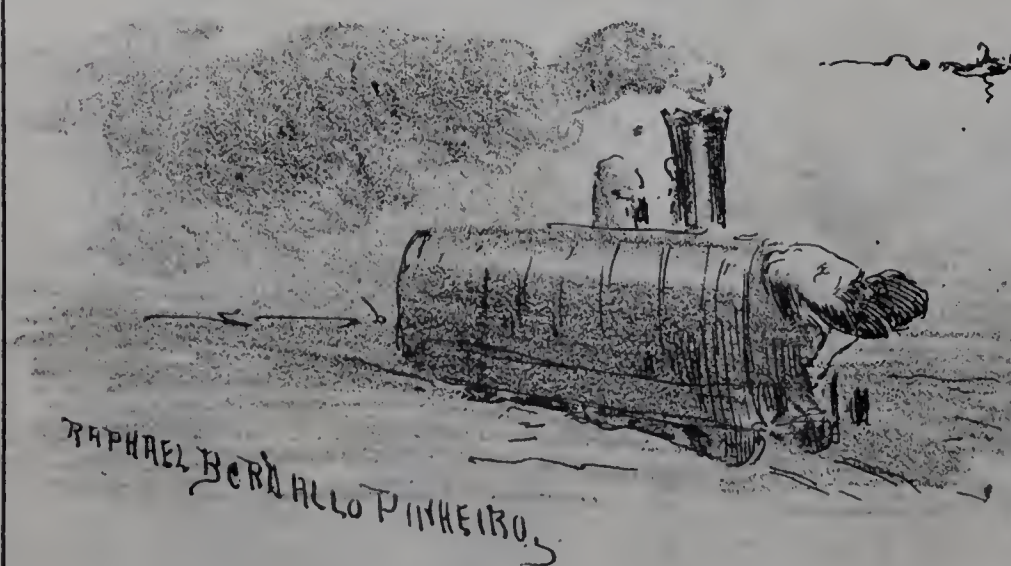
Nem tudo podiam ser rosas na grinalda triumphal da corôa em viagem. Eis alguns dos espinhos mais pungentes na real digressão:

1.º— Audição das lôas de Borlido Martins no theatro de S. João.

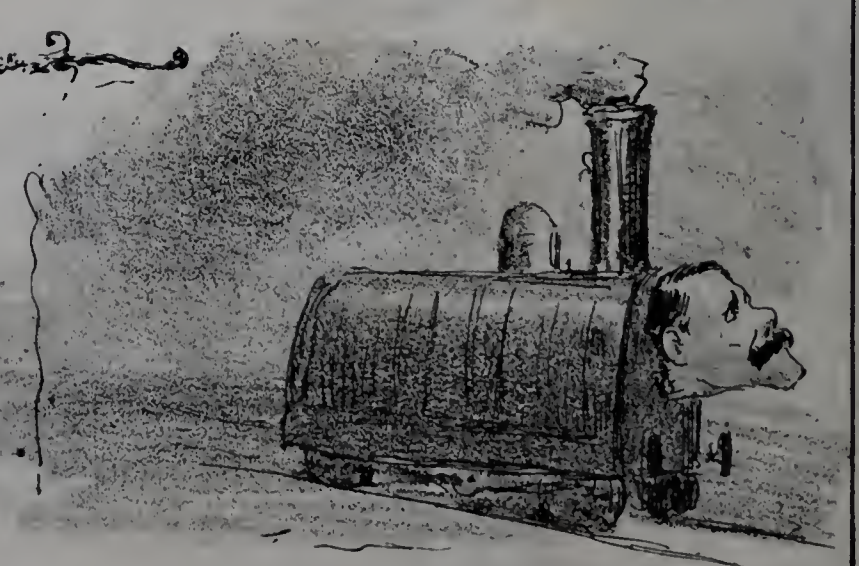
As osculossugas equivocadas.

2.º — Applicação d'osculossugas sobre os membros apprehensores da dynastia. Equivocos a que este tratamento deu origem.

3.º— Leitura do relatorio da Sociedade Humanitaria. Estado da realesa antes e depois de lhe ser feita essa medicação heroica.



A machina piloto do real comboio.



A machina exploradora do mesmo comboio.

A PIANISTA SOPHIA MENTER

Desde que os pianistas se dedicam aos seus instrumentos uma influencia que sóbe do banco ou dos pedaes puxa os musculos das physionomias e torna os instrumentistas cada vez mais parecidos com Beethowen. Principia-se por Macario e acaba-se em Rubinstein. Madame Menter acha-se, tanto pela sua physionomia como pelo seu talento, no mais alto da escala o segue-se-lhe o sr. Colaço.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

A tragedia da semana

Adiante publicamos, pelas textuaes palavras da victima, a narração do attentado de que foi objecto o sr. Gomes Leal, em um wagon do caminho de ferro, por parte de dois vis sicarios.

Os facinoras subiram ao compartimento do poeta em Villa Nova de Gaya, munidos apenas de uma pistola, e olharam de soslaio para o vate por algum tempo.

Na estação de Espinho apearam-se com premeditação e foram, segundo todas as hypotheses, tomar mais armas e algumas bebidas, umas e outras brancas.

Pelas alturas de Aveiro travou-se a lucta horrivel, ao cabo da qual os dois infames bandidos desistem de assassinar cobardemente o poeta, tomando a resolução generosa e magnanima de fugirem, com o comboio a andar, — acto de imprudencia que lançou no espirito attribulado do trovador o justo receio de que os algozes quebrassem as pernas, com o fim todo amavel de serem agradaveis á victima.

Tocando n'este caso, que a penna do sr. Gomes Leal nos descreve muito melhor do que nós o poderiamos fazer, é nosso intuito unicamente levantar, em honra de Villa Nova de Gaya, um pequeno equivoco em que o poeta labora, quando nos diz nos commentarios de que acompanha a sua narrativa, que estamos em terra de cafres, porque em todos os paizes extrangeiros, ao contrario do que succede na nossa linha ferrea do norte, se respeita a vida dos grandes revolucionarios.

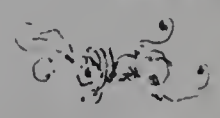
Não é tanto assim.

Os grandes revolucionarios que conhecemos na historia, anteriormente ao advento do sr. Gomes Leal, são Marat, Danton, Robespierre e Saint-Just. Temos idéa de que todos elles foram mortos no patibulo sob os applausos de uma plebe não consideravelmente mais intelligente e mais espirituosa do que os matulas da Villa Nova de Gaya.

Aos heroicos precursores da Revolução atravez da Renascença e da Idade-Media, aos grandes martyres da liberdade pela emancipação do pensamento, succedeu-lhes pouco mais ou menos a mesma coisa.

Aqui temos, por exemplo, Abailard. A egreja dizia: *A revelação é tudo.* Abailard proclamou: *A revelação sem o livre exame do espirito é nada.* Desde esse dia Abailard é um revolucionario. Ora o sr. Gomes Leal sabe de certo o que os meliantes francezes fizeram a Abailard, e isso nos dispensa de pôrmos mais na carta ácerca de tão doloroso assumpto.

Depois de Abailard temos João Huss, tivemos Jeronymo de Praga, tivemos João de Leyde, tivemos Savanarola, tivemos Giordano Bruno. Todos elles morreram suppliciados, uns pela tortura desfeitos aos bocados por tenazes de ferro em brasa, outros, os mais felizes, unicamente a fogo lento como meros chateaubriands, bifes.



Se o sr. Gomes Leal, grande revolucionario como diz ser, conseguiu escapar á sina dos seus confrades, convidado apenas com alguns socos que lhe ministraram os dois farricôcos de Villa Nova de Gaya, parece-nos que s. ex.ª deve erguer as mãos aos ceus (logo que o possa fazer sem grandes dôres nas pisaduras) e agradecer aos deuses a brandura dos costumes que caracterisa os sicarios n'essa villa pacata que á beira do Douro espera tranquilla o *veredictum* da historia, pacientemente acocorada no grande banho d'assento de vinho do Porto, com que a dotou a industria dos seus habitantes.

Que o poeta se não deixe illudir pela inviolabilidade que se lhe figura envolver no extrangeiro a integridade dos ossos de Gambetta, de Rochefort e de Castelar que s. ex.ª nos cita como seus collegas na obra da revolução!

Esses cavalheiros, são de certo as mais illustres e estimaveis pessoas d'este mundo, consideradas n'outros pontos de vista, mas, como revolucionarios, elles não passam realmente de uns simples pobres de Christo.

O sr. Castelar é apenas um bello *diseur* do platonismo republicano hispanhol; é o actor Polla da democracia peninsular.

O sr. Gambetta é o primeiro dos philosophos barrigudos e felizes da união republicana.

Emquanto ao sr. Rochefort, elle é o mais fino, o mais ironico, o mais poderoso dos jornalistas contemporaneos, mas como revolucionario, elle tende como o seu adversario Gambetta a crear ventre nos ocios da paz. Elle passeia a sua intransigencia sobre os boulevards n'um coupé de Bider de 15:000 francos; dorme-a n'uma cama historica que custou quatro contos de réis. e alimenta o seu terrorismo com magnificos jantares não do gabinete ministerial, mas do grande gabinete 16 do Café Anglais, tendo comido mais trufas do Périgord do que nós outros comemos feijões carrapatos da Rabicha.

Se o sr. Gomes Leal quer por força revolucionar de um modo mais estoico, precisa de tomar tambem mais conta com o physico.

O paralello de Lord Byron, a que s. ex.ª egualmente allude, esse é que nos parece ser perfeitamente, exacto.

Lord Byron esbofeteado em Lisboa é inteiramente o pendan do sr. Gomes Leal socado em Estarreja.

Advertimos unicamente que lord Byron não o foi contar ao *Diario de Noticias*. Fez outra coisa; escreveu o *Child Harold*.

E' esse o conselho que damos ao poeta portuguez, dizendo-lhe como Goethe: Doem-te os ossos, faz d'elles um poema!

Que, a acceitar o nosso alvitre, o sr. Gomes Leal se apresse a dar ao destino dos seus ossos contundidos esse caracter immortal, emquanto aquelles a que s. ex.ª chama os assalariados da monarchia, lh'os não convertem, como parece terem em vista, em botões de ceroulas para as infames classes dirigentes!

A odysseá do sr. Gomes Leal narrada por elle mesmo ao «Diario de Noticias»

«Entramos para um wagon de primeira classe, que ia desoccupado, o que ao principio bastante jubilo nos deu.

«Em Villa Nova de Gaya saltaram para o nosso comboyo dois homens mal vestidos, que pareciam operarios e que não traziam malas... Sentaram-se ao nosso lado... Denotando projecto fixo ou pouca pratica de comboyos de primeira classe.

«Um d'elles não cessava de expiar os meus movimentos contemplando-me sempre de soslaio.

«O meu companheiro, apenas chegado, tinha adormecido

O novo pau sonoro das variações da côrte sobre motivos de bravura

O NOVO ZABUMBA DO CONSTITUCIONALISMO

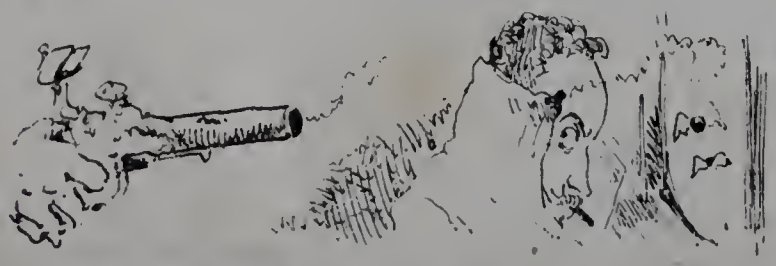
«Elles sabiam que eu estava accordado, e os meliantes só me queriam atacar no meu somno.

«Em Espinho sahiram para beber aguardente, e provavelmente para se animarem para o seu attentado.

«Os meliantes entraram novamente no comboyo.

«Passou-se ainda um certo espaço de tempo até que eu me voltei para a parede do comboio e adormeci tambem, como o meu companheiro de viagem.

«Quando acordei foi á detonação de um tiro, que parecia fazer estalar os vidros do comboio, cuja bala falhou...



«Mas que ainda chamuscou a gola do casaco que eu voltara para cima.

No primeiro sobresalto do despertar cuidei que o ruido fosse de um descarrilamento.

«Os meliantes, vendo que eu tirava um rewolver, que eu infelizmente não levava...

«... seguraram-me, um pelos pés e o outro pelo pescoço, e com o cano ou coronha da pistola, davam-me repetidos golpes na testa...

«... e na cabeça.

«O meu companheiro continuava dormindo.

«Encetei uma lucta horrivel com os dois assassinos.

«Tinha o rosto todo inundado de sangue e as mãos.

«Assim que me puz em pé, chamei o meu companheiro.

«Elle, levantando-se estremunhado e surpreso, lançou-se a um dos sicarios, chamando por soccorro, em quanto eu me debatia com o outro.

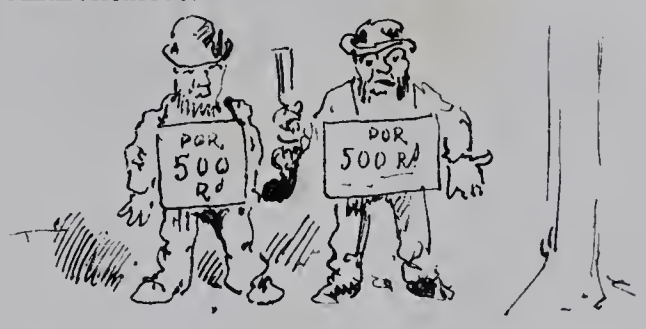
«Um dos sicarios, desembaraçando-se do meu amigo, em risco de quebrar as pernas, saltou para a linha indo o comboio em movimento.

«O assassino com que eu luctava, n'um ultimo esforço desembaraçou-se de mim; e dando-me um tal empurrão que eu julguei ser arrastado tambem, saltou em seguida...

«... ouvindo-se um grande baque no solo

«Deixou cair na luta o chapeu, que eu entreguei em Aveiro para averiguações da justiça.

«Agora, antes de terminar, quero fazer uns pequenos commentarios.



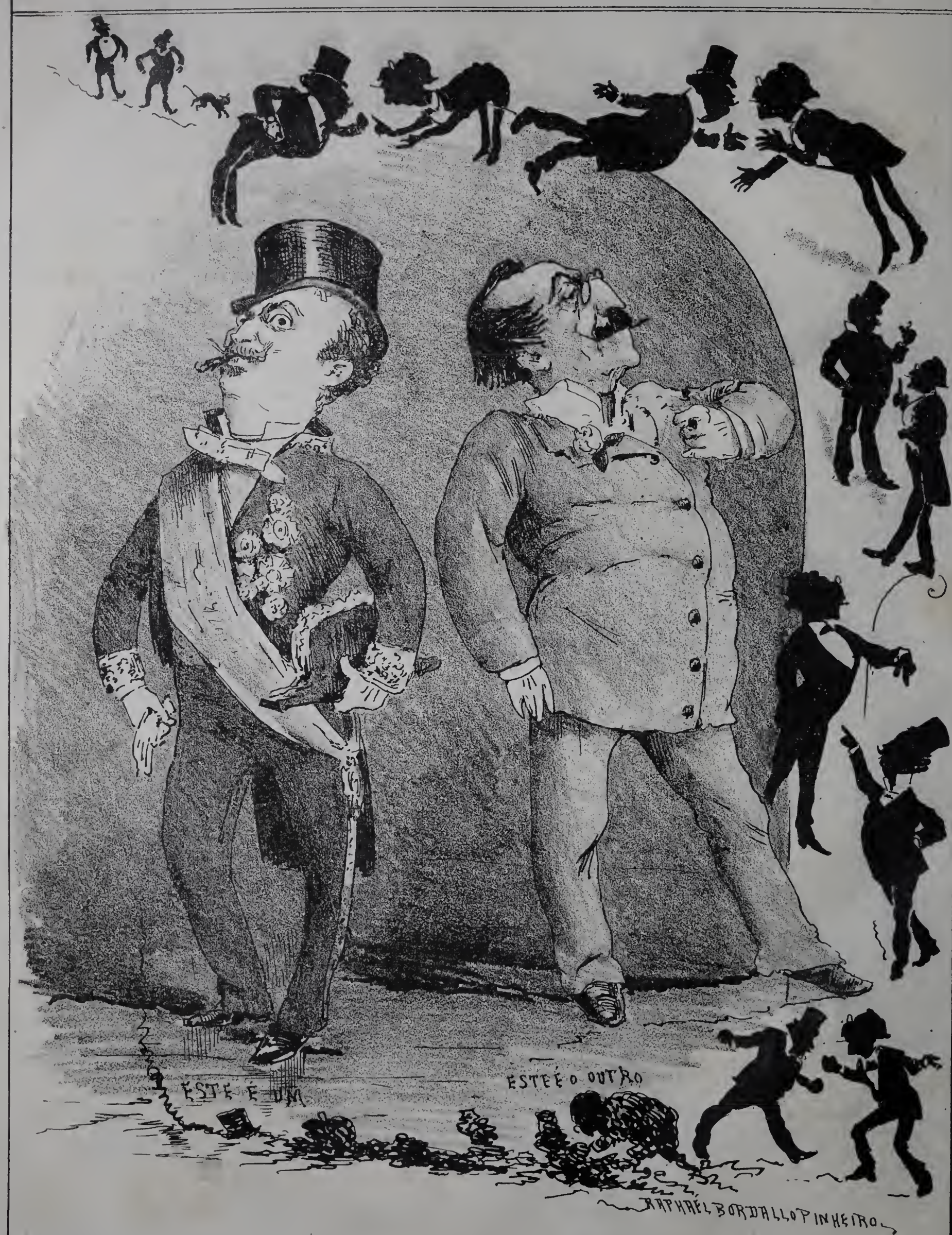
«Que estes assassinos eram homens comprados para commetterem o attentado é para mim um ponto de fé.

«Quem era a mão que os armava não sei, ou antes não é para aqui relatar o que suspeito... Não quero fazer conjecturas aqui no seu jornal, sr. redactor.

«Sei o que me cumpre fazer, sr. redactor. Tratarei de obter licença para o porte d'armas prohibidas. D'aqui por deante os srs. sicarios e meliantes que não estiverem contentes com a minha penna, passarão a conversar com o meu rewolver.

«Rogando-lhe a inserção d'estas linhas etc.»

«GOMES LEAL»



OS EXTREMOS TOCAM-SE

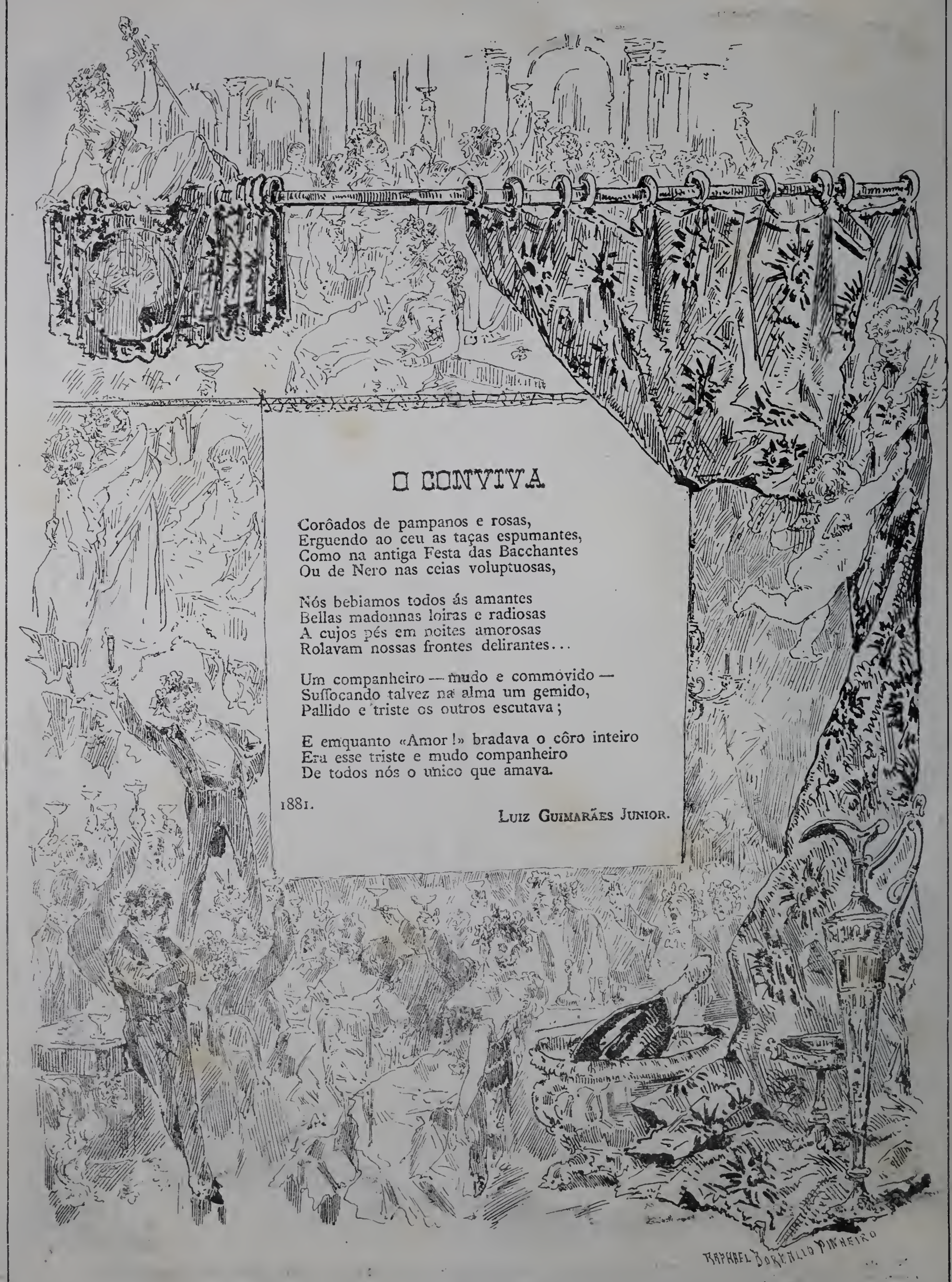
Os serviços que um d'elles presta á monarchia só pódem ser comparados aos que o outro presta á republica. Os dois acabarão como os grilos na bem conhecida parabola: devorando-se reciprocamente. E teremos depois a paz geral.

Á «Folha Nova» do Porto

Pela salada de louros em que me puzeram no seu jornal os redactores da *Folha Nova* offereço a imagem do seu correspondente em Lisboa e o meu coração agradecido.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.



O CONVIVA

Corôados de pampanos e rosas,
Erguendo ao ceu as taças espumantes,
Como na antiga Festa das Bacchantes
Ou de Nero nas ceias voluptuosas,

Nós bebiamos todos ás amantes
Bellas madonnas loiras e radiosas
A cujos pés em noites amorosas
Rolavam nossas frontes delirantes...

Um companheiro — mudo e commovido —
Suffocando talvez na alma um gemido,
Pallido e triste os outros escutava;

E emquanto «Amor!» bradava o côro inteiro
Era esse triste e mudo companheiro
De todos nós o unico que amava.

1881.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

Soneto de Luiz Guimarães, extrahido do seu livro inedito *Aguarellas*.

As duvidas

O detestavel scepticismo, a doença medonha do seculo, tem minado até a medula a sociedade portugueza. Duvida-se de tudo hoje em dia no Chiado.

Duvida-se das cartas do sr. Alexandre Dumas.

Duvida-se das cartas do sr. Mendes Leal, e ha quem não creia que este eximio escriptor é um dos caturras classicos do seculo aureo da nossa litteratura, fallecido em 1605.

Duvida-se da epistola do sr. Gomes Leal aos da rua dos Calafates, e do incendio horrivel posto á gola do casaco de s. ex.ª pelos dois malvados de Estarreja.

Duvida-se da grande febre amarella descoberta pelo doutor Sousa Martins, e duvida-se egualmente da pequena febre inoffensiva, côr de canario apenas, epidemia *amusante*, para salão, constatada pelo sr. Ferraz de Macedo. E verão que ainda a sociedade das sciencias medicas ha de mandar chamar o Cambournac para elle decidir, á falta de medicos idoneos, de que côr é a febre que a faculdade nos ministra!

Duvida-se da *blague* do *Figaro* no seu ultimo numero de sensação, e contesta-se que esta folha seja a mais espirituosa d'este mundo, affectada, como está, pela prosa de um pobre banazola sem estylo e sem graça, que se chama a si proprio *Etincelle*, e que o sr. Magnard encarrega de exportar elegancia de fancaria para as provincias e de elogiar para o extrangeiro a belleza e o gosto das mais grossas e das mais horrendas princezas, de sangue e de contrabando, que vão á rua Drouot dar as feições, e assignar o jornal.

Duvida-se do sexo do sr. Gabriel Claudio, *espirituoso chronista n.º* 80, pretendendo-se que é uma fragil, e delicada dama esse applaudido porta-machado da nossa litteratura amena e barata.

Duvida-se finalmente — e é quanto se póde dizer, isto! — duvida-se que o sr. Delphim Guedes, que passa agora os dias a correr a cidade em coche para organisar a proxima exposição da arte ornamental no palacio das Janellas Verdes, seja capaz de distinguir um lacrymatorio das Caldas de um vaso nocturno do Largo do Intendente, havendo quem sustente que esse abalisado critico d'arte — alma com carruagem posta da dita exposição ornamental — se o apeassem de repente ali ao canto da rua, e lhe perguntassem o que é *arte* e o que é *ornato*, elle ficaria positivamente no mesmo estado em que se acha o ensino artistico que inspecciona, isto é: — entupido.

Duvida-se que o sr. Braancamp estivesse profundamente adormecido no momento em que ultimamente declarou ao seu partido que ha quarenta annos elle havia conservado sempre na politica a «devida placidez.»

Theatr

A sociedade onde a gente se aborrece é uma peça
ella faz hoje da companhia do theatro de D. Maria

D. Maria

l modo bem representada e bem posta em scena, que
a sociedade de Lisboa em que a gente se recreia.

Acerca da pintura

A pequena mas bella exposição presentemente aberta ao publico nas salas da Sociedade de Geographia tem attrahido as attenções do dilettantismo e da critica para os expositores, a que algumas folhas chamam o *grupo dos dissidentes*.

Temos procurado achar o sentido d'essa designação, e não o conseguimos.

Comprehende-se que haja dissidencia unicamente onde ha opiniões. Na pintura franceza, por exemplo, o sr. Cabanel e o sr. Manet dissidem, porque o sr. Manet é a heresia de que o sr. Cabanel é o dogma.

Mas em Lisboa — meu Deus! — de quem é que podem dissidir estes espirituosos artistas?... A não ser um grito de revolta que elles quiram agora levantar contra o Grão Vasco ou contra a Josepha d'Obidos, não sabemos realmente contra quem é que elles se insurjam.

A verdade é que os expositores da rua do Alecrim estão sós na arte da pintura.

O conspicuo e talentoso sr. Luppi é já mais que um simples artista, é um official maior da secretaria da natureza, é um chefe de repartição do quadro historico, jubilado.

Como escola official resta-nos apenas o esclarecido sr. Delphim Guedes, mas este cavalheiro consta-nos que se acha presentemente fechado.

Dizem-nos que s. ex.ª continúa ainda a receber dos cabidos, das confrarias e das irmandades sertanejas, todos os tocheiros velhos e todas as galhetas duplicadas, de mais ou menos recente seculo XVI, que se lhe remettem para a arte ornamental; mas, pelo que respeita a discipulos, o seio d'esse varão recusa-se por emquanto a receber e a ensinar mais ninguem. Vedam-lh'o os seus affazeres.

O sr. Delphim deixou portanto de ser na pintura um portico, para ser unicamente uma tranca.

O sr. Porto, o sr. Ramalho, o sr. Malhôa, o sr. Girão, o sr. Christino, o sr. Pinto, o sr. Vaz, o sr. Martins, são agora os pintores paizagistas unicos em Lisboa.

Elles são os que amam e os que interrogam a natureza, os que arregaçam as calças e deitam a mochila ás costas para ir de madrugada, com um pão e um cachimbo na algibeira, saltar os vallados, descer a azinhaga, atolar os pés na terra lavrada, atravessar o ribeiro, subir a encosta, e plantar o cavallete em frente da amendoeira em flor e da cancella rustica do quinteiro, onde as alfazemas desabrocham, onde as abelhas zumbem e onde as gallinhas se espanejam ao sol, debicando a leira.

São elles os que entendem o primeiro dos prazeres que, depois da terrivel dôr sublime d'amar e ser amado, o Papá Deus deu á creança homem na festa do grande natal: — o prazer que teem certas naturezas em casar aos phenomenos da vida exterior a sensibilidade pessoal, e de fazer d'essa conjunção o quadro, o poema ou a melodia, que são a consolação eterna da pobre alma da humanidade.

Os artistas são elles.

Emquanto á instituição nacional que os protege, essa instituição é o sr. Manuel, moço da cervejaria Leão.

Porque o sr. Manuel não ensina aos artistas coisa nenhuma, não lhes marca falta na pauta, nem lhes diz asneiras tossindo de papo, arrotando-lhes estethica por detraz do hombro, e gesticulando para o modello com a bola de pão ou com o carvão em pitada entre os dedos.

O sr. Manuel contenta-se em se lhes rir para os quadros com uma bondade espirituosa, em lhes servir á mesa nos jantares do restaurante, e, segundo nos affirmam pessôas fidedignas, — em lhes fazer credito.

Se isto assim é, — se effectivamente tu fazes credito, ó magnanimo Manuel! ó moço sublime! eu que estas regras escrevo, te bendigo e te abençôo, porque n'esta terra de falsos mecenas, de falsos mestres e de falsos criticos, tu és o verdadeiro, o unico protector das nobres artes.

Palavriado temos ouvido muito; cruzes do lagarto quantas se queiram; de alimentos — nada!

Fazendo credito simplesmente, tu prehenches os nossos votos mais caros. O que é futuro todo d'um artista Portugal senão isso: — a perspectiva d'ouro do bife com batatas ou da costelleta com hervas, affiançada por quinze dias!

Podemos adormecer em paz, meus senhores. A arte tem de comer, Deus existe, Manuel vela!

TRES QUADROS DA EXPOSIÇÃO DE QUADROS MODERNOS NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA.

REPRODUZIDOS DO CATALOGO ILLUSTRADO - PUBLICADO PELO SR. ALBERTO D'OLIVEIRA

Os presentes do Natal na rua Nova do Carmo

Os bonitos destinados a presentear pelo Natal os meninos ricos estão constituindo nas lojas de Lisboa grandes exposições, que são apenas uma curiosidade para Zé Povinho, mas que são um verdadeiro supplicio de Tantalo para Zezinho Povo. Quantas pobres e innocentes almas, despenadas e felizes, se algumas senhoras de Lisboa se lembrassem, como as de New-York, de offerecer ás creanças pobres um bodo... de bonecos!

SOB O REGIMEN DO PERU

(Recordações do Natal)

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

Do Natal e das festas das creanças

Aposta-se uma coisa... E vem a ser: que na presente festa do Natal, assim como em todas as demais festas do Natal celebradas em Lisboa, o numero das creanças que recebem presentes é extremamente inferior ao numero das creanças que recebem unicamente pancada.

Por cada tres pequenos que riem, temos pelo menos vinte que choram pela consoada.

Porque a cidade de Lisboa, considerada como mãe de familia — ha de ter paciencia para o ouvir — é uma cidade indigna: é uma cidade de pó d'arroz na cara, de farripas na testa, de chapéo de veludilho encocurutado no alto da cuia, e de capa no braço, sempre prompta e apparelhada para todos os gaudios — theatros, fogos de artificio, Justino Soares e missas — emquanto os seus pequenos ficam systematicamente fechados em casa a estudar o verbo.

As creanças não teem em Lisboa um só, um unico, dos mil divertimentos infantis que enchem os grandes jardins de todas as cidades civilisadas: de Londres, de Paris, de Vienna, de Berlim, de Bruxellas, — divertimentos em que o grande publico se educa aprendendo a respeitar os direitos que teem os cidadãos creanças a participar dos prazeres dos cidadãos adultos.

Se por um lado as creanças de Lisboa não teem divertimentos publicos, por outro lado ellas não teem tão pouco festas domesticas.

O sr. Cócó, tutor inamovivel e representante vitalicio da cidade, vae talvez responder-nos em nome do municipio:

— Oh! os nossos pequenos teem, em primeiro logar, os meus proprios bolos, e em segundo logar, teem os bonecos do Seixas e teem a arvore do natal do Bénard e d'outros...

Perdão! Emquanto aos bolos do sr. Cócó, elles são apenas uma gloria para sua excellencia, gloria que sua excellencia desdenha talvez um pouco, mas que nós achamos tão respeitavel como a que resulta ao duque de Montebello de haver ligado o seu nome a um Champagne, e ao barão Laffitte de haver dado o seu a um Bordéus. Sobre as alegrias da infancia porém a influencia d'esses bolos é puramente deprimente, é dyspeptica. Emquanto á arvore do natal ella é uma boa e civilisadora importação do commercio da quinquilheria, mas não é ainda por emquanto um uso do lar domestico. Pelo que respeita á boneca moderna das meninas ricas, á boneca que tem toda uma pequena casa posta com mobilia de pau rosa e de setim, e um enxoval com camisas de batista orladas de malines, com luvas de vinte botões, com vestidos de veludo e com balayeuses de point d'Alençon, nós preferimos-lhe a antiga boneca de trapos que se fazia em casa com um monelho de panno, em que se pregavam os olhos com duas contas de vidro azul, em que se bordava a bocca com linha de marca, e em que o cabello era feito

a pontos de retroz. A boneca de trapos antiga era uma aprendizagem de mães. A boneca de luxo moderna é uma escola em manequim de *cocottes*.

Nas nações amoraveis como a Suecia, a Belgica, a Hollanda, o respeito pelas creanças manifesta-se por outro modo. N'esses paizes o Natal e a Paschoa são verdadeiras festas dos meninos, em que as pessoas grandes se lhes devotam e sacrificam inteiramente.

Que ha mais commovente e mais poetico do que o quadro dos velhos hollandezes com os seus netos pela mão, na manhã de domingo de Paschoa, procurando por entre os jacintos, por entre os alecrins e por entre as tulipas os ovos cosidos, cobertos de desenhos, que a lebre da lenda deveria ter vindo de noite pôr nos canteiros em flôr!

Além da Paschoa e do Natal, as creanças teem n'esses paizes a festa de S. Nicolau no dia 6 de dezembro.

S. Nicolau apparece em pessoa n'essa noite aos pequenos, que o esperam reunidos na casa de jantar. Ha sempre um papá dedicado e ratão que se encarrega de se vestir de bispo, sagrado á pressa para esse effeito.

Um tio ou um primo faz de Hanscrouff, o creado do santo, encarregado de trazer comsigo os cestos dos presentes, os bonitos, os rebuçados, as competentes vergastas da justiça e o sacco em que hão de ser levados os meninos desobedientes. Ha ainda um sujeito que se encarrega do papel do burro do santo, porque na Flandres e na Hollanda não ha santo bispo nenhum sem o seu respectivo jumento complementar.

O santo annuncia-se de longe pelo ornear do burro na escada, e em seguida apparece imponente e magestatico, seguido do fiel Hanscrouff. Os pequenos immoveis fitam-o. O santo bota uma falla. E' a revista do anno de todas as culpas que teem no cartorio os sujeitosinhos presentes. Os que se não teem portado bem ouvem então varias biscas jogadas pelo santo, emquanto Hanscrouff range os dentes e vibra as vergastas ao fundo.

Por fim distribuem-se os presentes. São comtemplados todos os pequenos, ainda os peiores; somente para estes a dadiva do santo é acompanhada de um feichesinho de chibatas commemorativas.

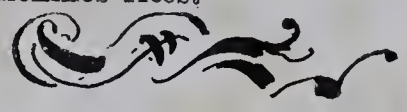
Antes de se retirar, o santo, para mostrar evidentemente que é um verdadeiro santo, dirige á assembleia uma allocução n'este sentido:

«Meus pequenos senhores, minhas pequenas senhoras. Os generos de primeira necessidade estão pela hora da morte no paraizo. Assim é que tive de fazer alguns sacrificios pecuniarios para vos trazer os bonitos que vós me pedistes nas cartas que hontem á noite foram collocadas dentro dos vossos sapatos na chaminé e que eu me apressei a mandar receber pelo meu escudeiro Hanscrouff, que ora vedes comigo n'este recinto. Ora não convindo que outros meninos pobres fiquem sem nada, pelo motivo de eu ter arruinado por vós os bens da minha mitra, rogo a todos os pequenos senhores e a todas as pequenas senhoras presentes que hajam por bem dar-me os bonitos velhos que tiverem afim de serem presenteados com elles todos os meninos a quem me não chegou o dinheiro para dar bonitos novos. Hanscrouff! approximae o sesto!»

E todas as creanças se julgam honradas e orgulhosas em satisfazer esse pedido, enchendo o cesto de Hanscrouff.

Uma commissão de mamans incumbe-se de distribuir pelos pequenos pobres esses brinquedos offerecidos pelos pequenos ricos.

Não pretendemos que se invente para Lisboa um S. Nicolau. O que desejamos indicar apenas é que se poderia talvez improvisar um Hanscrouff e que algumas senhoras caridosas se encarregassem de destribuir na festa do Natal ou na do Anno Bom por tanta creança triste de Lisboa o producto de um peditorio de brinquedos feito aos meninos ricos.



De Vianna do Castello recebemos a carta do poeta Borlido Martins, que em seguida publicamos textualmente e letra a letra, dando assim a satisfação devida aos desejos do illustre vate nosso correspondente.

Caro colega do Antonio maria!

Vibendo em Santa Marta, onde não aparece nunca o Antonio maria senão em caza do Ill.mo Snr. Antonio Pinto, com quem ando mal abindo, hoje só vi o penultimo belume d'elle; pois só hoje chegei aqui a esta terra de Vianna do castello onde á muntos pois é uma terra mais ilustrada e de mais leitura mesmo, munta mais.

Isto vem tudo ao caso para discr que fiquei Admirado e surpréso ao ver ali pintada a fotografia dum sujeito que recitou no Porto; no theatro de Sam João; dizendo lá V. S.ª que esse sujeito era o notavel poeta Borlido Martins, isto é este seu criado!!! Senhor Redactor do Antonio maria eu não recitei no Porto. Mandaram-me falar para lá ir, a pedido do sr. Burné recitar no baile do palacio de cristal mas eu não fui, mesmo pagandome porque sou dos nossos, sou repuvlicano d'uma cara só e não de duas e não fasso versos ao rei mais pessimo que na Lusitania tem havido pois é piór que o propio Filipe gallego e traidor diabo do meio dia!!! Em tudo isto eu vejo proposito de avexigarme!!! Já não é a premeira vêz. V. S.ª já me avexigou outro dia por causa d'uns versos que eu fiz á caza Havaneza! Snr. Redactor sou poeta e tenho amigos. Peço-lhe para declarar no seu jornal que não fui eu quem recitei diante do rei; póde até dizer que eu confessei ser repuvlicano, que eu mesmo o vou dizer no *Lirico da Páz* que ja está na tipografia do Samóca e que lhe mandarei 1 depois de publicado pois dou para vaixo no Rei e na Rainha, que elogio pois fás bem á pobresa.

Se V. S.ª fiser o que peço mandarei de graça uns versos p.ª o Antonio maria.

Seu creado obrigado e colega

Vianna

MANOEL BORLIDO MARTINS.

Os meninos bonitos que teem brôas

ONITOS DA NAÇÃO

Os meninos bonitos que não teem brôas

As bolachas Antonio Maria

O sr. Eduardo Antonio da Costa, conhecido industrial, põe hoje á venda novas bolachas denominadas *Antonio Maria*, e representando, na sua fórma comestivel, abiscoitadas, em farinha e assucar, as cabeças dos principaes personagens da politica portugueza contemporanea. Nas bolachas do sr. Antonio Eduardo da Costa acham-se confundidas as physionomias de todos os partidos. Congratulando-nos com o sr. Costa pelo serviço prestado por elle á celebridade por meio da alliança da politica á culinaria, permittimo-nos advertir que é inconveniente o amalgama das differentes côres partidarias em biscoito postas á venda dentro de uma mesma lata.

As familias regeneradoras correm por este modo o risco de comerem com chá ou com vinho da Madeira as effigies dos seus proprios chefes. Os filhos do partido progressista alimentar-se-hão egualmente com as cabeças de seus paes.

Não será isto, senhores, um tirocinio pavoroso para a anthropophagia canibalesca?

Eis o que propomos ao sr. Costa como desenvolvimento da sua invenção:

Dividir as cabeças de cada um dos partidos por caixas separadas.

Caixa republicana, contendo as cabeças dos srs. Latino Coelho, Elias Garcia, Magalhães Lima, Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga etc., etc. Vende-se para o paço e para os chás das familias monarchicas nos dias anniversarios da outorga da carta e do obito de Pedro.

Caixa dos regeneradores, contendo as differentes cabeças do sr. Fontes. Vendem-se para os chás do centro da rua do Alecrim.

Idem dos progressistas, contendo as cabeças do sr. Braamcamp, Mariano de Carvalho, prior da Lapa etc. Vendem-se para o centro da rua do Norte.

Idem da maioria governamental de cada legislatura. Destinadas ás reuniões do ministerio do reino e ao uso interno dos directores geraes das diversas repartições do Estado.

Por esse modo, devidamente respeitadas as susceptibilidades inherentes ao appetite de cada um, não hesitamos em affirmar que as bolachas do sr. Costa se tornarão em breve a predilecta petisqueira das sobremezas da nação.

A companhia do Theatro de D. Maria na peça nova

DESENHOS SUBTRAHIDOS PELO "ANTONIO MARIA" NO CAMARIM DA AUCTORA
PELA COPIA RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

A EVOLUÇÃO DO ANNO

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00682 9820

Mother Goose
LITH. GUEDES.